



**UMA ANTENA PARABÓLICA
ENFIADA NA LAMA**

ensaio de diálogo complexo
com o imaginário do ManguêBit

Paula de Vasconcelos Lira

39
L768a

Paula de Vasconcelos Lira

UMA ANTENA PARABÓLICA
ENFIADA NA LAMA

ensaio de diálogo complexo
com o imaginário do ManguêBit

Dissertação apresentada como re-
quisito parcial à obtenção do grau de
Mestre, pelo Curso de Pós-Graduação em
Antropologia Cultural, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Prof^a. Dra.
Danielle Perin Rocha Pitta.

Co-orientadora: Prof^a. Dra.
Maria Aparecida Lopes Nogueira

Recife, março, 2000

Paula de Vasconcelos Lira

**UMA ANTENA PARABÓLICA
ENFIADA NA LAMA**

**ensaio de diálogo complexo
com o imaginário do ManguêBit**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, Curso de Pós-Graduação em Antropologia Cultural, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, pela comissão formada pelos Professores:

Dra. Danielle Perin da Rocha Pitta - Orientadora

Dra. Maria da Conceição Almeida - Examinadora Externa

Dr. Antônio Motta - Examinador Interno

Recife, março, 2000

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL / CIDADE UNIVERSITÁRIA
CEP 50.670-901 - Recife - Pernambuco - Brasil
Reg. nº 9084 - 25/05/2000
Título: UMA ANTENA PARABÓLICA ENFIADA NA LAMA

PE-00039633-3

Acervo: 166414
IV.06

DEDICATÓRIA

A Chico Science.



AGRACIMENTOS

Mainha e Divino, Painho e Gil. Dija. Aninha, Natinha e Bruno. Nalvinha.

Clarissinha e **Vi**, Ritinha Garcês, Pedrito, Ritinha Neves, Marx, Acácia, Albinha, Alda, Arthur, Madiana, Dulce. **Lucinha** e Jane. Abel.

Cida e Jarbão. **Dan. Ceça, Antônio.** Hulda, Paulo Henrique e Silvia. Régia, Ana e Mildinha.

Karlinha. Belinha. Silvinha e Lu. Pat. Pau. Céu. Flá, Beto, Nana. Chris.

Telma, Francisca.

Renatinho e **Mabuse. Helder. Fred. Otto. Jorge, Lúcio, Dengue.**

Taís, Edna, Rodrigo, Graça, Ricardo, Uziel.

Nake, Rosângela, Patrícia e Timóteo, Bio e Naza, Nó, Claudinha e Bartô, Salete. E Meus clientes.

Andréia, Clarissa, Tereza, Coeli, Ana Carol, Valesca, Carol.

Valter, Heli, Bel e Arlinda, Maria. **Fabi.** Meus alunos.



RESUMO

Uma antena parabólica enfiada na lama é imagem que suscita e expressa o processo de criação do mangueBit, fenômeno artístico surgido em Recife, no início da década de noventa. Essa imagem reproduz significados universais, inaugurando especificidades de um grupo de amigos, que encontra na transformação da cidade do Recife estratégia para enfrentar a angústia diante da morte.

A Manguetown, Recife, enquanto cidade-feminina do mangue, é o cenário dessa história. Seus personagens são esses amigos que se divertem criando. Percebem a cidade aterrada por invasões equivocadas, decorrentes da expansão urbana, ao mesmo tempo em que consideram a diversidade, fertilidade e riqueza como frutos possíveis da vivência do caos-lama, precursor de sua criatividade. Intencionam a transformação da cidade quando a reconhecem inerente à natureza de seu ecossistema manguezal. Assim, na história que encenam, a Manguetown ressurgue eterna, porque também imaginária, como a cidade dos alquimistas.

A pesquisa sobre ato de criação do mangueBit focalizou os mitos de origem do grupo, elucidado através das recorrências temáticas encontradas em campo. Reflexões, músicas, shows, entrevistas com os personagens, expressões metafóricas, documentos produzidos pela mídia, outros apenas disponíveis em sites na Internet, demos (fita ou CD para demonstração do trabalho de uma banda), dentre outras, são fontes de onde jorram os recomeços característicos da narrativa mítica.

Ancorada no imaginário do grupo e na pesquisa de campo, esbocei etnografia do mangueBit, que desemboca na Cena Pop Recifense. Nesse caminho participei de diálogos presenciando questões relativas aos pares particular-universal, natureza-cultura, considerados relevantes pelo pensamento da complexidade. Produto e produtor destas interações, sintetizo a compreensão das festas do mangueBit através da amplitude das imagens que transparecem o círculo enquanto arquétipo universal.

ABSTRACT

A satellite dish stuck in the mud is the image that inspire and express the criational process of "mangueBit", an artistic phenomenon brought up in Recife in the early 90's. This image reproduce universal meanings, inaugurating uniquenesses of a group of friends, that find in the transformation of Recife the strategy to face the anguish of death.

The Manguetown, Recife, as a feminin-city of swamp, is the scenary of this history. Its characters are those friends that have fun with the process of creation. They perceive the city fill in with mistaken invasions, occurred by urban growth, at the same time that they consider the diversity, fertility and wealth as possible fruits of the mud-chaos life, forerunners of its creativity. Intend the transformation of the city when they recognise inherent to the nature of its ecosystem of swamps. Therefore, in the history they exhibit, the Manguetown rises again eternal, as it is also imaginary as the city of the alchemist.

The reserch about the act of the creation of mangueBit focused the miths of the group origin, elucidated through the thematical turnover found in field. Reflections, music concerts, interviewers with the characters, methaphoric expressions, midia documents, others documents only available in websites, demo tapes and compact discs, among others, are sources where mythical characteristic begins to flow.

Anchored in the imaginary of the group and in the reserch field, I sketched the mangueBit ethnography, that falls into the Pop scenary of Recife. During this path I have participated in dialogues witnessing questions related to the pairs: private-universal, nature-culture considered relevants to the thoughts of the complexity. Product and producer of those interaction, I sinthetize the comprehension of the mangueBit parties through the range of the images that shows the circle meanwhile the universal archtype.

SUMÁRIO

MARCO ZERO	009
I. MANGUETOWN	
I.01. A Cidade	029
I.02. O Leviatã	033
I.03. Cidades: sistemas vivos, sistemas complexos	035
I.04. Cidade, progresso e Manguetown	037
I.05. O trajeto simbólico das cidades	041
I.06. Cidade: natureza e cultura.	047
I.07. Caos urbano: metrópoles e prisões.	049
I.08. O olhar que se inverte	052
I.09. Cidade: linguagem e metáfora.	058
I.10. Ordem, desordem e complexidade.	061
I.11. A Cidade hermafrodita de um ecossistema manguezal	064
I.12. Manguetown e a Serpente Ouroboros.	068

II. DA LAMA AO CAOS

II.01. Uma história que conto	077
II.02. Cena. cenas	127
II.03. Fractais da Cena	137

III. SAMBA ESQUEMA NOISE

III.01. Brincadeira. Criação. Alquimia.	146
III.02. Lama. Água de fogo: diversão	154
III.03. Tempo, vivência mítica	160
III.04. Espaço: a dança de Shiva, círculos, roda de pogo	167

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
-----------------------------------	-----

ANEXOS

Primeiro Manifesto Mangue: "Caranguejos com cérebro".	221
Segundo Manifesto Mangue: "Quanto vale uma vida".	223
Glossário de termos Mangue.	227



MARCO ZERO

A sinfonia do mar prossegue no ritmo próprio das ondas que se aproximam, e depois se esvaem, salgando os pés em contato com a areia branca. O ritmo da respiração aos poucos interage com melodia azul do céu unido ao mar, dentro da terra redonda.

As imagens dançam num começo meio fim absolutos. Nesse espaço-tempo, nem *topos* (espaço) nem *kairos* (tempo)¹ existem solitários, pois há uma comunhão que os mistura em festa de morte e renascimento chamada vida.

As imagens colorem de sonho a paisagem da praia, enquanto no centro da terra dorme a grande serpente, impassível, entre as chamas. Marco Zero. Também centro da cidade do Recife, assim como todos os centros, espaço da criação do mundo, fonte de vida (LOPES NOGUEIRA, 1998).

O Marco Zero é ponto de partida, que se constitui em si começo, meio e fim, ao considerarmos o tempo reversível, quando podemos mergulhar nesse marco, ponto, portal. O zero indica um vazio fértil de possibilidades, lugar de conclusão de um ciclo que prenuncia o início de outro, pois o zero, feito de luz branca, traz as mesmas possibilidades do negro caos.

Como que inaugurando tempo irreversível (ILYA PRIGOGINE, 1996), esta parte do trabalho é também marco de início. Por esse motivo, pego emprestada a luz do ouro dos alquimistas, para então indicar o Marco Zero como guia de leitura de qualquer uma das outras partes que se seguem. Dessa forma, este Marco Zero concentra e acolhe, ao mesmo tempo em que impulsiona e expelle os sentidos que

¹ Relativos à narrativa mítica, segundo Gilbert Durand (1989).

estão trabalhados nos capítulos desta dissertação. Pois o marco é ambíguo como os limites que unem e separam continentes.

Através da praia, muitas vezes foi visto o Oceano em companhia do Continente. Sentados na praia, meninos e meninas bebiam e brindavam as besteiras que diziam entre si. Comiam caranguejo lambuzando as mãos e os copos americanos em que tomavam cerveja. Nessas horas o tempo não passava, enquanto o espaço se fazia na tênue linha da praia de Candeias, a Ilha Grande, Jaboatão - Região Metropolitana de Recife.

Havia um cotidiano que se misturava com a praia, muitas conversas transformavam-se em trabalho, muitos trabalhos eram levados para mesa de bar. Outras vezes a praia comungava com o ossos do ofício, e nos arredores ou centro da cidade personificava-se em finais da tarde, nos dias da semana.

O grupo compunha e ouvia a música que ressonava nesses encontros para suavizar as tensões. Trocavam descobertas sobre física quântica e teoria do caos, além de serem interessados por todos os avanços da química aplicada ao campo da expansão da consciência (ZERO QUATRO, 1992). Anti-psiquiatria, o sambista Bezerra da Silva, Jorge Ben com seu particular Hermes Trismegristro e sua celeste tábua de esmeraldas²; os ciberpunks, tv interativa, também, conflitos étnicos transitavam dentre as falas sobre realidade virtual, e ataques de predadores marinhos. Alguns desses amigos ensaiavam street dance (dança de rua), formavam bandas que variavam e misturavam estilos: punk, rap, música eletrônica, "world music"³, dentre outros.

² Alquimista citado por Jorge Ben Jor no disco: A Tábua de Esmeraldas. Philips/Polygram.

³ "O que a mídia chama de 'world music', toda música popular produzida na África, América Central e do Sul e em outras partes do planeta, nasce de uma colisão: a colisão

Para esses encontros, que também aconteciam nos finais de semana, muitos levavam histórias em quadrinhos, outros desenhavam ou escreviam. O uso de entorpecentes fazia-se prática de um cotidiano que ensaiava uma fluidez entre espaço-topos e tempo-kairos, muitas vezes ausente na cultura ocidental.

E assim selecionavam discos com sons diversos, ao mesmo tempo que criticavam a possibilidade de uma refinaria de petróleo no Porto de Suape - Ipojuca, Pernambuco. Também nessa época inventavam festas para se divertir e ganhar algum dinheiro.

Era o fim da década de oitenta e o início dos anos noventa: a cidade do Recife, incomodada, deixa escapar suspiros ou um rugido que emerge do marasmo em que se encontra.

Esses amigos captam nesta cidade morte iminente provocadora da falta de coragem, tristeza profunda, debilidade e melancolia, que se confunde com a indignação e insatisfação muitas vezes por eles vivida. Nascidos em guetos urbanos, não raro significam anonimamente nomes, ou números, nas listas de identificação dos cidadãos brasileiros. Trabalhadores comuns, diferenciam-se pelo modo como brincam. E é do jogo das próprias palavras que saltam algumas idéias que os divertem, unem, provocam.

É o que acontece mais tarde com o Primeiro Manifesto Mangue, criado apenas como release, intitulado Caranguejos com Cérebro⁴ e distribuído para a imprensa em 1993. Os

entre os impulsos pela emancipação, autonomia e identidade dos povos do chamado Terceiro Mundo, por um lado e, por outro, os interesses do Primeiro Mundo em manter seu poder..." (GILBERTO GIL, 1995). Ainda que este termo, segundo Nogueira (1998), expresse uma ética provocadora de disjunção entre os povos, o que concordo, opto por usá-lo por assim ter sido feito pelo grupo em sentido extremamente distinto do que foi apontado pela autora. world music significa literalmente música do mundo e citando Gil (1995) "a música do mundo é maior que a world music".

⁴ O texto Caranguejos com Cérebro encontra-se em anexo. Esta é uma expressão utilizada pelo grupo para auto identificação.

jornalistas acolhem significativamente a idéia, e a propagam imbuída de seriedade rara no grupo. Este segue o fluxo da expectativa criada, usufruindo do que a princípio se transforma em outra brincadeira.

O texto *Caranguejos com Cérebro* contém informações científicas sobre o ecossistema manguezal, estendendo-se por breve resgate histórico da cidade. Deste modo faz sucinta análise crítica do quadro sócio-cultural da Região Metropolitana do Recife, alardeando o estado atual da metrópole, que é equiparada a um ser vivo.

"Emergência! Um choque rápido ou o Recife **morre** de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais **simples de parar** o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais **rápido, também**, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar **os seus rios** e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na **depressão crônica** que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e **recarregar** as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na **lama** e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife." ⁵

A Manguetown é a cidade do Recife, nascida da lama, e por isso fértil e forte provedora, que se torna centro das ambições de um progresso que não a deixa respirar. Assim a cidade é invadida, possuída e **prostituída**⁶ quando depois de sugada, torna-se esclerosada, destituída, **depauperada**, embrutecida⁷.

É quando emerge a serpente Leviatã, monstro do caos primitivo, referenciado por Edgar Morin (1979), como desordem expressiva do imaginário subterrâneo da Grande Cidade. O Leviatã é ser onipresente que atua interrelacionado a ordem existente. É matéria-prima e substância primordial, constituinte dos infernos e dos

⁵ Zero Quatro. *Caranguejos com cérebro*. 1992.

⁶ "...A cidade se apresenta centro das ambições/ Para mendigos ou ricos e outras armações..."; "... A cidade se encontra prostituída/ Por aqueles que a usaram em busca de saída...". Trechos música Chico Science. *A cidade. Da Lama ao Caos*. Chaos, 1994.

oceanos, da água originária e da terra profunda. Espírito das águas primeiras e consequentemente de todas as águas. Essa gigantesca cobra hermafrodita, ser alado compreendido como vingativo⁸, senhora da lama, da morte e transformação, transparece como **caos portuário** e revela-se **berçário-caos**⁹.

Surge soberana essa poderosa serpente, revidando os desvarios humanos através das fortes chuvas causadoras de alagamentos das vias urbanas. Vinga-se provocando o desabamento de casebres construídos nas encostas dos morros. Agrava o fenômeno da erosão marinha, calor intenso, miséria e violência social¹⁰.

Domina o asfalto, o cotidiano dos homens, desorganizando suas construções, infiltrando-se e invadindo a ordem linear, concebendo outra, invertida. E todas as suas águas, lama, imaginária lava fervente, inundam a cidade. É esta serpente a verdadeira causadora da depressão crônica que paralisa e contamina os cidadãos.

À essa força caótica alia-se a imagem de exércitos de caranguejos com cérebro. Fardados com roupas coloridas, chapéu de palha e sucata de artigos eletrônicos, eles se aliam ao caos-serpente munidos da tecnologia do batuque, dança, e conhecimentos da agricultura celeste¹¹. Dizem-se

⁷ Inspirada música Fred Zero Quatro. "Cidade Estuário". Banguela Records, 1994.

⁸ Características da serpente cósmica enfurecida segundo Chevalier e Gheerbrant (1999).

⁹ "Cidade complexo/ Caos portuário/ Berçário-caos/ Cidade estuário", trecho música Fred Zero Quatro. "Cidade Estuário". Samba Esquema Noise. 1994. Banguela Records.

¹⁰ Problemas ecossociológicos presentes na Região Metropolitana do Recife.

¹¹ "A engenharia cai sobre as pedras/ Um curupira já tem o seu tênis importado/ Não conseguimos acompanhar o motor da história/ Mas somos batizados pelo batuque e apreciamos a agricultura celeste/ Mas enquanto o mundo explode/ Nós dormimos no silêncio do bairro/ Fechando os olhos e mordendo os lábios/ Sinto vontade de fazer muita coisa". Música Chico Science. "Enquanto o mundo explode". AfroCiberdelia. Chaos, 1996.

habitantes da lama fétida e fértil do Recife, caranguejos que intencionam devolver a fertilidade à cidade, deslobotomizando e recarregando suas baterias.

Brincam com a metáfora do mangue, afirmando ser Recife cidade feita de lama, porque construída sobre aterros dos manguezais. Para eles essa lama é caos criativo, por isso, alquimistas que são, injetam energia no mangue que é a cidade, reativando a fertilidade e libertando, na serpente, a luz que também a constitui. Aceleraram a história e dominam o tempo (DURAND, 1997), ajudando a natureza-serpente a realizar sua finalidade de eixo não linear, uno, seguindo pra dentro, para fora, do universo¹².

Parte significativa desse processo acontece quando engendram um circuito energético capaz de conectar as boas vibrações da terra, das águas, do ecossistema manguezal. Imagem símbolo: UMA ANTENA PARABÓLICA ENFIADA NA LAMA, é o que diz Zero Quatro (1992).

Esta imagem central no mangueBit representa um diálogo restaurador de vida. Diálogo este que encontramos na busca do ouro dos alquimistas. Então, convivendo com a degeneração da MANGUETOWN, o alquimista-mangueboy segue a estratégia que se constitui DA LAMA AO CAOS (e do caos à lama) e ao mesmo tempo dança um SAMBA ESQUEMA NOISE¹³.

No ruído do samba perpetuam a grande festa que promovem na experimentação do retorno ao estado primordial, pré-formal, caótico, quando se regenera a criação, renasce a bonança, reafirmando a fraternidade (DURAND, 1997).

No presente caótico recriam-se passado, presente e futuro em jogos lúdicos, reveladores da simplicidade do

¹² "Imprevisibilidade de comportamento/ o eixo não linear segue para dentro do universo/ Música quântica". Trecho música Chico Science. "Coco Dub (Afrociberdelia)". Da Lama ao caos. Chaos, 1994.

¹³ "Noise" significa ruído, no idioma inglês.

mistério que afirma a sombra porção integrante da luz, natureza integrante do homem, particular integrante do universal.

E assim configuram-se imagens da cidade interagindo e fazendo interagir com o ouro essencial, translúcido e aparente que é o mangue. Este, como parte central na cidade, é ponto de comunicação com o cosmos, através de um satélite de baixa tecnologia, mas de longo alcance, como configura-se a antena parabólica.

Desse modo o grupo se interliga à rede mundial dos realizadores da **Grande Obra**. Esta compreende em processo alquímico simbólico, que começa com o caos e termina com o nascimento da luz (Fênix) e que se constitui na vivência da elaboração da pedra filosofal.

A Pedra ou *lapis philosophorum*, dentre outras denominações, é a mais durável de todas as criações, não se tratando de uma vulgar fabricação do ouro, como simbolicamente é expressa.

"...Compreendei, ó filho dos Sábios o que diz esta pedra extremamente preciosa: 'e a minha luz supera toda luz, e as minhas virtudes são superiores a todas as virtudes. Eu gero a luz, mas a escuridão também pertence à minha natureza'"¹⁴.

A voz da pedra é a voz do próprio homem. Simbolizado pela pedra filosofal ou *lapis philosophorum*, o homem criatura é ao mesmo tempo potente criador de si e do cosmos. Essa descoberta constitui o processo em que a Grande Obra se realiza. Podemos assim compreender o Homo-sapiens-demens de que fala Edgar Morin (1979). Este é o ser que se cria também partindo dos erros, acasos, desvarios, por ser a ordem humana interrelacionada com a

¹⁴ Citação extraída do tratado atribuído a Hermes, citado por C.G. Jung. **Psicologia e Alquimia**. Vozes: Petrópolis. 1994. Página 88

desordem, em relação de interdependência, produtora de organização complexa.

Imbuídos dessa força produto-produtora cultivada na fértil brincadeira entre amigos, o grupo que se assemelha a um alquimista, ingressa no tempo-espaço mítico criador das águas primordiais. Essas águas têm como símbolo a grande Serpente Ouroboros. Guardiã que abraça circundando o mundo.

Encontro então no simbolismo do círculo, representado pela Grande Serpente Cósmica que figura as águas primordiais, a metáfora que expressa as criações do grupo de amigos, que se divertia na cidade do Recife, no início da década de 90.

Diversidade, brodagem, diversão.

Uma antena parabólica enfiada na lama. Antena que diversifica quando recebe e transmite informações. Antena que liga universos através da comunicação. Antena como instrumento para captar diversão.

Em alguns momentos a diversão é levada a sério¹⁵, o que não significa, em qualquer hipótese, o abandonar do lúdico, sendo este um dos aspectos que rege, fundamenta e organiza os movimentos do grupo. A inversão da seriedade e a larga consideração da brincadeira, significam a presença da interação entre ordem e desordem, interação essa que produz enquanto é também resultante de um sistema (MORIN, 1999).

A construção de uma nova seriedade, que não desconsidera a inerente porção *demens*, configura-se estratégia de transformação que almeja a religação do mundo. A antena parabólica leva para o pop espace - espaço imaginado comum entre culturas -, os bons fluidos do

¹⁵ "Diversão levada a sério" é atitude propagada pelo grupo como auto característica.

caos-mangue, ao mesmo tempo que lhe serve de canal. No fluido da imagem da antena parabólica em ação, do pop espace, são visitados outros universos musicais dentre outras linguagens. É quando as diferenças significam prazer de expansão e transcendência, ensaiadas na construção de aproximações do que é estranho.

Nesse contexto, aliada à *diversão*, a *diversidade* é atitude característica do *mangueBit*. São vários aspectos presentes desde a forma como o grupo interage com o ecossistema, ao modo pelo qual se organizam, criam, e se fundamentam. Segundo Morin (1979), a diversidade é característica constituinte da natureza, sendo sua multiplicidade evocadora de princípio de *perene* transformação, que mantém os organismos vivos em crescente complexidade.

Esta diversidade, também mantida no grupo enquanto prática e princípio de respeito das diferenças, se traduz na *brodagem*. A *brodagem* é outra atitude e termo específico usado pelo grupo, adaptado da palavra *brother* (irmão), do idioma inglês. Assemelha-se à "atitude de ser irmão", à fraternidade descrita por Morin (1998), e revela-se no exercício da capacidade de interação do particular no universal e do universo na parte. É quando natureza e cultura, que se personificam nas imagens da serpente e da cidade terrena, dialogam, se equiparam e se diferenciam.

O ensaio de partilha na construção de uma vida com mais qualidade revela-se nessa tentativa de agir como semelhante, respeitando as diferenças. A *brodagem* é provocadora de uma nova ética que requer a consciência da co-participação nos erros e acertos, abrindo-se aos *insights* e delírios reorganizadores do jogo livre do pensamento (ALMEIDA, 1998).

É esta a mesma música que rege a ordem do cosmos segundo os alquimistas. Um estudioso da alquimia, Bernand

Roger (1988), define que a "... **Arte da Música ou Arte do Amor são sinônimos, pois essas duas expressões subentendem, entre o intérprete e seu instrumento, entre o artista e a matéria, entre o agente e o paciente, entre o 'esposo' e a 'esposa', entre o homem e a natureza, acordes de mútuas ressonâncias.**" (1988: 287).

Do ponto de vista macroscópico, **mútuas ressonâncias** é o que se almeja com os acordes experimentados nessas relações entre os seres, expressos da mesma forma nos pares de opostos natureza-cultura, particular-universal que são, também, antagônicos e complementares (MORIN, 1999).

O sistema **mangueBit**

Da relação entre natureza do ecossistema manguezal e cidade do Recife surge a **Manguetown**, são apelidados como chiste os **mangueboys** e **manguegirls**, acontece o **mangueBit**.

MangueBit é o termo que adoto sugestionada pela idéia de h. d. Mabuse¹⁶, um dos integrantes do grupo, para designar o sistema que foi criado por este, Renato L., Helder Aragão (ou **djdolores**), Fred Zero Quatro (banda mundo livre s/a¹⁷), Lúcio Maia, Jorge dũ Peixe, Alexandre Dengue (banda Nação Zumbi), Otto, dentre outros amigos e artistas não abordados para elaboração deste trabalho¹⁸.

¹⁶ Neste trabalho mantenho os nomes artísticos dos integrantes do grupo.

¹⁷ A grafia em letra minúscula é opção da banda, que apesar de a princípio chamar-se Mundo Livre s/a, com o lançamento do segundo CD "Guentando a ôia", 1996, adota essa outra forma.

¹⁸ Ao longo da pesquisa percebo que Renato L., Fred Zero Quatro, h d Mabuse, Chico Science (in memorium) e Jorge dũ Peixe mantiveram relação mais ativa na criação do sistema **mangueBit**. Ainda assim considero todos os personagens selecionados fundamentais para o que me proponho a expor. Foram ainda citados nas entrevistas "João", estudante de história na época em que Renato e Fred cursavam Jornalismo, e "Vinícios Enter". Este, segundo Helder, criador da expressão "Caranguejos com Cérebro", compôs música contida na fita demo (de demonstração) do **mangueBit** (1993), que reunia Chico Science e Nação Zumbi, mundo livre s/a e Lamento Negro, além de Vinícios já citado. Deixo como sugestão para trabalhos posteriores, entrevista

Todos tem atividades profissionais relacionadas à comunicação: Renato L.¹⁹ e Fred Zero Quatro são jornalistas; h. d. Mabuse e Helder Aragão programadores visuais e músicos²⁰; Lúcio Maia, Jorge dü Peixe, Alexandre Dengue e Otto, são músicos. Esses personagens têm em média 30 anos e convivem desde o início da década de noventa.

O termo *mangueBit* me chamou atenção pelo seu aspecto visual. Em *mangueBit* está indicada, através do "B" maiúsculo no meio da palavra, a mistura heterogênea que muitas vezes caracteriza o grupo e suas composições, onde são trabalhadas distintas influências, dentre elas, musicais.

Nesse momento torna-se necessário esclarecimento importante para compreensão do *mangueBit*. Falo da ineficácia da idéia de *mistura* e *fusão* necessariamente aliadas à uma "batida", ritmo ou fórmula específicos,

mais aprofundada com os demais integrantes da Nação Zumbi e do mundo livre s/a que se tornaram de impossível realização diante do desenvolvimento das outras atividades da pesquisa e dos compromissos dos músicos. Indico principalmente para aqueles que desejem se deter nas relações do *mangueBit* com os mitos afro-brasileiros, conversa com Toca Ogum e Bola Oito (Nação Zumbi).

¹⁹ Chamado "Ministro das Comunicações" do *mangueBit*, Renato alimenta junto a h d Mabuse os sites *Manguetronic* e *Mangue Bit*. Atualmente Renato é colunista do fanzine (revista de fãs) "A Ponte" e assessor de imprensa do *Acorda Povo*, projeto realizado em parceria entre as bandas *Devotos* (Alto José do Pinho, Recife) e *Nação Zumbi*.

²⁰ Mabuse compunha a banda de experimentações eletrônicas *Bom Tom Rádio* (para ouvir um música acessar endereço: <http://www2.uol.com.br/latitude/radio/ram/m3i.ram>, capturado em 19 de março de 2000. Esta banda era formada por Chico Science e Jorge dü Peixe, com participação especial de Fábio Trummer (da Banda *Eddie*, Recife-PE) nesta música referida; porém esta banda não almejava caráter profissional. Helder, por outro lado, atualmente tem se dedicado à música, tendo sido responsável pela trilha da peça "A Máquina" dirigida por João Falcão, Recife, como também pela trilha do longa metragem "O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebosas", dirigido por Marcelo Luna e Paulo Caldas. Este trabalho com música é definido por Helder como um projeto. "Djdolores é um projeto musical que combina sonoridade eletrônica, beats orgânicos sampleados e instrumentos convencionais num híbrido sonoro tendo a frente o sampler man Helder Aragão." (Catálogo Nordeste, 1999).

determinantes de uma linguagem artística como "mangue" ou "não mangue".

O mangueBit é construído ao mesmo tempo que é inventado um chip anti uniformidade²¹, que se configura no conceito de diversidade. Como prevenção de pensamento reducionista, a diversidade também preconiza a liberdade de transformação, advinda de atitude de disponibilidade para interação.

Por outro lado, uma fórmula aprisionaria a criação, enquadraria seus componentes em regras redutoras das possibilidades artísticas e comunitárias. Podemos falar em mistura ou fusão como característica possível e não obrigatória para compreensão do mangueBit, contanto que estes termos não almejem homogeneidade ou finalização, indicadores de estagnação, segundo o grupo.

Também neste termo, a natureza está representada pelo "mangue" e a tecnologia/cultura pelo "Bit". O mangue é fenômeno da natureza característico de áreas subtropicais, enquanto bit significa "informação", associada aos códigos armazenados no computador. Sobre outra ótica, "mangue" é também representante particular do Recife, enquanto que o significado do termo "Bit" é comum à todas as metrópoles. Deste modo, a palavra mangueBit é parte do sistema que também o contém, o qual, semelhante ao fractal, traz padrões recorrentes e incessantemente variáveis do grupo (JOHN BRIGGS e DAVID PEAT, 2000).

O sistema mangueBit é criado em época que já desenvolviam-se outros sistemas artísticos, fundamentais para a concretização posterior do anúncio feito pelo grupo, de uma Cena Pop para a cidade. Bandas como Eddie,

²¹ Segundo Renato L.

Mestre Ambrósio, Devotos (antes Devotos do Ódio), Faces do Subúrbio, integram e representam esse cenário²².

Dizendo de outro modo, essas bandas são partes que, em interação com outras bandas e outras linguagens artísticas, produzem a organização do sistema que é a Cena Pop Recifense. Ao mesmo tempo, cada uma destas bandas interage com outras em diferentes níveis, produzindo outros sistemas²³.

A complexidade aumenta quando consideramos que o sistema mangueBit interage com suas próprias extensões, que permanecem reverberando como ondas, a cada banda que surge, dentre outras linguagens artísticas.

Segundo Edgar Morin (1998), o sistema postula um novo conceito de conhecimento que não se constitui apenas num termo geral, mas, da mesma forma genérico ou gerador. Assim, o sistema é definido a partir da idéia de paradigma. Ou seja, o sistema assemelha-se a um conjunto de relações fundamentais, relações essas consistentes em associações ou oposições entre um número restrito de noções-chave, segundo o autor (1998). **"...Relações essas - continua Morin - que vão comandar-controlar todos os pensamentos, todos os discursos, todas as teorias."** (1998:258).

O autor ainda define o sistema enquanto face de um macroconceito que engloba necessariamente outras duas faces. São elas interação (**"...que exprime o conjunto das relações, ações e retroações que se efetuam e se tecem num sistema"** 1998:264); e organização (**"...que exprime o**

²² Essas bandas são com frequência citadas pelo grupo como referência de diversidade que compõe a Cena Pop Recifense.

²³ Podemos citar como exemplo as bandas Devotos e Faces do Subúrbio como correspondentes a sistema algumas vezes chamado Cena do Alto, em alusão à Cena Pop Recifense. Estas bandas são advindas do Alto José do Pinho, subúrbio localizado nas proximidades do Morro Nossa Senhora da Conceição (Casa Amarela, Recife). A banda Faces do Subúrbio alia-se aos movimento hip-hop em Pernambuco, que por sua

caráter constitutivo dessas interações - aquilo que forma, mantém, protege, regula, rege, regenera-se - e que dá a idéia de sistema a sua coluna vertebral" 1998:265).

A organização produz a degradação do sistema, ao passo que também sua regeneração. A interação explicita que o mesmo sistema não é constituído de **partes** ou **constituintes**, mas de ações entre unidades complexas constituídas, por sua vez, de interações (MORIN, 1998). Essas informações apontam para definição de sistema enquanto conceito aberto às diversas totalidades organizadoras do universo.

E ainda, este conceito não se restringe a uma palavra-chave para a totalidade, ao contrário, significa uma palavra-raiz para a complexidade. Esta é por definição uma noção ampla, que se almeja leve, guardando a incapacidade de definir e de determinar. A complexidade, segundo Morin (1998), contém diversidade, desordem, aleatoriedade, ao mesmo tempo que comporta também suas leis, sua ordem, sua organização.

Imagens e organização dos capítulos-fractais

O mangueBit emerge em contexto onde transitam imagens de uma cidade-deusa encantadora, despedaçada, e domadora feroz. Ensaiam-se gestos alquímicos de manipulação do tempo-espço, onde uma desordem-ogiástica é meio, princípio e fim, simbolizada no perene processo da Grande Obra. Esta se constitui no diálogo com o universo, partindo da manipulação de fractais.

Os fractais são como fragmentos do todo, representantes do universo, e vêm auxiliar na compreensão da organização deste trabalho. Falando dos fractais, John Briggs e David Peat (2000) lembram a visão do mar com

vez relaciona-se a rappers no Brasil (Thaíde de dj Hum, Racionais MC).

suas ondas crescendo e quebrando na areia. Movimento que se repete a cada nova onda, diferenciada ao mesmo tempo que equiparada à todas as outras.

Para os autores, **"há algo de revitalizante, que provoca um profundo fascínio, nos padrões recorrentes e incessantemente variáveis da natureza..."** (2000:97). Sendo assim, os padrões da natureza ao mesmo tempo que são familiares e inesperados, inspiram, satisfazem, aterrorizam por nascerem caóticos, e deste modo transmitirem o belo que é a integração do universo. **"... Poetas, místicos, e viajantes pela Terra recorrem a esses padrões para obter conforto, senso de continuidade ou um vislumbre do mistério divino."** (BRIGGS e PEAT:97).

Sendo os padrões da natureza os mesmos do caos, segundo os autores, reporto-me a esse caos para compreender a criação do **mangueBit**, onde encontro a criação artística como um fractal, como uma parte que contém e representa o todo.

Neste trabalho considero o caos semelhante à desordem que trata Edgar Morin (1998). Essa, segundo o autor, renasce da interação com a ordem, produzindo, ao mesmo tempo em que é produto de uma organização. Sendo assim, a mesma lógica mítica que apreendo no grupo, busco seguir para traçar a organização da sequência narrativa deste trabalho. Esta lógica é um desencadeamento dentre as várias combinações que poderiam surgir, livremente, dos capítulos.

É ordem que apreendo por um momento, para logo depois acompanhar seu fugaz esvair. E assim, tomando emprestado expressões do grupo, denomino o Capítulo 1 **"Manguetown"**, o Capítulo 2 **"Da lama ao Caos"** e o Capítulo 3 **"Samba Esquema Noise"**.

Não se pode dizer o que principiou a forma de criar do **mangueBit**, senão todas os aspectos juntos: a

constatação do caos urbano da cidade (MANGUETOWN), provoca a necessidade de manipulação da realidade (DA LAMA AO CAOS), para que seja possível instaurar uma nova ordem (SAMBA ESQUEMA NOISE). Ou, uma nova ordem se fazia do caos instaurado nas festas (SAMBA ESQUEMA NOISE), que impulsionou o grupo a perceber a cidade regida pela ótica do mito do progresso (MANGUETOWN), o que lhes incentivou a procurar modos de inverter a realidade (DA LAMA AO CAOS). E ainda, a realidade precisava ser manipulada (DA LAMA AO CAOS), para que o vazio fértil fosse estabelecido (SAMBA ESQUEMA NOISE), e ressurgisse uma nova cidade (MANGUETOWN).

Descrevo o cenário vivo que é a "Manguetown", considerando a cidade do Recife sobre a ótica do mangueBit, apreendida enquanto deusa Lua, Serpente Cósmica, Nanã Buruku - orixá da religião afro-brasileira que personifica a lama. É quando traço aspectos da relação natureza-cultura percorrendo o mito judaico cristão na construção da metrópole. Inspirada em Durand (1997), percebi que, no grupo, este mito sofre uma inversão quando se organiza/desorganiza, partindo do mito do progresso ao esquema rítmico.

"Da Lama ao Caos" conta a história da relação criadora do conceito mangueBit, que segue um sentido linear constituído também de reversibilidade (PRIGOGINE, 1996). O acaso e a diversão aqui se apresentam enquanto guia, que chamo estratégia, baseada em Edgar Morin (1998). Demonstro alguns ciclos, percebidos em breve histórico, que transformam, legitimam e reafirmam o mangueBit. Esses ciclos promovem, assim, complexificação e manutenção do sistema que desemboca na Cena Pop Recifense composta, por sua vez, de cenas-fractais que denotam dados etnográficos.

O "Samba Esquema Noise" narra a festa que dialoga em um sistema onde predomina o círculo ascendente como arquétipo. O drama alquímico atinge seu apogeu em festa que remonta à instauração do caos-lama, enquanto desordem criadora de significados reafirmadores do grupo.

Para comunicar a linearidade cheia de reentrâncias, acasos, discernimentos que caracterizam a criação artística, apoio-me, então, nas imagens. Estas estiveram presentes em todo percurso da pesquisa, permanecendo no processo de criação deste texto, superando qualquer percepção individual e transcendendo de forma significativa o texto escrito com palavras.

Segundo Bachelard (1998) "... a **imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante. Ao viver poemas temos, portanto, a experiência salutar da emergência. Trata-se sem dúvida, de emergência de pequeno alcance. Mas essas emergências renovam-se; a poesia põe a linguagem em estado de emergência. A vida se mostra nela por sua vivacidade...**" (:11).

As imagens lançam o espírito em várias direções e também agrupam elementos inconscientes diversos, que realizam sobreposições de sentidos (BACHELARD, 1998). O que apreendo das provocações exercidas pelas imagens volta-me para o fundamento e método de uma ciência que pretende dialogar e não rigidamente afirmar ou comprovar.

Assim, as imagens são também imprescindíveis enquanto termos do diálogo, pois segundo este autor, a **imagem fala**. Essa linguagem se expressa através de seu dinamismo e poder próprios. Portanto é no inverso da causalidade, na repercussão, que a imagem poética ganha sonoridade no ser (BACHELARD, 1998).

Deste modo, Bachelard (1998) fundamenta a discussão que permeia a noção de ciência e complexidade, que

elucida Edgar Morin (1998), pois a imagem é provocadora por constituição. **"... Noutras palavras ela é ao mesmo tempo um dever de expressão e um dever de nosso ser. Aqui a expressão cria o ser."** (BACHELARD, 1998:8).

As imagens lançaram significados que apreendi ouvindo, acolhendo, expressando e escrevendo este trabalho. Foram eixo não linear para dialogar com o campo, ao mesmo tempo que me auxiliaram na apreensão das expressões do grupo, que por sua vez foram transmitidas através de imagens.

Utilizo também imagens iconográficas tanto como representações dos mitos elucidados, expressões do próprio grupo, e ainda outras resultantes do processo de pesquisa. Produzi os desenhos que introduzem cada um dos capítulos, para expressar os núcleos organizadores ou constelações de imagens simbólicas suscitadas do contato sistemático com as músicas do mangueBit, selecionadas para análise.

Guiada por Gaston Bachelard (1999) segui o que as imagens me transmitiram para aproximar-me do imaginário do grupo. Percebo que essa intimidade flexibilizou interações entre experiências no campo, justificativas acadêmicas, análises, reflexões teóricas.

Imagens reorganizadas contam uma história, o mito. Para Durand (1989), O mito é imagem, começo de tudo, gerador. É criação no gerúndio e a obra eternamente produzida de uma cultura. Sendo o mito uma narrativa, lhes são inerentes a situação ou enredo, também o cenário e os personagens. Essas narrativas míticas podem ser compreendidas como guias para diálogo entre grupos culturais. Fundamentando esse diálogo com culturas ou épocas diversas, considerando o imaginário do mangueBit, alguns mitos percebo convergentes.

A orixá afro-brasileira Nanã Buruku representa a lama, morte, natureza; e neste trabalho personifica-se na Manguetown. O filho de Nanã, Oxumaré, é personagem que integra colorindo o cenário. Este orixá representante do arco-íris, pratica mutações e perene dança que uni céu e terra.

Também através da dança, Shiva Nataraja, da mitologia hindu, constrói e destrói infinitivamente o universo envolto em círculo de fogo, semelhante ao modo como festeja o mangueBit. Na construção do drama alquímico, os realizadores da Grande Obra apresentam-se, do mesmo modo, como base para elucidação da forma de agir do mangueBit.

A percepção do mito semelhante ao mangueBit encontrado em culturas distintas é ensaio de complexidade, onde figuram inter-relações entre particularidades, possibilitando o encontro também das diferenças. Uma vez promovido este encontro, utilizo-me dessas imagens movimentadas pelas metáforas.

A construção de metáforas é indicação de Edgar Morin (1998) para que sejam provocados diálogos, um dos objetivos fundamentais da ciência, segundo o autor. Para Almeida (1997), as metáforas permitem **"...religar homem e mundo, sujeito e objeto, natureza e cultura, mito e logos, objetividade e subjetividade, ciência, arte e filosofia, vida e idéias..."** (:30).

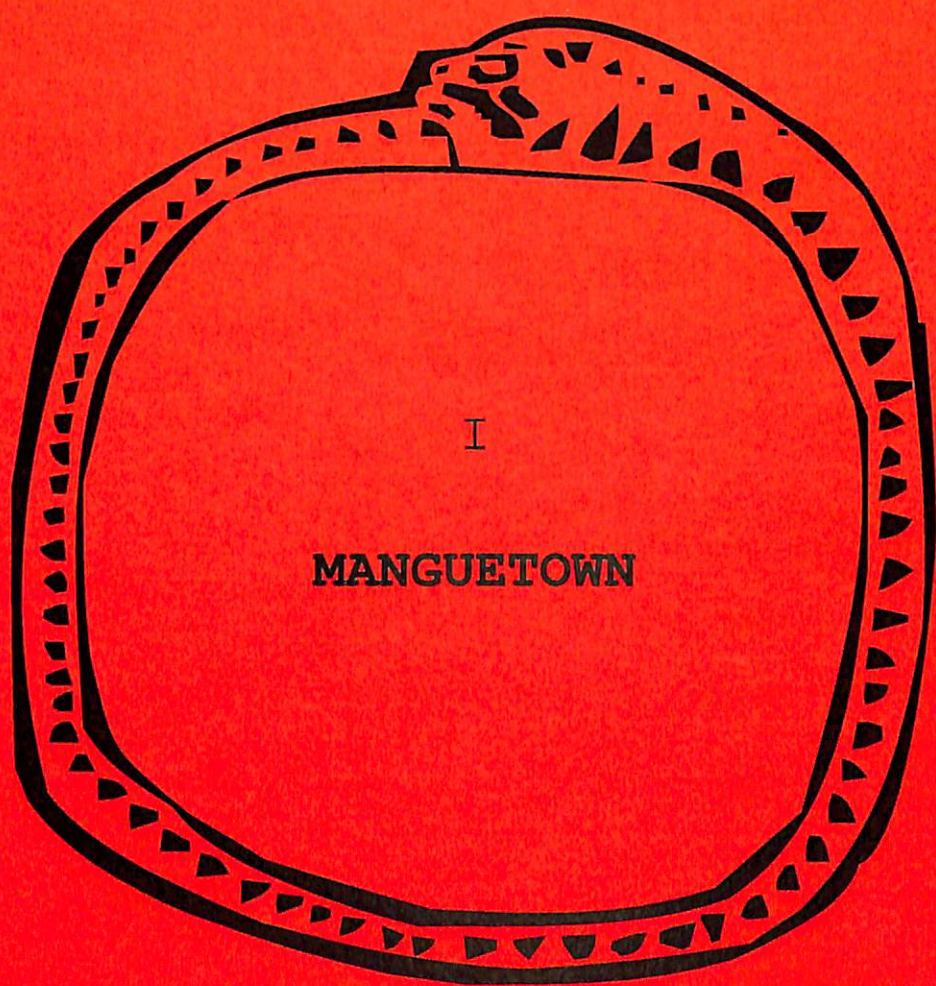
Para Morin (1998), a ciência é caminho de objetivação de ações que permitam o tecer junto. Este autor indica atitude interventora na sociedade, onde o cientista precisa auxiliar nos questionamentos da dinâmica cultural. Ao mesmo tempo, Morin indica que a Ciência precisa pensar o seu próprio processo de criação.

Guiada por esses preceitos, também pelos descritos mitos de criação que elucidam as origens do mangueBit, é

que parto para produção de um trabalho que focaliza a imagem enquanto modo de aproximação, análise e expressão.

Os mitos de origem do grupo foram construídos através das recorrências temáticas (imagens que se repetem) encontradas em campo. Reflexões, músicas²⁴, shows, entrevistas com os personagens, expressões metafóricas, documentos produzidos pela mídia, outros apenas disponíveis em sites na Internet, demos (fita ou CD para demonstração do trabalho de uma banda), dentre outras, são fontes de onde jorram os recomeços característicos da narrativa mítica, suporte das imagens que apresento agora neste trabalho.

²⁴Foram trabalhados os discos da Cena Pop Recifense, focalizando em análise mais profunda os discos do mangueBit: três (3) CDs da Nação Zumbi, três (3) CDs do mundo livre s/a, (1) CD de Otto e (1) de djdolores.





I.01. A Cidade

Aquele ser imaginário transita na noite. Mergulha na terra. Escorre. Face feminina e corpo de serpente, esta é uma de suas formas. Enorme cobra que penetra a mais pequenina extremidade. Durante o dia, transforma-se em rio que segue impassível. Transita pelo âmago da cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco, no Brasil.

As águas dos rios Capibaribe e Beberibe integram o cenário²⁵ da cidade. Os rios Pina, Jordão, Jiquiá e Tejió são outros cursos d'água que banham o município. Recife é construída na confluência dessas águas, servindo como porto para todo Nordeste. Esta situação geográfica é formadora de planícies alagadiças. Em terra, a cidade cresce nascida da água, e de lama se constitui. Está localizada em rica faixa Nordestina denominada Zona da Mata. Vista em mapa do mundo, percebemos ser parte na grande curva litorânea, que se projeta em direção à África.

O município ocupa área de 220km², situando-se em altitude média de 4m acima do nível do mar. O clima quente e úmido é amenizado pela brisa marinha, entre setembro e fevereiro. Na estação das chuvas (março-agosto), apresenta pluviosidade relativamente elevada (2.053mm anuais)²⁶, com temperatura média de 26°C.

A faixa litorânea é baixa, e Recife é cidade plana, quando vista de sua entrada pelo mar. Lembram Recife, jangadas de madeira e velas brancas sopradas pelo vento.

Seguindo para o interior, ocorrem pequenas elevações de menos de 100m. É onde se localizam os morros da N. S.^a da Conceição, Dois Irmãos e Berenguer.

²⁵ Por esse motivo, a cidade é associada à Veneza, Itália.

²⁶ Dados fornecidos pela FIDEM (Fundação de Desenvolvimento Municipal). Recife. PE

Nas praias da Região Metropolitana do Recife predominam coqueirais e cajueiros. Nutrida pelos rios, a Mata Atlântica começa nas encostas das colinas terciárias do interior, estendendo-se ao longo delas. Canaviais e capoeiras encontraram lugar nas terras altas em detrimento da Mata, que teve grande parte de sua vegetação abatida.

Seguindo o curso dos rios em direção à praia, encontramos o pescado como maior riqueza animal. Esses rios serpenteiam a caminho do Oceano Atlântico, também o mar adentra a cidade. A água doce encontra-se com o sal do mar, caracterizando regiões de estuário. Esse fenômeno, em regiões tropicais como a de Recife, propicia a formação do ecossistema manguezal, com fauna e flora características.

A região costeira compreende uma série de ilhas verdejadas pelo mangue. Ilha do Recife, a ilha de Antônio Vaz e a de Boa Vista. Ao longo de todo litoral, são comuns os recifes areníticos (beachroks), formação rochosa marinha, abundante defronte do atual marco zero da cidade, que serve como ancoradouro natural. Este fenômeno da natureza sugere especificidades à formação da cidade que transcendem a geografia física.

O primeiro registro histórico é 12 de março de 1537. Esta data marca o recebimento da carta de doação da Coroa Portuguesa ao então donatário da capitania de Pernambuco, Duarte Coelho. Neste documento, "Foral de Olinda", o lugar já é enfatizado enquanto porto para navios, devido aos recifes areníticos. Sobre as ilhas constituídas diante destes recifes, principia pequeno povoado de pescadores. Em documento lavrado em 24 de abril de 1593, Duarte Coelho faz boas referências geográficas da cidade, as quais, mais tarde, chamam a atenção dos holandeses pelas mesmas qualidades portuárias.

O desenvolvimento da produção açucareira e a conseqüente intensificação do comércio acabaram por exigir adaptações às atividades portuárias. Assim, os colonizadores construíram três armazéns no estuário do Capibaribe, por trás daquele extenso alinhamento de recifes, que dispõe de condições favoráveis como ancoradouro natural.

Próximo ao porto, fortes foram erigidos. A cidade prospera com o aumento dos embarques de açúcar. Em 1630, uma esquadra holandesa aportou ao Recife. Apesar da resistência dos colonizadores portugueses, os holandeses tomam a cidade. Incendeiam a capital da província, na época situada em Olinda, e tomam Recife, mera extensão portuária da primeira. Durante aproximadamente um século (de 1536 até o período da invasão, 1630), o desenvolvimento do povoado do Recife foi modesto, a despeito da rapidez com que se formou o setor de mercado externo do açúcar de Pernambuco, e da conseqüente importância que o "Porto do Recife" adquiriu.

"Em oposição à quase exclusividade agrária, foi nítido o caráter urbano da colonização holandesa...". (WANDERLEY LUBAMBO, 1991:26). Segundo a autora, estando Olinda destruída pelo incêndio, o governo da Capitania passa a residir onde hoje se localiza o Recife. Este foi o primeiro passo para o crescimento do então povoado.

É enviado pelo governo holandês o conde Maurício de Nassau para chefiar a capitania. O conde se fazia acompanhar de artistas, arquitetos, astrônomos, médicos, geógrafos, tendo sido nesta época traçado primeiro plano urbanístico para a atual cidade. Além da construção de duas pontes, construíram-se canais e edifícios públicos, também os holandeses fizeram melhoramentos no ancoradouro natural.

Nesta época, começam os aterramentos dos mangues e alagados do Recife, culminando mais tarde em sérias implicações ecossociológicas. Após o domínio holandês, no Bairro do Recife, se contabilizam 300 prédios. São casas térreas, sobrados com um ou dois andares, mirantes, a Igreja do Corpo Santo, o Palácio do Governo, a Alfândega, cadeia, Provedoria, Casa da Câmara, a Sinagoga dos Judeus e armazéns²⁷. Era esta a cidade Mauricéia (Mauritzstadt), capital do **"Brasil Holandês"**, segundo Lubambo (1991).

Muitas dessas linhas traçadas por Maurício de Nassau permanecem constituintes de Recife. Nos dias atuais, o conde e sua história são compreendidos pelo senso comum enquanto provedores do desenvolvimento da cidade. Esta idéia leva alguns a sugerir prosperidade maior para Recife, caso houvesse permanecido colônia holandesa.

Em 1644, Nassau regressa à Europa. O fracasso de seus sucessores contribui para eclosão da insurreição pernambucana. Esta é definida numa sucessão de batalhas, sempre com a derrota dos holandeses. Em janeiro de 1664 acontece a rendição flamenga. A partir da segunda metade do século XVII, segundo Lubambo (1991), a região foi marcada seriamente pela crise da economia açucareira.

A partir deste período, durante quase um século, a região entra em aparente declínio. No século XVIII, a construção de novas pontes e aterros propiciou notável expansão urbana, com crescimento explosivo da cidade que alcança, nos dias atuais, categoria de Metrópole Regional.

"Hoje, o Recife é uma grande metrópole regional, um dos mais importantes pólos comerciais, financeiros, industriais e turísticos do Brasil. O maior centro administrativo, de compras, educação, saúde e serviços do Nordeste. Tem um dos mais modernos Shopping Centers do

²⁷ Guia do Recife, on line, capturado em 2000

munido, perto da praia e dos hotéis. É o terceiro polo gastronômico brasileiro, onde pode-se encontrar desde comidas típicas da região, ao mais sofisticado prato da cozinha internacional." (Jornal do Comércio on line, Guia do Recife, 2000:1).

A Região Metropolitana do Recife é formada por 14 municípios²⁸, dentre os quais Olinda (a norte de Recife), Jaboatão dos Guararapes (ao sul) e Camaragibe (a oeste), onde encontram-se as Bandas da Cena Pop, alvo desta pesquisa. Enquanto metrópole, Recife exerce influência funcional, econômica e social sobre esses outros municípios.

I.02. O Leviatã²⁹

Analisando as transformações que sofreram as organizações humanas ao longo de seu desenvolvimento, Joel de Rosnay (1979) afirma que a metrópole moderna nasce da densidade de população, da extensão horizontal e vertical das construções, da organização dos meios de comunicação e da criação de regulamentos e de códigos que permitem controlar funções fundamentais das cidades. Segundo Edgar Morin (1979), a metrópole centraliza a complexidade social, desenvolvendo-se nela a especialização do trabalho e a estratificação das classes, como também o comércio, as trocas, artesanato, indústria.

Se a primeira vista essas possibilidades poderiam revelar qualidade de vida do povo recifense, na

²⁸ Os municípios que constituem a Região Metropolitana de Recife são: Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife, São Lourenço da Mata.
Fonte: FIDEM - Recife/PE

realidade, explicitam as disparidades características da cidade, também encontrada na economia brasileira. A minoria que representa a população mais rica, acessa bens e serviços proporcionados pela metrópole, enquanto a outra parcela vive em condições insatisfatórias.

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)³⁰ revela que 21.4% da população economicamente ativa (PEA) encontra-se desempregada na região Metropolitana do Recife. Segundo o jornal, este índice representa 305 mil pessoas, com idade acima de 10 anos, sem emprego. A esta situação acrescenta-se o fato de que retirantes das regiões de seca ou zona da mata Nordestina migram para Recife em busca dos benefícios oferecidos por uma grande cidade.

Chegando ao Recife, não são poucos os que se alojam em palafitas construídas sobre os manguezais, ou nos morros. Especificamente os habitantes dos alagados do Recife são comparados aos caranguejos pelo sociólogo Josué de Castro (1967). O cientista dedicou-se ao estudo do fenômeno da fome, partindo de experiência de observação da população que se desenvolvera habitando os mangues do Recife, e deste nutrindo-se. O autor narra no romance "homens e caranguejos" essa experiência.

"... Pelas histórias dos homens e pelo roteiro do rio, fiquei sabendo que a fome não era um produto exclusivo dos mangues. Que os caranguejos apenas atraíam os homens famintos do Nordeste inteiro: da zona seca e os da zona de cana. Todos atraídos por essa terra de promessa, vindo se aninhar naquele ninho de lama, construído pelo rios e onde brota o maravilhoso ciclo do caranguejo. E quando cresci e saí pelo mundo afora, vendo

²⁹ Subtítulo inspirado na obra de Edgar Morin. O Enigma do Homem: para uma nova antropologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979

³⁰ Pesquisa divulgada pelo Jornal do Commercio. Recife. 30 de abril de 1999.

outras paisagens, me apercebi com nova surpresa que o que eu pensava ser um fenômeno local, um drama de meu bairro, era um drama universal..." (1967:24).

Permanece na Região Metropolitana do Recife alarmante paisagem da miséria urbana. A área de mocambos tem sido elemento que reflete a composição social dos habitantes. Porém, com os aterramentos e valorização imobiliária dessas áreas, esses mocambos deslocam-se para outras margens. Ilha de Deus, Ilha do Maruim, são exemplos de regiões na cidade atualmente ocupadas por essa população. Os terrenos mais altos da planície costeira e encostas dos morros foram, da mesma forma, ocupados pela população indigente, muitos dos quais emigrantes.

I.03. Cidades: sistemas vivos, sistemas complexos

Diante de quadros como este e com seus movimentos característicos, a cidade nasce, desenvolve-se, diversifica-se, e também morre. Organismo vivo. Esta é metáfora utilizada por Joel de Rosnay (1975) para adentrar nesse sistema complexo. Para o autor, cada cidade ao longo de sua história passa por fases, que caracterizam essa complexidade.

Define Edgar Morin (1998) que os traços constitutivos do complexo contém diversidade, desordem, aleatoriedade, comportando também leis, ordens, a organização. Deste modo, relacionam-se aspectos antagônicos, complementares, e ao mesmo tempo concorrentes, característicos dos sistemas vivos. O crescimento explosivo de Recife, observado a partir da colonização holandesa, pode ser compreendido enquanto

fase, que não deve ser percebida isolada, de auto-regulação do organismo que é a cidade.

Considerada ecossistema de novo desenvolvimento da cerebralização, para Morin (1979), a metrópole é meio policêntrico em que complexos se interligam aparentemente desordenados, porém de onde se efetuam emergências hipercomplexas. É desse modo que a metrópole torna-se meio favorável à criatividade, inovações, novas idéias, desenvolvimento científico, **"... A cidade, o centro mais vivo da sociedade histórica, é um meio extraordinário de ordem, complexificação, de desordem, de invenção e de ruído"** (MORIN, 1979:185).

O ruído interage no funcionamento e desenvolvimento do sistema vivo enquanto agente perturbador. Longe de provocar desordem fatal, suscita com frequência uma nova ordem, possibilitando a perpetuação do próprio sistema (MORIN, 1979). Este ruído pode ser de natureza externa ou interna ao sistema, pois se este não deixa de ser uma macrounidade, é também constituído de partes que não se encontram fundidas e confundidas nele.

Ainda que aliadas ao todo (sistema), essas partes têm duplo caráter. Cada parte mantém **"cidadania sistêmica"**, para usar uma expressão de Morin (1979), o que significa uma identidade comum entre as diversas partes relacionadas a esse todo. Ao mesmo tempo, essas partes têm identidade própria, que permanece irreduzível ao todo. Isso significa que o todo é constituído de efeito unificador tanto quanto diferenciador. O caráter múltiplo das partes atua a favor da diversidade do sistema, que em muitos casos sofre transformações ocasionadas por ruídos destas partes advindos. Assim, as partes são mais do que o todo. A riqueza do universo não está na sua totalidade dispersiva e sim, muitas vezes,

nas pequenas unidades reflexivas desviadas e periféricas que nele se constituíram (Morin, 1998).

I.04 - Cidade, progresso e Manguetown

Produzindo e prenunciando ruídos, no início da década de 90, Recife é denominada Manguetown (cidade do mangue) por um grupo de amigos, que nas praias ou centro da cidade, compartilhava da mesma diversão.

Essa é a história de pessoas que se encontram ludicamente, em uma cidade periférica, de um país periférico³¹. E Criam. Dançam. Compõem. Ouvem. Trocam. Uma parte ou um princípio possível dessa história, é a invenção de um grupo de amigos. Em sua intimidade marginal, zombavam da própria existência. Em mesas de bar, inventam jogos inspirados nos mangues de Recife. E assim, transitam entre arquétipos, recriando símbolos emergentes. Experimentaram transmitir. Parte de um sistema.

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo/ Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos/ Entulhados a beira do Capibaribe/ Na Quarta pior cidade do mundo/ Recife cidade do mangue/ Incrustada na lama dos manguezais/ Onde estão os homens caranguejos/ Minha corda costuma sair de andada/ No meio da rua em cima das pontes/ É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo/ Procurando antenar boas vibrações/ Procurando antenar boa diversão/ Sou, sou, sou, sou, sou mangueboy/ Recife cidade do mangue/ Onde a lama é a insurreição/ Onde estão os homens caranguejos/ Minha corda costuma sair de andada/ No meio da rua em cima das pontes/ É só equilibrar sua cabeça em cima do corpo/ Procure antenar boas vibrações/ Procure antenar boa diversão/ Sou, sou sou, sou, sou mangueboy.³²

Esta música de Chico Science representa a imagem da cidade recorrente neste grupo. Uma Recife periférica, em

³¹ Assim Fred Zero Quatro costuma falar de Recife.

que seus habitantes são os homens caranguejos, que transitam por redes, que podem ser vias constituídas de asfalto, canais geográficos, fios e cabos de telefone.

Informação marcante para o grupo, citada nesta música e em diversos depoimentos, foi a fornecida pela pesquisa que dizia ser Recife a quarta pior metrópole do mundo para se viver. O Instituto *Population Crisis Committee*, localizado em Washington, realizou uma pesquisa que confirma este quadro social: alta densidade demográfica - 5,7 mil pessoas por quilômetro quadrado, 59% da população é constituída de pessoas de baixa renda que moram em mocambos, a mortalidade infantil é de 122 crianças por mil nascidas vivas. A pesquisa fazia referência, ainda, aos altos índices de assassinatos, altos gastos de alimentação, baixa qualidade do ar, poluição sonora e congestionamento³³.

A interpretação do grupo encontra-se registrada no Primeiro Manifesto Mangue, escrito por Fred Zero Quatro. Este documento foi distribuído entre jornalistas em meados de 1993, com o objetivo de divulgar as bandas integradas por alguns desses amigos. As idéias do grupo foram compiladas por Zero Quatro, e por ele organizadas em três partes. "Mangue - o conceito", "manguetown - a cidade" e "Mangue - a Cena".

Considerando o crescimento desordenado da cidade, iniciado no período da colonização holandesa, Fred Zero Quatro aponta um **caos urbano** quando trata da Manguetown.

"A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade "maurícia" passou a crescer desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

³² Antene-se. Da lama ao caos. 1994. SELO

³³ Matéria publicada pelo Jornal do Comercio. Recife. 20.11.1990

Em contrapartida, o desvario irresistível de uma cínica noção de "progresso", que elevou a cidade ao posto de "metrópole" do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade..

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da "metrópole", só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano" (ZERO QUATRO, 1992).

A "esclerose econômica" que desemboca na "síndrome de estagnação" observada por Zero Quatro, pode indicar uma das muitas fases que a metrópole apresenta, segundo Rosnay (1975). Para o autor, a cidade surge como um sistema auto-regulado que controla e equilibra os fluxos de indivíduos entre o seu centro e sua periferia, "... Ao longo de sua história, a cidade passa por fase de crescimento explosivo, seguida de um período de estabilização, depois de estagnação, marcado por vezes pela degenerescência de certos bairros, pelo aparecimento de bairros de lata, pela migração cada vez mais longínqua dos trabalhadores e a degradação dos lugares representantes de uma herança cultural e artística." (ROSNAY, 1975:55).

O crescimento explosivo dito pelo autor, pode ser identificado com o crescimento desordenado do qual fala Zero Quatro, uma vez que este autor e o grupo utilizam-se da mesma metáfora da cidade como ser vivo. Para Rosnay (1975), o crescimento explosivo compõe processo vital de um sistema auto-regulado, processo esse que pode desembocar na morte da cidade. É exatamente esse prenúncio de morte, para o grupo, resultante da busca desenfreada pelo "progresso", que nesse momento é identificado como a "esclerose econômica" que resulta na "síndrome de estagnação". Surgia com o Primeiro Manifesto

Mangue um diagnóstico alarmante para Recife, cidade doente.

Trazendo imagens desse progresso, a música de Chico Science, **a cidade**, adiciona mais elementos.

O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas/ Que cresceram com a força de pedreiros suicidas/ Cavaleiros circulam vigiando as pessoas/ Não importa se são ruínas, nem importa se são boas/ E a cidade se apresenta centro das ambições/ Para mendigos ou ricos e outras armações/ Coletivos, automóveis, motos e metrô/ Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs/ A cidade não para a cidade só cresce/ O de cima sobe e o de baixo desce/ A cidade se encontra prostituída/ Para aqueles que a usaram em busca de saída/ Ilusora de pessoas de outros lugares/ A cidade e sua fama vai além dos mares/ No meio da esperteza intencional/ A cidade até que não está tão mal/ E a situação de sempre mais ou menos/ Sempre uns com mais e outros com menos/ A cidade não para a cidade só cresce/ O de cima sobe e o de baixo desce/ Eu vou fazer uma embalada/ Um samba um maracatu/ Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu/ Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus/ Num dia de sol Recife acordou/ Com a mesma fedentina do dia anterior/³⁴

Um retrato do dia-a-dia do sol nascente na cidade, luz que obscurece focalizando as linhas de uma certa noção de progresso, "cínica noção de progresso", diria Zero Quatro. Geografia de relações decadentes, política de domínio. Vista do alto, a cidade fervilha como um mangue povoado por caranguejos. As pessoas são pontos, números, códigos de barra que transitam anônimas. Ainda assim, parecem vigiadas por aquela idéia de progresso quando circulam apressadas nas avenidas dos centros das metrópoles. Não há tempo para contemplação quando objetivos para o futuro, que se seguem infinitos, sobrepõem-se imponentes.

Segundo Morin (1999), **"... O progresso é noção aparentemente evidente; sendo por natureza cumulativa e linear, traduz-se de forma simultaneamente quantitativa**

³⁴ A cidade. Da lama ao caos. 1994. SELO

(crescimento) e qualitativa (isto é, por um 'melhor'). Vivemos durante dezenas de anos com a evidência de que o crescimento econômico, por exemplo, traz ao desenvolvimento social e humano aumento da qualidade de vida e de que tudo isso constitui o progresso. Mas começamos a perceber que pode haver dissociação entre quantidade de bens, de produtos, por exemplo e qualidade de vida; vemos, igualmente, que a partir de certo limiar, o crescimento pode produzir mais prejuízos do que bem-estar e que os subprodutos tendem a tornar-se os produtos principais. Portanto, a palavra progresso não é tão clara quanto parece." (:95-96).

É considerando "cínica" essa noção de progresso, que Zero Quatro aborda as conseqüências desastrosas de uma vida encenada e guiada por ideais de conquista, explicitadas no "caos urbano" que se tornou Recife. A cidade que não pára e só cresce, como disse Science, torna-se prostituta daqueles que a usaram em busca de saída. E assim, contrai as enfermidades advindas do "mito da metrópole".

I.05. O trajeto simbólico das cidades

Segundo Mircea Eliade (1993), o trajeto simbólico das cidades guarda de comum a todas as culturas a referência e nostalgia do paraíso. Para o autor, esse trajeto remete à busca de transcendência da condição humana e ascensão à condição divina, representado na tentativa de se seguir adiante da queda. Segundo Yvett Centeno (1989), a queda do Paraíso, com a expulsão de Adão e Eva, marca o nascimento da cidade, que no Gênesis se prende ao crime e castigo de Caim.

Após matar Abel, Caim é obrigado por Deus a vagar pela terra, e assim torna-se um edificador de cidades (YVETT CENTENO, 1989). Depois que Caim erigiu a cidade de Enoc, nascem seus descendentes, os quais revelam-se múltiplos e diversos, contendo porções do irmão morto, Abel, representado por Jabel, pai dos que habitam em tendas e dos pastores (assim como fora Abel), ao mesmo tempo porções do próprio Caim, representado por Tubalcain, trabalhador do martelo e hábil em obras de bronze e ferro (assim como devem ser os alquimistas).

Dessa forma, Caim e Abel perpetuam-se, sendo aquele construtor de cidades, e por isso significativo para a compreensão do imaginário da cidade judaico cristã. Esta parece revelar-se na corrida do progresso, enquanto caminho de utópico retorno à face de Deus, à Cidade Celeste. A proteção do Deus-Pai, conhecida no passado, é guia no presente, para a busca da idade do ouro, projetada num futuro sonhado.

É deste modo que a cidade é ambígua, paraíso e inferno (RECKERT, 1989). Representa o sonho e a busca do caminho para o Céu onde se reencontra a face divina, mas também se fundamenta como produto da culpa de Caim pelo assassinato do irmão. A cidade judaico cristã é erigida pela infinda expurgação desse pecado - extensão do pecado de Adão e Eva -, onde dor e sofrimento na realização de obras são elementos do auto-flagelo simbólico visando à absolvição.

Eterniza-se o castigo como um enorme bloco de pedra que é levado por Sísifo³⁵ até o alto de uma abrupta montanha; quase atingindo o alto, esse rochedo rola em direção ao chão de onde havia sido trazido, obrigando Sísifo a recomeçar o trabalho.

³⁵ A narrativa do mito de Sísifo foi examinada na obra de Junito de Souza Brandão. Mitologia Grega. Petrópolis: Vozes. 1993

Como no mito de Sísifo que leva o bloco de pedra, e antes, almeja enganar os deuses, renasce o impulso de superação da morte persecutória destinada por esse Deus à Caim, como consequência da ausência de sua face divina, segundo o mito judaico cristão. Sob essa ótica, o árduo trabalho de Caim na construção de cidades, se almejando a Cidade Celeste em vida, assemelha-se à inutilidade do esforço despendido por Sísifo em cumprir sua tarefa ou sua audácia em enganar a morte.

Enquanto Caim procura purificar-se, sempre perseguido pelo olho de Deus, assim também protegido pela profecia deste Deus - que lhe marcou a face para que seu assassino fosse sete vezes castigado - Lamec, quinto descendente de Caim, anuncia às suas duas mulheres, **"Eu matei um homem com uma ferida, e um rapaz à força de pisaduras"**. A ferida indica a possibilidade deste homem ser descendente de Caim que estava, dessa forma, sendo simbolicamente morto. E desse modo, se do pecado de Caim anuncia-se vingança divina sete vezes, diz o mito, de Lamec essa vingança estende-se para setenta vezes sete.

Pecados são duplicados gerando ameaça e multiplicação da vingança. Retornando ao princípio do mito: a **"negligência"** de Deus à obra de Caim, desperta-lhe a ira causadora da morte do irmão, motivo de sua culpa e punição. Ódio desse pai, raiva de si mesmo. E a sentença, o próprio Caim dita: **"O meu crime é muito grande, para alcançar dele perdão. Tu me lanças hoje fora da terra: e eu serei obrigado a me esconder de diante de tua face; e andarei vagabundo e fugitivo na terra. O primeiro pois, que me encontrar, matar-me-á"**. Sentença essa corrigida pela justiça divina: **Não será assim mas todo o que matar a Caim, será por isso castigado sete vezes em dobro.**

É a negação da própria face divina a que se reserva Caim como castigo, ao supor pena maior pelo seu pecado. Abandonando-se à própria condenação de trabalhar infundavelmente sem conclusão - extensão da desventura de Adão e Eva -, escraviza todos os seus descendentes nesse missão. E o construtor de cidades investe em cálculos, buscando o controle absoluto sobre a vida, uma vez que não se sentia merecedor pela proteção divina. Incorporando o papel de messias impecável, faz surgir cidades que demonstram com certa arrogância as conquistas humanas, escondendo-lhes o inerente fracasso.

Conheci uma cidade assim. É Perínzia, que Marco Polo descreveu para o sultão Kublai Khan

"Convocados para ditar as normas para a fundação de Perínzia, os astrônomos estabelecem a localização e o dia segundo a posição das estrelas, traçam as linhas cruzadas do decumano e do cardo orientadas uma como o curso solar e a outra como eixo em torno do qual giram os céus, dividiram o mapa segundo as doze casas do zodíaco de modo que cada templo e cada bairro recebesse o influxo correto das constelações oportunas, fixaram o ponto da muralha no qual abrir as portas a fim de que cada uma enquadrasse um eclipse lunar nos próximos mil anos. Perínzia - asseguraram - espelhará a harmonia do firmamento; a razão da natureza e a graça dos deuses determinaram o destino dos habitantes.

Seguindo com exatidão os cálculos astronômicos, Perínzia foi edificada; diversas raças vieram povoá-la; a primeira geração nascida de Perínzia, cresceu dentro de seus muros; e estes, por sua vez, atingiram a idade de casar e ter filhos.

Nas ruas e praças de Perínzia, hoje em dia, vêem-se aleijados, anões, corcundas, obesos, mulheres com barba. Mas o pior não se vê: gritos guturais irrompem nos porões

e nos celeiros, onde famílias escondem os filhos com três cabeças ou seis pernas.

Os astrônomos de Perínzia encontram-se diante de uma difícil escolha: ou admitir que todos os seus cálculos estavam errados e que as suas cifras não conseguem descrever o céu, ou revelar que a ordem dos deuses é exatamente aquilo que se espelha na cidade dos monstros." (CALVINO, 1998:131).

A cidade de Perínzia suscita a metáfora da incerteza dos cálculos, códigos, normas. Explicita a fragilidade das leis inventadas pelo homem. Provoca respostas irônicas do ecossistema aos disparates humanos. Remonta ao desconhecimento do erro como parte necessária para constituição da vida. Aponta a imperfeição desse homem que busca a perfeição. A cidade de Perínzia dá à luz monstros.

Esses enganos compactuam com a construção de um homem dolorosamente cindido e fraturado, como afirma Almeida (1998). Esses equívocos perpetuam o auto castigo de Caim que se fixa no mito de Sísifo. Esse sofrer, Otto, músico do mangueBit, deixa transparecer em letra que trata do cotidiano do centro urbano que é São Paulo:

Um café preto/Sábado preto/Malandro preso adoidado.

Um dia preto/ Tô satisfeito/ Um dia quase acabado.

São Paulo é um peito/ E o leite estava estragado/ Agora um jeito/ Ou o respeito acabado.

Mas que covardia/ Membro esfacelado/ Mas como do(r) ia/ O leite estragado.

Um dia preto/Sábado preto/Um café preto/Com leite faz um pingado

Os dias passam cinza no dia-a-dia aprisionado pelo trabalho infindo. Se a cidade é mãe que oferece o peito, seu leite está estragado porque poluído pela fumaça dos carros e chaminés. Se a dor continua, não é por esse motivo que o tempo pára. Passa vagarosamente dentro de

idades-caixa, construídas, pré-fabricadas. Ou muitas vezes esse tempo corre sem sentido.

Para Rosnay (1975), origem da cidade não é a expurgação de culpa. Ela nasce das necessidades fisiológicas e também utilitárias do homem. Proteção, alimentação, saúde, comunicação, trocas, necessidades psicológicas de estima do próximo, de respeito, do exercício do poder, necessidade de educação (ROSNAY, 1975). Para este autor, a estrutura da cidade atua como um catalisador que acelera o desenvolvimento das idéias. **"... Ao organizar o crescimento populacional, a confrontação, a experiência, mas também a sanção, este prodigioso centro de inovação atrai, valoriza ou submerge tanto os homens como as idéias, como um turbilhão sem fundo."**(:49).

Nesse turbilhão, dentro da cidade se relacionam segurança e liberdade. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar, na medida em que conhecemos melhor esse espaço, e o dotamos de valor. **"... Se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar."** (YI-FU TUAN 1997:6). Para o autor, estamos condicionados à segurança que promove o lugar, e ansiamos pela liberdade favorecida pelo espaço.

O espaço é mais amplo e abstrato que o lugar, afirma o autor. Quando sentem-se comprimidas, as pessoas podem se comportar como animais encurralados, desconfiados e agressores. Também agem como cientistas frios, dedicados à tarefa de formular leis e mapear recursos, assim como os construtores de Perínia, a cidade dos monstros.

I.06. Cidade: natureza e cultura

Nenhuma das duas atitudes dura muito diante da complexidade do ser humano, apontada por Tuan (1997). Dotado de cultura, e habitante de cidade, este homem difere dos animais pelo desenvolvimento de seus prolongamentos (carro, prolongamento da pernas; computador, prolongamento do cérebro). Porém, isso não lhe garante fora da natureza um reino independente (MORIN, 1997).

"Todos nós sabemos que somos animais de classe dos mamíferos - declara Morin (1979) - da ordem dos primatas, da família dos hominídeos, do gênero *homo*, da espécie *sapiens*, que nosso corpo é uma máquina de trinta bilhões de células, controladas e procriadas por um sistema genético, o qual se constituiu no decorrer de uma evolução natural e durou de 2 a 3 bilhões de anos, que o cérebro com que pensamos, a boca pela qual falamos e a mão que usamos para escrever são órgãos biológicos, mas este saber é tão inoperante quanto aquele que nos informou que nosso organismo é constituído por combinações de carbono, hidrogênio, oxigênio e azoto." (:19).

Após as descobertas de Darwin, o homem depara-se com a realidade de ser filho dos primatas, incluindo os que são domesticados, reduzidos, recalcados, enjaulados ou colocados em reservas (MORIN, 1979).

Segundo Morin (1979) **"...nós, por nosso lado, edificamos cidades de pedra e aço, inventamos máquinas, criamos poemas e sinfonias, navegamos no espaço; como não acreditar que embora saídos da natureza, já somos extranaturais e sobrenaturais? Desde Descartes pensamos contra a natureza, certificados de que nossa missão é**

dominá-la, sujeitá-la, conquistá-la. O cristianismo é a religião de um homem cuja morte sobrenatural escapa ao destino comum das criaturas vivas; o humanismo é a filosofia de um homem cuja vida sobrenatural escapa a esse destino: é súdito num mundo de objetos, soberano num mundo de súditos. Por outro lado: embora os homens sejam da mesma espécie, o *homo sapiens*, essa característica comum da natureza jamais cessou de ser negada ao homem pelo homem, que não reconhece seu semelhante no estrangeiro ou que monopoliza a plena qualidade do homem. Até mesmo o filósofo grego via no persa um bárbaro e no escravo uma ferramenta de vida. E, se somos obrigados, hoje, a reconhecer que todos os homens são homens, a verdade é que excluímos imediatamente aqueles a quem chamados 'desumanos'" (:19-20).

Este pensamento estabelece a cisão entre natureza e cultura, onde a natureza é considerada fora de nós, reforçando a quebra entre o homem e o que lhe fundamenta e constitui. Face de uma mesma moeda, universalismos extremos revelam a crença de uma verdade absoluta - esta delegada à cultura Ocidental - respalda o domínio da natureza que existiria para ser explorada. Guias nas missões jesuítas, que convertiam índios ao Cristianismo, dentre outros exemplos, esses equívocos são licenciados por interpretações do mito judaico cristão.

No princípio da gênese, antes da disputa entre os filhos de Adão, Deus expressa o domínio absoluto do homem, escolhido entre todos os outros seres e ao sexto dia da criação, Deus declara: "... Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea.

Deus os abençoou, e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra" (Gênese: 3-4).

A interpretação deste mito pela ética clássica é uma das geradoras dos equívocos que resultam na "disjunção" ou "redução", traçados por Almeida (1998). E deste modo, esse mito de criação encontra-se fundador do pensamento ocidental, sobretudo da ciência clássica, ainda que cientistas afirmem não integrarem religião qualquer.

I.07. Caos urbano: metrópoles e prisões

"... Se tiverem uma história para encenar em que o mundo seja o inimigo a ser conquistado, irão conquistá-lo como a um inimigo. Inevitavelmente, um dia o inimigo estará sangrando até a morte a seus pés, como o mundo está agora" (DANIEL QUINN, 1992:92). Esta última citação é fala de Ismael, personagem gorila que é professor em romance do americano Daniel Quinn. Para o homem de que trata Ismael, a terra não é casa, mãe, nem sagrada como é considerada pelos de sua espécie. Segundo o personagem, para o homem que se guia pelo mito judaico cristão, o mundo é um inimigo a ser conquistado e, conseqüentemente, derrotado.

O "caos urbano", explicitado na condição de vida oferecida pela cidade do Recife a seus habitantes, e descrito no Primeiro Manifesto Mangue, encontra ressonância com no pensar do professor gorila.

Focalizando o convívio em grandes aglomerados urbanos, Edward T. Hall (1986) afirma que nos diferenciamos dos outros animais por termos aprendido a

bloquear ou atenuar nossos próprios sentidos, de modo a possibilitar a convivência de um maior número de habitantes, em menor espaço:

"Realizando o seu próprio adestramento, o homem reduziu consideravelmente a distância de fuga do seu estado aborígene original. Essa distância de fuga (a manter entre si próprio e o inimigo) é uma necessidade absoluta em caso de densidade demográfica elevada e representa um dos meios fundamentais e mais eficazes de adaptação perante o perigo; mas o seu funcionamento exige um mínimo de espaço..." (:210).

Um processo de adestramento, segundo o autor, permitiu à maior parte dos animais superiores, incluindo o homem, suportar a saturação de uma dada zona, com a condição de aí se sentirem em segurança, durante o tempo em que a sua agressividade pode ser submetida a um controle eficaz. Mas, segundo Hall (1986), **"...quando os indivíduos começam a inspirar-se medo reciprocamente, esse sentimento faz ressurgir a reação de fuga e cria uma necessidade explosiva de espaço. O medo que sobrevem num ambiente de excesso populacional engendra inevitavelmente o pânico."** (:210).

E assim o homem das metrópoles convive com prisões e privações em seu cotidiano. É quando a cidade assume a metáfora de jaula para o *homo sapiens*.

O curta-metragem "enjaulado", de Kleber Mendonça Filho, mostra Recife - cidade do mangue - ou qualquer outra metrópole, por dentro³⁶. Mendonça Filho (1997), focaliza o interior de um apartamento de jovem de classe média, despertando para solidão nos aglomerados urbanos. **"Enjaulado ganhou prêmios no Rio Cine Festival e na jornada Internacional de Cinema da Bahia. É uma produção 'no budget' realizada por um pequeno grupo de amigos, no**

³⁶ Produção de Kleber Mendonça Filho, 1997.

Recife, e mostra um urbanóide (Charles Hodges), que tranca-se num apartamento de classe média de segurança máxima, até colar o juízo. O vídeo tem sido acusado de ser violento e de mau gosto. E sabe de uma coisa? Eles estão absolutamente certos."³⁷

Enquanto nos entrincheiramos com medo dos monstros reais e imaginários, cada homem representa algo fora de nós: elemento que ameaça, objeto que aflige, parasita que agride. É a vivência de uma solidão persecutória característica do "caos urbano" de que fala Zero Quatro, no Primeiro Manifesto.

A trilha sonora deste curta-metragem configura-se primeira coletânea da Cena Pop Recifense, para a qual o mangueBit serve de nascente principal, cabeceira de um rio. Nas faixas de **"enjaulado - música pra se ouvir trancado"**, são encontradas diferenças características das bandas³⁸ da Cena. No texto do encarte do disco assinado por Renato L., é elogiada a diversidade. "Aqui você encontra do hardcore sexualmente obsecado do Matalanamão ao mix de samba, maracatu e jungle de Otto, ex-percussionista do mundo livre s/a. Ao contrário da Bahia, Recife não deseja se prender numa batida. De monocultura, já basta a cana de açúcar, raiz de tantas das nossas desgraças." (1997:5) .

I.08. O olhar que se inverte

³⁷ Esse comentário encontra-se no disco da trilha sonora do citado curta-metragem. O disco chama-se "Enjaulado, música para se ouvir trancado", foi gravado em 1997, no Recife.

³⁸ Participam da trilha do curta-metragem djdolores, Faces do Subúrbio, Estela Campos, Dona Margarida Pereira e os Fulanos, Lara Hanouska, Eddie, Câmbio Negro HC, Paulo Francis Vai pro Céu, Matalanamão, Renata Mattar e Otto/jambro band.

A diversidade é alternativa encontrada pelo mangueBit para compor um sistema aberto, produtor de arte que se pretende livre. A diversidade é aqui, então, prenúncio de liberdade, "... paradoxalmente, o oposto do clima claustrofóbico que vamos encontrar no filme." (RENATO L, 1997). Longe de haver algum disparate, a diversidade que compõe a Cena

Pop Recifense é produto do mesmo caos urbano encontrado no ambiente Recifense, descrito por Zero Quatro no Primeiro Manifesto. Ao mesmo tempo, é fruto do olhar voltado para o ambiente desta mesma cidade. Para Renato L. a diversidade é "... um termo que explica, inclusive, o porquê da escolha do 'mangue' como rótulo da cena. É a riqueza biológica dos manguezais que vais servir como metáfora para essa música que se pretende livre, solta e... diversificada..." (idem).

A exaltação da diversidade é exercício de cumplicidade, onde as atitudes de religação e expansão dialogam condizentes com a ecologia das idéias de que fala Edgar Morin, citado por Maria da Conceição de Almeida (1998). O paradoxo do uno e do múltiplo e a interconexão entre universalidade e singularização, bem como a dialogia entre autonomia e independência estão presentes nesse conceito do mangueBit que recria quando brinca com a ética clássica.

"...Uma nova ética requer um novo mapa de múltiplas entradas e pontos de partida - declara Almeida (1998)- requer menos códigos e normas e mais flexibilidade criativa; requer a consciência da co-participação nos erros e acertos dessa empreitada; requer acima de tudo, penso eu, que nos desalojemos dos limites confortáveis das verdades únicas que funcionam como calmantes, ansiolíticos, entorpecentes. É no campo tensional, é expondo à crítica idéias ainda em gestação, é abrindo-se aos insights e aos delírios reorganizadores, que a mente

encontra condições favoráveis para jogar o 'jogo livre do pensamento' (D. Bohm)." (ALMEIDA, 1998:3).

Certamente são necessários tantos esboços de mapas quantas forem as inúmeras experiências dos alquimistas para alcançar a pedra filosofal. São mapas diversos, cartografados a cada novo pensar, diferentes em culturas distintas, e ainda assim, encontrando representação múltipla em cada indivíduo situado dentre os vários universos possíveis criados pelo deus Shiva, em sua dança de construção e destruição contínua do mundo. No entanto precisamos de um novo mapa de múltiplas entradas e pontos de partida, como afirma Almeida (1998).

O lugar onde se almeja chegar parece ser o mesmo: a plenitude, ainda que o caminho da ética clássica apresente-se insuficiente ou até obscuro (sobretudo ao se considerar a **"violência cognitiva"** e o **"reacionarismo cognitivo"** definidos por Almeida, 1998). Diferente da possibilidade de vivência do presente, localiza-se adiante o Paraíso da ética clássica. Esta parece guiada por mito de característica messiânica, sobre o qual se desenvolve o ideal progressista, cujas conseqüências vêm acarretando em redução e disjunção. A redução, segundo Almeida (1998), relaciona-se à verdade única do universalismo extremado, sendo a disjunção promovida por essa lógica que aborda a diferença enquanto excludente.

Assim como Almeida (1998) clama por um novo mapa, Otto canta: *Changez tout*.

Changez tout/ Changez tout/ Pour toi/ Pour ta mère/

Chagez tout/ Pour toi te lever/

Non obliez pas de monter la haut/ Non obliez pas de monter la haut/³⁹

Mudar tudo por ti e tua mãe - ele diz - por ti te elevar não esquecendo de ascender. E finaliza a letra por ele criada para cantar na mesma música:

Ô cirandeiro o senhor não caia fora/eu cheguei na hora/cheguei pra lhe avisar/ Quero mais, quero mais/ciranda eu quero mais.⁴⁰

Misturam-se comandos messiânicos e dança cíclica (ciranda) em melodia que chama para transmutação do existente. O “mudar tudo” de que fala Otto aproxima-se da inversão de uma árvore, a qual mergulha suas raízes no céu e estende seus ramos sobre a terra. A árvore cósmica dos *Upanixades* (Durand, 1997). Esse movimento cíclico vertical também pode ser encontrado no mito afro-brasileiro de Oxumaré, quando este recolhe as águas da terra, transportando-as aos céus para que caiam em forma de chuva fértil.

Se a árvore invertida figura a lembrança do simbolismo cíclico no seio das aspirações verticalizantes, como afirma Durand (1997), também Oxumaré, grande cobra que personifica o arco-íris, verticaliza o círculo. O céu na terra é encontrado em representações plásticas de artistas pernambucanos figurando o manguezal refletido na água, que também reflete o céu (ROCHA PITA, 1999). Um filete de tinta verde com toques de marrom ou oliva traça o meio da tela azul. Assim produzem uma obra que não explicita o lado de cima ou de baixo, apenas o centro.

Assim podemos ver todo aquele céu captando o centro.

Olha, olha, olha/ Olha, olha, olha/ Olha, olha, olha/ O meu olhar mais fundo/
Entra, entra, entra/ Entra, entra, entra/ Senta, senta, senta/ Bem vinda ao Novo Mundo.

Minha pernas são bastante fortes/ Como as de todo trabalhador/ Meus braços são de aço como os de todo operário/ Mas como já dizia um velho casca/ 'A merda dos trabalhadores é sua alma inútil'/ E eu tenho uma alma que deseja e sonha/ Mas como já dizia um velho casca/ 'A alma de um trabalhador é como um carro velho, só dá trabalho'.

³⁹ Changez tout. Samba pra burro. Recife. São Paulo. 1997/1998.

Tira, tira, tira/ Tira, tira, tira/ Deixa, deixa, deixa/ Não apaga o meu fogo/
Suba, suba, suba/ Suba, suba, suba/ Gira, gira, gira/ É a bola do jogo⁴¹.

Repetição hipnótica apontando para olhar que penetre o novo mundo. Quando surge a imagem do cotidiano na fábrica onde os homens são as máquinas. Operário, trabalhador: fortes, de aço. O prazer, o sonho e o desejo fervem na caldeira. Ameaçam. Ou quebram, "inúteis", dão trabalho; como suas almas, como carro velho.

Concomitante, entre quatro paredes, o sexo reacende a chama, que traz o fogo, que remonta à festa. E a festa é recôncavo da dança, da embriaguez, do jogo. Jogo de bilhar em que giram as bolas coloridas sobre o tabuleiro verde ao impulso do taco. Outra imagem. Sobe e gira a bola do jogo.

Bola, círculo, olho que se fundem no significado cíclico ascendente-descendente presente também nesta música. E "... **seja como for** - define Durand (1997) - **olho e olhar estão sempre ligados à transcendência, como constataam a mitologia universal e a psicanálise...**" (:152). O autor analisa os símbolos espetaculares quando conclui essa afirmação, para logo após traçar paralelo do "olho" com o *superego* psicanalítico.

"... O *superego* é, antes de tudo, o olho do Pai e, mais tarde o olho do rei, olho de Deus, em virtude da ligação profunda que a psicanálise estabelece entre o Pai, a autoridade política e o imperativo moral. É assim que a imaginação hugoliana, apesar de polarizações maternas e panteístas poderosas, volta sem cessar a uma concepção teológica paternal do Deus 'testemunha', contemplador e juiz, simbolizado pelo olho famoso que persegue o criminoso Caim..." (DURAND, 1997:152).

⁴⁰ Música insidental, "cirandeiro", do folclore popular.

⁴¹ A bola do jogo. Samba esquema noise. São Paulo. Selo: Banguela Records. 1994

O olho que persegue Caim o acusa incessantemente pelo crime cometido (DURAND, 1997). O autor aponta culturas onde se passa facilmente do olho que vê os crimes ao que os vinga, **"... Tal como se passa da altitude do Altíssimo à função social do soberano, passa-se da imagem do clarividente à função do juiz e talvez à do mago..."** (:153). O Prometeu de Ésquilo invoca o disco solar que tudo vê. Krappe, citado por Durand (1997), chama a atenção para os inúmeros casos em que o olho solar é ao mesmo tempo justiceiro. Na Babilônia, Shamash é grande juiz, enquanto para os Koriak e os japoneses o céu é tanto o grande vigilante quanto a testemunha dos crimes mais secretos. Essas culturas produzem o simbolismo do olho, aliada à interposições de intenções intelectuais, morais, e a visão indutora de clarividência e sobretudo de retidão moral (DURAND, 1997).

Na música de Zero Quatro, o olho é bola do jogo, que pula e gira. O olho joga. Quando Zero Quatro refere-se na música explicitamente ao olhar, este indica a penetração do novo mundo. Desse modo fortalece o sentido universal de transcendência, que Durand (1997) constata no estudo do olhar. Através de olhar imbuído deste significado que se almeja limpo de culpas, julgamentos e castigos, pode-se perceber sentidos distintos nos caminhos escolhidos por Caim e seus descendentes.

É possível ler novamente o mito e perceber. E após a preponderância de números sete surgida no dobro de Deus que castigaria sete vezes quem matasse Caim, do mesmo modo, da condenação a um possível assassino de Lamec, que seria vingado sete vezes sete, o mito prossegue para concluir neste último parágrafo:

"Tornou Adão a conhecer a sua mulher, e ela pariu um filho, a quem pôs o nome de Set, dizendo: O Senhor me deu outro filho em lugar de Abel que Caim matou. Set também

teve um filho, a quem pôs o nome de Enos: este começou a invocar o nome do Senhor."

Segundo Chevalier e Gheerbrant (1999) o número sete na bíblia indica universalidade, conclusão do mundo, e a plenitude dos tempos. A semana tem sete dias em memória à duração da Gênesis, pois ao sétimo dia da criação, Deus descansa, quando se restauram as forças divinas na contemplação da obra executada. Outro lado da mesma moeda, o sete é também o número do satanás, assim, a besta infernal do Apocalipse tem sete cabeças. O sete encerra uma ansiedade por simbolizar a finalização de um ciclo, e assim indicar a passagem para outro, desconhecido.

Um dentre os caminhos apontado pelo mito de Caim é perceber os números da vida, reconhecendo no sete um fim que se multiplica setenta vezes sete enquanto perpetuação da graça divina e não do castigo. E assim, seguir também a luz que há em Lúcifer⁴², conhecer o sagrado do círculo em que se imprime a cidade terrena dos homens.

Há uma correspondência entre Enos e Enoc. Este, filho de Caim, é neto de Adão e Eva, da mesma forma que o outro, Enos, filho de Set (que vem substituir Abel). Enoc é nome dado à primeira cidade dos homens enquanto Enos começa a invocar o nome do Senhor. Enoc e Enos correspondem à faces de Deus que são também faces do homem, faces de Lúcifer: múltiplas e concomitantes alternativas, dispostas como na cidade de Zoé que, em grego, significa vida. (RECKET, 1989).

⁴² Tratando do espírito do "mal", Aniela Jaffé (1964) declara: "... Os alquimistas personificam esse espírito como 'o espírito de Mercúrio' e chamam-no muito adequadamente Mercurius duplex (o Mercúrio das duas caras, dual). Na linguagem religiosa do cristianismo, chamam-lhe diabo. Mas, tão improvável quanto possa parecer, também o diabo tem um aspecto de dualidade. No sentido positivo, aparece como Lúcifer - literalmente, aquele que traz a luz." (:267).

I.09. Cidade: linguagem e metáfora

Zoé é descrita por Marco Polo, personagem do livro *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino (1998):

"Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e clarabóias e celeiros, seguindo o traçado dos canais hortos depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. Assim - dizem alguns - confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares.

Não é o que acontece em Zoé. Em todos os pontos da cidade, alternadamente, pode-se dormir, fabricar ferramentas, cozinhar, acumular moedas de ouro, despir-se, reinar, vender, consultar oráculos. Qualquer teto em forma de pirâmide pode abrigar tanto o lazareto dos leprosos quanto as termas das odaliscas. O viajante anda de um lado para o outro e enche-se de dúvidas: incapaz de distinguir os pontos da cidade, os pontos que ele conserva distintos na mente se confundem. Chega-se à seguinte conclusão: se a existência em todos os momentos é uma única, a cidade de Zoé é o lugar da existência indivisível. Mas então que é o motivo da cidade? Qual a linha que separa a parte de dentro da de fora, o estampido das rodas do uivo dos lobos?" (1998:34-35).

Diversas faces mostram-se nesta cidade. Transfiguram confundindo quem nela adentra. Se significa vida, são vários os caminhos, desestabilizam-se os lugares a todo

momento, quando sonhos distintos emergem a cada movimento.

Stephen Reckert (1989), ao citar esta cidade de Ítalo Calvino, conclui que as cidades expressam uma linguagem. A cidade em si seria uma metáfora da linguagem, segundo o autor, essencialmente dinâmica como é a natureza de seus habitantes. Por ser linguagem, é produto cultural, segundo Falcão Barbosa (1999) **"... no qual mitos, representações e imagens inscrevem-se decisivamente na história de sua criação, inclusive guiando a sua 'construção física'..." (:25).**

A cada cidade que nasce é inventada uma linguagem, sendo a sua comunicação mobilizadora de novas cartografias, por ser a palavra sobretudo viva. As criações dos cidadãos ressignificam a própria cidade, movimento esse que encontra expressão nas fugazes transformações da cidade de Zoé. Ou mais, a cidade de Zoé aparenta não ter qualquer sentido. Talvez um sentido oculto. Ou aguardando por contínua busca de significação. A cidade pergunta e se diz existência indivisível sem portais, ou muros, ou limites, ou linhas, e assim parece perpetuar-se.

Ao passo que as linguagens - as cidades - se concretizavam em construções específicas é possível, para qualquer homem identificar, em cidade estranha, o que nela corresponde ao palácio real, da mesma forma o que é a caserna, o moinho, o teatro, o bazar, os templos dos grandes sacerdotes. Não é difícil perceber também a taberna, a prisão, a zona, diz Calvino (1998). Essas são referência para o viajante que adentra uma nova cidade, encontradas, e logo depois transfiguradas, do jeito específico na cidade de Zoé.

Então o viajante compreende que serão sempre diferentes os formatos, tanto quanto serão os nomes que o

habitante de cada cidade irá conceder a seus lugares. Porém o forasteiro aprende que os seus lugares também estão lá, pois todo lugar da cidade desconhecida guarda algo de comum e de inusitado aos seus olhos.

A cidade de Zoé não traz apenas a metáfora que expressa uma cidade desconhecida. Ela é cada cidade e cidade alguma, como são todas as cidades descritas por Marco Polo nesse livro de Calvino (1998). Em certo momento da narrativa, Marco Polo insinua que todas as cidades que descreve ao grande sultão Kublai Khan, como parte de suas missões diplomáticas, são simplesmente faces de uma única cidade.

E sendo a cidade uma linguagem, esta abarca diversas metáforas que guardam a predominância de aspectos femininos (RECKERT, 1989). Donzelas a conquistar ou noivas conquistadas (árabes), meretriz magna/mater fornicationum (Babilônia segundo o Gênesis), a joia na coroa do soberano, a Capital infame (Baudelaire), uma prisão (Cesário Verde). As **"cidades invisíveis"** de Ítalo Calvino têm todas nome de mulher; Carl Jung associa a cidade ora à mãe, ora à filha que assumem papel de virgens ou prostitutas; no antigo Egito utilizava-se como sentido metafórico de **"mãe"** o mesmo hieróglifo cujo significado direto correspondia à **"vila"**; fala-se mãe-pátria quando se indicando nações; chamam-se filhos de Lisboa... do Recife. (RECKERT, 1989).

Se a cidade é uma metáfora da linguagem (RECKERT, 1989), se é figurativamente um ser vivo (ROSNAY, 1975), a cidade fala. É possível sentir sua voz quando existe disponibilidade. E essa disposição desenvolve-se no mangueBit com a percepção do inerente imbricamento entre natureza e cultura.

I.10. Ordem, desordem e complexidade

Quem se desespera diante das inconstâncias da cidade de Zoé, certamente não sente as vibrações que muitas vezes indicam seus novos caminhos. Existe uma música, ainda que estridente, agressiva, psicodélica, que expressa a natureza da cidade. Ainda que uma total desorganização seja aparente, a ordem também participa interagindo nessa organização complexa.

"À primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem. Um amontoado de estrelas, dispersas ao acaso. Mas, ao olhar mais atento, aparece a ordem cósmica, impertubável - cada noite, aparentemente desde sempre e para sempre, o mesmo céu estrelado, cada estrela no seu lugar, cada planeta realizando seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar; vemos um universo em expansão, em dispersão, as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem; é necessária a binocularidade mental, uma vez que vemos um universo que se organiza desintegrando-se." (MORIN, 1998).

Quem interage simplesmente com a paz de um céu estrelado talvez não vislumbre todas essas observações do autor. Da mesma forma, compreensões relativas à ordem, desordem, e suas inter-relações não são sempre aparentes para quem vislumbra simplesmente os fenômenos da vida. Morin(1998) afirma ser a idéia de ordem advinda da experiência político-mitológica de nossas sociedades. Ou seja, como vimos, o mito judaico-cristão perpassa pelo desenvolvimento social e conseqüentemente científico, determinando ações na cultura ocidental. Por outro lado, a idéia de desordem advém da experiência histórica contínua da humanidade, uma vez que a desordem impõe-se imprescindível na geração da ordem organizacional.

Ao definir ordem ou desordem, o autor explica que essas noções deságuam incondicionalmente na idéia de organização. Essas relações constituem tetragrama (ordem/ desordem/ interação/ organização) que exerce atividade cíclica, onde cada termo precisa do outro para se constituir. **"... Esse tetragrama permite-nos conceber que a ordem do universo se autoproduz, por meio das interções físicas que produzem a organização, mas também desordem..." (:204).**

Para Morin (1998), a idéia enriquecida de ordem, compreendida na complexidade dessas relações, é adversa à uma ordem determinista, geral, anônima ou portadora de uma verdade absoluta. A ordem de que fala Morin (1998) não é coercitiva, estável, nem sinônimo de estrutura como fora compreendida pela ética clássica.

A desordem complexa também não se reduz ao acaso, apesar de integrá-lo em aspectos objetivos e subjetivos. A desordem objetiva-se nas **"... agitações, dispersões, colisões, ligadas aos fenômeno calorífico; estão também as irregularidades e as instabilidades; os desvios que aparecem num processo, que o perturbam e transformam; os choques, os encontros aleatórios, os acontecimentos, os acidentes; as desorganizações; as desintegrações; em termos de linguagem informacional, os ruídos, os erros..." (:199).** O aspecto subjetivo da desordem congrega a imprevisibilidade e a relativa indeterminabilidade. Para o espírito, a desordem se traduz pela incerteza (MORIN, 1998).

A desordem contribui para a geração da ordem organizacional, ao mesmo tempo que a ameaça incessantemente com a desintegração. Essa ameaça tanto é produzida pela complexidade da organização (aumento da entropia), quanto pode advir de agentes externos (acidente destrutivo).

Chico Science intuía essa possibilidade quando compôs da “lama ao caos”:

Posso sair daqui para me organizar/ Posso sair daqui para desorganizar/ Da lama ao caos/ Do caos à lama/ Um homem roubado nunca se engana/ O sol queimou, queimou a lama do rio/ Eu vi um Chié andando devagar/ Vi um aratu pra lá e pra cá/ Vi um caranguejo andando pro sul saiu do mangue, virou gabiru/ Oh josué, eu nunca vi tamanha desgraça/ Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça/ Peguei o balaio, fui na feira roubar tomate e cebola/ Ia passando uma véia pegou a minha cenoura/ Aí minha véia deixa a cenoura aqui/ Com a barriga vazia/ Não consigo dormir/ E com o bucho mais cheio começarei a pensar/ Que eu mais organizado posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar/ Da lama ao caos/ Do caos a lama/ Um homem roubado nunca se engana.⁴³

O mesmo ato denuncia organização e desorganização enquanto Science equipara lama e caos. A incerteza presente na desordem assemelha-se à inerente ao caos, uma vez que desordem e caos são equiparáveis no pensamento da complexidade. A lama orgânica dos mangues, ou a sujeira produzida pela cidade, caracterizam fertilidade, insurreição, periferia, banditismo, a própria cidade do Recife. Esses aspectos são constituintes da definição de desordem complexa, segundo Edgar Morin (1999).

Apreendendo a desordem enquanto agente criativo, o grupo produz uma outra ordem que nomeia a cidade do Recife, Manguetown.

Estou enfiado na lama/ É um bairro sujo/ Onde os urubus tem casas/ E eu não tenho asas/ Mas estou aqui em minha casa/ Onde os urubus tem asas/ Vou pintando, segurando as paredes do mangue do meu quintal/ Manguetown/ Andando por entre becos/ Andando em coletivos/ Ninguém foge ao cheiro sujo/ Da lama da Manguetown/ Andando por entre becos/ Andando em coletivos/ Ninguém foge à vida suja dos dias da Manguetown/ Esta noite sairei/ Vou beber com os meus amigos/ E com as asas que os urubus me deram ao dia/ Eu voarei por toda periferia/ Vou

⁴³ Da lama ao caos. Da lama ao caos. 1994, Chaos.

Manguetown/ Andando por entre becos/ Andando em coletivos/ Ninguém foge à vida suja dos dias da Manguetown/ Esta noite sairei/ Vou beber com os meus amigos/ E com as asas que os urubus me deram ao dia/ Eu voarei por toda periferia/ Vou sonhando com a mulher/ Que talvez eu possa encontrar/ Ela também vai andar/ Na lama do meu quintal/ Manguetown.

A Manguetown é uma das faces da cidade de Recife. Face aterrada, periférica, ocultada. Ruge, não canta. Face violenta, como são estridentes as guitarras do mangueBit, potente como o som da bateria. Forte o batuque dos tambores. Face do lixo, mas que se recicla transformada em fertilidade.

A intenção dos membros do grupo é transformar a cidade. Executam esse plano nadando a favor da corrente que instaura o caos urbano. Apreendem a desordem enquanto agente criativo. Experimentam atuações que revelam indícios do *Homo Sapiens-Demens*, de que fala Morin (1979), explicitado no que chama gênio do sapiens: **"O gênio do sapiens está na brecha do incontrolável onde ronda a loucura, na abertura da incerteza e da indecibilidade onde se fazem as pesquisas, a descoberta, a criação"** (:135).

I.11. A cidade hermafrodita de um ecossistema manguezal

O conceito do ecossistema manguezal e informações sobre as especificidades ecológicas da cidade representam duas das três partes do Primeiro Manifesto Mangue, "Caranguejos com Cérebro", anexo a este trabalho. Um dos trechos diz: "... não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas de casa, para os cientistas os mangues são tidos como os

Lira⁴⁴ (2000) confirma o ecossistema manguezal enquanto elo fundamental para cadeia alimentar marinha de áreas tropicais. Segundo Lira (2000), o movimento cíclico das marés configura-se principal mecanismo de entrada das águas salinas no mangue e saída de água doce.

Nos períodos de maré cheia, o mangue é inundado pelo mar. Essas águas salinas trazem animais em fase de desova, e sementes arrastadas das margens dos rios por onde transitam. Nas terras escuras do mangue alojam-se esses animais e sementes. São dois terços da produção anual de pescado do mundo que o mangue fornece (LIRA, 2000). Esta informação é também citada por Zero Quatro no Primeiro Manifesto Mangue.

Se o ecossistema manguezal acolhe em gestação suas crias é maternidade do mar. Esta metáfora é citada por Lira (2000) como uma das duas funções básicas deste ecossistema. Com similar importância, segundo o autor, o ecossistema manguezal também exerce função ativa. No mar, o mangue injeta suas águas férteis.

"É raro o fenômeno da ressurgência nos mares tropicais...", diz Lira (2000). Explica que a **"ressurgência"** é fenômeno onde se identifica uma emersão, à superfície, das águas de profundidade. Essas águas, ricas em matéria orgânica e elementos nutrientes, fertilizam as águas marinhas superficiais de certas regiões, proporcionando maior concentração de peixes. Uma vez que esse fenômeno não é característico dos mares desta região do nordeste, **"... a fertilidade da plataforma continental advém dos estuários e mangues associados...."**(LIRA, 2000).

Continua este autor, **"... todo o input⁴⁵ de elementos nutrientes responsável pela riqueza de peixes,**

⁴⁴ Geólogo, Professor Diretor do Departamento de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

⁴⁵ Injeção de elementos nutrientes.

crustáceos e moluscos nesse ambiente, deve-se ao trabalho do manguezal caracterizado por exuberante atividade biológica" (LIRA, 2000). Parte de um ciclo, o mar adentra o mangue fundindo-se ao rio, produzindo as águas estuarinas do ecossistema manguezal. O reverso dessa parte acontece na baixa maré. As águas ricas em nutrientes derramados com abundância pelo mangue retornam ao mar. Esta segunda função básica do mangue é caracterizada pelo input citado por Lira (2000). São esses nutrientes injetados pelo mangue que fertilizam a plataforma continental. Essa imagem pode ser associada à ejaculação, quando ouvimos a música "cidade estuário" de Zero Quatro.

Maternidade – Diversidade/ Salinidade/ Fertilidade – produtividade/ Recife –
Cidade – Estuário/ Recife – Cidade – És – tu.../

Água, Salobra, Desova e criação/ Matéria orgânica, troca e produção/ Recife –
Cidade – Estuário/ És – tu.../

(O mangue injeta,/ abastece, alimenta,/ recarrega as baterias/ da Veneza
esclerosada,/ destituída,/ depauperada,/ embrutecida...)/

Mangue – Manguetown./ Cidade complexo/ Caos portuário/ Berçário/caos./
Cidade estuário" (1994).

O mangue masculino injeta, abastece, alimenta e recarrega uma Veneza cidade mulher, que estabelece elo vital com a natureza. Espaço andrógino do mangue. Salinidade, fertilidade, maternidade também. Macho e fêmea coexistem. E o mangue hermafrodita surge na música enquanto catalisador de vida na cidade de aparência feminina.

Assim, pergunto se a Manguetown tem um sexo:

- Tem o quê? Estranha Jorge dü Peixe.

- Um sexo! Repito.

E rapidamente Lúcio opina:

- Assim... tem um que é pelo avesso. Tem um que o cunhão é debaixo do queixo... Não entendi, assim, o quê, como assim, um sexo? Faz pausa e continua antes que eu responda, Como uma coisa masculina, tipo dominada pelos rapazes, é isso? Eu não acho... eu acho que o que poderia acontecer com os rapazes se não fossem as garotas. É versa vice.

- Não. Na verdade, nem é... Tento explicar minha pergunta, porém Lúcio ainda tem a dizer...

- Na verdade é que ninguém quer subir no palco pra tocar, se não tivesse mulher na platéia. Exagera de modo proposital.

- Não! Exclamo, entrando na brincadeira.

- Tô brincando velho...

- Não. É óbvio! Concordo.

- Na descontração da entrevista... mas eu acho que não tem...

- Mas eu tô levando a sério. Falo em clima de descontração. E Lúcio continua:

- Não tem um sexo, não tem uma... não tem! Sabe por quê? Porque não existe barreira entre as coisas, porque tem várias pessoas, não só porque é restringido à música também, não só ao sexo, mas também não só uma direção... de repente eu acho que é bem universal assim, parafraseando o Bambaata,⁴⁶ 'música para os aliens, para os humanos, pra todo mundo.

Esta é face do Recife, ao mesmo tempo uma metáfora da cidade. Cidade real e aparente em suas pontes de concreto constituídas dos sonhos dos homens; ambígua, porque desenhada pelas marcas da memória individual/coletiva (NOGUEIRA, 1998). Cidade fadada à destruição, segundo Nogueira (1998) "... pela exacerbação do princípio feminino que consegue se sobrepor o instinto e a sensualidade à razão, o excesso à medida, o ócio ao trabalho. Essa ordem, tida como desordem em nossa civilização, permite o nascimento de uma cidade nova,

⁴⁶ Músico africano que influencia o manguêBit

voltada para o sagrado, repetindo o gesto arquetípico da criação do mundo.” (NOGUEIRA, 1998:120-121).

O livre pensar pode ser exercido por uma cidade assim, feminina, imaginária, transgressora de ordem que interpreta como apocalípticas as manifestações de flexibilidade criativa. A imagem dessa cidade se realiza nos imbricamentos das falas do grupo, suscitadoras de relações que aponta a cidade do Recife como um ser andrógino.

Pensava na cidade essencialmente feminina, e percebi não ser exatamente a representação de uma mulher que define a Manguetown. Ainda querendo saber se a cidade tem um sexo, começo a explicar meu raciocínio. O que Jorge sintetiza:

- A cidade lhe acolher...
- Isso. Eu respondo quando Lúcio entende e fala.
- Tô ligado. Quando Jorge complementa.
- ... É mais, um pai acolhe um filho como a mãe também acolhe. O que Lúcio reforça.

- É, assim, tanto quanto uma criança precisa de um apoio materno ou paterno. Então eu acho que não tem nenhuma definição desse meio, a não ser eu acho, afetivo assim, você gostar independente do sexo.

E Jorge irrompe:

- No caso pode revezar: pode ser mãe uma semana e pai na outra... quer dizer... ou, ou... E Lúcio continua a brincadeira.

- Mais também tem gente que tem o cunhão nas costas tem problema.
- Zero a zero. Brincadeira... finaliza Jorge.

I.12. Manguetown e a Serpente Ouroboros

Segundo Durand (1992), a serpente é animal que se regenera por si mesmo. Bachelard liga esta faculdade de regenerescência ao esquema do ouroboros. A serpente enrolada comendo-se indefinidamente a si própria (BACHELARD, 1948). O mangue come-se em seu perene ciclo das águas. Acolhe como a boca da serpente que morde o rabo, propiciador da própria fecundação.

É a picada da própria cobra que lhe acessa o veneno de vida. Diz Bachelard (1948), **"... A mordida mecânica não é nada, é essa gota de morte que é tudo. Gota de morte, fonte de vida! Empregado em horas apropriadas, na conjunção astrológica certa, o veneno proporciona cura e juventude. A serpente que morde a cauda não é um fio enrolado, um simples anel de carne, é a dialética material da vida e da morte, a morte que sai da vida e a vida que sai da morte..."**(: 214-215).

Vejo a imagem do ouroboros, de que fala Bachelard, representando a cidade do mangue, que é a Manguetown. Na música de Zero Quatro, vimos que o mangue fecunda a cidade. Esta é mulher, nascida das águas dos estuários e desse ecossistema associado. É também o próprio mangue, uma vez que é lama.

Ambigüidade de sexo como esta, encontro na serpente Nanã Buruku, a mais antiga orixá das águas. No Brasil esta entidade é feminina, em certas regiões do Daomé na África, de onde se origina, é representada como orixá masculino (AUGRAS, 1983).

Nanã é uma riquíssima senhora que recolhe em seu seio todos aqueles que morreram. Dentro de Nanã, ou seja, por baixo da terra que também personifica, processam-se misteriosas transformações que vão permitir a manifestação da vida. **"Para os Nagô, a morte representa etapa necessária à emergência da vida. Nanã recolhe os mortos, que acalenta e protege."** (AUGRAS, 1983: 135).

Maternidade e fertilidade, reencontro em berçário identificado com o caos, na música "Cidade Estuário" (Zero Quatro, 1994). O caos no mangueBit prenuncia transformação, assim como transformação é o significado da morte atribuído pelos Nagô.

No manguezal, a transformação também está presente. Segundo Cunha (1998), os mangues são ecossistemas costeiros formados da transição entre os ambientes terrestres e marinhos. Híbridos, ocorrem na desembocadura dos rios de regiões tropicais e subtropicais, e são influenciados pelo regime das marés. Movimento periódico das águas do mar, que se elevam ou se abaixam, em relação a uma referência fixa no solo. Na maré de grande amplitude, que é a de sizígia, o movimento se intensifica. Também chamada "maré de lua", "água-viva", a maré de sizígia segue-se ao dia de lua cheia ou nova.

"... A serpente é, para a maior parte das culturas, a duplicação animal da lua, porque aparece e desaparece ao mesmo ritmo que o astro e teria tantos anéis quantos dias têm a lunação..." (DURAND, 1992: 316). Esta serpente de que fala Durand (1992), ligada à lua, elucida possíveis imagens de um breu noturno.

Porém, se a morte para os Nagô é compreendida distintamente da visão apocalíptica judaico cristã, presente na cultura ocidental, para os iorubás o círculo associado aos ciclos lunares encontra-se no arco-íris, que é Oxumaré. Este orixá inspira a ligação entre mundos. Manifesta as infinitas possibilidades da vida, a transformação, do mesmo modo que representa todas as cores e intercessões do prisma (AUGRAS, 1983). Oxumaré é orixá relacionado à riqueza e felicidade, em lenda iorubá (VERGER, 1981). A perene busca por alegria e diversão; as cores das roupas dos mangueboys, a dança expansiva, são

aproximações que percebo na natureza desse orixá, também encontrado nos cultos afro-brasileiros.

Filho de Nanã, suga da terra, do rio e do mar as águas, levado-as ao céu. Caindo em forma de chuva fecunda, essas mesmas águas retornam como parte do ciclo que o orixá encerra. Por pertencer ao céu e à terra, ao mesmo tempo, à água e à luz, é um deus duplo e estranho, que exprime a união dos contrários. **"Durante seis meses, vive na terra, sua natureza é masculina, é um grande píton que manda nas florestas (...). Nos seis meses restantes, ele se transforma em bela moça, Bessém, ninfa que vive nos rios e nos lagos."** (AUGRAS, 1983: 130).

Tanto Nanã quando seus filhos Oxumaré e Obaluaê⁴⁷, são deuses considerados terríveis, em muitos aspectos, por estarem ligados aos mistérios da morte. **"... Enquanto Obaluaê e Nanã comandam a morte e o renascimento, Oxumaré sintetiza a duplicidade do ser, mortal e imortal, bem como a necessidade de transformação."** (AUGRAS, 1983: 130).

Transformação e fertilidade processando-se através da água, da terra, nos céus, da luz. Riqueza. O ser andrógino. Esses são aspectos para onde convergem o simbolismo do mangue e os dois orixás serpente.

O arquétipo da serpente, por sua vez, escoia para a natureza anfibólica do mangue, presente na duplicidade característica aos símbolos. Imaginar a serpente é um convite para aprofundar a compreensão. Ao mesmo tempo, esta imagem elucida aspectos contidos no mangue, assim como são compreendidos pelos mangueboys.

Rápida, a serpente surge de uma abertura escura, fenda, rachadura, para cuspir morte ou vida, antes de

⁴⁷ "Obaluaê, filho de Nanã, é um dos deuses da terra. Provoca as epidemias, mas cura também. É o médico dos pobres...". Monique Augras. O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô. Petrópolis: Vozes. 1983

retornar ao invisível. Ou então, abandona os dotes masculinos. Faz-se feminina. Enrosca-se, beija, abraça, sufoca, engole, digere e dorme (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1982).

Encontro, nesse momento, especificidades do grupo acerca da relação natureza-cultura. Assim como o andrógino, a cidade do mangue ganha vida alimentando-se de si mesma, uma vez que a cidade é o próprio mangue sobre o qual foi construída.

E a grande serpente cósmica arrasta-se pela terra, e em seu movimento de guardiã da redonda cratera imaginária que constitui o centro do mundo, enrosca-se em torno, perfaz um círculo e morde a própria cauda.

Aqui novamente a circunferência vem completar o ponto central formando uma mandala. Esse círculo, simbolizado pela Ouroboros, pode também encontrar representação no conjunto de imagens que significam a cidade. São signos em rotação, expressa Rocket (1989), que transitam em volta do centro oculto.

Acomodada na singela mandala, em que um ponto figura o centro de um círculo, significando a serpente este círculo e o mundo naquele ponto, podemos fazer uma imagem em que a grande serpente cósmica viaje circundando, em tão alta velocidade, que aparenta imobilidade, imagem essa que o círculo que a serpente representa e o centro que figura o mundo se repetem.

Podemos encontrar esta mesma mandala na simbologia da cidade. Segundo Reckert (1989), as primeiras cidades eram circulares. Algumas cidadelas que encerravam palácio, templo e o celeiro municipal, costumavam ser retângulos, ou quadrados inscritos no círculo. A cidade circular protegia os habitantes contra o perigo, enquanto que a cidade quadrada defendia a autoridade contra o

eventual perigo interno que aqueles mesmos habitantes representavam (RECKERT, 1989).

Em formato quadrado em torno do círculo, ou simplesmente um círculo em si, a cidade compreende um **"... conjunto de imagens que a significam, ou que ela por sua vez significa: 'signos em rotação', diria Octavio Paes, à volta de um oculto centro que se trata de descobrir."** (ROCKET:10).

Para Nogueira (1998), **"... o centro é uma construção arquetípica. Seu simbolismo reúne noções que vão desde a união entre céu e terra, o espaço de criação do mundo, até fonte de vida ..."** (NOGUEIRA, 1998). Tomando como base as palavras da autora, este centro pode, então, significar movimentos de junção de espaços, lugar fértil porque de criação, ao mesmo tempo, doador de água e vida.

Raramente encontrada localização na geografia física, esse centro pode ser acessado quando se penetra o âmago da terra. Lá dentro, dorme a grande serpente, impassível, no meio do fogo transformador.

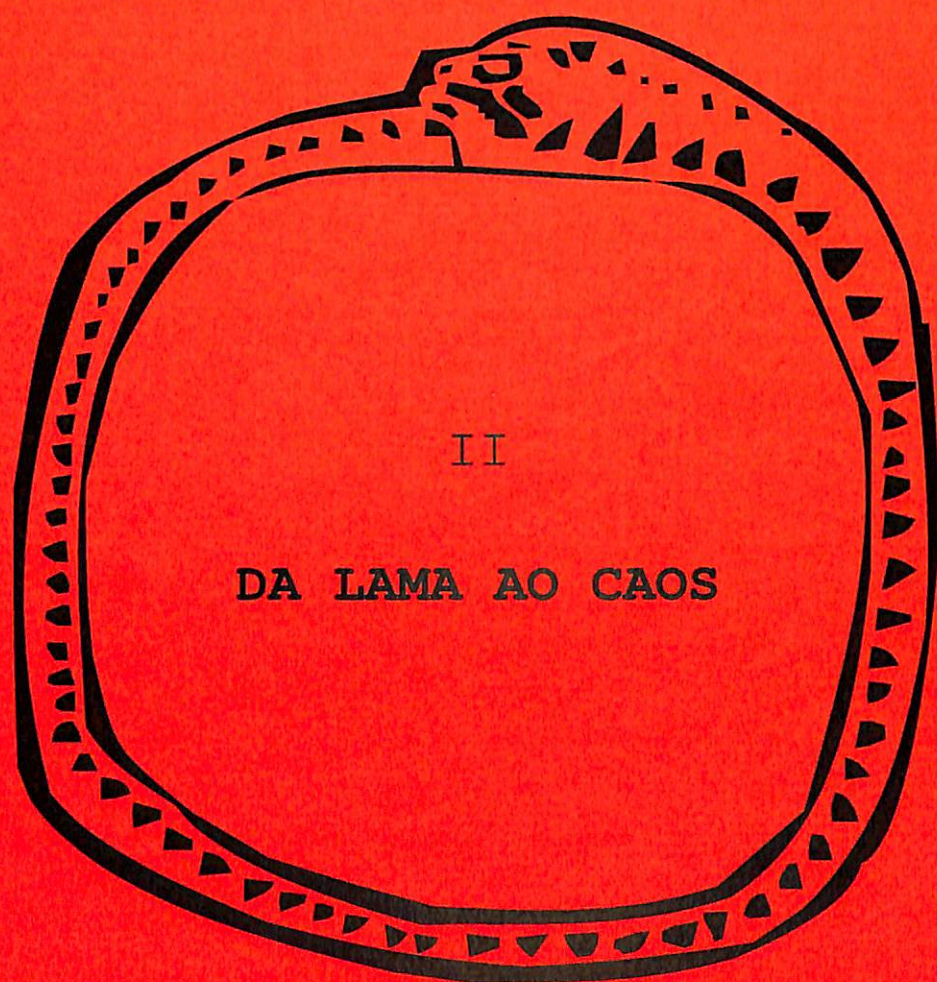
Qualquer ponto do planeta guarda a possibilidade de se transformar em portal para as profundezas dessa terra escura. Uma dessas brechas podem ser reveladas enquanto escalando um vulcão, precipitando-se em sua boca, e adentrando-lhe pela goela de sombra e fogo, quando acontece acesso imaginário ao naga. Este é considerado ponto mágico de comunicação com a morada dos deuses.

É exatamente a **"boca de sombra", "goela"** ou simplesmente **"naga"** que os indianos buscam quando se preparam para construção da própria casa (CHEVALIER E GHEERBRANT, 1999). **"Porque a casa - diz Gaston Bachelard - é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos em toda acepção do termo..."**. (1998:24).

Vimos representações do cosmos no mundo, passando pela cidade, até compreender a casa. O sistema que uma cultura imagina conter o universo é reproduzido em menores proporções nesse outros sistemas compreendidos como parte do primeiro. Parto deste princípio, do simbolismo do círculo com um ponto no meio, este por sua vez representação da Grande Serpente Cósmica que figura as águas primordiais, para elucidar as criações do grupo de amigos que se divertia na cidade do Recife no início da década de 1990.

Movimento semelhante ao do indiano que busca o naga (centro fértil do mundo), para construção da própria casa, pode ser encontrado na atitude metafórica do grupo de amigos que ENFIA UMA ANTENA PARABÓLICA NA LAMA.

Se Recife é cidade do Mangue (Manguetown) para o grupo, podemos dizer que este mangue é o que lhe representa prioritariamente. Sendo assim, o mangue é parte central na cidade, centro este que é posto em comunicação com o cosmos, através de um satélite de baixa tecnologia, mas de longo alcance, como configura-se a antena parabólica.



II

DA LAMA AO CAOS



II.01. Uma história que conto

Uma cerveja, antes do almoço é muito bom pra ficar pensando melhor⁴⁸. Estávamos em 1994. Domingo nos Quatro Cantos de Olinda, como sempre, festa. Dançávamos essa ciranda diferente ao som dos tambores e guitarra distorcida de Chico Science & Nação Zumbi. Lembro que Chico nos olhava, parecendo não acreditar que pessoas, até então desconhecidas dele, poderiam estar se divertindo, cantando sua música.

Entre os anos de 1993 e 1996, sempre encontrava amigos nos domingos de verão, naquele mesmo lugar. Olinda me seduzia por ser cidade antiga, de ruas feitas de negras pedras redondas, que ligavam coloridos casarões em estilo colonial. Sob o céu aberto, podia ver o azul e seu escurecer, e quase tomavam forma, também, as minhas lembranças dos carnavais de rua, vividos ali, durante aquele e anos anteriores.

Os Quatro Cantos era lugar de jovens se encontrarem. Sentados em calçadas ou nas poucas mesas de lata. Nasciam conversas, alguns tomavam cerveja, pau-do-índio⁴⁹; parecia, também que se esperava algo. Aquela ou aquele menino, alguma notícia, um bloco carnavalesco, ou apenas o cair da tarde.

Aquele verão de 1994 começou diferente. Dentro de mim havia efervescência. Uma vontade de vida talvez motivada pelos hormônios que pulsavam, coração que pulava, dança que se fazia. Não só.

⁴⁸ Refrão de Praeira. Música de Chico Science e Nação Zumbi. Da lama ao caos. Chaos.

⁴⁹ "Garrafada energética composta de várias ervas, raízes e cascas (inclusive guaraná) produzida em Olinda e consumida aos litros durante o carnaval. Tem sabor extremamente desagradável, mas um efeito fabuloso." (<http://www.recife.pe.gov.br/manguebit>).

Os rumores de um **movimento mangue** chegavam desde o primeiro Abril pro Rock, em 1993, quando logo depois do final de semana em que aconteceu, o Jornal do Commercio estampou, na primeira página de seu caderno de cultura⁵⁰, que algo novo surgia. Foi nessa época que uma amiga declarou-se, com orgulho, **manguegirl**⁵¹. Ecos.

Acontecia, então, um movimento artístico, (era o que parecia), aqui em Recife.

- "**Mangue Beat**", "**Manguebeat**", "**Manguebit**"? Escrevi perguntando, um dia, a Mabuse.

- "Na verdade no início da historia toda era soh Mangue, a imprensa foi e transformou em Mangue Beat. Mangue Bit é o site⁵² (na verdade estou tentando mudar a grafia para mangueBit)". (sic)

Mangue foi o termo inicial. A idéia foi trazida por Chico Science, depois redimensionada junto aos amigos h.d. Mabuse, Renato L., Fred Zero Quatro. Com o passar do tempo, começou-se a chamar indiscriminadamente **mangue beat**, **manguebeat**, **mangue-beat**. Eram grafias que expressavam uma "**batida do mangue**". Primeira e restrita compreensão que a imprensa teve do fenômeno que emergia.

Por outro lado, a primeira música do disco de estréia do mundo livre s/a, tem como título manguebit. Ao mesmo tempo em que, assim como disse Mabuse, o primeiro site chama-se manguebit, o que certamente influenciou outras grafias. "**Manguebit**", "**mangue-bit**", "**manguebit**".

Depois dessas primeiras explicações, retornam as lembranças daquele tempo. Alguns meses depois do primeiro contato através da imprensa escrita, ainda em 1993, vejo os mangueboys. Diante da televisão, assisti com alguns

⁵⁰ Jornal do Comércio, Recife, 26 de abril de 1993.

⁵¹ Componente feminina do mundo Mangue, assim como mangueboy é o masculino.

⁵²<http://www.recife.pe.gov.br/manguebit>

amigos músicos, por acaso, o programa "Mangue Especial"⁵³.

"Sou eu um transistor?

Recife é um circuito?

O país é um chip?

Se a terra é um rádio

qual é a música?"⁵⁴

A voz de Fred Zero Quatro e a música de mundo livre s/a abrem o programa. Caranguejos fazem movimentos lentos característicos, recebem efeitos técnicos que mudam suas cores. Uma luz colorida psicodélica envolve esses anfíbios.

"O Mangue surgiu aproximadamente há dois anos e meio, no Daruê Malungo, Chão de Estrelas...". A primeira fala é de Chico Science. "A gente tinha como proposta inicial uma coisa de redimensionar..." Por trás daquela figura performática, com chapéu coco - de palha - óculos escuros, vejo Gilmar Bola Oito, também integrante da Nação Zumbi, tentando discretamente abafar o riso diante do que diz o companheiro.

O clima de diversão e brincadeira fica mais claro quando começam a falar do glossário do Mangue. **Aratu!** Fala, assertivo, Chico. Fred complementa, zombando com ares de especialista. "Bom... Um bom exemplo de aratu é o Parreira, técnico da seleção brasileira, é um mané, um otário, cara que não saca das coisas". Em seguida Chico cita outro vocábulo, **Guajá**. Quando Fred responde com a mesma postura, "Hum... Um bom exemplo de guajá é Cristian Fitipaldi...", a câmara focaliza Chico que ri surpreendido e conivente com a resposta do amigo. "... É um guajá" - Fred continua, rindo - "um mauricinho porque é aquele caranguejo que não entra na lama. Assim... fica só mais nas pedras, é o mauricinho, é o típico guajá".

⁵³ Produzido pela TV Pernambuco e veiculado em 1993

O Caritó é a jaula onde vai presos os guajás, Fred explica falando e gesticulando; os chiés, filhotes de caranguejos, são os “cheira-cola”; espumar significa estar com fome, é por isso que o caranguejo espuma. E prosseguem nessa espécie de sabatina. Em um momento, Chico aproxima-se mais da câmara, joga levemente a cabeça dizendo: virar pirão. Fred, que até então traduz rapidamente todos os termos do glossário, olha para a câmara, mexe com a boca, flexiona a cabeça, olha novamente, e sorrindo se vira e pergunta: “o que é ‘virar pirão’ mesmo, Chico?”. Todos no *setting* riem alto, cortam a cena.

No mesmo lugar, a cena retorna, quando Chico explica que virar pirão é estar de bobeira. Continuam. Manguemoys. Fred responde algo como indivíduos interessados em música de rua, sexo não virtual, violência e outros. E as manguegirls? Agora ele ri, e entre provocador e zombeteiro, responde, são as namoradas dos manguemoys. Sorrindo, Chico dá sinal ao câmara para cortar.

Brincadeira novamente? Pareceu que sim. Mas a sensação que tive foi de alerta. O que, afinal, são as manguegirls? Com a brincadeira, a primeira imagem que me vinha era a de tietes, bobas, fúteis. Nada desejável, senti.

Aproximadamente um ano depois, sem maiores ressalvas sobre o assunto, o primeiro disco fruto do Manguemo não declara distinção entre manguegirls e manguemoys. Atualmente percebo mais claramente, nas letras das músicas, a ambigüidade que cerca o feminino. Porém, não identifico uma disputa entre os sexos. A mulher de que falam os manguemoys muitas vezes os abandona e domina, é idealizada, esperada, querida. Percebo ligação com o simbolismo da cidade, sendo a inversão também verdadeira. Uma vez apreendendo a cidade como parte de seu habitante,

⁵⁴ Trecho de Manguemo, música e letra de Fred Zero Quatro. 1994

e vice-versa. Desse modo, quando falam nas mulheres, compreendo que em parte se auto referem. No entanto, não existiam essas reflexões naquele dia de 1994 em que ouvia o Cd Dalama ao caos, de Chico Science & Nação Zumbi.

Despretensiosamente, leio no encarte um texto que, dentre outras coisas, fala dos interesses dos manguemoys e manguemoys, sem fazer qualquer distinção entre eles. Este pequeno texto divide-se em três partes: Manguemo - o conceito, Manguetown - A cidade e Manguemo - A cena. Ainda que sem os devidos créditos (Fred Zero Quatro e Renato L.), ou título (Caranguejos com Cérebro), o que gerou alguns desconfortos entre os amigos Fred e Chico, fico sabendo através de conversas na "Soparia do Pina", ou talvez, no bar vizinho, "Oficina Mecânica", que aquele texto seria o primeiro "manifesto manguemo".

Retornando àquela manhã de 1993 (quando assisti pela primeira vez aos manguemoys). Estava pronta para aproveitar o sol e o mar da Praia de Porto de Galinhas (PE). Ficou mais forte a interpretação de Fred Zero Quatro para a música A bola do jogo⁵⁵, e as caretas de Chico Science.

Depois de iniciada a minha pesquisa, na primeira entrevista voltaram as imagens do clip que eu também havia assistido naquele dia de sol, no mesmo programa. Na conversa, Helder Aragão falava sobre produção de vídeo-clipes. Era "época - disse Helder - que o vídeo clip tava tomando identidade, assim, ficando bem sofisticado com figurino, direção de arte, e tomando padrão... daí a idéia da gente era fazer um vídeo clip bem barato, com a cara bem brasileira, descaradamente fuleiro, coisa feita com pouco dinheiro. Acho que um bom exemplo disso daí, dessa idéia aplicada, a gente fez um pro mundo livre, que era um plano-sequência, em betacan; só Otto sentado no banco e... com um saco de papel na cabeça... É engraçado... Faz uma pausa e dispara! "É meio chato mas é engraçado...".

⁵⁵ Zero Quatro. Samba esquema noise. Banguela Records. 1994

Na entrevista, fico sabendo que aquele clip foi realizado por Dolores & Morales (dupla formada por Helder Aragão e Hilton Lacerda).

A música, *Homero o junkie*⁵⁶, personifica a fala de excluídos. "Aí gritaremos e o nosso triunfo é saber, é saber, que ninguém entenderá, nossa vitória não será entendida. No entanto teremos vencido. No entanto, teremos vencido", Fred canta. Fala em ódio, e anuncia que o futuro é uma câmara de gás. A letra é de Zero Quatro, e inspirada no livro "2455 cela de morte", de Caryl Chessman.

No *clip*, um homem com um saco de papel jornal cobrindo a cabeça, senta, levanta, fuma. A essas imagem são mescladas outras, em preto e branco, que trazem o mundo livre s/a tocando em lugar semelhante a uma garagem. Saltavam na tela desenhos agoniados e coloridos, facas, TVs, chaves, revólveres, tridentes. Estética que faz lembrar as Histórias em Quadrinhos. Em outros momentos destacam-se palavras ou expressões, como monstro em pessoa, o tarado do Tacaruna, gargalhada, seu ódio, dente pôde, Galeguinho do coque.

Primeiro o jornal, e depois a televisão, trouxeram ao meu cotidiano o Manguê. Poderia dizer que fui iniciada pela mídia. Através do jornal, minhas atenções foram despertadas, de maneira que tive vontade de conhecer. Faço imagens do primeiro Abril pro Rock, sem ter estado lá. Li a matéria e vi as fotos que acompanhavam. Apenas. Sem dúvida, não estava faminta pelo Manguê, sentia-me interessada. Ainda que não buscasse, a televisão me alimenta com mais informações naquele dia ensolarado, junto a amigos.

TV. Cidade do Manguê. Amigos. Esses são elementos que fazem parte de um sistema, onde emergiam vozes

⁵⁶ Zero Quatro. Ibidem.1994

veiculadas pela mídia, inaugurando interações posteriores. Para Morin (1998) "a vida é um feixe de qualidades emergentes resultantes do processo de interações e de organizações entre as partes e o todo; esse feixe emergente retroage sobre as partes, interações, processos, parciais e globais que o produziram..."(p. 262).

"O todo é menos que o todo". É o que diz Morin (1998). Dentro do todo existem zonas de sombra. Ignorâncias mútuas, cisões, falhas, surgidas entre o reprimido e o que é exprimido, entre o imerso e o emergente, o generativo e o fenomenal. Existem buracos negros em toda totalidade biológica. Sobretudo antropológico.

É conflituoso, esse todo. Qualquer sistema comporta forças antagônicas à sua perpetuação. Esses antagonismos podem ser virtualizados, neutralizados, constantemente controlados-reprimidos, ou podem ser utilizados de forma constitutiva.

O todo é insuficiente, decorre de tudo que o precede. É incerto. Não se pode limitar definitivamente um sistema, diante de outros sistemas que estão imbricados. O todo também é incerto por seus termos poderem ser concebidos enquanto todo ou parte. Ou seja, uma parte, em si, pode ser compreendida enquanto um todo, ao mesmo tempo que também é parte de outros todos.

Os manguelões sabiam da força da imprensa, e interagiram com ela durante todos esses anos. Era isso que Helder tentava me dizer quando mencionou a autopromoção do Mangue, em conversa de mesa de bar. Fred Zero Quatro e Renato L. são formados em jornalismo. Mabuse e Helder trabalham com comunicação visual. Chico Science, Jorge dü Peixe, Lúcio, Dengue, estes, integrantes da

Nação Zumbi, optaram por um estilo de música que nasce da interação entre artista e meios de comunicação de massa.

Por isso me volto para eles. E buscando jornais antigos, revistas, vídeos, capto e organizo um dos inícios do Manguê.

O Manguê começa a despontar nos jornais em 1991. **Sons negros no Espaço Oásis**, é o título da primeira matéria publicada na imprensa pernambucana, de José Teles (1998), no Jornal do Commercio, dia primeiro de junho. **"Todos os sons negros vão rolar hoje à noite no Espaço Oasis (perto do Hotel Quatro Rodas de Olinda), na festa Black Planet. Soul, reggae, hip-hop, jazz, samba-reggae, funk, toast, 'ragamuffin' e um novo gênero criado pelo mestre de cerimônias MC⁵⁷ Chico Science, vocalista da banda Loustal e organizador do evento"**⁵⁸

Nesta pequena matéria, Chico trás uma definição para o que seria Manguê. "O ritmo chama-se Manguê. É uma mistura de samba-reggae, rap, 'ragamuffin' e embolada. O nome é dado em homenagem ao Daruê Malungo (que em iorubá significa companheiro de luta) e que é o núcleo de apoio à criança e à comunidade carente de Chão de Estrelas.'...". A festa teria seleção musical variada, de Renato L., herr doktor Mabuse e o próprio Science. Este, por sua vez, ainda declara que "é nossa responsabilidade resgatar os ritmos da região e incrementá-los, junto com a visão mundial que se tem. Eu fui além.'...". (ibidem).

Estão reunidos componentes do que se configura o Manguê. Diversão (o assunto principal é uma festa) e diversidade (de ritmos). A periferia ou gueto é representada pelo lugar do evento (Olinda fica na região metropolitana do Recife), pelo nome *Black Planet* (planeta negro). A primeira idéia para o Manguê, um ritmo composto da mistura de outros de diversas localidades, é

⁵⁷ Abreviação usada por rappers, que significa mestre de cerimônias

⁵⁸ Esta matéria está contida na publicação de José Teles intitulada "Meteoro Chico". Bagaço. 1998

apresentada. Ainda que depois seja retificada pelo próprio Chico Science no programa Manguê Especial (s/d), "...o nome foi até meio difícil de colocar porque, sei lá, não queria chamar de ritmo, tinha até um certo receio pra isso..."

No segundo semestre de 1992, alguns eventos vão dando forma à idéia. É tempo das festas misto de shows, **Viagem ao Centro do Manguê**. Apresentam-se nessas festas o bloco de samba-reggae Lamento Negro, Loustal, Chico Science e Lamento Negro⁵⁹, e mundo livre s/a. Nessas festas formou-se um público que interagiu com aquelas bandas. A denominada na época Chico Science e Lamento Negro, expressava arquétipos e símbolos comum aos citados pelo mundo livre s/a. Falavam em manguê. Por outro lado, a banda Loustal era formada pelos mesmos Chico Science, Lúcio Maia e Dengue, que integravam a banda que veio a se chamar Nação Zumbi. O bloco Lamento Negro, ainda ativo, também participava enquanto bloco, e compondo uma experimentação de Chico Science.

A primeira dessas festas aconteceu em Olinda, "... eu acho, em setembro de 91 no Alto da Sé, eu me lembro que até o Lamento Negro saiu carregando a galera que tava nos Quatro Cantos de Olinda, dia de Sábado (se não me engano), batendo, batucando, e saiu subindo a ladeira e a galera... foi todo mundo atrás, e tal..." diz Zero Quatro. Outra **Viagem ao Centro do Manguê** aconteceu em uma boate na Madalena. Em dezembro, para comemorar o Natal, fizeram uma festa-show chamada **Manguê Feliz**, no Boato, um bar alternativo que havia no bairro do Pina - Recife.

As chamadas na imprensa não passavam de notinhas. Depois, acontece a **Maré de Lançamento**, explicada no jornal como "... um pirão festeiro que será servido, hoje, na Soparia do Pina..." (JORNAL DO COMMERCIÓ, Recife, 14 de

⁵⁹ Primeiro nome do que se transformaria em Chico Science & Nação Zumbi

novembro de 1992). Sobre esta recém-inaugurada "Soparia do Pina", muito se ouve falar depois. Neste dia, havia o lançamento de músicas e clipes inéditos dos mangueboys. Era apresentado também o documentário **Mangue**, sobre a situação dessas áreas de estuário em Pernambuco, as comunidades pesqueiras que sobrevivem de sua exploração e o advento da poluição nestas regiões.

O documentário foi produzido pela TV Viva, que chamou Fred Zero Quatr, para fazer roteiro e locução. Mais tarde, Helder me conta e Fred confirma, que da pesquisa para elaboração deste roteiro surgem os fundamentos de um *release*, **Caranguejos com Cérebro**, escrito nesta época, por Fred Zero Quatro.

O que chamaram de *release* é insistentemente identificado como Manifesto Mangue. Assim, nasce o primeiro Manifesto, de um fenômeno que passa a ser chamado Movimento. Foi neste estágio que recebi as primeiras notícias sobre Mangue. Por este motivo, eu o via como Movimento Mangue, pois o termo manifesto, assim como movimento, findava sendo incorporado. Mas, de fato, não é **"movimento"** a palavra que usam para expressar suas intenções de salvar a cidade de um ataque fulminante.

Porém, é mesmo como **"um movimento"**, que em 1993, o Mangue começa a ser propagado pela imprensa, também fora da cidade. Em março, a antiga revista Bizz⁶⁰ convida José Teles para escrever a primeira matéria sobre o Mangue, segundo o jornalista(1998). **Da lama para a fama** é o título.

Ainda nesse mês, a Revista Veja 28 graus, em 10 de março de 1993, traz reportagem escrita por Angélica Santos Cruz, falando do **"rock nordestino - as novas bandas do Recife lançam o Movimento Mangue, o som que**

⁶⁰ Antiga publicação brasileira que focalizava música, substituída pela "Showbizz".

mistura ritmos regionais à batida de rock, e prometem mudar o sotaque da música nordestina."

Bandas como Zaratepô, Academia do Medo, Chico Science e Nação Zumbi, Lamento Negro, Santa Boêmia e Mundo Livre, diz a matéria, são, **"... para quem ainda não se deu conta, as bandas recifenses de rock que estão entornando os tradicionais ritmos do Nordeste. Como um caldeirão sonoro em ebulição, elas juntam maracatu, forró, xote, samba, frevo e rock'n'roll no tubo de ensaio do experimentalismo. O resultado é um som embolado. Nele, é comum ouvir-se o fole da sanfona soar acompanhado pelos estridentes solos de guitarras distorcidas, cavaquinho com baixos elétricos, tambores e pandeiros com teclados"**. (Ibidem)

Como se pode observar, não são citadas as mesmas bandas que participavam das **"Viagem ao Centro do Manguê"**, em 1992. A jornalista menciona grupos ativos na cidade daquela época. Assim como em muitas outras matérias futuras, nesta não é feita qualquer distinção no que está sendo criado em Recife. É como se a música emergente na cidade pudesse ser aprisionada em um único rótulo. Também incorreto é considerar conceito fundamental a mistura e fusão de ritmos praticada por alguns grupos.

Ao mesmo tempo, essas afirmações não são falsas. Dentre diversidades, a cidade congrega e projeta os artistas e suas criações. A experimentação de ritmos combinados também é prática. Mas estes aspectos não são fundamentais no sistema manguêBit. Acessando as matérias e as falas dos jornalistas, e ao mesmo tempo as declarações dos manguêboys, percebi indefinições provocadoras não sendo, muitas vezes, possível identificar os seus responsáveis.

Mas em 1993, a preocupação com definições desta ordem, não se apresentava como as mais urgentes. Parecia

ser importante aproveitar a abertura promovida pela imprensa. "... A grande imprensa pesca cada dia, o novo, o contingente, o 'acontecimento', isto é, o individual. Faz o acontecimento passar por seus moldes para restituí-lo em sua unicidade." (MORIN, 1990:25).

Para o autor, existe um modelo burocrático-industrial ordenado por uma indústria cultural. Esta indústria se organiza através de concentração técnica e econômica. Isto implica em grandes oligopólios, em extremas padronizações. Assim, não é de modo aleatório que a notícia é veiculada:

"... A organização burocrática filtra a idéia criadora, submete-a a exame antes que ela chegue às mãos daquele que decide - o produtor, o redator chefe. Este decide em consideração anômicas: rentabilidade eventual do assunto proposto (iniciativa privada), sua oportunidade política (Estado), em seguida remete o projeto para as mãos de técnicos que o submetem a suas próprias manipulações. Em um e outro sistema, o 'poder cultural', aquele do autor da canção, do artigo, do projeto de filme, da idéia radiofônica se encontra imprensado entre o poder burocrático e o poder técnico." (Ibidem:25)

Dessa forma, acentua-se a tendência à despersonalização da criação. Predomina a organização racional de produção sobre a invenção. Esta produção é calculada visando lucro. Programa-se a técnica da invenção, sua comercialização, a política. Por outro lado, esta tendência, segundo Morin (1986), se choca com outra, naturalmente nascida do consumo cultural: as pessoas querem um produto individualizado e sempre novo.

É dessa forma que a indústria cultural vê-se obrigada a preservar espaço para invenção, aqui compreendida como materialização utilitária da criação.

Esta criação, por sua vez, ~~finda~~ submetida a determinadas regras de padronização. Contraditório. A existência dessa contradição, é que possibilita compreender uma zona de criação e de talento, no seio do conformismo padronizado (MORIN, 1990).

Referindo-se especificamente à imprensa de massa, Morin explica que a originalidade e individualidade são pré-fabricadas pelo **acontecimento**. Compreendido neste contexto, como o fato eleito.

Em 1993, o acontecimento dizia de bandas emergentes, que formavam um certo **"movimento mangue"**. Luzes diversas focalizam essa novidade.

Desconhecidas do grande público, carentes de espaço, para as bandas, aquela matéria da Veja significava lugar nos meios de comunicação de massa. **"A imprensa, o rádio, a televisão são indústrias ligeiras do aparelhamento produtor, são ultraligeiras pela mercadoria produzida: esta fica gravada sobre a folha de jornal, sobre a película cinematográfica, voa sobre as ondas e, no momento do consumo, torna-se impalpável, uma vez que esse consumo é psíquico..."** (MORIN, 1990:24). Ainda que muitos discordassem da superficialidade ocasionada pela massificação da informação, naquele momento não houve qualquer manifestação pública solicitando diferenciações.

Ao mesmo tempo em que surgiam na mídia, essas bandas precisavam também de outros lugares. A ausência de espaço sempre foi dificuldade apontada pelos habitantes da Manguetown. E como fruto dessa necessidade, o mangue é apreendido enquanto metáfora, criando o que mais tarde chamam de Cena Pop Recifense. É como se os objetivos estivessem sendo alcançados.

Falemos agora de um espaço que começa a surgir com o primeiro Abril pro Rock⁶¹. Domingo de tarde. Sob a tenda do Circo Maluco Beleza, em Recife, jovens, e outros nem tanto, concentram-se para viver as últimas horas daquele fim de semana.

"Um pequeno encontro doméstico de bandas locais", é dessa maneira, que o jornalista José Teles descreve o primeiro Abril pro Rock. (Jornal do Commercio, Recife, 24 de janeiro 1998). A idéia surgiu **"quando a 89FM, a Rádio Rock, chegou no Recife as bandas locais se animaram, achando que iam ser tocadas e gravaram uma fita demo⁶². Na época já havia o movimento mangue e tal. (...) Então anunciei que iria rolar a coisa e me mandaram um monte de demos. Escolhi 12 nomes, mais o Maracatu Nação Pernambuco..."** (Jornal do Commercio, Recife, 24 de janeiro de 1998). Essas são palavras de Paulo André Pires, idealizador e produtor do Festival, que mais tarde impulsionaria a banda Chico Science e Nação Zumbi.

Característica marcante deste festival é a projeção nacional. Para assistir àquelas 12 bandas da primeira edição, Paulo André contata jornalistas do Sudeste, repórteres do canal televisivo MTV, críticos de música, como Carlos Eduardo Miranda, na época vinculado à revista Bizz, e que mais tarde, produz o primeiro disco da banda mundo livre s/a.

Após a repercussão desse primeiro Abril pro Rock, o evento adquire credibilidade progressiva. Por esse motivo, é comum contar com a presença dos chamados "olheiros" das gravadoras. Assim como Miranda, que esteve no primeiro Abril, esses são produtores responsáveis pela captação de informações. Aos "olheiros" cabe a avaliação

⁶¹ Evento de fundamental importância para a concretização da Cena Pop Recifense

⁶² Abreviatura de fita de demonstração. Geralmente as bandas gravam a fita demo para registro do trabalho, visando a divulgação.

dos fenômenos musicais emergentes, para possível contratação de gravadoras.

Foi assim na primeira edição do festival. Atualmente, uma banda que se apresenta no evento, tem garantia de divulgação nos principais veículos de comunicação do país. O Abril é considerado excelente "vitrine" para bandas que almejam contrato com gravadoras. Da mesma forma, segundo seu produtor, o Abril pro Rock se pretende sinônimo de novidade. Estas são as características mais ressaltadas pela produção do evento, em breve histórico contido no site oficial do festival⁶³.

O Abril pro Rock é fenômeno que emerge junto ao Mangue. Um contém o outro, pertencem a um mesmo sistema, apesar de serem também independentes. Imagine um grande galpão. Jovens de diversas idades. Festa com shows e sons variados. (A estrutura do evento conta, há alguns anos, com dois palcos; um maior, para atrações consagradas). Bar e barracas para venda de comida, e outras, para bebidas típicas. Os ingressos vão deixando de ser acessíveis a cada ano. Na última edição, o pacote para os quatro dias custou 40 reais. Em 1999, a UNE protestou a ausência de meia entrada para estudante.

Esse é um resumo do festival que serviu de inspiração para outros. Com o primeiro Abril pro Rock, principia o ciclo dos festivais. Surgem iniciativas junto ao governo do Estado, como o Festival Viva a Música vinculado à campanha "Viva a Nota" (1994-1996). Proliferam eventos com apoio governamental e/ou empresas privadas, como PE no Rock (1998,1999), Soul do Mangue (1998, 1999), dentre outros.

"Uma visita muito especial

Lembro-me muito bem do nervosismo que tomou conta da cidade quando, em 93 (Logo após o primeiro Abril pro Rock), a diretoria da Sony anunciou que

mandaria um representante ao Recife para contratar Chico Science... Fun! Fun! Zoeira Total! Diversão a qualquer custo, e a mais barulhenta possível! Esse havia sido o nosso lema quando, dois anos antes, sentindo o descompasso – o fundo do poço, o infarto iminente –, resolvêramos tentar de tudo para detonar adrenalina no coração deprimido da cidade. Depois de vários shows e eventos muito bem sucedidos, e do manifesto ‘Caranguejos com Cérebro (que transformou, de uma hora para outra centenas de arruaceiros inocentes em ‘mangueboys’ militantes), parecia que a cidade realmente começava a despertar do coma profundo em que esteve mergulhada desde o início da guerra dos 80.

Parêntese: não é exagero. Segundo os levantamentos mensais do DIEESE, Recife conseguiu manter sem muito esforço a impressionante e isolada posição de campeã nacional do desemprego e da inflação por nada menos que dez anos seguidos!!! Imaginem o efeito devastador que uma situação como essa pode provocar na alma de uma comunidade com mais de 400 anos de história e que só neste século havia gerado nomes da dimensão de Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Josué de Castro e João Cabral de Melo Neto. Para nós, que mal havíamos saído da adolescência, só restavam duas saídas: tentar uma bolsa na Europa ou ganhar as ruas...

Então, a chegada da Sony representava uma espécie de prêmio coletivo. O significado simbólico era que finalmente podia estar se abrindo um canal de comunicação mundial, como os caranguejos do asfalto haviam almejado em seu primeiro manifesto. Para todos os agentes e operadores culturais que viam seu talento e potencial atrofiados pela desmotivação, era um estímulo concreto que faltava. Afinal, queiram ou não, discos pop lançados por multinacionais movimentam várias áreas de expressão ao mesmo tempo: moda, fotografia, vídeos, relações públicas, assessoria, imprensa, marketing, música, etc.

Daí em diante, pode-se dizer que teve início um efetivo ‘renascimento’ recifense. Todo mundo gritou mãos à obra! E partiu para um ataque. As ruas viraram passarelas de estilistas independentes; bandas pipocavam em cada esquina; palcos foram improvisados em todos os bares; fitas demo e clipes novos eram lançados toda semana, e assim por diante, gerando uma verdadeira cooperativa multimídia

⁶³ <http://abrilprorock.cesar.org.br>

autônoma e explosiva, que não parava de crescer e mobilizar toda a cidade. De **headbangers** a mauricinhos, de punks a líderes comunitários, de surfistas a professores acadêmicos, ninguém ficou de fora. Para se ter uma idéia, a frase 'computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro'(Mundo Livre S/A) virou tema de redação de vestibular de uma faculdade local." (ZERO QUATRO, Jornal do Commercio, Recife, 21 de janeiro de 1997). Este texto é parte do Segundo Manifesto Mangue, comentando os acontecimentos de 1993.

É a história do surgimento dessa imagem para o grande público que conto agora. Percebo que alguns fatores têm sido fundamentais. A visão e propagação deste fenômeno através da imprensa. A força coletiva de festivais como esses é importante para a concretização de uma Cena Pop, que tendo o mangueBit sido seu principal gerador, muitas vezes se confunde com este.

Da desorganização inicial, emerge o "produtor", personagem que estrutura o encontro entre artista e público. Aparecem possibilidades consideradas antes devaneio: a contratação de bandas por grandes gravadoras.

Também após o primeiro Abril pro Rock, começo a acompanhar os mangueboys pelos jornais. Lia notinhas e via fotos. Percebia roupas, sorrisos e gestos, buscando compreender o que diziam. Essa foi época da primeira "manguetour" (assim, mais tarde, referiu-se Renato L. à primeira excursão Mangue).

"...Quando teve o Abril pro Rock, foi um estouro. As duas bandas foram "super impacto", principalmente a Nação Zumbi. E um mês, sei lá, depois, rolou a primeira viagem pra o sul. A primeira manguetour, que foi Nação Zumbi, Mundo Livre, as duas bandas. Eu fui, que eu era Ministro da Informação, e Jujuba, que depois virou empresário do Coração Tribal", observa Renato L., em entrevista. Este, com Fred Zero Quatro, Chico Science e H.D. Mabuse, são os amigos que geraram o mangueBit.

Um ano depois, a exemplo da manguetour, acontece outra viagem em que bandas de Recife apresentam-se no Aeroanta⁶⁴. Mas essa é outra história, que será contada em um outro momento. Falando sobre o segundo evento, Marcelo Pereira chamou a manguetour da **"primeira invasão nordestina"**.

Tempo diferente aquele em que a distância da Manguetown e o eixo Rio São Paulo fazia-se maior que a geográfica. Com uma **"estratégia de marketing"**, e a ajuda do amigo Xico Sá (na época, jornalista de Folha de São Paulo) e Eduardo Miranda (produtor musical, e admirador do mangueBit), foi conquistado espaço na mídia. "Agora não! - Diz Renato L. - é até de certa forma comum pro Recife, mas, pô, na época, você ter uma capa da Ilustrada⁶⁵ era a coisa mais... [difícil]. Na época você ter uma matéria no Jornal do Commercio já era um feito, você já achava: 'pô, massa! Saiu uma matéria no Jornal do Commercio! Imagina! e tal, pá'; Você ter uma capa na Ilustrada era inimaginável."

E no Jornal do Brasil: **"Mangue Boys - Movimento musical de Recife faz mistura de maracatu com 'funk', cai nas graças de Arto Lindsay e é disputado por gravadoras"**, é o título da matéria publicada em 09 de julho de 1993, escrita por Pedro Só.

Com as matérias intensificam-se as tentativas de definição desse fenômeno desconhecido. "Movimento Mangue? 'Essa palavra é meio discutível. Talvez soe pretensiosa demais. Eu prefiro cooperativa cultural', anuncia o **Ministro da Informação** Renato L." (1993).

"Ele assumiu - continua Pedro Só, sobre Renato - o cargo inspirado pelo grupo americano Public Enemy, cujo rapper Professor Grif ocupa o mesmo ministério, 'sou uma mistura dele com o Malcom McLaren (empresário dos Sex

⁶⁴ Famosa casa de show da cidade de São Paulo.

⁶⁵ Caderno de Cultura do jornal Folha de São Paulo.

Pistols e inventor do *punk*), define-se. Ou seja, faz parte da equipe de discotecagem *Manguetronic Dub Team*⁶⁶, cuida da organização dos shows e das estratégias. Estratégias? 'Temos a parte de marketing, para entrar nos esquemas', admite". (FOLHA DE SÃO PAULO, 09 de julho de 1993). Nesse momento, começa a ser revelada, pelos próprios *mangueboys*, a existência de atos pensados com o objetivo de atingir o alvo.

"Chico Science explica que o que faz é levar diversão a sério. O glossário *mangue*, por exemplo, inclui algumas gírias já existentes, mas foi inventado. No figurino *mangue boy* não podem faltar o chapéu de palha e o colar de plug - explicado pelo *slogam* 'Plugue-se' e vendido para os fãs. No recente show que CS e Nação Zumbi fizeram no Aeroanta, em São Paulo, a platéia foi brindada com doses de Pau do Índio. Os *caranguejos com cérebro* enquadrados na onda *mangue* envolvem apenas três bandas - CS e Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, Loustal - e o bloco afro Lamento Negro. Mas o próprio Chico conta que outros grupos como o Zaratepô e Santa Boêmia também agitam fusões esquisitas e que há até um maracatu, o Nação Pernambuco, formado só por jovens. Ele diz que o pessoal está 'redimensionando a música brasileira'..." (Ibidem).

Houve grande receptividade da imprensa. Mesmo diante da afirmativa do **Ministro da Informação** do Mangue, de não denominar "movimento" o que surgia em Recife, Pedro Só ainda arrisca definição e prognóstico positivo. "Mangue não tem onda. Mas está formando uma marola musical que promete varrer o país. O sujo *habitat* de Recife está disseminando uma infecção cultural em forma de movimento. Chico Science e Nação Zumbi, Mundo Livre S/A, Loustal e

⁶⁶ Como denominavam, na época, a prática de discotecagem de som em festas. Mais tarde chamaram "cool crebs" (caranguejos tranquilos) e até hoje promovem festas eventualmente.

Lamento Negro são os mangue boys que 'com uma parabólica fincada na lama', antropofagizam o que vem de fora e cavucam as raízes do maracatu..." (Ibidem)

A lama do Mangue era veiculada em jornais de grande circulação. Fizeram contatos e armaram shows. O roteiro da excursão incluía São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, e o encontro com uma gravadora.

As primeiras negociações com a multinacional Sony aconteceram nesse período. Suas intenções, Renato me fala em entrevista, eram as de descobrir e contratar bandas que produzissem um trabalho "...puramente comercial, e que até hoje eu acho que não era, nunca foi, o caminho... E a gente dizia: 'não, não; eu acho que quem tem que produzir o disco é o produtor do Beast Boys, Ryck Robbin, que vai dar peso à Nação Zumbi. Tem que dar peso e tal...' Eu já ficava falando de carreira internacional! Era tão engraçado. Eu ficava: 'Não cara, tem que ser Ryck Robbin, idealmente...'"

Para Renato L., a atitude dos mangueboys surpreendeu os executivos da gravadora. "... Primeiro que era engraçado, o que é que eu tava fazendo na reunião, né?". Não apenas os líderes, ou até mesmo produtores das bandas Chico Science e Nação Zumbi e mundo livre s/a, participaram das negociações com a gravadora. No escritório da Sony chega um cortejo de pernambucanos. E nas apresentações, "esse aqui é Fernando Jujuba, produtor..."; então voltam-se para Renato dizendo, "...esse aqui é o Ministro da Informação, Renato L. ...", os caras ficavam, 'que porra é essa?' (...) E eu falava prá caramba, sabe? Eu dizia...

E Chico ficava só...

Chico confiava muito na gente, assim. Chico ficava quieto. Só ouvindo."

Para Renato, o foco da gravadora eram as vendas e o lucro. "...Eles não sabiam o que era [o mangueBit], e eles achavam que era a nova 'Axé Music'. Porque vinha de Pernambuco: 'não vinha do Nordeste, caralho, é uma coisa desse tipo'", diz Renato, expressando a possível interpretação dos executivos. E continua falando das

condições impostas pela gravadora. "...Eles falavam prá mim: 'oh, o mundo livre a gente contrata; agora, mas vai ter que tirar o vocalista... botar na percussão...'".

Diante das conversas, continua Renato: "Chico ficava... Chico era muito de sacada. Uma pirata legal, um puta... Mas Chico era um cara quieto, assim. Ficava mais eu e Fred falando, agora Fred biritado, ia tomando Pau do Índio, e ele chegava já embriagado na reunião. A gente ficava rebatendo: 'não, a gente não quer uma batida assim.'

Imagina!"

Relembrando, Renato se diverte com a segurança com que "aquele bando de malucos" afirmava suas vontades. "...Porra isso era muito raro na época, assim. Era muita... os caras ficavam olhando assim, meio espantados, porque a gente tinha uma segurança, que era um pouco segurança e era um pouco ingenuidade, de chegar pro cara... e dizia que: 'não, quem decide, quem define o som é a gente'. Dizer mesmo pro cara: 'não, não, não. Olha, se a banda assinar, a gente tem um produto pronto. A gente tem tudo amarrado. Tem roupa, tem não sei o quê lá...'".

Após essa primeira viagem, mais um passo decisivo. Mundo livre s/a toca no III Festival de Inverno de Garanhuns. Essa possibilidade foi aberta por Jorge Ben Jor. Convidado como atração principal pela organização do festival, levando um público de aproximadamente 35 mil pessoas (Jornal do Commercio, Recife, julho de 1993), este mestre de Zero Quatro chama a banda para participar de seu show. Foram aproximadamente 30 minutos vistos por um grande público. E mais tarde, Zero Quatro vai dizer que o Festival de Inverno traz sorte para os mangueboys.

Este festival é promovido pelo governo do Estado, desde 1990. Acontece no mês de julho, em pleno agreste pernambucano. Garanhuns é conhecida por ser um dos lugares de temperatura mais baixas da região e pelas suas fazendas de flores. O festival é marcado por diversas manifestações artísticas, com oficinas envolvendo

artistas de todo o Estado. Em sua programação de lazer, o público tem oportunidade de assistir a peças e espetáculos de dança a preços populares. Na Praça Guadalajara, acontecem os shows gratuitos, com atrações regionais e nacionais.

E as tentativas de delimitação do Manguê avançam. Marcelo Pereira, crítico de música do Jornal do Comércio, baseando-se nos comentários da mídia do Sudeste e sobretudo nas informações dos manguêboys, arrisca uma definição no programa Manguê Especial, produzido pela TV Jornal: **"Quando tudo começou não havia distinção entre o que era 'Manguê Beat' e o que era Movimento Manguê. Chico e Fred faziam uma coisa só, eles criaram um glossário próprio, uma temática própria para trabalhar e tentar expandir esse núcleo cultural que eles estavam propondo".**

O encontro com a opinião pública principia transformações no manguêBit. Se um grupo de amigos formou e forjou um embrião, sendo esse um fenômeno pop, não é exagero afirmar que a mídia é um dos responsáveis pelo desenvolvimento do bebê. A fala de Marcelo Pereira afirma e exemplifica esse fenômeno:

"Quando a coisa (Manguê) passou a sair daqui de Recife e ganhou a mídia de fora - São Paulo, Rio e Belo Horizonte -, passou a se chamar 'Manguê Beat', toda aquela música feita pelas bandas daqui do Recife, que estão misturando elementos daqui, de Pernambuco, da música pernambucana, com a música de fora..." Em seu discurso, o jornalista finda ressaltando a fusão de elementos como característica básica do manguêBit.

Em seguida, com menos veemência, continua relatando a interpretação da mídia do Sudeste. Esta denominava também "Manguê Beat", as bandas que estivessem **"...fazendo música, aqui nessa região de estuário..."** Esta última informação aproximava-se mais da metáfora

"mangue" e do sentido almejado pelos "caranguejos com cérebro".

Marcelo Pereira continua: "...enquanto que passou a ser identificado com o movimento mangue aquelas bandas que fazem aquele trabalho específico, no caso, mundo livre s/a, Chico Science e Nação Zumbi, Loustal, Lamento Negro, Cérebro Esquerdo e Eddie. Se bem que essas duas últimas ainda não estão bem situadas dentro da proposta de resgatar coisas bem enraizadas daqui, estão mais na parte musical ligada ao Movimento." (Ibidem).

É possível observar que os termos "mistura" e "fusão" são usados com frequência. A idéia que passam, muitas vezes pontuada por Chico Science em entrevistas, não define sua música, ao mesmo tempo em que reduz a abrangência do significado da metáfora "Mangue". Porém é principalmente na explicação de fusão de ritmos que se convencionou, a princípio, enquadrar o Mangue.

Não fui exceção, já mencionei. No início da pesquisa, conclui que a palavra que definia o que estudava era: mistura. Eu me baseava sobretudo nas palavras da mídia impressa. E de fato, quando ensaiava olhares antropológicos, percebia mistura de cores, guetos urbanos, influências culturais.

A "diversidade" e não a "mistura" definem o Mangue, me explicou Renato, em conversa durante a pesquisa. Mais tarde, compreendi que a fixação na idéia de fusão ofusca a diversidade, e transforma em rótulo aprisionador a proposta libertária da origem.

A mistura, e sobretudo a fusão, denota a homogeneidade. Não era isso que buscavam os mangueboys. Faziam "música pop", onde é característica a dinâmica. Esta pode ser traduzida como o diálogo de diversas

expressões, sejam elas originárias da cultura de massa, cultura no sentido étnico, cultura erudita⁶⁷.

Em meio a essa complexidade, se configuravam as idéias dos Manguelboys, e também as idéias sobre o Manguel. Buscava-se entender seu significado. No dia primeiro de novembro de 1993, o jornalista Carlos Calado, da Folha de São Paulo, enviado ao Rio de Janeiro, publica matéria dizendo: **"eles erguem uma irreverente antena parabólica nos manguezais de Recife (PE). Depois de agitarem a pasmeira cultural da região, se preparam para atingir o resto do país com seu potente 'manguel-beat'. A primeira investida nacional desses Caranguejos com cérebro, como se auto denominam, já está em fase de acabamento, no Rio, no estúdio Nas Nuvens: o primeiro disco de Chico Science & Nação Zumbi, que sai em dezembro"** (Folha de São Paulo, 01 de novembro de 1993).

Segundo o jornalista, bandas como Bom Tom Rádio, Mundo Livre S/A, Elétrons & Neurônios, Via Sat e Loustal, **"... criaram o chamado 'movimento manguel', que introduziu os 'manguelboys' na mídia local. 'A gente queria movimentar a cidade, criar algo novo. Hoje trabalhamos como uma cooperativa cultural', diz Chico. Seu slogan: 'diversão levada a sério'."** (Ibidem).

Comparando as matérias veiculadas, apesar de algumas bandas se repetirem, outras são também citadas. Quanto à definição do Manguel, além de também denominar "movimento manguel", o jornalista utiliza outra grafia para expressar o fenômeno: "manguel-beat", que, por sua vez, é diferente de "manguel beat", utilizada na matéria abaixo.

⁶⁷ Essas especificações relacionadas à cultura são parte da explicação da cultura característica das sociedades complexas, assim como trata Edgar Morin (1990). Para o autor estas culturas são parte de um sistema e, como parte, interrelacionam-se entre si, algumas vezes sendo menos e mais que o todo.

"O Summer Fest foi, acima de tudo, a consagração do movimento 'mangue beat' de Recife, liderado pelas bandas Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S/A. Os organizadores do evento foram os mesmos do Abril para o Rock, do primeiro semestre - o pontapé inicial para a projeção do 'mangue beat'..." (Folha de São Paulo, 23 de novembro de 1993). Nesta matéria, Alex Antunes escreve contando sobre a qualidade das bandas que participaram do Festival, realizado nos dias 20 e 21 de novembro, na Estação Astral, praia do Pina, em Recife. Segundo o jornalista, participaram 20 (vinte) bandas locais, mais 4 (quatro) de outros estados, que se apresentaram para um público de aproximadamente 1.000 (mil) pessoas.

No texto que segue, ainda na matéria de Alex Antunes, é feita uma distinção entre as bandas. "...Um cenário originalíssimo", fala o jornalista. "Mas não foram só as bandas do 'mangue beat' que chamaram a atenção. Já no sábado, os Devotos do Ódio detonaram um hardcore esquisito, com queda para o baião..." (Folha de São Paulo, 23 de novembro de 1993). Cita também as bandas Paulo Francis Vai pro Céu e Santa Boêmia. Nessa matéria é feita uma distinção entre o "mangue beat" e outras bandas.

Se as grafias eram diversas, menos definido era o sentido, ainda que os críticos musicais não poupassem elogios. De fato, nem todos os jornalistas captavam com segurança que fenômeno seria aquele. "Que som é esse, que vem de Pernambuco?", repete cantando, mais tarde, Chico, em turnê do Afrociberdelia (1996). Difícil definir, essa é apenas uma mostra da confusão de rótulos, nomes, inexatidões que resultou no que era chamado, inicialmente, apenas "Mangue".

Talvez essa confusão não tenha sido por acaso, ainda que o “acaso e a diversão”⁶⁸ tenham sido determinantes nessa história do Mangue”, disse Renato L., na primeira conversa que tivemos sobre a minha pesquisa. Estávamos no bar “Manguetown”; o lugar não poderia ser mais sugestivo. Porém marcamos lá por localizar-se no centro da cidade, e assim “mais fácil depois voltar para Candeias”, ele disse.

Em dezembro, no Recife, já é verão. “Diz o calendário que o dia 23 de setembro marca o início da primavera. A partir de agora, os dias serão mais longos, as chuvas ficarão ainda mais escassas e o sol, esse eterno companheiro dos trópicos, vai fritar de vez nossos miolos.

Na verdade, por aqui, primavera é quase um eufemismo. Pra quem olha o céu azul sem nuvens, quem sente o asfalto queimar sob os pés, o que chegou mesmo foi o verão. E o verão, meus amigos, é uma outra história, bem diferente de uma simples ‘primavera” (Renato L., A Ponte (<http://www.aponte.com.br>).

Era verão dos quentes, aquele do final de 1993, início de 94. “Praieira”, música de Chico Science & Nação Zumbi, e “musa de ilha grande”, do mundo livre s/a me fazem lembrar aquele clima. Tardes azuis de sol, flores vermelhas e amarelas de árvores chamadas castanholas também. As festas. Franc’s e bar do Grego, dentre outros menos famosos.

Inferninho. Prostíbulo, onde mulheres alegres, nem sempre belas, se “dão ao desfrute”. Nordeste é quem fala assim. Na verdade não “se dão”, vendem prazer. E vivem disso. Baixo meretrício. Lugar meio secreto, que se veste para a noite. Escuro. Muitas vezes vermelho. Cabaré. Puteiro. Arnaldo Jabor (1998), em matéria publicada no Jornal do Commercio (1998), explica que no Rio de Janeiro tem lugares iguais a este, que são

⁶⁸ É interessante observar que a diversão proporciona o surgimento do “acaso”.

chamados também de "mangue". Fala do mistério que envolvia o mangue de sua adolescência. Fala de lama. Talvez por isso não tenha sido estranho, no Sudeste, ouvir dizer de um movimento mangue, onde as pessoas se divertem num lugar como o Franc's.

Estranho devia ser para os marinheiros, que famintos de sexo aportavam no cais. Acostumados, chegavam à noite para se divertir. Talvez ficassem sem compreender aquela música, moças, dentre outras, que não estavam a trabalho. Bandas de rock, pop, rap... e luzes coloridas no bar de Francinete: Franc's drinks. Algumas noites, o porto seguro desses homens transfigurava-se.

Antes, o bairro do Recife vivia de glória, segundo depoimento de antigos moradores, exposto no vídeo "Bairro do Recife, a dança da vida" (TV Viva)⁶⁹. Época da Segunda Guerra, porto de ricos marinheiros, o bairro movimentava uma indústria informal de lazer. No final da década de sessenta principia o declínio.

Início dos anos noventa. Poucos transitavam a noite, no Centro daquele Recife decadente. O escuro era povoado pelo fantasma da marginalidade, marinheiros de alguma escassa embarcação, sobrados ausentes de vida. Estes, imponentes, alguns em ruínas, outros ainda conservando fortes traços das antigas construções, pareciam transpirar tristeza.

Como a cidade erigiu-se em função do porto, os sobrados nasceram voltados para o Oceano, ou nas proximidades do mar. Diante dos arrecifes, que deram nome ao Recife, foi construído um ponto que se convencionou chamar Marco Zero. O Franc's dava nome a um velho sobrado próximo a esse lugar. Fruto ou indiferente a esse

⁶⁹ Produtora de vídeo, organização não governamental que se propõe a veicular e produzir vídeos educativos para as comunidades localizadas na Região Metropolitana do Recife.

abandono, com suas luzes, meninas e bebida barata, reinava uma empobrecida "zona de baixo meretrício".

Vindo do mar ou, ao contrário, descendo a ponte, encontra-se a Avenida Rio Branco, primeiro endereço do Franc's. Próximo "as galerias", pouso para tomar um famoso maltado, localizava-se este outro lugar de muitos inícios. Estréias. Namoros. Projetos. Um desses projetos era o Rec Beat.

Nessa Cena Pop, muitas vezes não se estabelecia limites para trabalho e diversão. E os mangueboys trabalhavam se divertindo. Produção da festa. Nas festas que produziam para ganhar algum dinheiro criavam alternativas para diversão. Shows. DJ. Algumas vezes serviam no bar. Bilheteria. Os cartazes sempre buscando dizer algo mais do que as simples informações objetivas, queriam "mensagens que fossem subversivas". Houve uma primeira festa. E muitas outras depois. O projeto Rec Beat brotou dessa idéia.

Começaram em dezembro daquele ano de 1994 Sem grandes intenções. Um ou dois shows a cada sexta-feira do verão 1994-1995, bandas da Cena apresentaram-se no Franc's. Amigos. Bebida. Diversão. Gutie⁷⁰ produzia. Ou seja, viabilizava a apresentação de uma das doze bandas em palco improvisado, fazia contatos com a imprensa, cuidava da bilheteria, contratava o som. Assim como Paulo André, foi importante para que o sistema mangueBit se desenvolvesse e também responsável pela estrutura da Cena Recifense. O Rec Beat permanece todo o verão neste formato.

Em 17 de janeiro de 1994, foi publicada no Jornal do Commercio, foto do mundo livre reunido em uma mesa, na beira da praia e dentro do mar. Junto com o grupo estava um homem de cabelos e barba grandes. Era Carlos Eduardo

⁷⁰ Antão Gutierrez é atualmente produtor da banda mundo livre s/a

Miranda, coordenador artístico do selo Banguela, pertencente aos Titãs. Miranda vinha oficializar o contrato para gravação do primeiro disco do mundo livre s/a.

Em março, no Sudeste, continuavam as notícias e as dúvidas sobre o Mangue. **"Você pode explicar melhor o que é o estilo mangue?"**, pergunta Luís Antônio Giron (1994), jornalista da Folha de São Paulo, a Chico Science. Ele responde, **"Mangue é o Recife, a quarta pior cidade do mundo. Fizemos um manifesto a três anos usando a imagem do mangue, já que Recife foi construída sobre os manguezais e o mangue simboliza fertilidade. Nossas bases são os ritmos brasileiros, retrabalhados de forma experimental. Não quis pegar o maracatu e mudar a maneira de tocá-lo, mas pegar o bagaço daquilo que se faz e Recife e misturar com a visão pop. Éramos jornalistas e técnicos em informática. Achamos que Recife é uma cidade estagnada que queria diversão. Daí o movimento, no sentido de animar as pessoas, injetar energia. Nosso símbolo é uma parábola enterrada na lama"** (31 de março de 1994).

Em abril desse mesmo ano, mais perguntas. **"O que é o mangue beat?"**, pergunta Antonina Lemos (1994), repórter da Folha de São Paulo. A resposta é de Fred Zero Quatro, **"o mangue beat surgiu em Recife. Algumas pessoas que gostavam das mesmas coisas resolveram se unir e formar uma cooperativa. A gente queria que as coisas acontecessem na cidade, mas isso era muito difícil. Por isso resolvemos nos unir e fazer as coisas juntos. Tocávamos com Chico Science e dividíamos o aluguel do som e do equipamento, tínhamos uns amigos que trabalhavam com informática que faziam cartazes. Assim tudo ficou mais fácil"**. Nessa matéria, Fred ainda comenta a distinção entre as bandas do mangue beat, quando refere-se a Chico Science e Nação Zumbi.

O mangueBit é Recife quando ambos são associados ao ecossistema manguezal. A metáfora mangue presentifica-se em movimentação cultural religando universos, cobrindo de férteis possibilidades a cidade do Recife. As bases do grupo, segundo Science são, a cidade, o país que

experimentam transformar quando confabulam composições musiciais.

Com os pés nesse divertido chão movediço expandem os braços e almejam abraçar o mundo com sua "brodagem". Um abraço que revela a ética e estética do pensamento complexo, que segundo Almeida (1998) está longe de ser insípido e acético. "Penso num abraço que seja simultaneamente inocente-libertino; que contém doses antagônicas e complementares de intemperança, excessos, ludicidade e compaixão. Penso num abraço quase uterino, que sabe nutrir e conter, mas somente na condição de facilitar o momento da necessária expulsão para outro patamar de vida." (:07-08)

O abraço, a transformação, a diversão criando um sistema comunitário que procura provocar no outro, na cidade, uma vida lúdica.

"Cordel Eletrônico - nova geração injeta vitalidade no rock brasileiro, incorporando ritmos e sotaques do Nordeste em suas composições." Este é o título da matéria, publicada na Isto é, no dia 13 de abril de 1994, por Ivan Cláudio. **"Os cinquentões que se cuidem. Ao recusarem o rótulo de roqueiros, os 'caranguejos com cérebro', como se autodefinem os garotos de Recife, abrem fogo contra as estrelas estabelecidas. Chico Science, de 28 anos, por exemplo, nega qualquer tentativa de aproximar a sua fórmula envenenada com as experiências de eletrificação dos ritmos nordestinos realizadas pelos baianos nos anos 60. 'O que fazemos é mais novo', exagera. 'Usamos os instrumentos originais e tocamos da forma como eles são executados nos instrumentos tradicionais'. Fred Zero Quatro vai ainda mais longe. 'Os tropicalistas perderam o bonde', afirma. 'Deixaram passar batido duas coisas que mudaram a linguagem dos jovens: o punk e o hip hop'..." (:80).**

Talvez para contemporizar, Ivan Cláudio narra a estratégia do Mangue. "Primeiro, eles se inspiraram na imagem do mangue, onde todo o lixo orgânico se recicla, e lançaram um manifesto chamado 'caranguejos com cérebro' (...). A seguir, criaram um glossário, a maneira das gangues negras americanas, com gírias tiradas de expressões referentes aos caranguejos, que passaram a recheiar suas canções. 'Aratu' por exemplo, é otário. 'Corda' é turma. 'Da lama', é uma coisa legal. 'De andada' quer dizer sair sem rumo certo. Quando o ritmo foi batizado de Mangue Beat estava acabado, e bem embalado, um produto de venda fácil" (Ibidem).

Venda fácil? Alguns anos depois surgiria uma polêmica fundamentada exatamente na dificuldade nas vendas⁷¹. Os CDs do Mangue se tornaram sucesso de crítica, não comercial. Por outro lado, desde o princípio os mangueboys assumem a existência de uma "estratégia de marketing". Modo estranhamente claro para um "plano secreto".

Influência explicitada é Malcon Maclaren. Este, diz Fred a Antonina Lemos, "... inventou a banda Sex Pistols. Ele disse exatamente o que a gente pensa, a história de ganhar grana se divertindo. Essa coisa de ser meio picareta, mas fazer coisas boas. Adoramos isso" (Folha de São Paulo, 11 de abril de 1994).

Falando sobre a influência de Zero Quatro, Helder me explica, em entrevista, que "imagem pública, é como você vai vender o seu trabalho, isso é fundamental hoje em dia...". No site mangueBit⁷², Renato L. detalha o significado de Malcom Maclaren para o Mangue:

⁷¹ Em meados de 1999, o Diário de Pernambuco publica série de matérias questionando a viabilidade da Cena Pop Recifense diante da dificuldade de vendas apontada pelo jornalista, de modo que deixa transparecer este fenômeno descontextualizado da situação econômica do país, um processo especificado da Cena.

⁷² <http://www.recife.pe.gov.br/manguebit>

“**Cash from chaos** (lucro a partir do caos): foi com esse slogan na mente que um judeu-inglês chamado Malcom Madaren resolveu, na primeira metade dos anos 70, projetar uma experiência pop radical...

Malcom havia participado ativamente do maio de 68 e conhecia de perto as idéias anárquicas dos situacionistas. Ele pensou em levar esse seu background para a música popular da época, dominada pelas grandes corporações e pelo chamado rock progressivo.

Junto com sua esposa, a estilista Vivienne Westwood, e o artista gráfico Jimie Reid, ele criou as diretrizes para o que viria a ser chamado o movimento Punk. O objetivo era revelar as engrenagens e os truques baratos da chamada indústria do show business e, ao mesmo tempo, ganhar muito dinheiro com isso.

O dinheiro começou a entrar quando ele montou os Sex Pistols. O som rápido e energético dessa banda e a poesia cortante de suas letras (boa parte reunião de slogans montados por Malcom) ganharam a crítica e o público mais alternativo. Logo, o mundo inteiro ouvia falar no Punk-Rock...

Acompanhar a ascensão e a queda do Punk, seguir toda uma sucessão de golpes de marketing, verdadeiras aulas de como explorar as contradições das grandes corporações.

Essas lições foram observadas atentamente pela **Cooperativa Mangue**. Foram elas que ajudaram os mangueboys a, sem nenhum tostão no bolso, ganharem as páginas de cultura dos principais jornais do país. Agora, pra receber a aprovação do professor Malcom, só falta mesmo entrar o dinheiro...” (Renato L.).

Quanto à imagem, Helder continua dizendo que o músico hoje não toca um instrumento, simplesmente. Não apenas vende sua música, mas vende uma atitude, um modo de ser e viver. “...Um produto, que acho que é mais importante hoje no mercado fonográfico, do que a própria música...

(...)Imagem não é só aquilo que você vê, mas também a história que cerca, então o que cara inventa, que: fulaninho de tal foi expulso da casa dos seus pais, porque tomava drogas, tudo... essa história. O cara quebrando uma guitarra, ou então agredindo um policial, tudo isso daí, compõe o que a gente chamaria de imagem, que é a lenda, o rito, tal. Então acho que o Fred, é, foi influenciado por isso

daí, embora ele seja... na época ele era muito mais ingênuo, muito mais franco do que Malcom Maclaren.

Ele era sincero, ele não tinha manha de pensar uma grande estratégia de marketing. Bastante sincero, assim, aquela idéia daquele manifesto é a cara dele, não tem nada de picaretagem...

O que acontecia na época, a cidade estava muito chata. Então acho que tinha essa expectativa, esse ânimo dos caras de alguma forma agitar, fazer as coisas acontecerem, e eles próprios arrumarem lugar prá tocar. E acima dessa história da música.(...) A gente estava conversando que aqui no Recife precisaria ter uma indústria fonográfica, como na Bahia, que você grava, que você vende aqui mesmo e tal. Acho que tinha ~~essa~~ intenção também; intenção de fazer as coisas acontecerem de verdade, ou seja, criando um mercado.

Aí então ~~essa~~ metáfora do mangue... é uma metáfora sincera também, mas é o gancho que vai levar pra o jornalista ter o que falar na matéria."

A decisão de publicar um *release* é anunciada como estratégia. Faria parte de um "**plano**", Renato L. admite. O modo como Chico Science articulava suas palavras deixava transparecer, Zero Quatro citava em entrevistas. Haveria uma estratégia de ação. Isso também é brincadeira. Havia alguma intenção, o anúncio, atitudes para criação de uma Cena, assim como foi explicitada no Manifesto. Porém, tudo se passava de modo ainda mais desorganizado.

Com o tempo, atribuem toda a história bem mais ao acaso do que propriamente aos planos e influência que já anunciavam as peripécias de Hermes. Ainda assim, brincava-se com a metáfora antes de também levá-la a sério. Mangue. Lama. Caranguejos. Tudo compunha um imaginário aparentemente desconexo, explicitamente zombeteiro. Um dos *slogans* do Mangue, muito propagado por Chico Science, era "Diversão levada a sério". E outras pessoas levavam a sério aquela brincadeira.

“... É engraçado que a imprensa foi tão receptiva aos manifestos que acabou colando essa história de ‘caranguejo’. E pra gente era gréia isso daí. Então ficava inventando: ‘caranguejo com cérebro’, ‘antena parabólica enfiada na lama’, ‘parabólica voltada para o mangue’, isso é gréia, mas que acaba tendo sentido pra quem não sabe que existe uma certa dose de ironia...” Disse Helder em entrevista para esta pesquisa.

Ao mesmo tempo que era diversão, por esse motivo, o imaginário da lama, que emergia de formas diversas, era também criador dos próprios artistas. E essas brincadeiras foram levando-os a se levar a sério.

As lembranças que Fred tem daquela época demonstram o desencadear de acasos e surpresas que provocaram essa transformação. “... Eu me lembro que, por exemplo, quando eu fiz o, aquele famoso texto do Manifesto lá, o: ‘Caranguejo com Cérebro’, que na verdade... depois ficou conhecido como Manifesto - mas que eu fiz como release -, a gente já tinha feito aquele “Viagem ao Centro do Mangue”, lá no Alto da Sé. Tinha sido um sucesso, depois fiz um outro ‘Viagem ao Centro do Mangue’, numa boate Italiana ali na Madalena.

Foi tanta gente que quebrou o sistema de ar condicionado do cara; o cara não se importou. Ai foi tendo outros, teve um na Soparia, depois teve na... o ‘Mangue Feliz’, foi ali no Boato. Montaram um palco ali, e foi até de manhã. E sempre, cada vez, juntando mais gente. E a gente desde o começo, desde o primeiro que foi, eu acho, em setembro de 91 no Alto da Sé... (...) E a gente entre uma banda e outra, mandava uns discursos assim, de brincadeira: ‘Nós somos os caranguejos da lama, e não sei o quê.’ E fazia uns gestos.

(...) Então, desde essa época já tinha essa: ‘Aratu!’, ‘Nós somos os caranguejos com cérebro’, e não sei o quê, e tal. ‘Da lama ao caos’, não sei o quê. E a galera pirava, assim. Num segundo [Viagem ao Centro do Mangue] já tinha nêgo fazendo assim [faz gesto com os dedos indicador e médio, imitando o ato do caranguejo abrir e fechar as patas], no terceiro eu já... eu toquei com um chapéu de palha maior, e até de cabelo prá trás, e ai nêgo começou a usar na rua também... muito louco, assim...”

Mais tarde, não por acaso após a morte de Chico, Renato cita esses acontecimentos de modo mais enérgico no site do mangueBit. "... Junto com a música, vieram os cartazes, as bijouterias, os manifestos e outros produtos pops. Bem rápido, o 'movimento' ganhou as páginas dos cadernos culturais e passou a atrair o público formador de opinião" (<http://www.recife.pe.gov.br/manguebit>). Não sem intenções de garantir-lhe existência após a morte de seu mais conhecido propagador.

Ainda sem grandes preocupações com o destino do que haviam criado, aqueles amigos viviam um tempo lembrado pela fraternidade, intenção, criação e crescente diversidade. Sobre essa época Renato comenta, "...já tinha saído algumas matérias nos jornais. Os meninos iam entrar prá gravar uma fita demo, prá mandar pra gravadora. O 'Loustal', 'mundo livre'... (...) Tinha que fazer o *release*, pra amarrar o *book*. Fred escreveu o *release*, só que não tinha cara de *release*, tinha cara de manifesto. Quando as pessoas recebiam, ficavam dizendo que era um 'movimento' e tal, que era um 'manifesto'.

' – Não... Isso é um Manifesto Manguê!'. A gente: 'Não, mas não é um Manifesto Manguê...', 'não, é só um *release*'. Porque também sempre se teve essa preocupação de não soar uma coisa muito pedante, né? 'Movimento'... sabe...? Uma coisa também intelectual demais, assim, o 'Movimento Manguê' tal, pá. Mas, 'Movimento' ajudava porque tinha esse lado de levar todo mundo junto. Mas assim, depois a gente nem usava mais 'Movimento', a gente usava 'Cooperativa Cultural'. Era uma Cooperativa Cultural."

Baseando-se nos "ensinamentos" de Malcom Maclaren, buscava-se satisfazer necessidades. Queriam um trabalho sem sofrimento, de modo que o dinheiro fosse fruto da diversão. A energia para o empreendimento viria da lama. Ou seja, da periferia, dos excluídos, do caos que soterrava a cidade e sobretudo da alegria que não se exclui dessas palavras, muitas vezes marcadas com conotações negativas. Assim como Malcom Maclaren, tencionavam subverter a realidade, explorando as

contradições dessa mesma realidade. Era preciso criar e projetar uma outra realidade, porém, no caso dos mangueboys, sem que fosse exterminada a realidade vigente. A cidade do Recife encarna esse real. Os mangueboys se percebem a própria cidade e buscam sobreviver, reavivando-na.

Assim surge das peculiaridades da cidade, a metáfora que expressará o fenômeno em que se constituía. A imagem do "mangue" foi trazida por Chico Science. Jorge dü Peixe conta de uma das muitas viagens de ônibus que fez ao lado de Chico. "... Eu lembro de Chico, certa vez no ônibus. Sentado ali atrás naquela partezinha. '- Pô, eu tô com uma idéia legal ai Jorge'. '- Que foi?'. '- Vou inventar uma parada, um esquema musical, como tem aí o mambo, tem o calipso: o mangue!'" Eles passavam no trecho que liga Recife à cidade de Olinda. Lugar onde a vegetação de mangue é ainda bastante vasta. (Lugar onde, mais tarde, Chico sofre fatídico acidente de automóvel).

" '- Ó pra li... – continua Jorge lembrando o amigo, '... ó pra'qui! É tudo lama, porra!'" . Foi assim que Science contou sua idéia, provavelmente pela primeira vez. Ainda simples analogia, talvez metonímia, o mangue nascia com a interpretação de batida. É como se Science ainda não pudesse compreender a dimensão de sua própria idéia.

Porém nesse mesmo semestre, Zero Quatro havia sido demitido da TV Jornal, onde trabalhava como repórter. "... A TV Viva tava querendo concluir um documentário sobre os mangues Pernambucanos. Não foi nada inspirado na cena dos mangueboys, nada. Era uma coisa mesmo de documentário, que eles tavam querendo fazer, ecológico mesmo.

Entrevistei um cara que tem um barco, de pesca. Fui em muitas colônias de pescadores também e tal. E algumas pessoas de universidade, assim, especialistas nessa parte de mangue. Gente do CPRH, do IBAMA. Entrevistei um bocado de gente. E eles [da TV Viva] tinham muita imagem já, e queriam alguém prá fazer um texto, um roteiro, prá poder montar o documentário. E me chamaram por isso.

O fato deles terem me chamado... Foi duas coisas: uma delas saberem que eu tinha saído da TV Jornal, que eu tava com tempo livre, e outra, deles saberem dessa história do Manguê. [De falar] em 'caranguejo com cérebro' e tal. Aí me chamaram. E eu tive uma oportunidade de até ler mais sobre isso, que antes era uma coisa totalmente do jeito que a gente conhecia o mangue. Chico também sempre cresceu no mangue. Era uma coisa bem cultural mesmo."

A possibilidade, os conhecimentos, provavelmente as imagens deste documentário, auxiliam no surgimento da idéia de uma Cena, ajudaram na expansão da metáfora. O Manguê também crescia diante das influências sofridas dos movimentos Hip Hop e punk.

Para Helder, com esse trabalho para a TV Viva, Zero Quatro "... ficou sabendo que o mangue é um sistema extremamente diversificado, que era um sistema muito rico, que era um sistema que era responsável por essa revitalização da vida marinha, é o lugar onde os bichos vão ter muitos animais, vão lá ter seus filhotes reproduzir e tal. Aquelas plantas do mangue, elas absorvem bastante da poluição, elas limpam etc. Então isso tudo sugeriu uma metáfora bem bacana para uma cena cultural, como eles imaginavam..." (em entrevista realizada durante o trabalho de campo)

Confirmando, Fred fala, "...Então me deu essa vontade. 'Porra, a gente já tem tudo isso aí e nunca parou pra fazer um *release*!'. Aí comecei a refazer esse *release*, inspirado também nesse documentário..." O tal *release* interpretado como manifesto.

A idéia inicial, as experimentações diante do público, a oportunidade de aprofundar as reflexões. E muita, mas, muita conversa jogada fora entre amigos. A idéia vai se transformando em conceito, ainda que cheia de aberturas, característica das metáforas. Manguê. "Melhor rótulo, impossível..." diz Renato em seu texto contido no Manguêbit. "...Manguê é uma palavra forte, concisa e o Recife nada mais é que um monte de entulhos erguidos sobre aterros de manguezais. Além disso, ele tem outra vantagem: é o meio ambiente com o maior número de espécies vivas do planeta. Um dado que seria usado para uma metáfora básica. A partir de então, a

utopia seria construir no Recife uma cena cultural tão rica e variada como o ecossistema Manguê."

Foi exatamente depois dessa época, após o primeiro Abril pro Rock, que aconteceu a já citada primeira **"Manguetour"**. Para essa viagem, foi adaptada a estratégia de *marketing*, que vinha se configurando com as metáforas, o release-manifesto, e a cooperação entre os companheiros, ou, brodagem.

Confeccionaram uma espécie de **"Kit-manguê"**⁷³. Mais uma vez nascido da brincadeira. Lembrado com humor. Esse **"kit"** ou **"book"** do Manguê, continha uma camiseta, uma garrafa de pau-do-índio, bebida típica, feita de mistura misteriosa de ervas. Um chip de computador amarrado a um cordão, para ser pendurado no pescoço, o glossário Manguê e uma fita demo, com as gravações de músicas das bandas. Agora almejavam a coletânea **"Caranguejos com Cérebro"**. Distribuíram tudo para a imprensa. O projeto desta coletânea foi interrompido graças a repercussão da viagem. Estiveram em São Paulo e Belo Horizonte. "... Foram só três shows, mas que resultaram num sucesso de público e crítica e em convites para a gravação de discos." (Renato L., em Manguêbit).

Ogum e Exu, deuses africanos, antigos orixás companheiros, parecem ter atuado juntos novamente. É como se lhes coubesse a conquista de espaço e a criação de uma estratégia para tanto. Estratégia de conquista de um lugar para ser. Os manguêboys eram a própria cidade estuário de que falavam. Criadores criaturas da Manguetown (Cidade do manguê). Férteis, aprendem a contar com a própria diversidade. Feitos de elos, inventam um lugar para todos. A princípio pensavam nos amigos. Mas a criação não é linear.

⁷³ possível alusão jocosa aos Kits utilizados nos carnavais fora de época, que no Recife é representado pelo Recifolia.

A adoção e uso de uma metáfora - **"Mangue"** - envolve toda a cidade. Brincadeira. União. Cooperação. Inventam variações, símbolos, associações relacionados à imagem. Criação de manifesto, glossário, músicas. Objetivar expressão na mídia, nos shows, nas festas.

Também não ignoravam o acaso. Ouviam sua música. Aproveitavam oportunidades. Abriam-se para surpresas. Comunicam brincadeiras, fazem gestos, tocam e cantam. Os outros ouvem, crêem, resignificam, expandem. Em dinâmica infindável, surgem reflexões sobre o que é dito sobre o que eles dizem. Escutam as respostas.

Propagar a imagem do Mangue, brincadeira, diversidade. Foi essa uma das estratégias. A estratégia do Mangue é fruto do diálogo entre diversão, diversidade, perseverança e cooperação. Nascida do encontro entre guetos, filha da periferia, dos que se sentem excluídos, acessa e utiliza-se de uma linguagem massificada.

"Uma antena parabólica fincada na lama". Sobre essa metáfora Lúcio Maia fala, "Geralmente é... assim, os aparelhos que são de baixa tecnologia, têm maior alcance, tipo a rádio AM ela tem mais alcance do que as FM, porém o sinal dela é um pouco piorado, mas ela atinge muito mais área. É a história de baixa tecnologia, mas um alcance maior. E é, a verdade era essa mesmo. A gente trabalhava em cima disso... (...) Com pouca coisa mas com... podendo atingir vários lugares. É exatamente aquela história de você tá ouvindo a raiz com a tecnologia, e expandindo aquilo para o universo." (em entrevista realizada durante o trabalho de campo)

"Resumindo" - fala Jorge dū Peixe - "é sempre em busca de informações. Quando a gente trocava livro didático por disco, a gente tava adquirindo informação de alguma maneira... (...) O satélite, como é que é? De baixa tecnologia porém de longo alcance, né? Você cada vez tenta buscar mais, né? Mais informação, mais informação, mais informação. (...) Sempre quem tem menos recursos, sempre quem tem menos por onde fazer, vai sempre querendo ficar mais,

chegar mais rápido, chegar mais longe..." (em entrevista realizada durante o trabalho de campo)

1994. O Projeto Rec Beat repete, ao mesmo tempo que recria parte dessa estratégia. "Depois de transformar o velho prostíbulo Adília's – atualmente Franc's Drink – no antro **undergroud cult** da nova e efervescente cena musical de Recife, 12 bandas que participaram do Projeto Rec-Beat aportam outra vez no badalado Aeroanta, nos dias 3 a 6 de agosto, com apoio da FM Brasil 2000. A rádio irá realizar entrevistas e colocará no ar 130 inserções comerciais, a partir de 25 de julho" (em entrevista realizada durante o trabalho de campo)

Apoio da mídia. Músicos pernambucanos no Sudeste. Aeroanta. Ausência de lucros diretos. **"A primeira invasão nordestina ocorreu há exatamente um ano, quando os mangueboys da Mundo Livre S/A e Chico Science & Nação Zumbi foram, com a cara e a coragem, fazer um show no Aeroanta. Eles ganharam espaço na mídia – nos grandes jornais e programas de televisão como Lado B, Metrópolis, Fanzine e Programa Livre – pouco tempo depois as duas bandas foram contratadas pelo Banguela/Warner e Sony Music, respectivamente"** (Jornal do Commercio, Recife, 4 de Julho de 1994).

Na mídia do Sudeste. Espaço. Na mídia local. Na indústria fonográfica. De volta, lugar na própria cidade. Além da possibilidade de ascensão nas bandas participantes, a exemplo do que acontecera a um ano com os mangueboys, o Rec Beat também ajuda a fortalecer o Mangue e seus criadores.

Algumas semelhanças. Nasce de algo que parecia impossível **"... era preciso alimentação, hospedagem e transporte para quase 50 pessoas, fora a produção dos shows..."** (Clarisse Horffmann, Jornal do Commercio, 04 de agosto de 1994). O evento funcionou graças a união de esforços. **"A estratégia para conquistar esse público, a mídia, e os olheiros das gravadoras é a mesma que os**

mangueboys utilizaram no ano passado. É a chamada *brodagem...*" informa Marcelo Pereira, Jornal do Commercio, Recife, 04 de julho de 1994).

Diversidade. O Rec Beat mostra que a Cena de Recife vai além do movimento mangue. "... Essa é a grande chance de mostrar a diversidade das propostas que surgiram no Recife nos últimos anos, juntamente com o movimento mangue...", fala Gutie, o produtor, para Marcelo Pereira. (Jornal do Commercio, Recife, 04 de julho de 1994). União. É característica marcante das Jam Sessions⁷⁴. Os shows são apresentados por Fred Zero Quatro, artista já conhecido, que acompanha os iniciantes.

No segundo dia do evento, "o momento foi simplesmente inesquecível..." conta Clarisse Horffmann, de São Paulo: "... Parecia uma das noites da Soparia. Os poucos paulistas que não entraram na roda ficaram pasmos, olhando. No final, boa parte das bandas do Rec-Beat e Chico Science e Nação Zumbi, que correram para o Aeroanta após apresentação no Olímpia, cantaram Recife Jam fechando uma noite que entrou para a história da música pernambucana..." (Jornal do Commercio, Recife, 05 de agosto de 1994).

Diversidade, união, expansão, som. Essa é a música. Repete-se. E como rito confirma, movimenta, transforma o mito. Credibilidade. "Quer medir o nível de sanidade e honestidade da imprensa? Quer saber se somos todos comprados pelas multinacionais para inventar uma 'cena de Recife' do nada? Não meça só pelo disco de Chico Science & Nação Zumbi. Confira ao vivo. Suas chances de saber o que realmente se passa começam essa semana, com a

⁷⁴ Encontros entre músicos que experimentam composições criadas naquele momento. Assemelha-se ao brincar de tocar. Na Cena Pop Recifense, esses "jamais" são presenciados pelo público e se realizam na finalização de festivais como Abril pro Rock, Soul do Mangue, Rec Beat, dentre outros.

presença na cidade de duas bandas recifenses (...). Mas isso é só aquecimento para a primeira semana de agosto, quando rola o Rec-Beat no Aeroanta...". (André Forastieri, Folha de São Paulo, Recife, 18 de julho de 1994).

Antes sem qualquer apoio público ou privado, os integrantes da Cena de Recife, dessa vez, são acompanhados pelo produtor Gutie. Agora também conseguem, mesmo que de última hora, apoio do Estado. O retorno. Segundo Clarisse Hoffmann, "o BANDEPE, a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo, a Fundarpe e Empetur, patrocinadores do evento, permutaram 11.380 reais por shows e conseguiram ter o nome de Pernambuco figurando nos principais veículos de comunicação do país. Se apenas o espaço de página inteira, que saiu sobre o Rec-Beat na Folha de São Paulo, fosse ocupado por publicidade no mesmo dia e caderno, o Governo desembolsaria 59.237 reais. Isso, sem contabilizar as matérias publicadas nos demais jornais de São Paulo, chamadas em diversas rádios, reportagens veiculadas a nível nacional na TV Cultura, Globo e SBT, afora os meios de comunicação local" (Jornal do Commercio, Recife, 13 de agosto de 1994).

Nesse momento, aos olhos do Sudeste, pulsa o crescimento de Recife e mais um acontecimento acrescenta idéias diferentes às associações de pobreza, incapacidade e esterilidade do Nordeste. Recife passa a ser "...a cidade onde o pop nacional tem encontrado solo mais fértil..." Juliana Resende, O Estado de São Paulo, 29 de julho de 1994). "... O sucesso alcançado pelas bandas abriu portas e a capital pernambucana e ganhou título de 'Seattle brasileira' - comparação precipitada com a cidade que inventou o grunge..." (Jornal da Tarde, São Paulo, 03 de agosto de 1994). Ao mesmo tempo, os ecos do Mangue ultrapassam as fronteiras do país. Neste mesmo ano

Chico Science & Nação Zumbi faz as primeiras excursões pelo exterior.

Em plenos festejos de Momo, 1997, houve o primeiro Rec Beat Carnaval, em formato semelhante ao projeto Rec Beat, produzido por Gutie. Em 1998, o Rec Beat transformou-se em **"Mangue em Movimento"**, também itinerante produzido pelo Sesc-Pompéia (São Paulo), agora, levando outras linguagens como cinema e moda. Mais tarde, no carnaval de 1999, a Prefeitura da Cidade do Recife inaugura o **"Polo Mangue"**, onde acontecem shows abertos ao público, com o apoio da referida Prefeitura.

No final daquele ano, 1994, mundo livre s/a lança seu **"samba esquema noise"**. Selo Banguela, Record/Warner. A editora da Ilustrada, Folha de São Paulo, Bia Abramo, escreve matéria: **"Geração 90 já tem seu grande disco"**. Declara que **"essa geração já produziu pelo menos um grande disco. 'Samba esquema Noise' é candidato certo a melhor CD de música brasileira do ano.**

Em relação ao Mundo Livre S/A não é justo falar de mistura ou qualquer outra coisa do gênero para explicar o tipo de música que eles fazem. Não se trata de uma mera justaposição de samba e guitarras, de rock e influências regionais.

É samba, sim, mas feito com uma atitude roqueira. É rock também, mas pensado a partir da 'Cidade Estuário'. Título de uma das suas músicas ('o mangue injeta/ abastece, alimenta/ recarrega as baterias/ da Veneza esclerosada,/ depauperada,/ embrutecida...').

O mangue-beat de Zero Quatro tem uma postura muito próxima do tropicalismo. (...) Ao contrário de Chico Science, que teve a potência de sua música, particularmente da percussão, abafadas por truques 'popizantes' de estúdio, o Mundo Livre S/A teve um tratamento muito mais adequado da produção. Em vez de

aplainar as estranhezas, Charles Gavin e Carlos Eduardo Miranda evidenciaram os vários choques entre instrumentos (cavaquinhos e guitarras, bangôs e baixo, e assim por diante) e respeitam as mudanças abruptas de ritmo." (Folha de São Paulo, 25 de outubro de 1994).

Luís Antônio Giron (1994) define o "mangue-beat" como um "gênero pop", e especifica: "segundo Science e Zero Quatro, o mangue-beat consiste na junção do excesso de informação midiática com a miséria dos subúrbios recifenses, o pop de ponta com o folclore" (Folha De São Paulo, 25 de outubro de 1994). O jornalista cita Zero Quatro, observando que o compositor "... fala como ex-jornalista de cultura que é (trabalhou em jornal e TV): 'Nossa estética toca o paradoxal. Reflete a diluição e a fragmentação do indivíduo e a perplexidade dele diante das tecnologias emergenciais. Mas, ao mesmo tempo, trai um isolamento. A gente fala de coisas como estar ligado e, no entanto, o que nos dá mais força é o fato de não estarmos tão ligados assim, de termos que correr atrás da informação. Temos ainda o folclore, mas não conseguimos sintonizar a MTV'. " (Ibidem).

O assunto passa a ser o disco de lançamento da referida banda mas os termos que enquadram bandas como Chico Science e mundo livre s/a, não param de sofrer alterações. Tárik de Souza (1994) comenta que "o disco reafirma o movimento mangue beat ao lado do outro grupo pernambucano, o Chico Science. Zero Quatro, líder do M.L. e autor do texto *Caranguejo com cérebro* troca o sufixo *beat* (batida) pelo *bit*, de computação, num *link* da tecnologia de ponta com o primitivismo que remete ao *insight parabolicamará* do disco anterior de Gilberto Gil. Não por acaso a faixa *Rios (smart drugs) pontes e overdrives* conta com gargarejos rítmicos e berimbau do vanguardista Naná Vasconcellos, protagonista do clássico

do ruído, Amazonas, de 1973. Os oprimidos anos 70 da ditadura foram responsáveis por uma febre de estética da MPB(...). A diferença da nova frequência de onda *noise* é a desestruturação *punk* sob o peso de guitarra pós-*grunge*." (Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1994). "Caligrafia libertária", o mundo livre atesta, diz Tárík de Souza, "...entre o batuque e a reflexão".

Luciano Almeida Filho (1994) alerta: " 'Mangue-beat' não é um novo ritmo vindo de Recife (PE), como pensam os 'mais desavisados. Na verdade, o movimento mangue é mais um conceito, uma proposta livre e aberta, do que propriamente um estilo musical" (Diário Do Nordeste, Fortaleza, 23 de dezembro de 1994).

Nesse ano, com o lançamento do disco "Da lama ao caos", surgiram murmúrios. "O lançamento do disco evidenciou uma certa cisão no movimento do mangue com troca de acusações de plágio e apropriações indevidas entre Fred e Chico Science. 'Isso na verdade não passou de um mal entendido alardeado pela imprensa. Não houve nenhuma briga entre eu e o Chico', desmentiu. 'Houve um certo distanciamento entre a gente devido ao trabalho. O Chico assinou com a Sony. Nós resolvemos esperar um pouco mais e assinarmos com a Banguela com todas as condições que queríamos e isso deixou uma diferença muito grande', revelou. Mas as duas bandas já voltaram a fazer o show juntos. 'Até pintou novas parcerias', adianta Fred Zero Quatro..." (Ibidem).

Talvez guiados pela temática: fama separa grandes amigos, foi feita matéria na folhateen, encarte da Folha de São Paulo. A matéria conta a história da amizade de Fred e Chico. Conheceram-se em 89 e a amizade firmou-se através da necessidade de fincar uma parabólica na lama. "Para conseguir isso, perceberam que tinham que se organizar. 'Nós chamamos

produtores de vídeo, fotógrafos e todas as pessoas que tinham vontade de trabalhar correndo por fora, sem esperar que as pessoas olhassem para o Nordeste', conta Fred.

Foi aí que surgiu o 'mangue beat'. 'Eu pensei na idéia do mangue, que é uma coisa muito presente no Recife, e o Fred, esse gênio, escreveu um manifesto explicando tudo', conta Chico.

Esse mesmo manifesto fez com que os amigos se separassem por um tempo. A desavença começou quando o disco de Chico Science, 'Da Lama ao Caos', chegou às lojas com o famoso manifesto publicado no encarte sem os devidos créditos.

'Foi uma briga de amigo. Você nunca brigou com um grande amigo e depois fez as pazes?', pergunta Chico. Hoje os dois já dão boas risadas quando falam no assunto" (Folha de São Paulo, 9 de janeiro de 1995).

A TV Cultura exibe, no dia 16 de fevereiro de 1995, o programa **"Movimento Mangue Beat"**, e assim divulga o Mangue para o grande público. Nessa época, **"Praieira"**, música do CD **Da Lama ao Caos**, de Chico Science & Nação Zumbi, emplaca na novela da Globo **"Tropicaliente"**. Estas são notícias veiculadas pela Folha de São Paulo, em 16 de fevereiro, 1995, por Pedro Alexandre Sanches,

"Da cena local, batizada 'Rec Beat', aparecem (de relance) bandas como Lara, Eddie, Faces do Subúrbio, Conservados em Formol, Living in the Shit. Rock, heavy metal, dance music, reggae e rap se misturam e buzina junto com depoimentos ininteligíveis de membros das bandas.

Percebe-se que Zero Quatro e Science têm porque sagrarem-se líderes. Se a Globo assistir e resolver comprar ideologias, periga virar moda".

Em Recife, no mês de março desse mesmo ano, o mundo livre s/a participa das comemorações do aniversário da cidade. Atração para qual foi reservado palco secundário.

Definindo com maior precisão, Fred Zero Quatro explica que não é **"o mentor intelectual"** do Mangue. Em entrevista concedida a Cláudia Holanda e Cláudia Ferrari,

do tablói de Papagaio Press. "Talvez eu tenha conseguido verbalizar melhor a intenção da galera. Chico, Mabuse, Renato L., Jorge do Peixe. Esses caras sempre pensaram o visual, as gírias. Eu conseguia traduzir essa linguagem. Algumas expressões são minhas, Renato criou outras. Manguê como ritmo, batida, quem usou primeiro foi Chico, em 91, num show que ele fez com a banda Loustal e o Lamento Negro. Criei expressões como 'Parabólica na Lama', e 'Caranguejos com Cérebro'. Chico Science tem grande facilidade de assimilar as coisas, é um grande catalisador, ele consegue uma mistura rápida, a química" (outubro/novembro de 1995).

Se visualizarmos amigos reunidos em volta de uma mesa de bar, se imaginarmos conversas, idéias, sonhos, invenções, pilhérias fluindo sem censura, é possível apreender esse modo coletivo de criação. Porém, difícil é discriminar qual desejo, gargalhada, palavrão, é dito exatamente por quem. Era esse movimento que faziam as produções do mangueBit. Agindo desta maneira, formaram um sistema que ganha força através do homem coletivo, como diria Science, indicando o arquétipo do guerreiro, como muitas vezes fez em sua música.

Os esclarecimentos prosseguem quando o jornalista Marcelo Pereira (1995) convida Chico Science e Zero Quatro para entrevista coletiva:

"Da lama para a fama foi uma longa andada, mas os mangueboys conseguiram com que os sinais emitidos de sua parabólica encravada no mangue fossem captados nos Estados Unidos, Europa e Japão. Chico Science levou o maracatu envenenado de sua banda Nação Zumbi a alguns dos principais festivais norte-americanos e europeus, enquanto Fred Zero Quatro conquista a crítica brasileira com o CD samba esquema noise da sua Mundo Livre S.A. O prestígio garantiu-lhes o segundo disco, que estão cevando em estúdio. A fama, contudo, ainda não trouxe a fortuna e a boa vida que tanto sonham como recompensa..."

(Marcelo Pereira, Jornal do Commercio, Recife, 27 de fevereiro de 1996).

Passaram-se três anos desde que bandas encabeçadas por Chico Science e Nação Zumbi e mundo livre s/a tornaram-se pauta dos mais diversos jornais do País. No início do ano de 1996, quando se aguardava o lançamento do segundo disco de cada uma das bandas, havia expectativa dos resultados das produções artísticas e especulações sobre a possível diluição do grupo e do sistema por eles gerado.

Perguntava-se sobre um **"movimento mangue"**. Sobretudo acerca de sua continuidade, Fred declara que "quanto a questão de dar continuidade ao movimento mangue, nesse disco tem tanto maracatu implícito quanto no outro. A gente sempre pregou essa coisa de diversidade, de sonoridade própria, ao mesmo tempo não descarta que daqui há um ano ou dois eu vá querer fazer um trabalho em cima de coco-de-rodã, maracatu, ou qualquer outra coisa. Continuo muito ligado ao samba noise, explorando as possibilidades do cavaquinho e a uma forma bem própria de tocar samba. Ninguém precisa passar o tempo todo provando o que é mangue-beat. É como os tropicalistas, que não ficam sempre falando no Tropicalismo." (Ibidem). Chico, por sua vez, parece aprofundar o conceito de mistura, quando fala do CD **"Afrociberdelia"**, nessa época aguardando lançamento. "O segundo álbum vem com um nome estranho, que um amigo batizou de afrociberdelia o batuque que ele ouvia a banda fazer. A gente quer falar nisso, na mistura de maracatu com cibernética e psicodelia. Só porque está no Terceiro Mundo a gente não pode deixar de falar dessas coisas nem de se conectar com outros lugares com uma linguagem nova. Hoje nós estamos definindo um conceito de maracatu cibernético psicodélico. Depois podemos fazer outra coisa..." (Ibidem). E, assim, acompanha Fred na idéia de liberdade para criação.

Esta foi a fase em que perguntas soaram como cobrança. Esperava-se do mangueBit a "consistência" que até mesmo o denominado "movimento artístico" nem sempre

apresenta. Assim, a metáfora mangue corria o risco de ser tolhida em suas possibilidades de expansão diante do percurso linear atribuído a manifestações equiparadas a um "movimento".

Este termo foi assimilado pela imprensa, pelos próprios artistas do grupo, de modo que aparentava certa estabilidade, e a linearidade a ela atribuída. Mas diante dessas ações, o grupo posiciona-se de modo contrário.

Partindo da referência de um "movimento", Thales de Menezes (1996) comenta essa reação: **"sem a responsabilidade de mostrar para o resto do Brasil o que era o mangue-beat do Recife, o grupo, liderado por Fred 04, fez um CD mais rock e menos inventivo.**

"O álbum de estréia, 'Samba Esquema Noise', cruzava cavaquinho com guitarra heavy e expunha a face tropicalista do mangue-beat, caracterizada pela mistura de ritmos e instrumentos" (Folha de São Paulo, 20 de maio de 1996).

Essas críticas podem ter sido motivadas pela "ousadia" do grupo que não se rendia às expectativas do mercado. Por outro lado havia, da mesma forma, a opinião que indicava a continuidade do sistema chamado movimento.

"A geração Mangue Beat chega à sua segunda rodada. Chico Science e Nação Zumbi lançam 'Afrociberdelia', e Mundo Livre S/A publicou na semana passada 'Guentado a Ôia'.

Dão sequência assim ao movimento nascido em Recife (PE), data de estréia das duas bandas em disco.

O conceito continua o mesmo: fusão de ritmos populares do Nordeste ao universalismo do pop e do rock, fusão antropofágica da miséria do mangue à sofisticação tecnológica das antenas parabólicas." (Pedro Alexandre Sanches. Folha de São Paulo, 22 de maio de 1996).

Quando Sanches (1996) pergunta sobre a continuidade do mangueBit, Chico responde que “o movimento Mangue Beat sempre será. Foi um pontapé inicial, e é o que a gente continua trabalhando. O núcleo que formamos com o Mundo Livre S/A ficou meio arquivado, corremos cada qual para o seu lado, partimos para as missões.” (Ibidem).

Para este outro jornalista, o mangueBit e seus símbolos são reafirmados na emersão deste novo ciclo, aberto pelo lançamento dos novos CDs das bandas.

No verão de 1997, outro acontecimento interfere de modo significativo no sistema mangueBit.

Domingo que antecede o carnaval, Chico Science, que seguia para encontrar amigos na cidade de Olinda, sofre colisão com outro veículo que trafegava na avenida Agamenon Magalhães. O mangueboy perde a direção e choca-se a um poste, próximo ao mangue. Naquele mesmo trecho, alguns anos atrás, Science havia apontado para aquele mesmo mangue, explicando sua idéia e associações que envolviam mangue, música, cidade.

Após a trágica morte de Chico Science, surgem novos escritos⁷⁵ sobre o Mangue. Época de um segundo Manifesto. **“Quanto vale uma vida? Longa vida ao groove!”**. Título do texto escrito por Fred Zero Quatro, com colaboração de Renato L., dias depois da morte de Chico, que retoma o que transparece como principiar da Cena Pop Recifense.

“Se o caso é especular sobre o que pode acontecer daqui por diante, o mais oportuno seria tentar identificar na história do Pop fatos ou situações semelhantes que possam servir de exemplos. Em se tratando de movimentos de cultura Pop; gerados em focos isolados; situados na periferia do mercado e com reconhecimento mundial, os fenômenos mais correlatos ao Mangue Beat que se tem notícia – ainda

⁷⁵ Renato L. e Mabuse atualizam o Mangue Bit, com textos que detalham o que é Mangue, bem como reportando-se a sua origem. O Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco (Recife) publicam matérias durante toda a semana que se iniciou no dia 02, data da morte. Jornais do restante do país concentram publicações no dia 04 de fevereiro de 1997.

que os estágios de desenvolvimento sejam distintos – são Jamaica pós Bob Marley e Salvador Pós-Tropicalismo.

Sobre Salvador, minha experiência como mangueboy me diz que o Tropicalismo não surgiu lá por acaso. Nada no mundo poderia ter impedido o caldo cultural da cidade de gerar posteriormente (e, na seqüência) os Novos Baianos, A Cor do Som, os trios elétricos, a Axé Music, o Samba-Reggae, a Timbalada, etc..

Também não foi por milagre que a Jamaica se tornou berço do Calipso, do Ska, do Reggae, do Dub, do Raggamuffin e de todas as variantes do Dancehall que hoje, quase 20 anos depois da morte de Marley, contaminam as paradas de sucesso de todo o mundo. Esses dois fenômenos foram condicionados por combinações específicas de fatores geográficos, sociológicos, antropológicos, enfim, culturais, cuja história eu não seria capaz de analisar. Mas em se tratando de focos isolados que a partir de um determinado estímulo, geram uma reação em cadeia capaz de contaminar toda a história futura de uma comunidade, meu depoimento talvez possa ser útil." (Jornal do Commercio, Recife, 21 de fevereiro de 1997).

Aqui podemos refletir sobre uma metáfora que reporta ao feminino, ao mesmo tempo, que lida com a coletividade. Fred se reporta a movimentos pop, para compreender o que aconteceria ao Mangue. Sabia-se fruto da própria criação, e observava que os fenômenos originais dessa movimentação geram outras reações.

II.02. Cena. cenas

A invenção de uma Cena - pedaço de espaço irremediavelmente ligado ao tempo - é concebida para salvar Recife. A antena parabólica é enfiada na lama. Mergulhando no caos dessa lama, do infinito imaginário, o universo personifica-se, captado pela antena. Ligação limite. Rito para criação. Vazio. Volta ao espaço primordial. Dessa forma, organizações da cidade são

subvertidas, quando lembrado o primevo encontro das águas doces e salgadas. Uma imagem da fertilidade do mangue antecede, e sobrepõe-se, à cidade que cresce da lama.

E aquela brincadeira com o passar dos anos desemboca no mangueBit, componente e compositor da Cena Pop Recifense. Esta Cena Pop, assim chamada pelos mangueboys, se constitui de diversas outras pequenas cenas que se repetem. São algumas destas cenas recorrentes que explico agora. Pois através destes fractais, pretendo possibilitar a visualização das imagens que compõem o cenário do mangueBit.

Quando Fred Zero Quatro e Renato L. escrevem o Primeiro Manifesto Mangue, expressam o objetivo de salvar a cidade. Apontam como saída a criação de uma Cena. Uma Cena que servisse como "injeção de energia na lama do mangue de Recife", e assim, estimulante do que ainda restaria de vida nas **"veias"** da cidade.

O embrião desta Cena, no momento em que escrevem o manifesto, passa por um processo de articulação. Um organismo, um núcleo, de pesquisa e criação de idéias pop, que através da metáfora mangue, comunica-se com a **"rede mundial de conceitos pop"**.

O que seriam idéias pop? Como seria esta rede mundial? Conceitos pop? Diante de dúvidas como essas, encontro Renato, em uma dessas noites, no Pina de Copacabana. Pergunto o que é cultura pop. Além de não responder brinca, fingindo-se de esquecido. Insisto entrando na brincadeira. A resposta é a mesma.

Depois escrevo para h. d. Mabuse.

- "... Tenho estado atrás da compreensão do que danado é cultura Pop. Você teria alguma pista?..."

Ele me responde:

- “ah! quanto uma definição do que eh cultura pop, lanço mão de uma frase clássica do grande Santo Agostinho: ‘se não me perguntam sei o que eh, se me perguntam desconheço’.

- “... sabe que Renato respondeu parecido?”.
Comento.

- “É a enrolação padrão, (brincadeira...)”.

O conceito de cultura pop, vem sendo construído. Não é privilégio dos mangueboys, o uso, assim como essa inexatidão em sua definição. **“Até o início dos anos 80 era fácil definir o pop como tudo aquilo que a massa considerava prioritário na sua lista de consumo cultural. Pop era Michael Jackson, pop era ET, pop era uma calça Levi’s 501. Bons tempos aqueles. Tempos básicos, de uma simplicidade comovente”**, escreve o antropólogo Hermano Vianna (Folha de São Paulo, 13 de abril de 1997).

Shows, música, cartazes, bijuterias, manifestos são produtos pop, expressa Renato L.⁷⁶. O mangueboy menciona ainda, em texto sobre a banda Mestre Ambrósio⁷⁷, a “Nova Cena Pop do Recife”. Considera, então, a emergência de um acontecimento que relaciona ao pop, a cidade. Uma Cena Pop.

Descrevo cenas dentro da Cena⁷⁸.

Às margens do Rio Capibaribe, no Cais da Alfândega, Centro do Recife. O ambiente abriga amigos, que se encontram e sentam ao redor de mesas, sob aquele galpão velho, de paredes úmidas e pichadas, com desenhos coloridos e variados. Esta Cena contém *stands* e música alta. Um mercado com artigos pop. O Mercado Pop. CDs, confecções locais⁷⁹, bolsas e sapatos alternativos⁸⁰,

⁷⁶ <http://www.recife.pe.gov.br/manguebit>

⁷⁷ Ibidem

⁷⁸ Usarei esta expressão com letra maiúscula por considerar, baseada em Morin (1975), que cada parte contém o todo.

⁷⁹ Período Fértil, Makossa, Carrapicho, o estilista Eduardo Ferreira, etc.

⁸⁰ ZAZ, FAG, etc.

instrumentos musicais regionais, bijuterias, acessórios, camisetas, incenso, trabalhos artísticos, etc. Um Dj apresenta sons através da rádio Lama, veiculada para o público do mercado. Skaitistas e demonstrações, muitas vezes fazem parte da programação. Capoeira, teatro de rua, vampiros do jogo RPG, maracatus.

Noite na Soparia do Pina. Outras Cenas. "De lama nada/ Segura essa garrafa/ O gargalo já tá feito/ tais adivinhando cheia/ olha pra lá, vira a cara e não dá bola/ pega uma ficha aí/ bota lá na radiola/ cadê Roger? Cadê Roger? Cadê Roger? ô/ Macô⁸¹..." Transformou-se em lenda, a história de um bar na praia do Pina, em Recife, que abria espaço para grupos se apresentarem. Soparia do Pina era o nome daquele bar. Algumas vezes Roger, "o dono da Sopa", fechava aquele trequinho da Herculado Bandeira, e montava um palco. Foi assim feita uma das primeiras apresentações do Manguê, em 1992.

O dia demorava adentrar o bar. No espaço interno era sempre escuro, apesar do ambiente não ser fechado, como é o de uma boate. Uma mistura caótica de fotos de infância, estatueta de uma sereia, um antigo sofá rubro, mesas e cadeiras. Espaço para dança, retrato pintado de Sofia Loren, escudos de times de futebol, alguns cachorros guardiões de louça, mesas e cadeiras, dois banheiros femininos onde nunca faltava papel, desenhos cobrindo as paredes, mais mesas, mais cadeiras. Do lado esquerdo, um pequeno palco para abrigar os shows diversos.

Roger fez algumas festas comemorativas, quando a Soparia fecha definitivamente suas portas. Dia 25 de março de 1999, faço anotações em meu caderno de campo. "Festa de Rua. Palco armado para fora. Muita gente mesmo. Mas, festa bonita, não é lotada e depressiva como muitas na Sopa, desses últimos tempos. Roger sobe ao Palco. Agradece a banda que chamou para tocar nesse último dia.

Declama poema de um dos seus garçons, e depois discursa: 'quando abri esse bar, a sete anos, as pessoas diziam que aqui só tinha maluco e maconheiro. Eu quero dizer que essas pessoas estão absolutamente certas'. "

Apesar da realidade na brincadeira de Roger, o público não se restringe aos usuários de drogas, assim como estes, dentro da Cena, não são facilmente classificáveis por faixa etária, classe social ou preferências estéticas. Qualquer um pode ser usuário, ao mesmo tempo que ninguém, obrigatoriamente, usa maconha, ácido lisérgico, toma cerveja, bebe aguardente, conhaque.

"Borboletas se equilibram no espaço/ um muro velho em minha face/ uma cadeira flutua num espiral/ flores em minha camisa numa tarde no bairro/ e enquanto caminho nas ruas da cidade/ lembro que uma sobremesa me espera em casa."⁸². A áurea psicodélica da música de Science, pode estar revelando pensamentos sob o efeito de alguma droga alucinógena. Alusões. E aqui uso como exemplo, para expressar inspiração sem qualquer elemento de violência, mas sim, de apreciação de realidades outras.

Com aquela declaração do último dia da Soparia, Roger parecia desejar responder às autoridades, que transformaram o chamado "Baixo Pina", no padronizado "Polo Pina", intervenção considerada pelo mesmo como negativa. Roger tanto podia estar, ao mesmo tempo, respondendo a alguns donos de bar, que acusavam a Soparia como responsável pelo aumento do índice de marginalidade nas redondezas, atrelando violência urbana ao uso de drogas, ou a comportamentos pouco convencionais, como se posicionando contrariamente ao freqüente tráfico de drogas nas redondezas do Polo Pina.

⁸² "Macô" (1996), em Afrociberdelia.

⁸³ "Sobremesa", Afrociberdelia (1996).

Ao mesmo tempo em que findava a Soparia do Pina, ela ressurgia, na rua da Moeda - Recife Antigo, em forma de "Pina de Copacabana"⁸³. Não se vai mais para "Sopa", como naquela época, hoje, as pessoas que integram a Cena se encontram no "Pina" - nome do bairro do antigo bar -, porém se direcionam à rua da Moeda. É na rua da Moeda que convergem o bar de "Seu Rainha", não mais que uma barraca, onde toca de hip-hop a Reginaldo Rossi, e o bar Royal, não menos eclético. É nesta rua onde os projetos de Roger de Renor, ganham mais espaço.

Outra Cena, desta vez, em um festival. O público é diverso. Vestem-se e fantasiam-se. Meninos e meninas. Em alguns desses festivais, tenho a impressão de que se faz outro carnaval. Cabelos coloridos, trançados, esculpidos. Fivelas, pegadores de roupa trabalhados, borboletas, também enfeitam. Homens e mulheres. Piercings⁸⁴: orelhas, umbigos, narizes. De jornal, uma máscara com chifres e uma espada. Capa de Capitão Márvel, personagem de história em quadrinhos. Uma menina vestida de Minnie, a namorada de Mickey Mouse. Meião listrado, aparente no jogo de pernas. Barrigas de fora. Muitas. "Liberdade é diversão", estampa uma camiseta. Camisas com a bandeira de Pernambuco original, ou a bandeira, com folhinha da maconha, inserida em seu design. A bandeira de Pernambuco feita saia, é combinada a um chapéu de palha. A bandeira de Pernambuco feita bolça, sapato, e assim, ícone.

Estive na redação do site "A Ponte"⁸⁵. Esta é outra

⁸³ Nome inspirado em música de Otto, "Ela é do tempo do Bob/ Lá do Pina de Copacabana" (1997/8).

⁸⁴ espécie de brinco, aplicado em lugares não convencionais.

⁸⁵ <http://www.aponte.com.br>. Além deste, considere outros sites para compreender e captar informações sobre a Cena. Mangue bit, Manguetronic, são principalmente produzidos por Renato L. e Mabuse. O Carapuceiro, tem como produtores Mabuse e Xico Sá. Manguenius, assim como A Ponte, é um fanzine que contém dados sobre as bandas, dentre outros, sobre diversas manifestações artísticas. Em O Mote colhi uma entrevista com Otto, pequenos textos que tratam da Cena. Os sites dos festivais Abril pro Rock e PE no Rock também contém informações significativas.

Cena. Chegando naquela sala do prédio localizado na Visconde Suassuna, fui recebida com atenção. Separada por uma divisória pré-fabricada, por trás da pequena recepção, está a sala onde os computadores trabalham, fazendo arte. Jovens sorriem, possivelmente, sem fazer tanto dinheiro⁸⁶. São designs, jornalistas, artistas, que escrevem colunas semanais e as veiculam gratuitamente na Internet.

Em Cenas como essas, se expressam algumas das palavras que Renato L. escreve. É colaborador do fanzine. Em A Ponte, comenta o lançamento do primeiro Cd produzido pelo selo pernambucano Candeeiro⁸⁷, tributo a Luiz Gonzaga. "...Quem se interessa por consolidar uma cena musical no Recife, sabe da importância desse fato. Nós já temos a matéria-prima, temos uma imprensa que abre espaços, temos público, temos tietes, drogas, fanzines, enfim, boa parte dos elementos que constituem uma cena pop de verdade. Faltam duas coisas: espaço nas rádios e a presença de gravadoras locais. O front das rádios continua sem enviar boas notícias. Mas na batalha por consolidar os selos independentes, quem sabe Baião de Viramundo não funciona como nosso dia D?"⁸⁸.

Os selos, organizações vinculadas ou não a alguma gravadora com o objetivo de produzir CDs, são espaços que se abrem para expressão. Alguns produtores viabilizam coletâneas⁸⁹; outra vezes, as próprias bandas se organizam e conseguem captar recursos ou dividem os custos de produção⁹⁰.

⁸⁶ "... Computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro...", trecho de música de Fred Zero Quatro (1994).

⁸⁷ Candeeiro Records, pernambucano, em parceria com o estúdio paulista YBrasil!

⁸⁸ Ibidem

⁸⁹ É o caso de Recife Rock Mangue I, II e III e Pernambuco em Concerto. Este último não se define Mangue, apesar de abrir espaço para bandas assim consideradas.

⁹⁰ Cd Alto Falante, produzido por Canibal da Banda Devotos. Este disco é uma coletânea das bandas do Alto José do Pinho, considerada muitas vezes como uma Cena dentro da Cena, muito significativa por modificar a imagem restrita à violência que se tinha do Alto, antes dessa movimentação acontecer.

Cena no estúdio da rádio Caetes. Produção do programa Manguê Beat. Muitos sorrisos e uma fotografia. Renato L. olha diretamente, Helder Aragão, sentado, parece distraído neste momento. Os dois do canto esquerdo daquela foto, personagens do Manguê. "Fecham o programa" Manguê Beat, ou seja, escolhem as músicas, finalizam os breves textos. Estela Campos emprestava a voz para transmiti-los. Anunciava as músicas reunidas de diversos tempos e lugares.

Uma estrutura de compensado sustenta os toca-discos, gravador de rolo, botões e alavancas de equalização. "Seu Eurico", funcionário antigo da Caetés FM, representa com sua técnica para operação, o apoio da rádio. Atrás, muitos vinis. Muitos CDs. Clarisse Horffmann e Marcelo Luna estão, da mesma forma, presentes. Clarisse produz festas, camisetas, faz contatos comerciais. Marcelo pesquisa colaborando com os escritos.

Os ouvintes retribuem. Este programa, sempre nos primeiros lugares de audiência, segundo o IBOPE, esteve no ar de 1995 a 1998. Esta Cena é antiga, atualmente não existe programa do Manguê em funcionamento⁹¹.

Antigo e perene é o interesse por esse meio de comunicação. Em 1985, Renato L. e Fred Zero Quatro produziram, por aproximadamente 6 meses, o programa Décadas, com a proposta de tocar "música pop". Era veiculado pela Rádio Universitária FM, Domingo às 16h. " O programa Décadas, enfim, foi nossa primeira tentativa (heróica, até, se considerarmos que não tínhamos um tostão furado e não ganhávamos nada pelo programa) de enfiar uma parabólica na lama." (Fred Zero Quatro, Jornal do Commercio, 03 de setembro de 1994).

Concentrando atenções nos rádios, enunciam o "jabá". Esta gíria é utilizada pelos radialistas, artistas, músicos, quando estão denominando a verba disponibilizada

pela gravadora às rádios, para que estas veiculem seus produtos. Em entrevista para a revista Caros Amigos, o cantor Lobão especifica em números o jabá, falando das gravadoras. **"No caso das independentes, além de não ter o poderio econômico para distribuição, você não pode nem tocar em rádio. Porque se sabe que o preço do jabá oficial é 1 dólar a unidade. Então, se vender 150.000 cópias, eles ficam com 150.000 dólares por executar sua música."**(Caros Amigos, a III, n 34, janeiro de 2000, p. 23).

Ainda que diante do esquema vicioso, os mangueboys permanecem insistindo na necessidade de espaço. Declarações em jornais ou shows. Fazem solicitação direta às autoridades competentes, como aconteceu com a rádio Frei Caneca. Escrevem matérias lembrando o assunto.

"Como gerar empregos no Planeta Lamma", é título de uma dessas matérias escritas por Renato L. **"... A prefeitura, por exemplo, pode deixar de lado os dogmas neo-liberais (que colocam tudo que é público como desperdício de dinheiro) e colocar no ar a Rádio Frei Caneca, a concessão de FM que o município do Recife possui há mais de 20 anos. O custo de uma FM é baixíssimo e boa parte da mão-de-obra envolvida poderia ser requisitada entre funcionários da própria prefeitura. Sem falar que o estatuto da Frei Caneca poderia ser organizado de forma a permitir o amplo apoio cultural de empresas, o que diminuiria ainda mais os custos."**(Renato L., A Ponte).

Renato continua convocando as Secretarias da Fazenda e de Imprensa Municipais e Estaduais. Aponta que pressionem as rádios, via verbas de publicidade, e cobrança de impostos atrasados. Solicita uma **"injeção de recursos"** na rádio Universitária, sugerindo a disponibilização desses recursos, através de articulações entre reitoria da UFPE, Ministério de Educação e vice-presidência da República. **"... Com uma Universitária forte, e com a Frei**

¹¹ Outros programas: Plugado, Rádio Ativa.

Caneca, teríamos dois espaços com certa independência da lógica cruel de mercado, onde se poderia alojar sons menos comerciais e programas mais alternativos. São espaços como esses que garantem a experimentação, algo fundamental para permitir a constante renovação de nossa produção musical e impedi-la de mergulhar no conformismo e na estagnação" (Ibidem) .

Sobre as rádios, Renato ainda afirma a necessidade de se estabelecer uma "política cultural", onde o Governo do Estado e a Prefeitura do Recife identificassem, em suas bases políticas, os proprietários das FMs que estariam dispostos "... a trabalhar num perfil que se encaixasse nas necessidades da cena...". Neste ponto, revela que grande parte das rádios são de propriedade de políticos partidários.

Percebo a utilização das palavras como meio de busca de concretização de objetivos. Percebo também a necessidade do apoio de partes do sistema, para fortalecimento de uma Cena avaliada como positiva para ele mesmo, no momento em que alguns de seus aspectos são questionados.

A gravação, comercialização e utilização de CDs mobiliza uma gama considerável de profissionais, especializados ou não. Formam-se, ou expandem-se, indústrias. Estúdios de ensaio, estúdios de gravação, locais para prensagem dos CDs. Não é possível, neste momento, fornecer dados quantitativos, porém sabe-se que, em Recife, a demanda por esse tipo de serviço aumentou, substancialmente, após o Mangue⁹². Esta é mais uma Cena, que comporta também locais a produção artesanal e lojas

⁹² Em 1998, o Recife contava com os seguintes espaços para ensaio: Oficina Estúdio (227.3501), Estúdio Panacéia (421.6100), Estúdio B. Area. Estúdios de gravação: Somax (428.2844), Estação do Som (227.3598), Oficina Estúdio (227.3501), Studio Z (231.0970), Plug (268.1380), Conservatório Pernambucano de Música (231.3315), RWR (427.6604). Prensagem: Selo Seletto (428.1007). Dados fornecidos pelo Jornal do Commercio, 09 de maio de 1998.

para venda de CDs alternativos⁹³. É necessário que se abra espaço para a expansão de, como disse Renato L., "uma Cena Pop de verdade".

II.03. Fractais da Cena

A representação gráfica de um fractal é muitas vezes de surpreendente beleza, chamando a atenção de artistas enquanto matéria para criações. O grupo Fractarte⁹⁴ explica ser o fractal sistema de alta complexidade, que oferece modelo matemático para a teoria do caos. Sendo o caos sistema complexo não linear, também dessa forma pode ser definido o fractal.

Em obra intitulada *Ciência, Ordem e Criatividade*, Bohm e Peat (1989) trabalham o significado do fractal ("fractal"). Afirmam que a geometria dos fractais encontra-se muito mais próxima das formas da natureza do que os círculos, triângulos e retângulos da geometria grega. Que a geometria tradicional é, na realidade, um meio bastante artificial e superficial de descrever o mundo. "...Por outro lado, - afirmam os autores - algo mais próximo da ordem fractural poderá ser um ponto de partida apropriado para se discutir a natureza de modo muito geral e para obter melhores descrições formais dos processos da física e da biologia." (:205)

⁹³ CD-Rock (221.4434), Coringa (421.5142), Vinil Alternativa (222.2385), Black Out (221.2091), Abbey Road (423.6269). Todas as lojas encontram-se no Centro do Recife, no bairro da Boa Vista. Muitas dessas lojas serviam como ponto de encontro de músicos no embrião do Mangue, e para encomenda de discos não disponíveis nas redes de comercialização convencionais.

⁹⁴ Grupo formado em 1992 que desenvolve trabalho com computação gráfica como síntese de imagens fractais e animações, multimídia e exposições. Seu propósito é demonstrar a ciência dos fractais através da expressão artística.

Segundo Bohm e Peat (1989) o fractal é exemplo de geração que se processa por aplicações repetidas de formas semelhantes, em escala decrescente. Deste modo, uma cultura fractal é aquela que traz em si o embrião da própria criação, onde cada indivíduo se constitui rudimento da totalidade.

Este é um dos espaços onde transita, virtual, o grupo. Apesar de toda abstração, isto não significa que o espaço virtual deixa por isso de ser real. **"...O virtual não se opõe ao real, mas ao atual..."** (André Lemos, arquivo capturado em 13 de agosto de 1999). Virtual vem do latim "virtualis" e define-se como força, ou potência.

Segundo Lemos (1999), a virtualização questiona, desterritorializa, passa de uma solução dada, atual, para uma nova questão. Porém, ainda assim, não significaria a morte do mundo, mas a transformação deste. **"... Para Pierre Levy - afirma Lemos - a virtualização não é um fenômeno recente, pois toda a espécie humana se constroi por virtualizações (gramaticais, dialéticas e retóricas). O real, o possível, o atual e o virtual são complementares e possuem uma dignidade ontológica equivalente."** (Lemos, 1999:3).

As "comunidades virtuais" interessam aos personagens do mangueBit. Voz forte é a de her docktor Mabuse, sempre presente na criação e manutenção dos principais sites do grupo. Os exemplos citados por Mabuse revelam algumas das muitas conexões que o mangueBit concretiza em processo de expansão que se beneficia do espaço virtual.

Para Pierre Levy (1999), o computador permite o ressurgimento da linguagem oral em escala planetária, inserindo a sociedade atual no que chama de continuum de aperfeiçoamento das tecnologias da comunicação. Este crítico cultural francês desenvolve estudos sobre a grande rede de comunicações que é a Internet, e ao

contrário de outros autores⁹⁵, visualiza a rede enquanto possibilidade de ressurgimento do humanismo.

Para Levy (1999), com a Internet existe um alargamento e aceleração no escopo da inteligência coletiva, surgem novas formas de economia e comércio, e acontece diminuição da importância do Estado, das fronteiras tradicionais. Essa maior flexibilidade nas fronteiras reais, através de espaços que surgem, virtuais, possibilita o desenvolvimento de atitudes mais criativas. **"... se você tem uma mente aberta, pode se beneficiar das interconexões, mas isso não é garantido..."** (Ibidem:2)

A Internet seria um espaço onde é possível contatar pessoas diferentes, que pensam de modo distinto. **"... Vê-se cada vez mais uma cultura mundial, que não se deve apreender de forma homogênea, mas como um espaço onde um enorme número de ligações podem se encontrar e se fecundar. A questão não é fazer uma mistura onde tudo se torna igual, mas tomar consciência da realidade que se propõe a nós..."** (Ibidem:3).

O mangueBit indica nas músicas, na prática, em falas, o trânsito por espaços virtuais, acentuando a própria heterogeneidade. O grupo se locomove, ou faz alusões à Internet de modo que se aproximam das **auto estradas eletrônicas**, ditas por Joel de Rosnay, citado por Rocha Pitta, 1998. Este autor afirma ser a Internet um ciberespaço coletivo, ou seja, espaço-tempo eletrônico, criado pelas redes de comunicação e interconexão entre computadores multimídia. (Rocha Pitta, 1998).

Este é um dos sentidos da antena parabólica que é enfiada na lama. Comunicação. Um dos diversos caminhos de Exu, orixá das encruzilhadas, componente forte no

⁹⁵ Baudrillard e Virilio, citados por Maria Ercilia entrevistadora de Pierre Levy para o jornal Folha de São Paulo, 28 de maio de 1999.

imaginário do grupo. A antena parabólica é equipamento de baixa tecnologia e de longo alcance, para se estar próximo, mesmo que longe, mesmo sem muitos recursos. Receptor de contatos, algo como um satélite ativo, que viabiliza a comunicação. Por outro lado, h.d. Mabuse faz crítica ao que seria parabólica enfiada na lama. "... na verdade é uma daquelas imagens que funcionaram bem na época, mas o conceito todo era muito mais pra rede do que pra satélite, é mais rizoma que árvore, essa parada toda", disse-me h. d. Mabuse sorrindo, via e-mail.

Quando se utiliza da metáfora do rizoma, além de referir-se a conceito desenvolvido pelos filósofos Deleuze & Guattari, h. d. Mabuse nos conecta ao significado do hipertexto.

O antropólogo Hermano Vianna (1996) cita Deleuze e Guattari, em artigo na Folha de São Paulo, quando analisa o futuro do samba. Vianna explica o significado do rizoma para esses autores, falando da grama comum nos jardins brasileiros. Esta planta **"...não tem raiz central, como uma árvore. Sua organização é totalmente descentralizada, totalmente anti-hierárquica. Milhares de micro-raízes ligadas em rede (é isso mesmo: como na Internet) ocupam o território de um quintal, de um quarteirão, num movimento de expansão que poderia atingir o mundo inteiro. Não existe imagem melhor que o rizoma para descrever a situação em que o metal do Sepultura se encontra com o canto ritual dos xavantes justamente quando o ritmo que domina as pistas de dança se chama Jungle..."** (Ibidem:1).

Através da fala de Vianna, compreende-se o interesse do personagem do mangueBit pela imagem do rizoma. A possibilidade de expansão, com ênfase na circulação de informações, e a transformação possibilitada pela abertura a novos mundos, faz o mangueBit manter atenção

focada na organização complexa e anárquica que caracteriza o hipertexto.

O hipertexto é, segundo Coelho de Moura⁹⁶, **"... um documento eletrônico, tal como uma página de web, que contém hiperlinks..."** (:3). Os links ou hiperlinks são as palavras destacadas, símbolos ou figuras de um hipertexto que servem como portais de entrada para outras páginas da web, ou para outras partes da página exibida.

A web é um subconjunto da Internet constituído de todos os recursos que utilizam o http (Hiper Text Transfer Protocol), sendo também conjunto de todos os servidores que "falam" e "entendem" http (Moura, 1999). Em linhas gerais, todas as páginas funcionam sobre essa estrutura de links. É deste modo que um hipertexto **"... diz respeito a uma rede associativa, permitindo passar de um elemento de informação a outro..."**⁹⁷.

Há uma sensação de profundidade que emerge quando reflito sobre a Internet. Profundidade representada, talvez, no espaço sideral, da imensidão azul, do mar. Em sentido metafórico, imaginando um hipertexto, podemos visualizar extensa rede de informações percorrendo todo o planeta. Essa imagem abraça a terra e conecta todos os seus habitantes. A cada acesso à Internet, ressurgem essa possibilidade.

É quando se escuta um pouco o silêncio, como no filme de Kubrick, onde se multiplicam cores em odisséia

⁹⁶ Gevilacio Aguiar Coelho de Moura. Citações e Referências a Documentos Eletrônicos. <http://www.elogica.com.br/users/gmoura>, artigo capturado no dia 23 de outubro de 1999. Moura elaborou proposta para a Associação Brasileira de Normas Técnicas, para citação de fontes de documentos eletrônicos, que me serve de guia neste trabalho.

⁹⁷ Projeto de Pesquisa: Arte e Cibercultura: uma dimensão nordestina atual. Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre o Imaginário, 1997.

no balé infinito⁹⁸. Baixa gravidade. Como em uma nave espacial que flutua. Liberdade para mergulhar nas águas do ar. Mar céu que se navega.

“... Comecei a navegar um pouquinho. – Diz Chico Science – Eu acho a Internet legal demais. Eu não sei as complicações, as exceções, e o que é que vai causar daqui a algum tempo. Mas é um bom canal, que pena que ainda não acessado por muitos, para se trocar e pescar muitas coisas. É um rede (de pesca) cheia de pescadores virtuais. Eu acho isso muito legal. Talvez haja bem mais sentido a tela de um monitor para você ver e para você puxar coisas dela do que a televisão. A Internet é a sua tela onde você pode interagir. Na televisão você só recebe. Na Internet você tem um pouco de domínio sobre ela, e liberdade para poder navegar e ver, fuçar, mexer que algo é bom pra mim. Trocar uma idéia eu acho bem mais interessante...”. (Entrevista capturada em 10 de dezembro de 1999:1) .

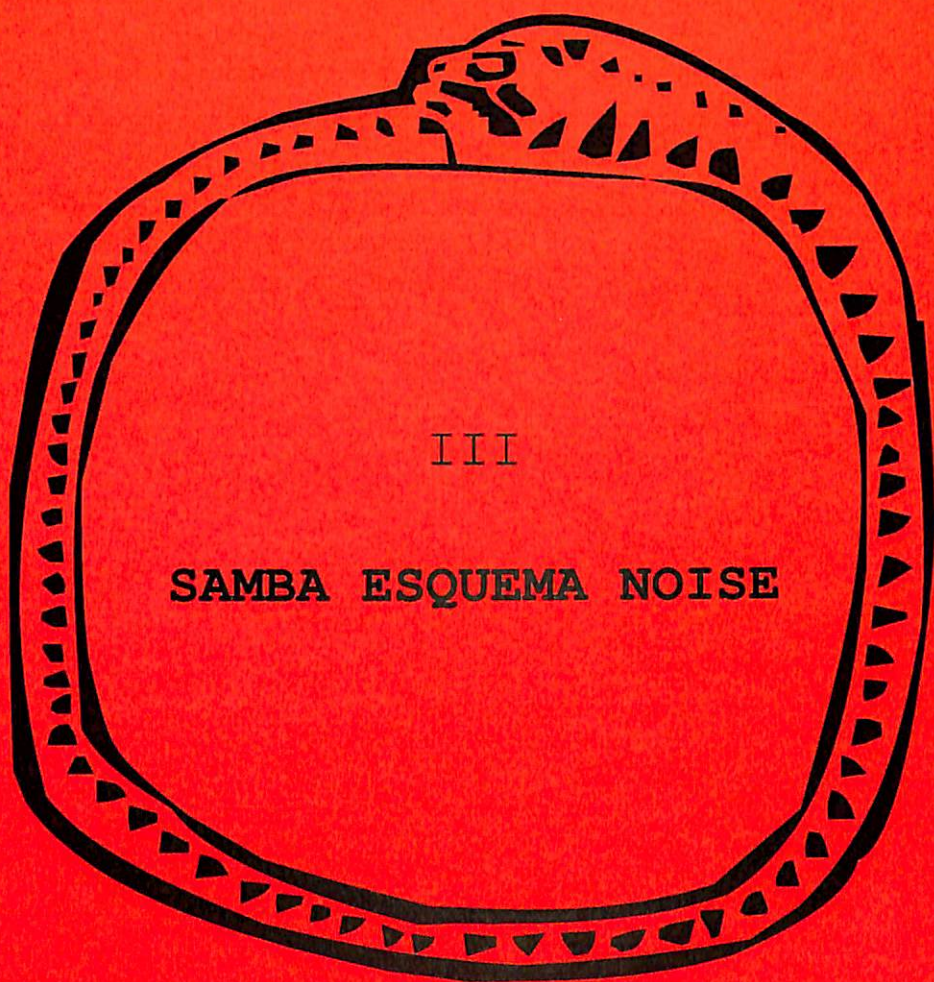
Navegamos na rede, esta é expressão que indica o percurso no Ciberespaço. Essa idéia liga-se ao conceito de cibernética, que já aparece em Platão como a arte de guiar navios (apud Ronaldo Entler, 1996). “O conceito de navegação tem aqui um sentido clássico: navegação de um tempo em que o globo não estava completamente mapeado, em que as viagens mantinham um caráter exploratório, ainda que vislumbassem um ponto de chegada mais ou menos específico (lembramos da viagem de Ulisses que se submete às forças dos deuses e da natureza, mas também às forças de suas próprias paixões e dúvidas...)” (:2) .

A composição do espaço virtual, de um hipertexto, é feita através da leitura do navegador. Ou seja, um hipertexto se faz de intenções, curiosidades, buscas, interações. Qual seria sua cor? Todas, tantas, quantas, existam. Ainda assim, a criação é azul, disse Barbosa (1998) em sua dissertação sobre o jogo de RPG⁹⁹. O azul

⁹⁸ Stanley Kubrick. 2001, Uma Odisséia no Espaço, 1968.

⁹⁹ BARBOSA, Lúcia Falcão. Entrevista com Vampiros: Uma Reconstrução da Cultura a partir do Jogo do RPG. Apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Cultural da Universidade de Pernambuco para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia. Recife, 1998.

pode expressar o significado desse espaço virtual indefinido, desse hipertexto instituído pela imaginação cotidiana do pesquisador navegador. Mar das possibilidades. Espaço misterioso... Como se alojam tantas imagens, falas, palavras, vírus? Quem são os ciberpunks, hackers, personas. O azul é o caminho da divagação. Penso que o acaso e o caos podem ser azuis, por serem infinitos.



III

SAMBA ESQUEMA NOISE



III.01. Brincadeira. Criação. Alquimia

“- A gente bebia muito, cara.” Diz Fred Zero Quatro. “Isso é uma coisa que quando a gente vai falar daquela época, a gente fala como se tivesse levando muito a sério aquilo ali. Na verdade era farra, tudo era farra. Porque, pô, a gente fazia farras assim, homéricas; de eu, Renato, Chico, Jorge, Mabuse... chegava num bar ali, ou na rua da Aurora, ou no Cantinho das Graças, ou mesmo naquela praça perto do Teatro do Parque. Aquela praça ali tinha um bar chamado ‘Bar dos Gringos’, porque sempre no verão aqueles hotéizinhos ficam cheios de gringos. A gente fazia farra de sair assim de manhã.”

Fred Zero Quatro é líder da mundo livre s/a, e conta histórias daquela época em que amigos se encontravam. Os encontros se faziam a norte de Recife, na cidade de Olinda, bairro Rio Doce e suas imediações. Ou ao sul, em Jaboatão dos Guararapes, onde localizam-se os bairros de Candeias e Barra de Jangada. Era comum também se encontrarem no Centro de Recife.

“- No centro da cidade, às vezes em Olinda; Chico levava a gente pra lá. E às vezes em Candeias, no bar do Sérgio, na praia, ia jogar bola. Chico dormia na minha casa e a gente ia beber até... né? E aí, ou acabava dormindo lá em Candeias, ou às vezes dormia lá em Olinda, também, na casa de Mabuse, ou de Chico, tal.

A gente se encontrava, a gente passava, porra, às vezes um dia inteiro. Pô, digamos: a gente se encontrava quatro horas da tarde na casa de Helder ou de Mabuse, tal, escolhia lá uns discos, os últimos discos, né? ou que Chico tinha conseguido, ou que eu tinha conseguido, ou que Renato tinha conseguido. Se encontrava lá; e tanto fazia ser uma coisa antiga de Jorge Ben, isso geralmente era eu que levava, quanto ser a última novidade de... acid jazz. ‘Pô, consegui Bob [The bees], cara, saiu agora em Londres’. ‘Isso aqui é do caralho! Vamos ouvir e tal’ ”.

Dü Peixe fala da dedicação à investigação de novos discos. Recorda as freqüentes visitas ao centro de Recife com Chico Science, a procura de novas aquisições

musicais. Em bairros como o da Boa Vista, centrais de Recife, muitos camelôs comercializam livros, artigos importados, óculos diversos, dentre outros, e também discos; algumas vezes raridades vendidas a baixo custo. A música uniu a dupla, disse Jorge dũ Peixe, pois, antes de ser parte da Nação Zumbi, ou até mesmo de aprender a tocar, com os amigos, dũ Peixe diz do prazer de ouvir música após o empenho de sua busca.

“- Sempre gostei muito de música, tipo: emprestar disco ao outro, roubar [do amigo] e se matar porque o amigo emprestou... não devolver o disco, dá o ganho; vender livro didático pra comprar vinil no sebo.

Vendia coleção de livro de casa para comprar disco. Cansei de ir com Chico... Podia comprava disco, também, em sebo porque ninguém podia comprar disco lançamento, que era caro...

Disso muito... freqüentar sebo, comprar CD..., disco usado, entendeu? Emprestar e não devolver... o gosto pela música é muito... [grande]. Pegava as informações, na revista, difícil de encontrar, tentava encontrar no sebo e não encontrava; às vezes lançamento também; camelô de calçada mesmo. A gente sabia... a gente ouvia assim mesmo... hip hop... disco importado também, sei lá. Sempre achava no sebo umas coisas legais...”

Tanto dũ Peixe quanto Zero Quatro afirmam os estilos musicais diversificados que escolhiam para ouvir. São muitas as influências, estas resultantes da tendência à abertura ao conhecimento musical que, segundo eles, se promoviam. Cada um dos amigos, diz Fred, compartilhava com o grupo suas novas descobertas, ou simplesmente trazia algumas músicas para serem revividas.

“- E juntava.” Diz Fred. “Era Reagge misturado com World Music, com africano, com acid jazz, com Jorge Ben e sempre teve isso, assim, da coisa mais

diversificada possível assim. E, pô, a gente se encontrava com um patuá¹⁰⁰, Helder geralmente levava conhaque, e muita cerveja, e ficava... às vezes não tinha nem coragem às vezes de... [sair]. Batia aquele bode mesmo, da música, começava a viajar numa música e ficava, das quatro da tarde até de manhã... fim-de-semana. E às vezes não dava nem coragem de sair porque tava tão legal ali, e a música tava tão massa, e que a galera ficava ali curtindo, bebendo e tal; 'porra essa música e não sei o quê e tal', até de manhã, sabe como é?"

"- Até era uma época muito rica de troca de informação," - comenta Renato -, "se falava muito de música, sabe? Do tipo de música que era mais interessante de se fazer..."

- O apartamento de Helder que era meio uma base. Todo mundo morava longe, né? Ou a gente morava em Candeias ou morava em Rio Doce. Daí, trabalhava pela cidade, então era de praxe, no final da tarde, se passar na casa de Helder, fumar um, ouvir música, ficar trocando idéia." Diz Renato. Helder complementa: "- tinha outros amigos da gente também, tinha um historiador, tinha gente que fazia cinema, Hilton¹⁰¹ né..."

Então era muita gente que tinha as inquietudes em comum. A gente se encontrava todo dia em casa, fumava um baseado, depois ia beber cerveja no Cantinho das Graças..."

E assim...

"- Com o tempo, esse bando de vagabundo que gosta de música foi se juntando, se conhecendo e..." Fala Jorge, quando é sutilmente interrompido por Dengue.

"- dando ganho no disco dos outros...", que relembra, brincando.

"- Acho" - complementa Helder "- que essa idéia de se juntar parte dessas conversas em mesa de bar, aliás muitos conceitos dessa história de manguê é

¹⁰⁰ Chama-se no Recife "patuá de maconha". A maconha é uma das variações de cânhamo (*cannabis sativa*), cujas folhas e flores são utilizadas como narcótico, produzindo sensações semelhantes às provocadas pelo ópio (Buarque De Holanda Ferreira, 1986). Um patuá significa um pacote ou porção suficiente de maconha, apesar de imprecisa. É interessante observar que a palavra patuá é também utilizada pelos adeptos de religiões afro-brasileiras, para designar conjunto de oferendas aos deuses.

¹⁰¹ Hilton Lacerda, cineasta que formava, junto a Helder, a dupla Dolores & Morales.

coisa de mesa de bar mesmo, é coisa de amigos bebendo cerveja, os caras inventam alguma gréia e acaba pegando mesmo...

É engraçado que a imprensa foi tão receptiva aos manifestos, que acabou colando essa história de 'caranguejo' e pra gente era gréia isso daí então ficava inventando: 'caranguejo com cérebro', 'antena parabólica enfiada na lama'. Isso é gréia, mas que acaba tendo certo sentido pra quem não sabe que existe uma certa dose de ironia nisso daí..."

Com esses "termos manguê" foi criado um glossário, distribuído com a imprensa em 1993, sendo publicado em matéria do Jornal do Brasil em 9 de julho de 1993¹⁰². Uma segunda versão desse glossário encontra-se no Manguê Bit¹⁰³. Dentro do site, acessando a seção "bits bytes e overdrives", descrita como o e-zine¹⁰⁴ do núcleo de pesquisas e produções pop do Manguê, encontramos o glossário, dentre outros links. Ao lado da palavra "glossário", uma descrição do que se encontra ao transpor esta porta eletrônica: "as gírias, biografias, fatos e lugares que você ouviu falar, mas não tinha a quem perguntar o que diabos era!. Compilado por h.d.mabuse". Clicando com o mouse na palavra, encontramos outro pequeno texto: "Onde fica a Ilha Grande? O que é um Aratu? para responder a essas e outras perguntas, nós do Manguê Bit preparamos esse pequeno glossário do Manguê. Pessoas, lugares, datas e, inclusive, alguma verdade".

A brincadeira é assumida de modo que a falta de verdade não é escondida, tanto que mesmo já havendo esses alertas explicitados no site, em mensagem eletrônica h. d. Mabuse vem me alertar: "é curioso lembrar que aquele glossário é completamente fake¹⁰⁵, criado quase que na hora, para fazer uma onda com a imprensa : (é mais cínico do que você imagina :)".

¹⁰² O glossário dos "termos manguê" encontra-se em anexo

¹⁰³ <http://www.recife.pe.gov.br/manguebit>

¹⁰⁴ Variação de fanzine, revista de fãs. O e-zine seria um fanzine eletrônico.

¹⁰⁵ Falso

Amigos trocando informações, partilhando estilos musicais e bebendo, usando drogas alucinógenas, criando, sobretudo, divertindo-se. Para Fred:

“- E era isso que inspirava a gente e tal. Quando eu parei pra fazer esse negócio de caranguejo, mangueboys, manguegirls, são indivíduos interessados em teoria do caos, realidade virtual tal e tal, isso era os papos que surgiam nessas viagens assim, sabe? Era isso que inspirava a gente.”

Esses encontros despertam, e são irrigados, por ações de busca que garantem o refluxo do interesse de permanecer. Cada descoberta, cada disco, música nova, era um universo que se fazia conhecer. E assim, sobre outra óptica, ainda mais ligavam-se à compreensão do uno, pois é muitas vezes adentrando nas particularidades que se vislumbra o universal.

De fato este era um grupo cápsula de grande nave que estava por se construir, grupo que se fortalecia do prazer de estar junto. Formavam uma base central. Essa era época em que muito se experimentavam músicas, drogas, informações nas relações entre amigos, que convergiam para área central da cidade, lugar de trocas.

Encontrar, fumar, ouvir música, trocar, ou sair junto de casa para lugares despojados como o bar Cantinho das Graças (bairro das Graças, Recife). É dessa prática despretensiosa que idéias nascem e se fortalecem, assim como o grupo. Diversão, criação, precursoras da elaboração.

Deste modo são feitas experiências que encontram expressão na criação da pedra filosofal e na realização da Grande Obra. Pois também os alquimistas se divertem ouvindo música, ao mesmo tempo trabalham considerando o acaso, pois “... tem que [se] dançar dançando”, diz o músico Jorge Ben (1974), na introdução de uma das suas músicas que se refere à alquimia:

"Os alquimistas estão chegando/ estão chegando os alquimistas/ os alquimistas estão chegando os alquimistas/ Estão chegando os alquimistas/

Eles são discretos e silenciosos/ Moram bem longe dos homens/ Escolhem com carinho a hora e o tempo de seu precioso trabalho/ São pacientes, pacíficos e perseverantes/ Executam segundo as regras herméticas/ Desde a trituração/ A fixação/ A destilação e a coagulação/ Trazem consigo cadinhos, vasos de vidro, boxes de louça/ Todos bem e iluminados/ Evitam qualquer relação com pessoas de temperamento sórdido¹⁰⁶."

Naquela época em que o mangueBit principou, havia uma busca no Brasil pela produção musical que se identificasse com o país e também, diz Renato L., com o cenário pop relacionado à cultura ocidental. Jorge Ben era uma das influências do grupo, por ser capaz de elaboração de música que parecia contribuir para uma solução.

Os alquimistas de que fala Jorge Ben cuidam do tempo com carinho, considerando precioso seu trabalho. Citando etapas do processo alquímico, o músico faz emergir uma ciência antiga de manipulação da natureza para transformação.

"Numa alusão à obra divina da criação e ao projeto de redenção nela contido, o processo alquímico foi designado por 'Grande Obra'. Nesse processo, uma matéria inicial, misteriosa e caótica, chamada *Matéria Prima*, em que os opostos se encontram ainda inconciliáveis num conflito violento, deve ser transformada progressivamente no estado de libertação da harmonia perfeita, 'a Pedra Filosofal' redentora ou *Lápis philosophorum*: 'Primeiro, combinamos, em seguida decompomos, dissolvemos o decomposto, depuramos o dividido, juntamos o purificado e solidificamo-lo. Deste modo' o homem e a mulher

¹⁰⁶ Jorge Ben. "Os alquimistas estão chegando os alquimistas". A Tábua de Esmeralda. Philips/Polygram.

transformam-se num só." (BÜCHEIN VOM STEIN DES WEISEN, 1778 Apud ALEXANDER ROOB).

Os alquimistas do mangueBit elaboram ritmos e harmonias de expressões diversas. É nesse preparado que muitas vezes se identificam referências de manifestações tradicionais da região nordeste.

A **combinação** é parte desta harmonia, quando acontece, sem que se distinga o encadeamento, uma união íntima em que opostos são reunidos. São reproduzidos ritmos. À esta repetição é inerente a criação, assim são **dissolvidos** antigos laços que referendavam aquelas atitudes musicais às suas origens.

A melodia então torna-se distinta, por ser reproduzida de modo diferente de como fora no contexto em que nasceu. Porém, essa melodia não deixa de elucidar este contexto, uma vez que representa uma parte dele. Então na inter-relação dos elementos distintos entre si como o maracatu, o funk, o rap, coco de roda, o soul, a salsa, dentre outros, elabora-se um novo preparado, onde esses ritmos permanecem presentes porque tratamos de uma música resultante de mistura heterogênea. Esta mistura não se restringe a ritmos ou harmonias, porque não nasce de uma fórmula rígida, mas de uma idéia.

Este é o significado da depuração no mangueBit. Longe de extrair uma essência que se desvincula da matéria prima, sua atitude (também música) aponta realização da possibilidade de opostos conviverem, modificarem-se mutuamente, e permanecerem referência do que lhe originou, ao mesmo tempo em que anuncia uma outra **solidificação**, base para outros processos.

Assim também compreendo a alquimia: um projeto contínuo de ascensão que, além de circular por ser o final de uma experiência alquímica, é naturalmente o início de outra. Pois, mais que uma pré-química, a

alquimia é uma operação simbólica que busca a transcendência humana. O processo alquímico significa a compreensão do sagrado contido em cada parte do universo, sendo o homem uma dessas partes (ROGER, 1988). Neste processo, homem e uno integram-se e desintegram-se continuamente, através do diálogo.

É para depurar a percepção da interação sistêmica de que participam os elementos da vida, que os alquimistas praticam a Grande Obra. Esta consiste na união do elemento macho, o enxofre, e do elemento fêmea, o mercúrio, segundo Roger (1988). Para os alquimistas, todas as oposições ordenam-se em função da oposição fundamental macho-fêmea, sendo a libertação do ouro contido em matéria processada por um casal alquímico.

O tempo é ouro, também o espaço inerente a este. E devem ser cultivados para melhoria de qualidade de vida do iniciado, e não desperdiçados¹⁰⁷ com projetos de domínio da natureza. O alquimista se alia à natureza buscando concebê-la através de suas experiências, ao mesmo passo em que se reconhece por ela fundamentado. Assim a alegria e a esperança fazem parte do processo de sublevação, sendo a música também compositora da Obra que realizam.

Bernard Roger (1988), em seu livro "Descobrimos a Alquimia", fala da arte de Hermes, que é a alquimia. Diz que a alquimia não prescinde de emoção musical. Esta se realiza no movimento da consciência, em harmonia com o ritmo universal (ROGER, 1988).

"É justamente a essa arte musical que o Filho da

¹⁰⁷ "Eu marquei um encontro com Deus/ Quando ele vinha vindo, eu já ia até voltando/ Disse que andava ocupado/ Tinha umas contas a pagar/ Mas no final das contas, Deus ficou me devendo/ Eu lhe disse: meu tempo vale ouro/ Nem mesmo com o senhor eu posso perder tempo/ Tempo/ Tempo..." (FRED ZERO QUATRO. "Uma questão de prioridade" em STELA CAMPOS. Céu de Brigadeiro, 1999, disco independente.

Ciência deve se dedicar ao longo de todo o seu trabalho, desde a primeira obra, onde ele harmoniza sua matéria grave ao som agudo da Palavra que desce das alturas do céu para animá-la, até a 'gama cromática' da terceira obra, ou 'semana das semanas'..." (BERNARD ROGER:287)

Através da alquimia realiza-se, em menor proporção, o drama da recriação, partindo do drama do indivíduo, da humanidade, do mundo. Trata principalmente do germe da unidade que está oculto no caos, sendo esta unidade correspondente à unidade divina. (ROGER, 1988).

III. 02. Lama. Água de Fogo: diversão

A diversão é sobressalente e explicitada, ainda que a face *sapiens* também se fizesse encenando certa seriedade. Das vezes que percebi essa movimentação, rapidamente ela se dissipava, quando era esclarecido o objetivo e aceitação da diversão. Em outros momentos, percebo a afirmação da diversão ou anarquia como taxativas, como se o *demens* bradasse para que todos pudessem ouvi-lo.

De fato a diversão é uma inspiração. As produções surgem muitas vezes pautadas nas "viagens" advindas dos céus das transcendências etílicas, dentre as outras, quando aditivos químicos servem de combustível para a imaginação. "... a água ardente é água de fogo - afirma Bachelard (1994) - . É uma água que queima a língua e se inflama à menor faísca. Não se limita a dissolver e destruir como a água-forte. Desaparece com o que ela queima. É a comunhão da vida e do fogo..." (123). Para o filósofo, de todas as matérias do mundo, a aguardente é a única tão próxima da matéria fogo (BACHELARD, 1994).

"...O fogo sugere o desejo de mudar, de apressar o tempo, de levar a vida a seu termo, a seu além. Então, o devaneio é realmente arrebatado e dramático; amplifica o destino humano; une o pequeno e o grande, a lareira ao vulcão, a vida de uma lenha à vida de um mundo. O ser fascinado ouve o apelo da fogueira. Para ele, a destruição é mais do que uma mudança, é uma renovação."(BACHELARD, 1994:23).

É através da destruição promovida no encontro do mercúrio (feminino) com o enxofre (masculino) que os alquimistas processam a criação do ouro. O fogo participa auxiliando neste processo de acelerar a natureza enquanto metáfora solidária da transmutação (BACHELARD, 1990).

Segundo o autor, "... o pensamento alquímico nos provoca a reversibilidade das metáforas. O vinho branco é ouro potável. O vinho tinto é sangue. Não se tratam mais de imagens, trata-se de experiências cósmicas. Quando um alquimista busca a quintessência do mineral, ele escuta o ensinamento da natureza que nos deu, com o vinho, a quintessência do mundo vegetal..."(:254).

União, transcendência, transformação. Em cidade do nordeste, jovens homens e mulheres bebem, contemplam o fogo imaginário que lhes agrega como um centro. Inquietação e devaneio unem-se livremente, auxiliadas pela música, fraternidade e entorpecentes.

Bebem do **líquido criador**, pra usar expressão de Bachelard (1990). Se o mercúrio é líquido fundamental do mundo mineral, o sangue representa o mundo animal, o vinho significa o líquido fundamental do mundo vegetal (BACHELARD, 1990). Expressando a transcendência inerente a essas águas, e sobretudo exaltando o vinho e a videira, o autor afirma ser esta última um ímã que **"... atrai o ouro do sol, seduz o ouro astral para núpcias alquímicas..."**(:253).

E diante dessas propriedades o autor nos pergunta referindo-se à videira: "... **não ensinará ela ao alquimista a arte de fazer do vinho o imã para o ouro da terra?**" (:253).

É desse modo que os entorpecentes no mangueBit são atrelados ao conhecer de outros mundos. Na diversão configurava-se a comunhão de particular e universal também através do **vinho individualizado**, que se transfigura em **vinho cósmico** de que fala Bachelard (1990).

Ao mesmo tempo, pessoas de lugares distintos se aproximam promovendo o nascimento da diversidade. Na diversão a diversidade se traduz pelos espaços geográficos de onde grupos esses originavam, traduz-se também pelas influências musicais distintas em comunhão, pelo diálogo de várias profissões.

Tempo e espaço cotidianos eram pervertidos quando experimentado naquela relação entre amigos. Emergia um espaço-tempo de comunhão no vivenciar de informações musicais, por si só fractais de cosmos e caos.

Se o fogo preconizava transformações, o tempo voa a procura do exato momento de intensificação dos sentidos. E esse movimento pode acontecer agora, é o que Chico Science diz em sua música "Um satélite na cabeça"¹⁰⁸:

" Como um pássaro, o tempo voa/ À procura do exato momento/ Como o que você pode fazer fosse agora/ Com as roupas sujas de lama/ Porque o barro arrodeia o mundo/ E a TV não tem olhos pra ver/ Eu sou como aquele boneco/ Que apareceu no dia da fogueira/ E controla o seu próprio satélite/ Andando por cima da terra/ Conquistando seu próprio espaço/ É onde você pode estar agora."

Voa com as roupas sujas da lama que arrodeia o mundo. E assim o tempo leva consigo o espaço que é. Acontece agora, ainda que não seja visto. Science evoca

¹⁰⁸ "Um satélite na cabeça (bitnik Generation)". Afrociberdelia, 1996, Chaos.

um tempo grávido de princípios, espaço fértil, fogo transformador de lama em ouro para os manguelboys.

A obra formula o próprio saber enquanto sendo confeccionada, e na criação da arte recria-se também o artista a cultura o mito. Do pretense caos individual, vazio fértil de onde emergem as expressões objetivadas, surge o mito se reconfigurando. Nunca param as transformações. O sistema troca e transforma. Permanece.

Recife é a cidade do mangue, "onde a lama é a insurreição". Lugar onde estão os caranguejos. "Minha corda costuma sair de andada no meio da ruas encima das pontes¹⁰⁹." Dialogando com a comunhão, as palavras do grupo seguem sentido transformador, que busca a subversão da ordem. E este convite à resistência alia-se freqüente exaltação da diversão.

A lama insurreição. Fogo alquímico que intercala azuis, lilases, roxos, chamas vermelhas, toques verdes sobrepostos por amarelos. Fogo no escuro, azul. Um alquimista pedaço-do-universo reúne caldos. Dentro e fora da terra, dentro de nós. Revela, oculta, descobre o ouro.

No processo da busca do ouro, o alquimistas lidam com a **resina dos sábios** pois, para fixar virtudes sobre as matérias, é necessário o visgo (BACHELARD, 1991). Ainda que a resina seja ineficaz, explica Bachelard (1991), este é um convite para o devaneio, "... a viscosidade torna-se um símbolo, uma força legendária, um princípio de união, uma potência onírica. O viscoso é então compenetração, daí esta máxima: **matrimonifica gummi cum gummi vero matrimonifia.**" (1991:100).

O alquimista casar a goma com a goma metáfora que expressa um viscoso em si (BACHELARD, 1991). Trata-se de um viscoso que se prende em sua própria armadilha, que

¹⁰⁹ Trechos de "antene-se", letra de Chico Science. Da lama ao caos. Chãos, 1994.

casa-se consigo mesmo. Assim, "... um alquimista que possui afinal a 'cola do mundo' tem uma vontade de potência que ultrapassa a domesticação dos visgos. O 'ouro viscoso', que é a goma 'vermelha', é um princípio de vida espiritual e física. Mais uma vez as metáforas suplantam a realidade. Mais uma vez, as imagens cósmicas invertem a perspectiva das mais elementares introversões e libertam o sonhador." (1991:100).

É assim, penetrando em devaneios e sonhos, que Bachelard (1991) afirma ser o visgo, a goma, a lama, resgate do feminino. Assustadora, poderosa e misteriosa, a lama é sangue escuro de fêmea. Espesso. Elucida o medo da criação do caos no escuro da noite, onde tudo é toque. Elucida o domínio da jovem mulher sob o visgo, que une suas mãos à comida que prepara. Feiticeira? "... **Sente-se bem que a dona de casa está aqui no centro de sua ação, consciente de sua força ativa: o viscoso, o pegajoso, nada podem contra ela**" (BACHELARD, 1991:94).

A lama é mistura, como a criação humana. É uma mistura de tudo que é abandonado. É a mistura da tepidez com a umidade, de tudo que teve forma e a perdeu, a tristeza insossa da indiferença (BACHELARD, 1991). Suja de multiplicidade escura, enganosa, persuasiva é a lama. É matéria de causas perdidas pleiteadas pela imaginação. Fogem e gritam de nojo e de medo os homens diurnos.

"... **E é muito divertido constatar que quem tem medo de uma matéria viscosa envolve-se com ela em toda parte...** ". (BACHELARD, 1991:94). Impossível fugir. Diante dessa onipresença, o autor confessa que "... **se me fosse absolutamente necessário viver o viscoso, eu é que seria o visgo. Haveria de colocar - Deus queira que não! - varas enviscadas na moita, chamando os pássaros com cantos de hipocrisia.**" (BACHELARD, 1991:94). Ao contrário de fugir, os manguinhos mergulham. "Se pudéssemos mergulhar/ nas

profundezas da terra escura/ encontraríamos o ouro brilhante"¹¹⁰. Enfiam uma antena parabólica na lama. Ligação com outros mundos. Resignificam o visgo da lama em que vivem. Encontram o ouro na lama que "... é verdadeiramente volta à mãe; uma submissão confiante às potências materiais da terra materna. Todos os grandes sonhadores terrestres amam a terra assim, veneram a argila como a matéria do ser..." (BACHELARD, 1991:105).

Acolhedora da criação de espaços cheios de vazios férteis. A lama é composta de partículas de experiências, sujeira, fertilidade. Segundo a engenheira de pesca Cunha (1999), a lama do ecossistema manguezal possui características variáveis e diversas. A lama do mangue ("substrato") é rica em matéria orgânica, originária da decomposição de folhas, galhos e restos de animais, também da decomposição de rochas tanto cristalinas, quanto sedimentares (CUNHA, 1999). A lama suscita, simboliza e se constitui em cosmos feito de caos.

Repentina e veloz, uma música sobrevoa a terra. Expandindo-se pelos quatro cantos do mundo, segue adiante reforçada pela potência da guitarra que reverbera grave e intensa. Dois toques fazem então chover o batuque de antigos negros, sinalizando mudança. Também ágil, porém redondo, oco, sensual, encantam os potentes toques nas peles feitas instrumentos, extraídas de animais. A guitarra agora mais sutil arranha serpenteando. Findam, enquanto pratos prata munidos de som agudo, compõem tempestade aliada ao mais novo rugido da guitarra e aos violentos toques dos tambores que sugerem prosseguir eternos enquanto abaixam o volume¹¹¹.

¹¹⁰ Zero Quatro. "Terra escura". Samba esquema noise. Banguela Records, 1994.

¹¹¹ Descrição inspirada em música de Chico Science: "enquanto o mundo explode". AfroCiberdelia, 1996, Chãos.

III.03. Tempo, vivência mítica, festa

De acordo com Mircea Eliade (1993), o tempo não é homogêneo. Para ele alguns períodos são fastos, e outros nefastos, têm vocações diversas segundo os costumes e destinos contraditórios, e assim, os ritmos cósmicos e sociais organizam, segundo ele, os ritmos sacrotemporais.

Haveria, para o autor, uma solidariedade e contigüidade dos tempos hierofânicos. Diante dessa constatação, afirma, **"... um ritual não se limita a repetir o ritual precedente - que é, ele próprio, a repetição de um arquétipo: ele é contíguo e continua-o, periodicamente ou não..."**. (1993:316). Ao longo dos anos e séculos, é como se formasse o mesmo tempo, de modo que as mesmas datas se reproduzissem aos mesmos fatos.

Sequencialmente, trata da periodicidade, o eterno presente. A periodicidade é a utilização de um tempo mítico tornado presente. É como se os rituais, que tratam de fatos antigos, se passassem "agora", "nesse instante". O tempo mágico religioso é feito de periodicidade, repetição, eterno presente.

"... Sempre que se repete o rito ou um ato significativo - caça, por exemplo -, imita-se o gesto arquetípico do deus ou do antepassado, o gesto que teve lugar na origem dos tempos, quer dizer, num tempo mítico." (:319).

Através do rito, o homem se insere no tempo mítico. Assim este se restaura. O tempo mítico tanto diz do passado, do presente e do futuro; é um estado, ao mesmo tempo, um período.

Este é um período criador. Ou seja, é nesse tempo que **"... tiveram lugar a criação e organização do cosmos, da mesma forma que a revelação, pelos deuses, ou pelos**

antepassados, ou pelos heróis civilizadores, de todas as atividades arquetípicas. *In illo tempore*, na época mítica, tudo era possível. As espécies não estavam ainda fixadas e as formas eram 'fluidas'. (Lembrança dessa fluidez denuncia uma sobrevivência até mesmo nas tradições mitológicas elaboradas: na mitologia grega, por exemplo, a época de Urano, a de Cronos, etc. & 23). Por outro lado, a própria fluidez das 'formas' 'constitui', na outra extremidade do tempo, uma das síndromes do 'exchaton' do momento em que 'a história' chegará ao fim e em que o mundo começará a viver num tempo sagrado, na eternidade. 'Então, o lobo viverá com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito...' Então *nec magnos metuent armenta leones*, 'as manadas de bois não temerão os leões'" (Ibidem: 319-320).

O rito, segundo o autor, é repetição de um fragmento do tempo original. Este tempo original serve de modelo para todos os tempos. O que um dia aconteceu, repete-se sem interrupção, por isso conhecer o mito para compreender a vida do grupo.

Porém, apenas a periodicidade não é determinante do tempo mítico. Nem sempre é necessária a repetição de todos os ritos, para se instaurar o que o autor chama de tempo mítico. Para a regeneração do tempo, pode-se citar o exemplo das festas.

"As festas passam-se num tempo sagrado, quer dizer, como observa Mauss, na eternidade..." (ibidem: 322). A eternidade reporta ao princípio do mundo, segundo o autor.

Reporto-me para o Franck's drink's, localizado nas zonas ainda decadentes do Bairro do Recife. Recife ainda velho, sem revitalização. Recife das prostitutas e dos marinheiros.

Quando se vê as escadas de madeira, coloridas e cintilantes pelos papéis colados, para realçar o brilho da noite, das bebidas, dos beijos e do sexo, é saber que se chegou. O Bordel. Alugado para festa da Cena Pop Recifense, agora em 1999. No presente o lançamento do CD do DJ Dolores, show e festa para dança. No presente, assim como antes. Nas primeiras festas. É sobre essa primeira festa que Helder fala.

“O bairro do Recife era só zona portuária, só tinha bordel...(…) A gente fez a primeira festa no Adília's Place, a intenção era a seguinte, uma amiga nossa ia mudar para a Bélgica, e tava sem grana, a gente falou: ‘vamos fazer uma festa prá arrumar dinheiro prá gente...’ aí fui lá conversar com Dona Adília, e ela, ‘não quero não quero não dá certo, vocês são moleques de classe média....’

(...) A gente já freqüentava o Adília's. Como o Adília's ficava num bordel, era sempre um lugar bem legal prá ir tomar cerveja, dançar com as putas, se divertir com os marinheiros, mas já era um lugar bacana. Então teve essa idéia de fazer a festa lá. Dona Adília, irreduzível, dizia que ‘não, não dá. Como é que classe média vai chegar aqui? vai ter confusão com os meus clientes’. Aí queria cobrar uma taxa pelo prejuízo dela por que ela ia fechar todos os quartos, não ia trabalhar naquela noite (...) Aí a gente ia ter que bancar uma grana pra ela que equivaleria ao lucro dela da noite... aí como as meninas não iam trabalhar, o nome da festa acabou sendo ‘Sexta sem sexo’. Era muito engraçado, porque veja só, depois todo mundo fazia festa lá... mas é a primeira vez...

Foi uma enorme confusão na entrada porque todo mundo, porque muita gente queria o sexo né, aí chegava uns caras assim que dava uma dó, que falava: ‘Eu trabalho, só tenho folga de quinze em quinze dias, aí vim aqui pegar uma mulher’. A gente falava: ‘Mas tá tudo fechado. Hoje não tem, tá fechado’. ‘Mas como é que pode, num sei que lá’. Marinheiro querendo entrar. Teve um marinheiro russo que apontou uma arma prá cara de Renato, que ele não entendia que naquele dia estava fechado prá essa festa tal...”

O Adília's Place, lugar de que Helder fala, depois dessa primeira festa, foi durante muito tempo alternativa para realização de festas, à primeira vista esdrúxulas,

acontecendo em meio a destroços de uma cidade velha, em diversos aspectos, em ruínas. Esta festa aconteceu no final de 90. A noite do Bairro do Recife, assim, passou a ser povoado, além das prostitutas e marinheiro, também por jovens de diferentes bairros do Recife, meninos e meninas estudantes "antenados" em busca de alternativa para diversão.

Passaram-se alguns anos até chegar o lançamento do CD do DJ Dolores, pseudônimo desse mesmo Helder. A noite de lançamento acontece no Franck's drink's, funcionando por hora em um dos andares de casarão antigo e decadente da rua Vigário Tenório, no Bairro do Recife Antigo. Festa. Encontro, entorpecentes, música, amigos, sedução. Mais uma noite da Cena. Pessoas que se conhecem ou já se viram de algum lugar, transitam. Dançam defronte dos espelhos, próximas às grandes colunas, às janelas que olham para os galpões do Cais. De dentro da festa se vê um pedaço de céu, pelo mesmo lugar que entra a brisa que prenuncia o mar próximo, escondido pelas construções em madeira lá fora, do outro lado da rua. Estreito para a quantidade de gente, quase todos de pé, o espaço é propício para o encontro de corpos em movimento de dança, não para longas conversas. Som alto traz músicas de diversos lugares, aportando ali, como os marinheiros em dias comuns.

Circulam as pessoas sob luz negra. Vendo muito mais as sensações que lhes são provocadas, do que propriamente os objetos, as pessoas. Assim parece ser possível surgir transe coletivo, mesmo que sutil.

Equivalente à extinção dos fogos, segundo Eliade (1993), que instaura as 'trevas' da 'noite cósmica', "...na qual todas as 'formas' perdem os seus contornos e se confundem. No plano cosmológico, as 'trevas' são idênticas ao caos, como o reavivar do fogo simboliza a

criação, a restauração das formas e dos limites. As máscaras que encarnam os antepassados, as almas dos mortos que visitam cerimonialmente os vivos... " (:323).

As cenas parecem constituídas por imagens que se fazem presentes através do desejo de reconstrução. Esse é um motivo que se repete, e que vejo presente nas festas, nas letras das músicas, nos depoimentos. A intenção de renovação do espaço da cidade.

Depois dos primeiros ensaios, das primeiras festas, coincidentemente, o Recife Velho passou a ser Recife Antigo. A Prefeitura da Cidade do Recife iniciou, na Rua do Bom Jesus, um processo de revitalização das casas antigas. As cores que maquiavam as construções, parecem ter penetrado no concreto, e atingido o interior, de modo que chegou com essas reformas, também, vida. Era parte desse projeto da prefeitura, a redução de impostos dos bares que lá se instalassem. E assim criou-se um Recife revitalizado.

A revitalização do lugar onde começara o Recife dos tempos dos mascates, unido à atenção da mídia nacional e internacional para o fenômeno pop do Mangue, motivado pelos discos da Nação Zumbi, Mundo Livre S/A (e uma brincadeira séria de se contar uma boa história, que despertou o interesse dos jornalistas) de fato fazem de Recife uma cidade diferente. Sua imagem de metrópole decadente, é atrelada a grande efervescência artística.

Em Recife, próximo ao ponto que se chamava Marco Zero, aconteciam festas de um grupo que anunciava a necessidade de se injetar ânimo nas veias esclerosada da cidade. Vitalidade. A cidade começa a florescer, e cores surgem em casas que antes estavam abandonadas... Flores e bares onde circula a alta burguesia, recente cartão postal da cidade, é a fotografia da Rua do Bom Jesus. Ainda que cheios de coincidências, esses fatos certamente

não circulam imunes no imaginários dos que fazem hoje o Recife.

Falando da repetição anual de cosmogonia, Eliade (Ibidem) afirma que o caos é sempre seguido de uma nova criação do cosmos.

É possível, então, que a cada festa ou show exista uma repetição contingente da cosmogonia, no dizer de Eliade (Ibidem). Segundo o autor, a cosmogonia é uma ciência afim da astrologia, que trata da origem e evolução do Universo. Neste momento trata-se do Universo mítico. Para abolir o tempo "antigo", "profano", "histórico" e restaurar o tempo mítico, "novo", regenerá-lo faz-se a repetição da cosmogonia.

Segundo o autor, "... os fijianos repetem a criação do mundo não só por ocasião do coroamento do novo chefe, mas ainda cada vez que as colheitas estão comprometidas. Quando os ritmos cósmicos se tornam aberrantes e a vida na sua totalidade se acha ameaçada, eles procuram a salvação num retorno *in principium*, isto é, esperam a recuperação do Cosmos não por uma reparação, mas por uma regeneração. Concepções análogas explicam o papel do 'começo', do 'novo', do 'virginal' na magia e na medicina popular (...) A magia torna atual o acontecimento mítico que garante a realidade do remédio e da cura do doente. O simbolismo do 'novo' do 'não-começado', também garante a contemporaneidade de um gesto atual com o acontecimento mítico arquetípico. Como no caso de uma colheita que se acha em perigo, obtém-se uma cura, não por meio de uma reparação, mas por meio de um recomeço, que implica o retorno *in illo tempore*" (Ibidem: 329-330).

O recomeço implica no retorno ao Grande Tempo. Ainda que pareça paradoxal, é exatamente por se estar repetindo o princípio, que se torna possível transformar esse passado ritualizado presente. O criar de outras novas

regras. Para compreender o mangueBit e seu modo de agir, guiado para a ação transformadora, que envolve destruição da cidade, do modo como está, e reconstrução de uma cidade idealizada.

"... As crenças num tempo cíclico, no eterno retorno, na destruição periódica do universo e da humanidade, prefácio de um novo universo e da humanidade 'regenerada', todas atestam sobretudo o desejo e a esperança de uma regeneração periódica do tempo passado, da história..." (Ibidem: 330).

A cidade como semente, apodreceu para fertilizar, renasceu o Recife. Em movimento semelhante, surgem e morrem "Os Malteses", integrantes da Nação Zumbi que ensaiam em público o retorno, após a morte de Science. Chegam no início da temporada de verão, fim do ano de 1998. O primeiro show acontece às margens do rio Capibaribe, no Capibar, bar localizado em Casa Forte. Em janeiro do outro ano, Olinda cedia o show, mais precisamente, no Centro Luiz Freire. Espaço bem maior, também com forte presença do público. O terceiro show acontece em Maracaípe, em campeonato de surf, e o quarto, no festival PE no Rock, no final da década de 1990. Não por falta de aceitação do público, que vibrante parecia precisar das festas, os Malteses encerram a carreira.

Perguntei porque, e Lúcio Maia, integrante da Nação Zumbi, responde que é interessante deixar que algo especial fique só na lembrança. "As grandes impressões que você tem na sua vida tipo... assim o cérebro fica marcado então fica registrado no CD ou um livro. Eu acho, pelo menos prá mim... eu acho muito mais legal você ter uma impressão única, você viu, achou do caralho... do que você comprar o disco chegar, lá e: 'É, foi legal, mas aquele show... foi foda...' Então, eu acho que quando a gente pensa em criar esses projetos, assim, prá tocar prá fazer Jam Session, aquela coisa que vai para o espaço e depois ninguém mais... fica só preso na lembrança, ninguém consegue mais capturar aquilo de volta."

Talvez assim se forme uma aura mítica, quando a memória não pode ser auxiliada pelos registros concretos, quando o que fica é a sensação de prazer de se ter vivido algo especial, referente não apenas ao que foi produzido, mas sobretudo, ao que aquela produção provocou.

"... Todo ciclo começa de maneira absoluta, visto que todo passado e toda 'história' foram definitivamente abolidos graças a uma fulgurante reintegração do 'caos'". (Ibidem:330-331). Parece haver um desejo de se encontrar perpétua e espontaneamente num espaço sagrado, essa atitude, segundo o autor **"... corresponde ao desejo de viver perpetuamente, graças à repetição dos gestos arquetípicos, na eternidade..."** (: 331). Este, um paraíso concreto, realizado aqui, no mundo atual, paraíso terrestre, "eternidade experimental", segundo o autor.

O mito do eterno retorno aponta para uma atitude direcionada para o presente, quando se figura a qualidade de vida, aqui, aspectos observados no Mangue.

III.04. Espaço: A dança de Shiva, círculos, roda de pogo

Integrante da música, Shiva dança frenético e voluptuoso trazendo nas mãos o fogo que transforma e destrói, e o tambor do som primordial. Seus dois outros braços ondulam ora verticais, ora horizontais, mas nesse momento encontram-se diante do peito, em que uma dessas mãos levita em direção à terra, protegendo; outra mão põem-se voltada para o céu.

Sua perna direita ascende harmoniosa ao encontro da mão que desce. Enquanto esta perna é liberta, a outra equilibra-se com destreza em cima do anão maléfico. Seu rosto sereno e penetrante ilumina-se pela chama que lhe

localiza centro de grande aro vermelho intenso, amarelo e bronze chamejantes.

Se as mechas de seus cabelos dão voltas é pela impetuosidade de sua dança, que mantém o universo. Sua cabeleira reúne muitos símbolos: jóias, uma serpente que se enrosca sem lhe fazer qualquer mal, um crescente lunar, ainda sendo sua cabeça coroada por uma guirlanda, constituída por planta sagrada. Em sua orelha direita traz um brinco de homem, enquanto na esquerda apresenta outro, de mulher, marcando característica hermafrodita.

Sua divindade é acentuada pelas jóias e pelo cordão sagrado. Este ser reúne em si criação, proteção, dissolução. É Shiva Nataraja, senhor Indu da dança, no qual em sua frente abre-se o terceiro olho da intuição, atravessando as aparências, transcendendo o sensorial.

Modificando em noventa graus o aro de fogo horizontal que circunda a divindade, poderemos encontrar esse círculo nas rodas de pogo. Em shows do mundo livre s/a, Nação Zumbi, dentre outras da Cena, pessoas formam rodas que circulam o chão vazio. Jovens giram exercendo as próprias energias, desencadeadas pelos hormônios que pulsam desenfreados nessa fase da vida. Época de questionamento das estruturas estabelecidas, tempo propício para transformação, caos criador (MORIN, 1990). O aro de fogo que circunda Shiva então realiza-se na posição vertical.

Vendo a roda de pogo, penso em dança de guerra. Aqueles jovens que giram em círculo comum, movimentam-se em baixa velocidade enquanto é essa a rotação do som do show. Há franca interação com a banda de punk, rock, hard core¹¹² que se apresenta. Tanto, que ao sinal de aumento da velocidade da música, aumentam o peso da pisada dos pés e a velocidade dos passos.

¹¹² Gêneros musicais comuns na Cena, imbuídos de força agressiva.

Emerge a violência, aumenta a rapidez com que eles correm naquele círculo que formam. Os cotovelos e punhos se agitam simulando luta. Pés miram, cegos, o ar. Luta contra o vazio. Lançam golpes que, não raro, atingem o companheiro próximo. Ainda assim, nunca vi, nem tive notícias, desse jogo transformar-se na briga em que homens disputam corpo a corpo. Entre a vida e morte, essa dança de guerra é um brinquedo onde todos se salvam. São homens jovens em específico acordo de cavalheiros. Ao mesmo tempo em que, não são muitas, mas algumas mulheres também se aventuram naquele ritual.

E assim como nas rodas do Recife, Janice Caiafa (1989) descreve o **círculo do pogo**, formando-se próximo ao palco das bandas que tocam no Rio de Janeiro na década de oitenta.

"Para as minas é mais difícil ficar no círculo de pogo que os dançarinos formam, embora seja possível se chegar. (...) Para as minas há sempre esse movimento de entrar e sair, salvo as mais violentas, como já vi punkas de fora segurando muito bem uma corrente no meio da confusão. Mas é possível dançar sem sair machucada, como quando se aprende uma luta. Uma das coisas é saber se esquivar dos golpes. Os punks empurram muito quando dançam. O movimento é de fustigar o chão com os cintos e as correntes, inclinando-se para a frente e retrocedendo, inclinando-se novamente e girando o corpo para os dois lados, como que isolando seu território com uma arma. Essa dança-luta não tem nenhum movimento mais ameno, nenhum volteio. Foi chamada pogo na Inglaterra em 76, mas o bando aqui no Rio raramente utiliza uma denominação. No ritmo ríspido do som, a violência da dança. (...) Inclusive o punk não diz 'dançar', ele diz: agitar. Imaginem uma centena de garotos de negro e cheios de pontas nas roupas e nos cabelos, batendo com cintos em

movimento de agressão, por vezes cerrando os punhos e cantando com a banda." (:29).

A autora não menciona um círculo que se movimenta em conjunto. Esta seria uma diferença marcante entre as rodas do grupo por ela descritas, e as rodas formadas na Manguetwon.

Roda em impulso de transformação. Mutação característica do mangue, da lama orgânica, ou da lama de prata das preparações químicas que precedem o ouro dos alquimistas. Essa é transformação específica, onde o caos é positivo assim como são otimistas as fantasias lunares e os mitos que dela decorrem (DURAND, 1997).

A deusa lua   cultuada em ritos secretos nas noites, onde os homens se vestem de branco, esperando-a chegar. Segundo os atros, ela vem na primavera e neste momento já se encontra a caminho. Sobre a prata do céu escuro é transportada por seres que têm tambm apresentam características of dicas. E em sua nave maternal dourada, veloz, feita de metal miraculoso, com janelas de cristal, faz-se acompanhar por caranguejos senhores da transmuta  o¹¹³.

Caranguejos meninos que ensaiam, porque vivem, em terra, esse céu. Meninos e meninas serpentes em ciclo perpétuo de transmutação, parte da fluidez do caos. A lua   morte e renovação, segundo Durand (1997): **"... a catástrofe, a morte ou a mutilação lunar nunca são definitivas. A regressão não passa de um mal momento passageiro que é anulado pelo recomeço do próprio tempo..." (:295).**

No entanto, o otimismo lunar nunca escamoteia o terror e a morte, **"... a imortalidade sem fim não é aqui 'vida sem fim numa cidade de ouro', não é um estado de**

¹¹³ Texto baseado em música de Jorge Ben. "Magnólia". Tábua de Esmeraldas, 1974.

perfeição contínua petrificado numa definição imutável, mas sim uma vida continuamente em movimento, 'que é tão essencial declinar e morrer como ser no tempo'...":295).

E se estabelece que a permanência reside na constante mudança, e na repetição das fases. Roda a cidade, roda o mundo, mundo a girar, em ciranda de maluco, na música de Otto¹¹⁴. Rodas de capoeira, de coco, de pogo destroem e reconstroem em dança conjunta realizando essa Grande Obra.

Assim o princípio mítico é retomado no grupo como modo de criação, quando instaura-se o **ano novo** de que trata Eliade (1993), anunciando todas as possibilidades inerentes ao vazio do começo de um ciclo. É o **Grande Ano** que **"...começa numa criação e termina num caos, quer dizer, numa fusão completa de todos os elementos..."(:330).**

Falamos do caos das possibilidades infinitas, por isso fértil, benvindo, seguido e suscitado nas criações do grupo. Transformação como essa correspondem ao drama alquímico em que os seguidores de Hermes aliam-se á fertilidade da natureza. Encontramos também essas transformações no **livro das mutações** do chineses, *I-Ching*, ou na teoria cármica dos hindus, tal como é simbolizada pela dança de Shiva.

Assim, o círculo de fogo na rodas de pogo da Cena converge para a chama de Shiva que transforma. No centro imaginário, a pata de um caranguejo relembra o mangue que é a cidade do Recife. Girando recriam o caos fervente, onde gritam oposições, em antagonismo transcendente de paraíso terrestre das complementariedades.

¹¹⁴ Otto. Ciranda de maluco. Samba pra burro, 1997/1998. Trama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS EM JORNAIS

- A Caravana Pernambucana. Jornal do Commercio, Recife, 13 jul. 1996. Caderno C.
- A Cena do alto no Metrópolis. Jornal do Commercio, Recife, 12 out. 1998.
- A Cena local tem saúde para dar, mas precisa vender! . Jornal do Commercio, Recife, 21 dez. 1997. Caderno C, p. 1,9-10.
- A Experiência do Eddie com o computador. Diário de Pernambuco, Recife, 21 mai. 1999. Caderno Viver.
- A Manguecêa enlouqueceu no aguaceiro. Jornal do Commercio, Recife, 30 abr. 1996. Caderno C.
- A Mesmice não tem vez. Jornal do Commercio, Recife, 3 out. 1996. Caderno C.
- A Segunda fase do mangue beat. Jornal da Tarde, São Paulo, 19 mar. 1998.
- A Vez do rock de Olinda. Jornal do Commercio, Recife, 23 mai. 1994. Caderno C.
- Abril Pro Rock define atrações. Jornal do Commercio, Recife, 24 jan. 1998. Caderno C, p. 1.
- Abrindo o gás pro APR98. Jornal do Commercio, Recife, 30 mar. 1998.
- ALBUQUERQUE, C. Mundo Livre apresenta o Huimatá pra caranguejo. O Globo, Rio de Janeiro, 14 jul. 1996. Segundo Caderno, p. 6.
- ALEXANDRE, R. Festival alia rock à tradição brasuca. O Estado de São Paulo, São Paulo, 8 dez. 1994.
- ALMEIDA, C. A literatura que cabe no bolso. Jornal do Commercio, Recife, 3 ago. 1999. Caderno C, p. 1,3.
- _____. Além do óbvio dissonante. Jornal do Commercio, Recife, 18 jan. 2000. Caderno C, p. 1.
- _____. Peixinhos conta sua história. Jornal do Commercio, Recife, 27 ago. 1999. Caderno C, p. 1.
- ALMEIDA, C.H. de. O punk encontra o mangue. O Globo, Rio de Janeiro, 30 jul. 1997. Segundo Caderno, p. 10.
- ANDRADE, M. Musicalmente ao largo do mocambo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 set. 1998. Caderno , p. 4.
- ANDRÉ, P. O mundo te ganhou. Jornal do Commercio, Recife, 8 fev. 1997. Caderno C, p. 6.
- ANTUNES, A. Festival em Recife consagra o mangue beat. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 nov. 1993. Ilustrada.
- _____. Mundo Livre enlouquece os Titãs em estúdio. Jornal do Commercio, Recife, 27 abr. 1994. Caderno C.

- _____. Projeto de uma nova MPopB se vai com o menino Chico Science. Jornal da Tarde, São Paulo, 4 fev. 1997.
- ARAÚJO, M. O mangue invade o planalto. Jornal de Brasília, Brasília, 31 jan. 1998.
- Assinaturas para a Frei Caneca. Jornal do Commercio, Recife, 18 mar. 1998.
- ASSUMPÇÃO, M. de. Carnaval em ritmo de rock. Diário de Pernambuco, Recife, 17 fev. 1998. Viver, p. 1.
- _____. Evento termina com chave de ouro. Diário de Pernambuco, Recife, 26 jul. 1999. Viver.
- _____. Festival Viva a Música dá chance às bandas locais. Jornal do Commercio, Recife, 13 set. 1996. Caderno C.
- _____. Garanhuns é de 40 mil visitantes. Diário de Pernambuco, Recife, 19 jul. 1999. Viver.
- _____. Na contramão dos ritmos carnavalescos. Diário de Pernambuco, Recife, 25 fev. 1998. Viver, p. 6.
- _____. O melhor guitarrista do Brasil. Diário de Pernambuco, Recife, 10 mar. 1998.
- _____. Rappers fazem show contra violência. Diário de Pernambuco, Recife, 21 mai. 1999.
- _____. Rec Beat senta praça na rua da Moeda. Diário de Pernambuco, Recife, 12 fev. 1999. Viver, p. 9.
- _____. Reginaldo Rossi acende platéia com show quente em Garanhuns. Diário de Pernambuco, Recife, 22 jul. 1999. Viver.
- _____. Titãs levam 9 mil ao Maluco Beleza. Diário de Pernambuco, Recife, 24 mai. 1999. Viver.
- Atrações esquentam VIII FIG. Jornal do Commercio, Recife, 17 jul. 1998. Caderno C.
- Banda alagoana agita Franc's. Jornal do Commercio, Recife, 20 mai. 1994. Caderno C.
- Bandas elogiam PE no Rock e revelam seus novos projetos. Jornal do Commercio, Recife, 8 set. 1998.
- BARBOSA, D.M. Ambrósios matam saudade do público. Jornal do Commercio, Recife, 13 nov. 1998.
- _____. Computadores fazem arte. Jornal do Commercio, Recife, 10 mai. 1999. Caderno C, p. 1,6.
- _____. Das periferias para o centro. Jornal do Commercio, Recife, 7 dez. 1998. Caderno C.
- _____. Estilistas apresentam sua moda. Jornal do Commercio, Recife, 2 set. 1996. Caderno C.
- _____. Lei de incentivo dribla a crise e favorece o mercado de arte. Jornal do Commercio, Recife, 8 nov. 1999. Caderno C, p. 1,6.
- _____. Menos oficinas mais atrações no FIG. Jornal do Commercio, Recife, 29 jun. 1999. Caderno C.
- _____. Moda para francês ver. Jornal do Commercio, Recife, 7 ago. 1999.

- _____. Suingue, suor e... êxtase. Jornal do Comércio, Recife, 27 jul. 1998. Caderno C, p. 1,6.
- BARREIROS, E. A maturidade faz a diferença na receita. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 8 set. 1998.
- BARROS, L. Para sacudir a "paulicéia". Diário de Pernambuco, Recife, 21 jul. 1994. Viver, p. 1.
- _____. Tecnologia com sotaque nordestino. Diário de Pernambuco, Recife, 8 jul. 1994. Viver, p. 1.
- BATUQUE do Nação volta a Olinda. Jornal do Comércio, Recife, 18 jul. 1999. Caderno C.
- BRAGA, A. A Nação dos batuques e remixes que instigam. Jornal do Comércio, Recife, 7 ago. 1998. Caderno C, p. 1,3.
- BRITO, H. Abril Pro-Rock mais forte na quarta edição. Correio da Bahia, Salvador, 21 fev. 1997.
- _____. O samba-rock que veio do mangue. Correio da Bahia, Salvador, 14 out. 1994.
- _____. Quanto vale o "mangue-beat"? Folha da Bahia, Salvador, 20 fev. 1997.
- BRITO, J.M. Nem toda imanência é mangue: nem toda transcendência é mar. Jornal do Comércio, Recife, 9 mai. 1999.
- BUTCHER, P. A trilha impactante de Baile Perfumado. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 fev. 1997. Caderno B.
- CALADO, C. Chico Science inova com o "mangue-beat". Folha de São Paulo, São Paulo, 1 nov. 1993. Ilustrada.
- CALDAS, P.; LUNA, M. Um recado para as Almas Sebosas. Jornal do Comércio, Recife, 13 mai. 1999. Caderno C, p. 1.
- CAMPOS, S. Poco Loco e Rec-Beat em cena. Jornal do Comércio, Recife, 14 out. 1995. Caderno C, p. 5-6.
- CARDOSO, T. Bandas pernambucanas tocam no SESC Pompéia. O Estado de São Paulo, São Paulo, 20 mar. 1998. Caderno 2, p. 14.
- Carnaval na Obra consolida Mundo Livre. Folha da Tarde, São Paulo, 27 ago. 1998.
- CARPEGGIANI, S. A bruxa da cultura pernambucana. Jornal do Comércio, Recife, 22 set. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. A nova casa dos pernambucanos. Jornal do Comércio, Recife, 14 jan. 2000. Caderno C, p. 6.
- _____. Abril Pro Rock 2000 define as atrações. Jornal do Comércio, Recife, 13 jan. 2000. Caderno C, p. 1.
- _____. Alto José do Pinho bota a boca no mundo. Jornal do Comércio, Recife, 24 jun. 1999. Caderno C, p. 6.
- _____. Canta Brasil. Jornal do Comércio, Recife, 6 set. 1999. Caderno C, p. 1,6.
- _____. Disco traça novo mapa sonoro. Jornal do Comércio, Recife, 15 dez. 1999. Caderno C, p. 6.
- _____. É música? É banda? É o DJ Dolores. Jornal do Comércio, Recife, 27 out. 1999. Caderno C, p. 1.

- _____. Hip hop e fusão marcam a noite de hoje. Jornal do Commercio, Recife, 26 jan. 1999. Caderno C
- _____. Manos da Periferia. Jornal do Commercio, Recife, 16 out. 1998. Caderno C, p. 1.
- _____. Nova visão do Mangue Beat. Jornal do Commercio, Recife, 15 set. 1998. Caderno C.
- _____. Novas bandas no pedaço. Jornal do Commercio, Recife, 10 jan. 2000. Caderno C, p. 1.
- _____. Pernambuco em Concerto cataloga a nova cena musical. Jornal do Commercio, Recife, 12 jan. 1999. Caderno C.
- _____. Polo da Moeda teve uma festa morna mas eclética. Jornal do Commercio, Recife, 3 jan. 2000. Caderno C, p. 6.
- _____. Quem é do mangue se encontra na UFPE. Jornal do Commercio, Recife, 11 nov. 1998. Caderno C, p. 1.
- _____. Rave vira lugar comum para qualquer um. Jornal do Commercio, Recife, 13 ago. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Rec-Beat Carnaval amplia fronteiras. Jornal do Commercio, Recife, 15 fev. 2000. Caderno C, p. 1,5.
- _____. Soul do mangue é nacional. Jornal do Commercio, Recife, 17 set. 1999. Caderno C, p. 1-6.
- _____. Tem início mais uma edição do Abril Pro Rock. Jornal do Commercio, Recife, 16 abr. 1999. Caderno C.
- _____. Trip trás CD com 11 músicas da lama. Jornal do Commercio, Recife, 1 ago. 1999.
- _____. TV Jornal veste camisa do PE no Rock. Jornal do Commercio, Recife, 27 mai. 1999.
- _____. Uma noite para quem buscou ressurreição. Jornal do Commercio, Recife, 10 ago. 1998.
- _____. Via Sat não é mangue. Jornal do Commercio, Recife, 7 mai. 1999. Caderno C.
- Chico Science vive nas páginas da Internet. Jornal do Commercio, Recife, 5 fev. 1997. Caderno C, p. 6.
- Chico Science: o último adeus ao mangueboy. Diário de Pernambuco, Recife, 4 fev. 1997. Especial, p. 1-3.
- Chico Science: um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar. Jornal do Commercio, Recife, 4 fev. 1997. Caderno C, p. 1.
- Chico Science; Fred 04. Os mangue-boys cevam suas crias. Jornal do Commercio, Recife, 27 fev. 1996. Caderno C, p. 1,6.
- Cotidiano e tradição na dança das meninas guerreiras de Peixinhos. Jornal do Commercio, Recife, 29 set. 1999. Caderno C, p. 6.
- CUNHA, J. Rock movimenta o Parque do Cordeiro. Diário de Pernambuco, Recife, 28 fev. 1998. Viver, p. 5.
- D'ALMEIDA, T. Nação Zumbi : de volta aos palcos. Diário de Pernambuco, Recife, 4 abr. 1998. Viver, p. 1.

- DIAS, M. Chico Science pôs a parabólica no mangue. O Estado de São Paulo, São Paulo, 4 fev. 1997. Caderno 2, p. 3.
- Disco do ano. Jornal do Commercio, Recife, 28 ago. 1998. Caderno C, p. 8.
- Eu sou é manguel. Jornal do Commercio, Recife, 28 mai. 1999. Caderno C.
- Explosão de som e dança. Jornal do Commercio, Recife, 9 jul. 1999. Caderno C.
- Fãs já começam contagem para ver Sepultura. Jornal do Commercio, Recife, 21 fev. 1999. Caderno C.
- FELINTO, M. Sem Science, Recife insiste no Recife. Folha de São Paulo, São Paulo, 3 abr. 1998. Ilustrada, p. 16.
- FÉLIX, R. Fred 04 repensa o sucesso do Manguel Bit. Diário de Bauru, Bauru, 2 abr. 1997, p. 13.
- FERNANDES, C.M. Descendo a Ribeira com os caranguejos do Mundo Livre. Tribuna, Natal, 23 ago. 1996.
- Festa com o rei do brega. Jornal do Commercio, Recife, 12 abr. 1998. Caderno C.
- Festa. Jornal do Commercio, Recife, 11 nov. 1994. Caderno C.
- Festival PE no Rock trás 23 bandas em apenas dois dias. Jornal do Commercio, Recife, 4 set. 1998. Caderno C.
- Fevereiro dá chance a quem vai sobrar no Abril Pro Rock. Jornal do Commercio, Recife, 3 fev. 2000. Caderno C, p. 3.
- FIG embola de MPB a rap e techno. Jornal do Commercio, Recife, 18 jul. 1999. Caderno C, p. 1.
- FORASTIERI, A. Recife passa um mês em São Paulo. Folha de São Paulo, São Paulo, 18 jul. 1994. Ilustrada.
- FORTINO, L. Beastie Boys voltam ao hip hop tradicional. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 jun. 1998. Ilustrada, p. 10.
- _____. Internet modifica o mercado de disco. Jornal do Commercio, Recife, 5 jan. 1999. Caderno C.
- FRANÇA, J. A MPB do terceiro mundo. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 mai. 1996. Caderno B, p. 4.
- Fred Zero Quatro prepara novo manifesto do mangue beat. Jornal da Tarde, São Paulo, 8 fev. 1997.
- Ganzá em ritmo de indignação. Jornal do Commercio, Recife, 1 fev. 1997. Caderno C, p. 6.
- GARCEZ, B. Planet Hemp protagoniza revista alternativa. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 abr. 1998. Ilustrada, p. 4.
- GIANNETTI, E. A ciência como superstição. Folha de São Paulo, São Paulo, 23 abr. 1998. Ilustrada, p. 5.
- GIRON, L.A. Mundo Livre leva cavaquinho para o Rock. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 out. 1994. Ilustrada, p. 1.

- GLEISER, M. A Lua e as flutuações energéticas em acelerados. Folha de São Paulo, São Paulo, 24 mai. 1998. Mais.
- _____. Alô! Tem alguém na escuta?. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 jun. 1998. Ilustrada.
- _____. As janelas para os céus e nossa concepção de Universo. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 abr. 1998. Mais, p. 5.
- _____. Einstein e o nascimento da cosmologia moderna. Folha de São Paulo, São Paulo, 3 mai. 1998. Mais.
- _____. Reflexões sobre o tempo e a origem do universo. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 jul. 1998. Mais.
- _____. Roubando o segredo dos deuses. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 abr. 1998. Mais, p. 5.
- _____. Uma lição de humildade cósmica. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 mar. 1998. Mais.
- GRAMADO, M. Do mangue ao Pelô. Bahia Hoje, Cidade, 12 nov. 1996. Caderno A, p. 1.
- Gravadoras temem a morte dos CDs. Diário de Pernambuco, Recife, 11 jul. 1999. Viver.
- GUAIUUME, S. Carnaval na obra. Correio Popular, Campinas, 27 ago 1998. Caderno C, p. 6.
- GUIBU, F. Science morre à beira do mangue. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 fev. 1997. Ilustrada, p. 1.
- GUSMÃO, F. de. Com a lata na mão para grafitar toda a cidade. Jornal do Commercio, Recife, 9 ago. 1999. Caderno C, p. 1,6.
- _____. Imago mostra as melhores fotos do Carnaval no Bairro. Jornal do Commercio, Recife, 11 mar. 1999. Caderno C.
- _____. Maremoto na despedida. Jornal do Commercio, Recife, 26 jul. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Mesel conquista na Grécia seu quarto prêmio internacional. Jornal do Commercio, Recife, 22 out. 1998. Caderno C.
- _____. Movimento mangue seduz pesquisador. Jornal do Commercio, Recife, 26 abr. 1998. Caderno C.
- _____. CARPEGGIANNI, S. Festival prova que rock em PE tem poder. Jornal do Commercio, Recife, 7 set. 1998. Caderno C.
- GUTIERREZ, A. Mundo Livre S/A. rebate críticas. Jornal do Commercio, Recife, 24 jan. 1998. Caderno C.
- _____. Vida longa para o mangue e seus frutos. Jornal do Commercio, Recife, 26 mai. 1999. Caderno C.
- HALLACK, G. A opção do Mundo Livre. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 abr. 1997. Caderno B, p. 9.
- HÉLIO, M. João Cabral despiu Recife na intimidade. Jornal do Commercio, Recife, 11 out. 1999. Especial, p. 4.
- HENRIQUE, L. News Notes. Diário de Natal, Natal, 16 ago. 1996.

Herdeiros do mangue. Diário de Pernambuco, Recife, 5 out. 1996. Viver.

Hip hop agora é assunto para aula. Jornal do Commercio, Recife, 18 ago. 1999. Caderno C.

HOFFMANN, C. Música pernambucana ganha a rua. Jornal do Commercio, Recife, 22 set. 1994. Caderno C.

_____. Rec-Beat conquista Sampa com talento e profissionalismo. Jornal do Commercio, Recife, 13 ago. 1994. Caderno C, p. 1-2.

Hoje tem baticum no Pina de Copacabana. Jornal do Commercio, Recife, 13 jun. 1999. Caderno C.

Homenagem à memória de Science. Jornal do Commercio, Recife, 7 fev. 1997. Caderno C.

Infância enraizada no mangue. Jornal do Commercio, Recife, 5 set. 1996. Cidades, p. 1-4.

JOAQUIM, L. Nordestes vários em São Paulo. Jornal do Commercio, Recife, 24 set. 1999. Caderno C.

LACERDA, D. de.; MOURA, D. Baile perfumado: viaje neste roteiro. Jornal do Commercio, Recife, 10 set. 1997. Turismo & Lazer, p. 1.

LATOUR, B. A esquizofrenia tecnológica. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 jun. 1998. Mais, p. 5.

LEÃO, L. Mangue triste. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 4 fev. 1997. Caderno B, p. 1-2.

LEITE, M. A nova alquimia: E.O. Wilson propõe panacéia naturalista contra o caos pós-moderno. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 mar. 1998. Mais, p. 5.

LEMONS, A. Dois perdidos numa noite estranha. Folha de São Paulo, São Paulo, 9 jan. 1995. Folhateen, p. 4.

_____. Festival traz rock de Recife a São Paulo. Folha de São Paulo, São Paulo, 3 ago. 1994. Ilustrada.

_____. Improviso no Mundo Livre S.A. Jornal da Tarde, São Paulo, 24 mai. 1997.

_____. Musicália. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 abr. 1994. Folhateen, p. 6-7.

_____. Uma parabólica fincada na lama. Jornal da Tarde, São Paulo, 4 fev. 1997.

Lenine abre Concertos Pernambucanos. Jornal do Commercio, Recife, 19 jan. 2000. Caderno C, p. 6.

LIMA, C. A rolinha de Dona Selma voa mais alto. Jornal do Commercio, Recife, 2 mar. 1998. Caderno C, p. 1.

_____. Helinho e Garnizé, um filme. Jornal do Commercio, Recife, 30 abr. 1998. Caderno C.

_____. O CD está ao alcance da voz de todos. Jornal do Commercio, Recife, 9 mai. 1998. Caderno C, p. 1,10.

_____. O mangue toma conta de São Paulo. Jornal do Commercio, Recife, 16 mar. 1998. Caderno C, p. 1.

_____. Paulista mostra a força de sua cena musical. Jornal do Commercio, Recife, 14 mai. 1998. Caderno C, p. 8.

- _____. Um baile de público. Jornal do Commercio, Recife, 10 set. 1997. Caderno C, p. 1.
- _____. LIMA, J. Embaralharam o dial das rádios FMs. Jornal do Commercio, Recife, 19 abr. 1998. Caderno C, p. 9-10.
- LIMA, J. A máquina que comanda a paixão. Jornal do Commercio, Recife, 27 jan. 2000. Caderno C, p. 1.
- _____. Cena mangue está quase muda. Jornal do Commercio, Recife, 21 set. 1998. Caderno C.
- LINS, L. Morte de Chico Science faz Recife parar. O Globo, Rio de Janeiro, 4 fev. 1997. Segundo Caderno, p. 1-2.
- LOPES, C. Projeto da Ema prossegue com mistura do rock, funk e samba. Tribuna do Norte, Natal, 2 fev. 1995. Segundo Caderno.
- MACHADO, A. Edgar Morin define 68 como uma "epidemia de revoltas". Folha de São Paulo, São Paulo, 12 mai. 1998. Ilustrada, p. 4.
- _____. Morin oferece sistema da complexidade. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 mai. 1998. Ilustrada, p. 5.
- Maconha em humor e verbetes. Jornal do Commercio, Recife, 11 mar. 1999. Caderno C.
- Mangue beat e hip hop para agitar a galera sangue bom. Jornal do Commercio, Recife, 26 ago. 1996. Caderno C.
- Mangue beat é opção ao frevo. Folha de São Paulo, São Paulo, 11 fev. 1997. Folha Carnaval, p. 1.
- Mangue em Casa Forte. Jornal do Commercio, Recife, 6 nov. 1998. Caderno C.
- Mangue mostra-se fértil um ano após morte de Chico Science. Jornal do Commercio, Recife, 1 fev. 1998. Caderno C, p. 1,10.
- Mangue Trip agita o Pin Up Bar hoje. Jornal do Commercio, Recife, 30 abr. 1993. Caderno C.
- Maracatu atômico na despedida a Chico Science. Jornal da Tarde, São Paulo, 4 fev. 1997.
- MARIZ, L. Um ano sem Chico Science. Jornal de Brasília, Brasília, 1 fev. 1998. p. 8.
- MATTOSO, A. Flashbacks de um fã de carteirinha. Jornal do Commercio, Recife, 8 fev. 1997. Caderno C, p. 7.
- Max exorciza o passado em "Soulfly". Folha de São Paulo, São Paulo, 10 abr. 1998. Ilustrada, p. 11.
- MEIRA, T. Nádia Maia arrasa em folia no Bairro do Recife. Jornal do Commercio, Recife, 2 mar. 1998. Caderno C.
- _____. Soparia faz festa hoje para seus seis anos de agitos alternativos. Jornal do Commercio, Recife, 18 mar. 1998. Caderno C.
- MENEZES T. de. Falta inventividade ao Mundo Livre S/A. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 mai. 1996. Folhateen, p. 1.
- Mercado e festa para descolados. Jornal do Commercio, Recife, 7 ago. 1998. Caderno C.

MIGUEL, A.C. Ecos tropicalistas marcam Carlinhos Brown, Mundo Livre e Chico Science. O Globo, Rio de Janeiro, 28 mai. 1996. Segundo Caderno, p. 6.

Moda com a cara dos Devotos tem direito a autógrafos. Jornal do Commercio, Recife, 9 jul. 1999. Caderno C.

MOREIRA, J. Bandas cover atingem o estrelato. Diário de Pernambuco, Recife, 31 out. 1999. Viver.

MOURA, J. Rock e fusão de ritmos esquentam Festival em noite de termômetros baixos. Diário de Pernambuco, Recife, 28 jul. 1995. Viver, p. 8.

MTV premia melhores cliques. Jornal do Commercio, Recife, 19 ago. 1999. Caderno C.

MTV vem a Olinda para a folia alternativa do Rec-Beat. Jornal do Commercio, Recife, 17 fev. 1998. Caderno C.

Muito rap e funk amanhã na Soparia. Jornal do Commercio, Recife, 7 ago. 1998. Caderno C.

Mundo Livre S.A. chega ao 3º CD. Vale do Paraibano, São José dos Campos, 26 ago. 1998. p. 6.

Mundo Livre S.A. Diário do Nordeste, Fortaleza, 23 dez. 1994. Caderno 3, p. 8.

Mundo Livre S.A. faz show histórico no Parque. Jornal do Commercio, Recife, 28 nov. 1994. Caderno C.

Mundo Livre S.A. faz show hoje no Portal das Cores. Cultura, João Pessoa, 19 abr. 1996.

Mundo Livre S.A. faz um show de muitos sons no Bar do SESC. A Tribuna, Santos, 22 abr. 1998.

Mundo Livre S.A. ganha os principais prêmios da crítica. Jornal do Commercio, Recife, 25 fev. 1995. Caderno C.

Mundo Livre S.A. lança seu novo clipe. Jornal do Commercio, Recife, 11 nov. 1994. Caderno C.

Mundo Livre S.A. vai do pop ao rap. O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 ago. 1998. Caderno 2, p. 2.

Música da hora no seu rádio. Jornal do Commercio, Recife, 30 mar. 1998. Caderno C.

MYRA, K. Bandas rejeitam rótulo mangue. Folha de Pernambuco, Recife, 7 mai. 1999.

Na Vanguarda da moda pernambucana. Diário de Pernambuco, Recife, 7 set. 1996. Caderno C.

Nação Zumbi pinta na TV. Jornal do Commercio, Recife, 15 jun. 1999.

Nação Zumbi prepara primeiro CD sem Chico Science. Jornal da Tarde, São Paulo, 20 ago. 1997.

NASCIMENTO, D. A crítica no espelho. Diário de Pernambuco, Recife, 5 dez. 1999. Viver.

NEUFVILLE, J.Y. de. Mundo Livre bagunça o mangue. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 out. 1994.

Noite de muita pauleira no circo da Malakoff. Jornal do Commercio, Recife, 27 set. 1996. Caderno C, p. 5.

NOVELINO, R. Da lama à eletricidade. Diário de Pernambuco, Recife, 4 fev. 1997. Especial, p. 4-5.

- O Importante é fazer artes. Jornal do Commercio, Recife, 27 abr. 1994. Caderno C.
- O Público quer bandas originais. O Popular, Goiânia, 3 set. 1998.
- O que têm os pólos para a noite de hoje. Jornal do Commercio, Recife, 26 jun. 1998. Caderno C.
- O Som que vem da periferia. Jornal do Commercio, Recife, 7 mar. 1998. Caderno C.
- O Tom que o Brasil ainda não conhece. Jornal do Commercio, Recife, 8 jan. 1999. Caderno C, p. 1.
- OTTO. As boas vibrações de um Samba Pra Burro. Jornal do Commercio, Recife, 28 jan. 1999. Caderno C.
- PAIVA, M.R. Produtor iugoslavo dá polimento na MPB. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 mai. 1998. Ilustrada.
- PALOMINO, E. Acid House: 10 anos de ecstasy na música. Folha de São Paulo, São Paulo, 3 jul. 1998. Ilustrada, p. 11.
- PARELES, J. A brazilian mix: the home grown, rock and Hip-hop. The New York Times, New York, 25 jun. 1996.
- PEPEU, F.F. João Cabral é condecorado pela Espanha. Jornal do Commercio, Recife, 26 out. 1998.
- PEREIRA, M. Abril Pro Rok chama voluntários. Jornal do Commercio, Recife, 14 mar. 1997. Caderno C, p. 6.
- _____. Abril Pro Rock 99 define nomes. Jornal do Commercio, Recife, 1 jan. 1999. Caderno C.
- _____. Airto e Flora exclusivos no Recife. Jornal do Commercio, Recife, 27 nov. 1998. Caderno C.
- _____. A alma do mangue na UFPE. Jornal do Commercio, Recife, 6 nov. 1998. Caderno C.
- _____. Os analfabetos estão soltos. Jornal do Commercio, Recife, 21 fev. 1997. Caderno C.
- _____. Aonde está a tal crise? . Jornal do Commercio, Recife, 21 mai. 1999. Caderno C.
- _____. Bandas preparam segunda invasão a São Paulo em agosto. Jornal do Commercio, Recife, 4 jul. 1994. Caderno C.
- _____. Bandas precisam de espaço. Jornal do Commercio, Recife, 24 jul. 1998. Caderno C.
- _____. Bandas têm espaço no além-APR. Jornal do Commercio, Recife, 15 mai. 1998. Caderno C, p. 8.
- _____. Boas vibrações. Jornal do Commercio, Recife, 23 jul. 1999. Caderno C, p. 3.
- _____. Bola prá frente galera. Jornal do Commercio, Recife, 14 fev. 1997. Caderno C.
- _____. O Brasil, o Bardo e a Copa. Jornal do Commercio, Recife, 5 jun. 1998. Caderno C.
- _____. Brasil e Portugal se descobrem na música. Jornal do Commercio, Recife, 22 abr. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Camará mostra a sua alma. Jornal do Commercio, Recife, 29 out. 1999. Caderno C.

- _____. A caravana Rec-Beat invadiu São Paulo. Jornal do Comercio, Recife, 5 ago. 1994. Caderno C.
- _____. CD do Abril Pro Rock nas lojas. Jornal do Comercio, Recife, 20 mar. 1998. Caderno C.
- _____. A chance de ficar famoso. Jornal do Comercio, Recife, 26 jul. 1996. Caderno C.
- _____. Chico Science ganha as ruas. Jornal do Comercio, Recife, 12 fev. 1999. Caderno C.
- _____. Ciranda - prá - maluco. Jornal do Comercio, Recife, 23 nov. 1998. Caderno C.
- _____. Confetes para as Sheiketes. Jornal do Comercio, Recife, 5 mar. 1999. Caderno C.
- _____. La Cristal ataca com três. Jornal do Comercio, Recife, 29 mai. 1998. Caderno C.
- _____. Democracia reina no Rec-Beat. Jornal do Comercio, Recife, 20 fev. 1998. Caderno C, p. 8.
- _____. O difícil parto dos mangueboys. Jornal do Comercio, Recife, 21 jun. 1994. Caderno C.
- _____. Dois anos de mangue. Jornal do Comercio, Recife, 30 mai. 1993. Caderno C.
- _____. Um domingo de rock e maracatu em abril. Jornal do Comercio, Recife, 12 abr. 1993. Caderno C.
- _____. Dose dupla para o Rock Fanzine. Jornal do Comercio, Recife, 9 jul. 1999. Caderno C.
- _____. Duelo de Titãs. Jornal do Comercio, Recife, 13 nov. 1998. Caderno C.
- _____. Ebel bate forte no Batuka. Jornal do Comercio, Recife, 15 out. 1999. Caderno C, p. 3.
- _____. Ecos de um carnaval. Jornal do Comercio, Recife, 19 fev. 1999. Caderno C.
- _____. E o rei do brega chorou. Jornal do Comercio, Recife, 24 set. 1999. Caderno C.
- _____. Enjaulados terá música de Faces do Subúrbio. Jornal do Comercio, Recife, 11 abr. 1997. Caderno C, p. 6.
- _____. Faça uma fezinha nas pastilhas. Jornal do Comercio, Recife, 7 mai. 1999. Caderno C.
- _____. As façanhas de Arrigo Barnabé, o independente. Jornal do Comercio, Recife, 17 mar. 1993. Caderno C.
- _____. Feliz Natal dos mangueboys. Jornal do Comercio, Recife, 18 dez. 1998. Caderno C.
- _____. Festival para a prata da casa. Jornal do Comercio, Recife, 17 jul. 1998. Caderno C.
- _____. Fique peixe com Querosene Jacará. Jornal do Comercio, Recife, 19 nov. 1999. Caderno C.
- _____. Folia roqueira garantida. Jornal do Comercio, Recife, 22 jan. 1999. Caderno C.
- _____. Garanhuns canta vitória na Guadalajara. Jornal do Comercio, Recife, 20 jul. 1999. Caderno C.
- _____. Gnomos lança CD (quase) oficial. Jornal do Comercio, Recife, 30 abr. 1999. Caderno C.

- _____. Grito de independência. Jornal do Commercio, Recife, 12 nov. 1999. Caderno C.
- _____. Hanagorik quer quebrar as regras. Jornal do Commercio, Recife, 25 jun. 1999. Caderno C.
- _____. Hoje é dia de rock e muito mais. Jornal do Commercio, Recife, 25 abr. 1993. Caderno C.
- _____. A hora e a vez do popular. Jornal do Commercio, Recife, 25 dez. 1998. Caderno C.
- _____. Instigação até debaixo d'água do soul do mangue. Jornal do Commercio, Recife, 16 nov. 1998. Caderno C.
- _____. Jacarés de olhos bem abertos. Jornal do Commercio, Recife, 4 fev. 2000. Caderno C, p. 7.
- _____. Jorge Cabelreira arrepia na estréia do Cena Downtown. Jornal do Commercio, Recife, 1 dez. 1998. Caderno C.
- _____. Lá vem mais uma lapada. Jornal do Commercio, Recife, 3 set. 1999. Caderno C.
- _____. Mais um festival aí, gente. Jornal do Commercio, Recife, 12 jul. 1996. Caderno C.
- _____. Os Malteses e a Nação Zumbi. Jornal do Commercio, Recife, 23 out. 1998. Caderno C.
- _____. De malungo prá malungo. Jornal do Commercio, Recife, 26 jun. 1998. Caderno C.
- _____. Mangue continua em movimento. Jornal do Commercio, Recife, 25 mar. 1998. Caderno C, p. 8.
- _____. O mangue contra-ataca. Jornal do Commercio, Recife, 16 out. 1998. Caderno C.
- _____. O mangue fértil da Ilha Grande. Jornal do Commercio, Recife, 7 ago. 1998. Caderno C.
- _____. Manguelboys mandam brasa no FIG. Jornal do Commercio, Recife, 19 jul. 1999. Caderno C.
- _____. Mestre Ambrósio grava Chico. Jornal do Commercio, Recife, 20 ago. 1999. Caderno C.
- _____. Mundo Livre assina embaixo. Jornal do Commercio, Recife, 11 set. 1998. Caderno C.
- _____. Mundo Livre é a bola do jogo. Jornal do Commercio, Recife, 12 jun. 1998. Caderno C.
- _____. Mundo Livre levantou os paulistas. Jornal do Commercio, Recife, 23 mar. 1998. Caderno C.
- _____. Nação Zumbi vai ao Heineken Concerts. Jornal do Commercio, Recife, 4 mar. 1998. Caderno C.
- _____. Notícias do mangue via Internet. Jornal do Commercio, Recife, 18 jun. 1999. Caderno C.
- _____. A nova invasão do mangue a Sampa. Jornal do Commercio, Recife, 13 mar. 1998. Caderno C.
- _____. A nova musa da Mundo Livre S.A. Jornal do Commercio, Recife, 16 set. 1994. Caderno C.
- _____. Novos ecos da Ilha Grande. Jornal do Commercio, Recife, 6 set. 1996. Caderno C.
- _____. O novo som do mangue. Jornal do Commercio, Recife, 27 fev. 1998. Caderno C, p. 8.

- _____. Ortinho bota a cabeça no lugar. Jornal do Commercio, Recife, 30 jul. 1999. Caderno C.
- _____. Ortinho fora da Querosene Jacaré. Jornal do Commercio, Recife, 8 jan. 1999. Caderno C.
- _____. Otto chegou para sacudir. Jornal do Commercio, Recife, 20 nov. 1998. Caderno C.
- _____. Otto vem a matraca. Jornal do Commercio, Recife, 2 out. 1998. Caderno C.
- _____. Para detonar no feriadão. Jornal do Commercio, Recife, 4 set. 1998. Caderno C, p. 8.
- _____. O passo adiante de Alex. Jornal do Commercio, Recife, 27 ago. 1999. Caderno C.
- _____. PEC oferece algo mais às bandas. Jornal do Commercio, Recife, 15 jan. 1999. Caderno C.
- _____. Pernambucano até a medula. Jornal do Commercio, Recife, 28 mai. 1999. Caderno C.
- _____. Pernambuco é madeira-de-lei. Jornal do Commercio, Recife, 8 out. 1999. Caderno C, p. 3.
- _____. Pernambuco tem concerto. Jornal do Commercio, Recife, 16 abr. 1999. Caderno C.
- _____. Porque amanhã é sábado. Jornal do Commercio, Recife, 3 dez. 1999. Caderno C, p. 3.
- _____. Qual o sabor do Skol Rock?. Jornal do Commercio, Recife, 25 set. 1998. Caderno C.
- _____. Recife in Rock faz cabeça dos teens. Jornal do Commercio, Recife, 16 mar. 1998. Caderno C.
- _____. O Rei está com tudo. Jornal do Commercio, Recife, 14 jan. 2000. Caderno C, p. 3.
- _____. Réquiem para um manguel. Jornal do Commercio, Recife, 7 fev. 1997. Caderno C.
- _____. Rock pernambucano deságua no manguel. Jornal do Commercio, Recife, 21 nov. 1993. Caderno C.
- _____. Rolinha de Dona Selma enlouquece os paulistas. Jornal do Commercio, Recife, 21 mar. 1998. Caderno C, p. 10.
- _____. Sampa é dos pernambucanos. Jornal do Commercio, Recife, 4 dez. 1998. Caderno C.
- _____. Site do PE no Rock está na rede. Jornal do Commercio, Recife, 11 jun. 1999. Caderno C.
- _____. Skol Rock desce quadrada. Jornal do Commercio, Recife, 6 ago. 1999. Caderno C.
- _____. Stela promete um show chique. Jornal do Commercio, Recife, 2 jul. 1999. Caderno C.
- _____. Te cuida que a Nação vem zumbindo. Jornal do Commercio, Recife, 12 mar. 1999. Caderno C.
- _____. Tom Zé, o pernambucano. Jornal do Commercio, Recife, 22 out. 1999. Caderno C.
- _____. A Torre Malakoff pegou fogo. Jornal do Commercio, Recife, 11 out. 1996. Caderno C.
- _____. Tributo a Chico Science em Berlim. Jornal do Commercio, Recife, 29 jan. 1999. Caderno C.

_____. A trilogia chegando ao seu fim. Jornal do Commercio, Recife, 7 jan. 2000. Caderno C, p. 3.

_____. Vai na raça mesmo. Jornal do Commercio, Recife, 5 fev. 1999. Caderno C.

_____. Velhos e novos Camarás. Jornal do Commercio, Recife, 5 nov. 1999. Caderno C, p. 3.

_____. O verdadeiro pai de Sasha. Jornal do Commercio, Recife, 21 ago. 1998. Caderno C.

_____. Vestindo a camisa do time. Jornal do Commercio, Recife, 7 jun. 1996. Caderno C.

_____. Vigor do Angra no Recife. Jornal do Commercio, Recife, 30 out. 1998. Caderno C.

_____; HOFFMANN, C.. Mangueboys casam com Banguela. Jornal do Commercio, Recife, 17 jan. 1994. Caderno C.

_____; HOFFMANN, C.. A vez e a voz do Alto José do Pinho. Jornal do Commercio, Recife, 30 abr. 1996. Caderno C.

PLASSE, M. Abril Pro Rock aposta na mistura de estilos. O Estado de São Paulo, São Paulo, 7 abr. 1998. Caderno 2.

Pólo Torre vibra com o coco de Dona Aurinha. Jornal do Commercio, Recife, 2 mar. 1998. Caderno C.

POLO, M. Comadre faz show dançante. Jornal do Commercio, Recife, 29 jun. 1998. Caderno C.

_____. Festa do Recife deixa todo mundo feliz. Jornal do Commercio, Recife, 13 mar. 1995. Caderno C.

POP Pernambucano ganha festival. Diário de Pernambuco, Recife, 13 set. 1996. Caderno C.

Prefeitura de Olinda veta apresentação da TV Viva. Jornal do Commercio, Recife, 4 fev. 2000. Caderno C, p. 3.

Projeto Acorda Povo recomeça em Peixinhos. Jornal do Commercio, Recife, 21 jan. 2000. Caderno C.

Projeto para retirada de mangue gera polêmica. Jornal do Commercio, Recife, 12 jan. 2000. Ciência/Meio Ambiente, p. 3.

Quanto vale uma vida. Jornal do Commercio, Recife, 21 fev. 1997. Caderno C, p. 1.

RADÜNZ, D. Mundo Livre S.A.: quem tem Groove tem tudo. A Notícia, Joinville, 3 set. 1998.

Rec-Beat Carnaval teve encontros memoráveis. Jornal do Commercio, Recife, 18 fev. 1999. Caderno C.

Rec-Beat em Olinda vai rolar. Jornal do Commercio, Recife, 30 jan. 1998. Caderno C.

Rec-Beat faz show despedida. Jornal do Commercio, Recife, 22 jul. 1994. Caderno C.

Rec-Beat no carnaval. Diário de Pernambuco, Recife, 20 fev. 1998. Viver.

Rec-Beat volta a abalar o Franc's. Jornal do Commercio, Recife, 12 nov. 1994. Caderno C.

REIS, L. Mundo Livre S.A. lança CD hoje, no Pelourinho. Correio da Bahia, Salvador, 14 nov. 1996.

- RESENDE, J. Festival reúne novas bandas do Recife. O Estado de São Paulo, São Paulo, 29 jul. 1994. Caderno 2, p. 16.
- Revolução musical. Diário de Pernambuco, Recife, 11 jul. 1999. Viver.
- REZENDE, B.; ASSUMPÇÃO, M. de.; SALEM, R. Rock, muito pop é decepções. Diário de Pernambuco, Recife, 6 abr. 1998. Viver, p. 1.
- RIBEIRO, H. Caranguejos andam para a frente. Diário Popular, São Paulo, 19 mar. 1998.
- Rock do Recife no Aeroanta. Jornal da Tarde, 3 ago. 1994. Caderno Cidade.
- Rock e frevo se misturam no carnaval de Olinda. Jornal do Commercio, Recife, 7 fev. 1997. Caderno C, p. 5.
- Rock local faz show no Franc's. Jornal do Commercio, Recife, 19 jan. 1994. Caderno C.
- SÁ, X. "Mangue em movimento" termina hoje. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 mar. 1998. Ilustrada, p. 4.
- _____. Livro vai à lama do homem-caranguejo. Folha de São Paulo, São Paulo, 26 jun. 1997. Ilustrada, p. 5.
- _____. Recife vira Seattle miserável. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 jul. 1996. Ilustrada, p. 1.
- _____. Zapatismo leva mangue beat ao México. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 dez. 1996. Ilustrada, p. 4.
- SALEM, R. Mangue também tem underground. Diário de Pernambuco, Recife, 5 mai. 1999. Viver, p. 6.
- _____. Mangue tenta sair de crise. Diário de Pernambuco, Recife, 2 mai. 1999. Viver, p. 1,4.
- _____. Matrix mostra universo high tech. Diário de Pernambuco, Recife, 21 mai. 1999. Viver.
- _____. Morreu? Diário de Pernambuco, Recife, 3 mai. 1999. Viver, p. 1.
- _____. O Carnaval da Mundo Livre. Diário de Pernambuco, Recife, 26 ago. 1998. Viver, p. 8.
- _____. O Mundo Livre ainda tem muito o que dizer. Diário de Pernambuco, Recife, 1 fev. 1998. Viver, p. 6.
- _____. Os melhores são Otto e Mundo Livre. Diário de Pernambuco, Recife, 17 dez. 1998. Viver.
- _____. Pernambuco no Rock: sucesso absoluto. Diário de Pernambuco, Recife, 8 set. 1998. Viver.
- _____. Tem CDs mangue na praça. Diário de Pernambuco, Recife, 4 mai. 1999. Viver, p. 1.
- _____.; ASSUMPÇÃO, M. de; REZENDE, B. Rock até às 6 h da madrugada. Diário de Pernambuco, Recife, 7 abr. 1998. Viver, p. 2.
- Samba esquema livre. Jornal da Cidade, Bauru, 27 ago. 1998. p. 31.
- SANCHES, P. A. Chico Science busca maracatu psicodélico. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 mai. 1996. Ilustrada, p. 4.

- _____. Cultura decifra "movimento mangue Beat". Folha de São Paulo, São Paulo, 16 fev. 1995. Ilustrada, p. 10.
- _____. Gravadoras devem investir menos em ousadias". Jornal do Commercio, Recife, 4 jan. 1999. Caderno C, p.1.
- _____. Mangue tenta dar continuidade à Cena. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 ago. 1999. Caderno.
- _____. Nação Zumbi homenageia Chico Science. Folha de São Paulo, São Paulo, 20 mai. 1998. Ilustrada, p. 4.
- _____. Noite de Lindsay foi terceiro-mundista. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 abr. 1998. Ilustrada, p. 4.
- _____. Norte e Sul se defrontam no 6º Abril Pro Rock. Folha de São Paulo, São Paulo, 6 abr. 1998. Ilustrada, p. 6.
- _____. Tropicália. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 abr. 1995. Ilustrada, p. 8.
- SANTIAGO, V. Chico Science faria novela na Internet". Folha de São Paulo, São Paulo, 4 fev. 1997. Ilustrada.
- _____. Fred 04 exalta vida do mangue beat em novo manifesto. Folha de São Paulo, São Paulo, 13 fev. 1997. Ilustrada, p. 1.
- SANTOS, M. V. Sou grande, não sou pequeno, diz Caetano. Folha de São Paulo, São Paulo, 15 abr. 1998. Ilustrada, p. 4.
- São Paulo vai ouvir a história do rap ao vivo. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 ago. 1999. Ilustrada, p. 6.
- SCARTEZINI, B. Do Recife para o México. Correio Brasiliense, Brasília, 2 set. 1998. p. 3.
- SCINocca, A.P. Mangue beat é celebrado em evento hoje e amanhã. Correio Popular, Campinas, 27 mar. 1998.
- _____. Na batida do mangue. Correio Popular, Campinas, 25 mar. 1998.
- Sem Pernambuco, eu nada sou. Jornal do Commercio, Recife, 11 out. 1999. Especial, p. 1.
- Show encerra Campanha Viva a Nota hoje. Jornal do Commercio, Recife, 13 out. 1996. Caderno C, p. 6.
- SINGER, S.I. A folia (tardia) do Mundo Livre. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 26 ago. 1998. Caderno B, p. 7.
- SÓ, Pedro. Mangue boys!. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 9 jul. 1993.
- SOARES, T. Abril reúne todos os ritmos. Folha de Pernambuco, Recife, 8 abr. 1999.
- _____. Adrenalina pura no final do PE no Rock. Diário de Pernambuco, Recife, 8 set. 1998. Viver, p. 4.
- Sons novos e tradicionais convivem no Recife. O Estado de São Paulo, São Paulo, 12 jul. 1997. Caderno 2.
- Soparia abre o gás dos roqueiros. Jornal do Commercio, Recife, 1 abr. 1998. Caderno C.

- SOUZA, C.L. de. Chega "Carnaval na Obra", terceiro disco do Mundo Livre S.A . Diário do Grande ABC, Santo André, 26 ago. 1998. p. 3.
- SOUZA, T. de. A nova zoeira vem do Recife. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 nov. 1994. Caderno B, p. 7.
- SPINELLI, L. Acorda Povo desperta a galera por onde passa. Jornal do Commercio, Recife, 4 dez. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Eddie comemora dez anos de mutação. Jornal do Commercio, Recife, 15 dez. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Os mestres do forró. Jornal do Commercio, Recife, 24 jun. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Sem a Soparia não há canja no Pólo Pina. Jornal do Commercio, Recife, 2 fev. 2000. Caderno C, p. 1.
- Sucesso não significa dinheiro no bolso. Jornal do Commercio, Recife, 30 jan. 2000. Caderno C, p. 8.
- Super-Heróis planejam novo ataque. Jornal do Commercio, Recife, 21 jan. 2000. Caderno C.
- TELES, J. Abril Pro Rock mais compacto e eficiente. Jornal do Commercio, Recife, 19 abr. 1999. Caderno C.
- _____. Abril Pro Rock, mesmo!. Jornal do Commercio, Recife, 28 abr. 1993. Caderno C.
- _____. Abril Pro Rock: tudo em cima. Jornal do Commercio, Recife, 14 abr. 1993. Caderno C.
- _____. Um ano fraco com um grande disco: Carnaval na Obra. Jornal do Commercio, Recife, 28 dez. 1998. Caderno C, p. 1.
- _____. Uma cidade puramente lírica em versos cheios de nostalgia. Jornal do Commercio, Recife, 27 set. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Coisas de Minas no Parque. Jornal do Commercio, Recife, 19 mai. 1993. Caderno C.
- _____. Coletânea traz os melhores do APR. Jornal do Commercio, Recife, 4 mar. 1998. Caderno C.
- _____. Os discos essenciais dos anos 90. Jornal do Commercio, Recife, 28 abr. 1999. Caderno C.
- _____. E por falar em manguêbit. Jornal do Commercio, Recife, 26 mai. 1999. Caderno C.
- _____. A essência do pop e mais alguma coisa. Jornal do Commercio, Recife, 6 fev. 2000. Caderno C, p. 5.
- _____. Furando o círculo vicioso. Jornal do Commercio, Recife, 11 ago. 1999. Caderno C.
- _____. Lenine vem na pressão. Jornal do Commercio, Recife, 4 ago. 1999. Caderno C.
- _____. Lindsay lança seu mundo civilizado. Jornal do Commercio, Recife, 3 jun. 1998. Caderno C, p. 1.
- _____. Livro propõe uma leitura da alma punk. Jornal do Commercio, Recife, 2 nov. 1999. Caderno C, p. 6.
- _____. Manguêbeat não é fogo de palha Jornal do Commercio, Recife, 30 jan. 2000. Caderno C, p. 1,7-8.

- _____. A meninada se identifica comigo. Jornal do Commercio, Recife, 9 jun. 1999. Caderno C, p. 1-2.
- _____. Mestre Ambrósio faz festa de arromba. Jornal do Commercio, Recife, 19 abr. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. O muno ligado no mangue. Jornal do Commercio, Recife, 13 out. 1999. Caderno C, p. 3.
- _____. Mundo Livre está guentando a ôia. Jornal do Commercio, Recife, 3 jun. 1996. Caderno C.
- _____. Música a serviço da ecologia no Eco Fest. Jornal do Commercio, Recife, 3 dez. 1998. Caderno C.
- _____. A Nação Zumbi continua mandando brasa. Jornal do Commercio, Recife, 21 mai. 1998. Caderno C, p. 8.
- _____. Nação Zumbi sintoniza a Rádio S.AMB.A. Jornal do Commercio, Recife, 3 nov. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Os últimos caldos da Sopa. Jornal do Commercio, Recife, 24 mar. 1999. Caderno C.
- _____. Pai do psicodelismo viaja por suas memórias. Jornal do Commercio, Recife, 27 jul. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. O país do suing e do futuro. Jornal do Commercio, Recife, 28 abr. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. Pernambuco detona os anos 90. Jornal do Commercio, Recife, 29 dez. 1999. Caderno C, p. 3.
- _____. Pernambuco ignora o que tem de melhor. Jornal do Commercio, Recife, 30 jun. 1999. Caderno C.
- _____. Pernambuco tem música pra dar e vender. Jornal do Commercio, Recife, 31 mar. 1999. Caderno C.
- _____. Pirataria assola o Brasil. Jornal do Commercio, Recife, 15 jan. 2000. Caderno C, p. 3.
- _____. Skol Rock na arena do Pina. Jornal do Commercio, Recife, 23 set. 1998. Caderno C.
- _____. 30 anos da Stax em disco. Jornal do Commercio, Recife, 28 fev. 1998. Caderno C, p. 6.
- _____. Um disco sem qualquer defeito na sua fabricação. Jornal do Commercio, Recife, 8 jan. 1999. Caderno C.
- _____. Uma festa de estilos para a trilha de Enjaulado. Jornal do Commercio, Recife, 20 mar. 1998. Caderno C.
- _____. Uma radiografia da manguebeat. Jornal do Commercio, Recife, 2 fev. 2000. Caderno C, p. 3.
- _____. Uma trip com música do mangue. Jornal do Commercio, Recife, 21 jul. 1999. Caderno C.
- _____. Vinde, vinde, moços e velhos. Jornal do Commercio, Recife, 19 jan. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. ; CARPEGIANNI, S. PE no Rock veio para consagrar. Jornal do Commercio, Recife, 8 set. 1998. Caderno C.
- _____. ; CARPEGIANNI, S. PE é Rock mesmo. Jornal do Commercio, Recife, 5 jul. 1999. Caderno C, p. 1.
- _____. ; CARPEGIANNI, S. Soul do mangue é da lama. Jornal do Commercio, Recife, 20 set. 1999. Caderno C, p. 6.
- Tem Sopa sonora no Pina. Jornal do Commercio, Recife, 6 ago. 1999. Caderno C.

TOLEDO, M. As bandas vão rolar!.... Jornal do Commercio, Recife, 12 fev. 1999. Caderno C, p. 1,3-4.

_____. Devotos do Ódio: cada dia mais unidos e mais... Devotos. Jornal do Commercio, Recife, 19 nov. 1998. Caderno C.

_____. Mulheres entram com a idéia e ação. Jornal do Commercio, Recife, 10 mar. 1999. Caderno C.

_____. Um homem roubado nunca se engana. Jornal do Commercio, Recife, 13 mar. 1999. Caderno C, p. 1.

_____. O Sheik Tosado só que ser diferente. Jornal do Commercio, Recife, 21 abr. 1999. Caderno C.

_____. Tem samba de doido no rock. Jornal do Commercio, Recife, 28 fev. 1999. Caderno C.

Tom Zé é destaque na música brasileira. Jornal do Commercio, Recife, 9 jun. 1999. Caderno C.

TV Jornal com o pé no rock. Jornal do Commercio, Recife, 10 jul. 1999. Caderno C.

Uma cidade que se afirma pela boa fusão de ritmos. Jornal do Commercio, Recife, 10 jan. 2000. Caderno C, p. 6.

Uma Nova experiência do barulho. Jornal do Commercio, Recife, 3 dez. 1999. Caderno C.

Vereadores pedem apoio de Magalhães para a Frei Caneca. Jornal do Commercio, Recife, 7 mar. 1998. Caderno C.

Vereadores visitam manguezal. Jornal do Commercio, Recife, 13 jan. 2000. Ciência/Meio Ambiente, p. 5.

VIEIRA, A Rock pauleira no Moritzstadt. Diário de Pernambuco, Recife, 15 set. 1996. Viver.

VIEIRA, J.L. Boas vibrações por Chico Science. Jornal do Commercio, Recife, 21 jul. 1998. Caderno C.

_____. Visão lúdica do universo infantil. Jornal do Commercio, Recife, 13 abr. 1993. Caderno C.

VILLALBA, P. Tom Zé e Otto juntos mostram a moderna MPB no Heineken. O Estado de São Paulo, São Paulo, 9 abr. 1999. Caderno 2, p. 7.

WILSON, E.O . Mr. Wilson vai à guerra. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 mar. 1998. Mais, p. 6.

Zambo leva o mangue ao interior. Jornal do Commercio, Recife, 28 mai. 1999. Caderno C.

ZERO QUATRO, Fred. Ninguém entende mangueboy: o desabafo. Jornal do Commercio, Recife, 3 set. 1994. Caderno C.

_____. O mangue não morreu com Chico Science. Jornal do Commercio, Recife, 15 fev. 1997. Caderno C, p. 1.

Zona da Mata é cenário fashion para novo catálogo da Cantão. Jornal do Commercio, Recife, 3 ago. 1998. Caderno C.

ARTIGOS EM REVISTAS

- ARANTES, José Tadeu. Ressonância mórfica. A teoria do centésimo macaco. Galileu. São Paulo, n. 91, fev. 1999. pp.76-81
- AZEVEDO, Ana; LOPES, Regina; DECELSO, Rossana; AMARAL, Marina; COLIBRI VITA, Oswaldo; ARBEX JR, José; NATALE, Edson; BARROS, João; FRENETTE, Marcos. O som da ética. Caros Amigos. São Paulo, n. 34. Jan. 2000. pp. 22-28.
- BARBO, Sérgio.; SÁ, Pedro. O som do Ben. Show Bizz. São Paulo, n. 8, ago. 1999. pp. 52-61.
- BARREIRA, Solange. O charme da tatuagem marca para sempre. Galileu. São Paulo, n. 86, set. 1998. pp. 54-61.
- CAMPOLIM, Sílvia. Candomblé. Super Interessante. São Paulo, n. 1, jan. 1995. pp. 18-31.
- CARDOSO, Tom. A discreta perenidade do gênio. Bravo. São Paulo, n. 23, ago. 1999. pp. 112-115.
- CLÁUDIO, J. Cordel eletrônico. Isto É. São Paulo, abr. 1994, pp. 80-81,.
- CRIVELLARI, Damiana.; GUSMÃO, Sérgio. A seleção de música. Nordestes. São Paulo/Recife, out. 1999. catálogo.
- DIAS BARROS, Denise. Uma palavra errante. A loucura nos contos Dogon. Sexta-feira Antropologia, Artes e Humanidades. São Paulo, v. 3, set. 1998. pp. 58-71.
- DURAND, Gilbert. Sobre a exploração do imaginário. Seu vocabulário, métodos e aplicações transdisciplinares: mito, mitanálise e mitocrítica. Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, jan/dez. 1985.
- Ensaio Fotográfico de Gianne Puzzo. Máscaras Dogon. Sexta-feira Antropologia, Artes e Humanidades. São Paulo, v. 3, set. 1998. pp. 48-57.
- Evangelho de Dionísio. Oficina de festa: o evoé de Zé Celso. Sexta-feira Antropologia, Artes e Humanidades. São Paulo, v. 2, abr. 1998. pp. 132-137.
- FERRARI, Florência.; TURATTI, Maria Cecília.; MIRAGLIA, Paula.; MACEDO, Valéria. Ser diferente, ser mix, ser igual. Sexta-feira Antropologia, Artes e Humanidades. São Paulo, v. 1, mai. 1997. pp. 98-105.
- FIGUEIRÔA, Alexandre. Nordeste: Novos paradigmas de uma velha imagem. Nordestes. São Paulo/Recife, out. 1999.
- FLÁVIO JÚNIOR, José.; SÁ, Pedro. Rock na cabeça. Show Bizz. São Paulo, n. 10, out. 1999. pp. 40-43.
- FREITAS, Carlos. O som do mangue. Trip. São Paulo, n. 71, pp. 108-109.
- GALANTE, Marcos Antônio. Cultura negra. Cultura Negra. São Paulo, 1988.

- GASPERIM, Emerson. Nação de todos os sons. Show Bizz. São Paulo, n. 2, fev. 2000. pp. 28-35.
- JOSIO, Marcelo. Com os pés em Pernambuco e a cabeça no mundo. Juventude. Br. Brasília, n. 1, dez. 1998. pp. 22-23.
- LEMONS, José Augusto. O ritmo da mudança. Show Bizz. São Paulo, n. 8, ago. 1999. pp. 22-29.
- LIMA, J.G. de. Rock, maracatu e animação. Veja. São Paulo, n. 21, mai. 1997. pp. 124-130.
- LIRA, Paula. E agora, Josué? Nordeste Hoje. Recife, n. 3, mai/jun. 1995 pp. 30-31.
- _____; LELIS, Carmem. Redescobrimos ritmos. Nordeste Hoje. Recife, n. 2, mar. 1995. pp. 50-52.
- MARTINS, S. Encanto radical. Showbizz. São Paulo, v. 14, n. 6, jun. 1997. pp. 24-30.
- MENDONÇA FILHO, Kleber. A seleção de cinema e vídeo. Nordestes. São Paulo/Recife. Out. 1999.
- MERIJE, Wagner. São Jorge. Palavra. Belo Horizonte, n. 8, nov. 1999. pp. 24-29.
- MIGUEL, Antônio Carlos. Para mexer com os pés e cabeça. Bravo. São Paulo, n. 21. Jun. 1999. pp. 105.
- MONTALBÁN, Manuel Vázquez. Chegou a hora da sociedade civil. Caros Amigos. São Paulo, n. 34, jan. 2000. pp. 10-11.
- MONTEIRO, Danilo. Ao vivo atrás do bloco pop.... Show Bizz. São Paulo, n. 3, mar. 1999. pp. 70-71.
- PALUMBO, Patrícia. Uma escala de sol a sol. Bravo. São Paulo, n. 23, ago. 1999. pp. 106-110.
- PAOLOZZI, V. Legado de Chico Science. Showbizz. São Paulo, v. 14, n. 6, jun. 1997. pp. 32-40.
- PIMENTEL, Spensy. A força do movimento. Show Bizz. São Paulo, n. 10, out. 1999. pp. 26-33.
- PORTO, Regina; AMARAL, Marina; TOGNOLLI, Cláudio Júlio; KOTCHO, Ricardo; TINÉ, Flávio; ARBEX JR, José; FRENETE, Marco; RABELO, Adalberto; SOUZA, Sérgio. O gênio de Irará. Caros Amigos. São Paulo, n. 31, out. 1999. pp. 28-39.
- SÁ, Pedro. Abril Pro Rock fecha o foco. Show Bizz. São Paulo, n. 5, mai. 1999. P. 22-26.
- SÁ, Xico; CHIRI, Endrigo; PRATES, Mariana. Ottomano. Trip. São Paulo, n. 68. pp. 92-93.

- A diversidade em primeiro lugar - Entrevista com Fred Zero Quatro. Em A Falecida. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.convex.com.br/falecida/entrevis/index.htm> Arquivo capturado em 07 de Janeiro de 2000.
- A internet como uma faca de dois gume - Entrevista com Noam Chomsky - Parte I. Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/verbum/Chomsky/verbum1.htm> . Arquivo capturado em 30 de Outubro de 1999.
- ABRAMO, Bia. Os sustos do Mangue. Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www2.uol.com.br/latitude/radio/verbum3.htm> Arquivo capturado em Agosto de 1998.
- Abril pro Rock 1997 - Chats. Em Mangue Bit - 1ª Infomangue. Promovido pelo Manguetronic Internet Radio. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit> Arquivo capturado em Abril de 1997.
- Abril Pro Rock. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.abrilprorock.cesar.org.br.html> . Arquivo capturado em 09 de Janeiro de 2000.
- ALBUQUERQUE, Eduardo. Da Geléia Geral às Impressionantes Estruturas de Lama. Em O Mote. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/mote/000/mus003.htm> Arquivo capturado em 28 de Fevereiro de 2000.
- AMARAL, Rita. Antropologia e Internet - Pesquisa e Campo no meio virtual. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.wingtel.com/antropologia/pesqnet1.htm> Arquivo capturado em 21 de Outubro de 1999.
- ARAUJO, Luciana. O Top Ten do Cinema Pernambucano. Em Manguetronic - Topten. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www2.uol.com.br/latitude/radio/topten7.htm> Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- ASCHER, Nelson. Capitais do século 20. Em Folha de São Paulo - Caderno Especial, página10. 02 de Maio de

¹ É importante observar que alguns dos endereços aqui fornecidos podem vir a ser modificados ou movidos, em função da dinâmica característica da rede mundial de informações, ou ainda poderá ocorrer impedimento temporário de acesso, segundo Gevilácio A. C. de Moura (1999).

1999. [online] Disponível na Internet. URL: http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha99.nfo/query=cultura+pop/doc{76324,0,0,0.../hits_only Arquivo capturado em 22 de Janeiro de 2000.
- AZOUBEL, Beto. E o Rio soberano fez-se terreiro prá samba pernambucano. Em O Mote. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/mote/000/mus005.htm> Arquivo capturado em 28 de Fevereiro de 2000.
- _____. É peneira que uso pra peneirá. Em O Mote. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/mote/000/mus001.htm> Arquivo capturado em 28 de Fevereiro de 2000.
- _____. Encurtando a distância. Em O Mote. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/mote/000/mus006.htm> Arquivo capturado em 28 de Fevereiro de 2000.
- _____. O diabo é a cegueira - Uma conversa com Otto. Em O Mote. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/mote/000/entr002.htm> Arquivo capturado em 28 de Fevereiro de 2000.
- BAPTISTA, Humberto R. e SIQUEIRA, Rodrigo. Fractais e a definição de vida. [online] Disponível na Internet. URL: http://www.insite.com.br/rodrigo/misc/bio/vida_e_fractais.html Arquivo capturado em 13 de Agosto de 1999.
- Carapuça (12). Em O Carapuceiro. [online] Disponível na Internet. URL: http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.12/carapuca_texto.htm Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.
- Carapuça (13). Em O Carapuceiro. [online] Disponível na Internet. URL: http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.13/carapuca_texto.htm Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.
- Cásper tem curso cultural. Folha de São Paulo - Folha Ilustrada. 11 de Setembro de 1999. [online] Disponível na Internet. URL: http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha99.nfo/query=cultura+pop/dod{39208,0,0,0.../hits_only . Arquivo capturado em 22 de Janeiro de 2000.
- Chico Science - Do Mangue para o Mundo. Em The Interview. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/uptodate/up3.html> Arquivo capturado em 10 de Dezembro de 1999.
- COLOMBO, Sylvia. Rock and Hard Places. Em Folha de São Paulo - Folha Ilustrada - Editoria de Londres. 28 de Agosto de 1999. [online] Disponível na Internet. URL: <http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha99.nfo/query=cul>

- tura+pop/dod{39208,0,0,0.../hits_only . Arquivo capturado em 22 de Janeiro de 2000.
- CONSELHEIRO, Lourenço. Por cima da carne seca - Uma receita de esvaziar o Caritó. Em O Carapuço. [online] Disponível na Internet. URL: http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.06/carne_texto.htm Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.
- Criptografia, Chomsky e a segurança na rede - Entrevista com Noam Chomsky - Parte III. Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/verbum/Chomsky/verbum3.htm>. Arquivo capturado em 30 de Outubro de 1999.
- Cultura em crise. Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.1/verbum4.htm> . Arquivo capturado em 24 de Julho de 1999.
- D. Margarida Pereira & os fulanos. Em Manguete Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/viagem.htm> Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.
- D. Sebastião, a escrita e a violência política. Em O Carapuço. [online] Disponível na Internet. URL: http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.02/capa_texto.htm . Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.
- DAVANÇO, Ângelo. Baile Perfumado - O manguete invade as telas do cinema. Em A Falecida. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.convex.com.br/falecida/cinema/baile.htm> Arquivo capturado em 06 de Janeiro de 2000.
- DAVANÇO, Ângelo. FANZINE? QuêQueIsso? - Parte I. Em A Falecida. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.convex.com.br/falecida/zineqq/index.htm> Arquivo capturado em 06 de Janeiro de 2000.
- Devotos do Ódio. Em Manguete Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/dev1.htm>. Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.
- Dez lançamentos da nova cena do Recife. Em Manguetronic - Tópten. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/top1098.htm> Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- Dez razões pelas quais Cerveja é melhor que Jesus. Em Manguetronic - Tópten. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/topten/topten3.htm> . Arquivo capturado em 16 de Fevereiro de 2000.
- Diversidade e Riqueza. Em Manguete Bit. [online] Disponível na Internet. URL:

<http://www.recife.pe.gov.br/mangbit> Arquivo
capturado em 18 de Dezembro de 1999.

É tempo de investir. Em Planeta Lamma - Editorial.
[online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.aponte.com.br/43/planetalamma.html>
Arquivo capturado em 15 de Janeiro de 2000.

Eddie. Em Manguê Bit. [online] Disponível na Internet.
URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/eddie1.htm>.
Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.

Entrevista com Hermano Vianna. Em Manguetronic Internet
Radio. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.uol.com.br/manguetronic.htm> Arquivo
capturado em Abril de 1997.

Entrevista com Noam Chomsky - Parte II. Em Manguetronic -
Verbum. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.uol.com.br/manguetronic/verbum/Chomsky/verbum2.htm> Arquivo capturado em 30 de Outubro de 1999.

Estória alegre. Em O Carapuceiro. [online] Disponível na
Internet. URL:
http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.03/proso_texto.htm
Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.

Etnomusicologia: a cosmovisão cultural. 21ª Reunião da
Associação Brasileira De Antropologia. [online]
Disponível na Internet. URL:
<http://www.ufes.br/~cisoufes/gts/gt11.htm> Arquivo
capturado em 08 de Agosto de 1999.

Faces do Subúrbio. Em Manguê Bit. [online] Disponível na
Internet. URL:
<http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/viagem.htm>
Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.

FARLEY, Christopher John. A Nação Hip-Hop. Em Folha de
São Paulo, 04 de Fevereiro de 1999. [online]
Disponível na Internet. URL:
http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha99.nfo/query=cultura+pop/doc/{103534,0,0.../hits_only
Arquivo capturado em 23 de Janeiro de 2000.

FERRAZ, Leidson. A dança das meninas-guerreiras de
Peixinhos. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online]
Disponível na Internet. URL:
<http://www.aponte.com.br/27/teatrando.html> Arquivo
capturado em 04 de Janeiro de 2000.

FERREIRA, Carol. É essa a situação: o Eddie lança Sonic
Mambo. Em Manguengenius. [online] Disponível na
Internet. URL:
<http://ww9.zaz.com.br/manguengenius/numero-02/num/ctudo-chamada-eddie.html> . Arquivo capturado em 9 de
Janeiro de 2000.

FLAUTA, Zé da. Demos. Em Manguengenius. [online]
Disponível na Internet. URL:

- <http://ww7.zaz.com.br/manguenius/colunas/ctudo-ze-demos.html> Arquivo capturado em 09 de Janeiro de 2000.
- _____. Eu vou tomando tudo até a última concha!. Em Manguengenius. [online] Disponível na Internet. URL: <http://ww8.zaz.com.br/manguenius/numero-02/num/ctudo-ze-soparia.html> . Arquivo capturado em 9 de Janeiro de 2000.
- _____. O capitão dos festivais. Em Manguengenius. [online] Disponível na Internet. URL: <http://ww8.zaz.com.br/manguenius/colunas/ctudo-ze-capital.htm> . Arquivo capturado em 9 de Janeiro de 2000.
- Fractal Gallery. The Imaginarium. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.lsi.usp.br/usp/rod/images/fractal/gallery/4/imaginarium.html> Arquivo capturado em 13 de Agosto de 1999.
- Francisco de Assis França - Chico Science. Em Página Do Izaac. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.geocities.com/Yosemite/Trails/9450/chico.html> Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- Fred Zero Quatro, vocalista do Mundo Livre S/A. Bate-papo em Universe On Line. Quinta, 13 de março de 1997, das 19h às 20h. [online] URL: http://members.xoom.com/_XMCM/Loustal/bp_fred.htm . Arquivo capturado em 06 de Janeiro de 2000.
- FREITAS, Carlos. Notas do subterrâneo. Em Manguetronic. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.3/notas.htm> Arquivo capturado em 9 de Janeiro de 2000.
- _____. Ritmos e resoluções de John McEntire. Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/4.2/verbum3.htm> . Arquivo capturado em 30 de Outubro de 1999.
- FREYRE, Gilberto. Breve masturbação sociológica sobre o bagageiro nacional. Fonte: FREYRE, Gilberto. Uma paixão nacional. Playboy. Rio de Janeiro, n. 113, dez.1984. [online] Disponível na Internet. URL: http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.07/proso_texto.htm . Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.
- Future Juju. Em Manguetronic. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.3/bloco3.htm> . Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- Gilberto Gil e a Internet. Entrevista. Em O Mote. [online] Disponível na Internet. URL:

- <http://www.uol.com.br/mote/000/entr003.htm> Arquivo capturado em 28 de Fevereiro de 2000.
- GRILLO, Cristina. Dupla faz Programa Legal e African Pop. Em Folha de São Paulo - Folha Ilustrada. 14 de Abril de 1997. [online] Disponível na Internet. URL: http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha97.nfo/query=hermano+viana+pop/doc/{10.../hits_only Arquivo capturado em 05 de Fevereiro de 2000.
- Grite poesias! Em Manguetronic - Mr. Mouse. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www2.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.1/bloc01.htm> . Arquivo capturado em 24 de Julho de 1999. <http://www.rionet.com.br/~lasalgado/fractald.htm> Arquivo capturado em 13 de Agosto de 1999.
- Jorge Ben Jor. Universe On Line - Web Sites Oficiais. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/benjor/bio.htm> Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- Jorge Cabelleira. Em Mangue Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/viagem.htm>. Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.
- KING, Margery. Retratos Conhecidos, Órgãos Genitais: os Retratos e Torsos de Andy Warhol. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/23bienal/especial/pewa.htm#None> Arquivo capturado em 07 de Março de 2000.
- KUJAWSKY, Guilherme. Breve panorama da FC Cyberpunk. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.zapiens.com/z0/tuttilexi/MTItcybr.shtml> Arquivo capturado em 11 de Dezembro de 1999.
- L., Renato. A dura vida de um "Pobrestar". Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/36/planetalamma.html> . Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. A revolução não vai passar na TV! (nem você vai encontrar nos jornais...). Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/43/planetalamma.html> . Arquivo capturado em 15 de Janeiro de 2000.
- _____. A tristeza dos sábados à noite. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/24/planetalamma.html> . Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Acid House. Em Mangue bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/matal.htm> Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.

- _____. Arqueologia do mangue. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/35/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Boas novas. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/colunas/01/col-planeta.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Chico Science & Nação Zumbi. Em Mangue bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/csnz1.htm>. Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- _____. Como nasceu o grupo Chico Science & Nação Zumbi. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/diversao/science6.htm>. Arquivo capturado em 13 de Agosto de 1999.
- _____. Diversão levada sério. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/31/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Eletronic "bad" music. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/26/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Em busca do beat perfeito. Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www2.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.3/verbum2.htm>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Houve uma vez um verão... Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/27/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Luz, som e diversão. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/20/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Repente envenenado. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/12/pag1.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Why Racionais Sucks in '99?. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/22/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. ...mas não é só na TV que a revolução não passa. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/43/planetalamma-1.html>. Arquivo capturado em 15 de Janeiro de 2000.

- _____. Algo de podre no ar. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/colunas/03/col-musica.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Circuito da mediocridade. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/colunas/04/col-planeta.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Como gerar empregos no Planeta Lamma. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/23/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Crise? Que crise? Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/colunas/02/col-planeta.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Inferno Atlântico. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/32/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 04 de Janeiro de 2000.
- _____. Malcom Maclaren. Em Mangue bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/viagem.htm>. Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- _____. Mestre Ambrósio. Em Mangue bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/mestrel.htm>. Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- _____. Minha briga com São Paulo. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/37/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Núcleo de Pesquisa de Produção de Idéias Pop. Em Mangue bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/viagem.htm>. Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- _____. O baião na sua versão ano 2000. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/38/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. O melhor disco do ano. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/30/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. O Mestre Insuperável da Ciência dos Ritmos. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/46/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 5 de Fevereiro de 2000.

- _____. O quarto melhor reveillon do mundo. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/41/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 04 de Janeiro de 2000.
- _____. Presente de Natal. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/39/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Samba tipo exportação. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/colunas/02/col-musica.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Sem sangue, sem suor e sem lágrimas. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/colunas/01/col-musica.html>. Arquivo capturado em 04 de Janeiro de 2000.
- _____. Um toque de jazz. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/29/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 04 de Janeiro de 2000.
- _____. Uma arma para os camelôs cibernéticos. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/21/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Uma breve história do MP3. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/34/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- _____. Uma pesquisa interessante. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/44/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 5 de Fevereiro de 2000.
- _____. Zen e a Arte do DJ. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/33/planetalamma.html>. Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- L'Abécédaire de Loustal. Em Web Loustal. 25 de Novembro de 1997. [online] Disponível na Internet. URL: http://www.foragora.com/loustal/frame_loustal.htm. Arquivo capturado em 06 de Janeiro de 2000.
- Lara Hanouska. Em Mangue Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/viagem.htm>. Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.
- LEARY, Timothy. Just say "know". Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/verbum/timleary.htm>. Arquivo capturado em 30 de Outubro de 1999.

- LEMONS, André L. M. "Cyborgização" da Cultura Contemporânea. Em A Página dos Cyborgs. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemons/cap1.html> Arquivo capturado em 11 de Dezembro de 1999.
- _____. Bodynet e Netcyborgs. Novas Tecnologias e Sociabilidade na Cultura Contemporânea. Em A Página dos Cyborgs. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemons/intro.html> Arquivo capturado em 11 de Dezembro de 1999.
- _____. Arte Eletrônica e Cibercultura. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemons/arte.html> Arquivo capturado em 13 de Agosto de 1999.
- _____. Civilização do Virtual. Em A Página dos Cyborgs. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemons/cap2.html> Arquivo capturado em 11 de Dezembro de 1999.
- _____. Cyborgs Protéticos e Interpretativos. Em A Página dos Cyborgs. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemons/cap6.html> Arquivo capturado em 11 de Dezembro de 1999.
- LEVY, Carminha. Candomblé e os Tipos Psicológicos. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.tranceform.org/pazgeia/cndmbPT.htm> Arquivo capturado em 23 de Outubro de 1999.
- LIMA, Tânia. Maracatu em Pernambuco. Em Manguê Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/menub.htm> Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- LUNA, Adelson. Entrevista com Fred Zero Quatro. Em Manguêgenius - Vamos nessa! [online] Disponível na Internet. URL: <http://ww9.zaz.com.br/manguenius/numero-00/num-00/ctudo-chamada-fred04.html> . Arquivo capturado em 9 de Janeiro de 2000.
- _____. Loiras de plástico perdem batalha contra Rage Against metafórico. Em Manguêgenius - Editorial. [online] Disponível na Internet. URL: <http://ww8.zaz.com.br/manguenius/ctudo-editorial.html> Arquivo capturado em 9 de Janeiro de 2000.
- MABUSE, h. d. Caos. Em Manguê Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/caos1.htm> Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- _____. Infomanguê - Rios, pontes & comunidades virtuais. Em Manguê Bit. [online] Disponível na

- Internet. URL:
<http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/manife01.htm>.
 Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- _____. Mangue mostra força no Abril Pro Rock. Especial para a Folha de São Paulo. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.uol.com.br/fsp/folhatee/fm070410.htm>
 Arquivo capturado em 15 de Janeiro de 2000.
- _____. Glossário. Em Mangue Bit. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/gloss1.htm>.
 Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- MACIEL, Luís Carlos. Manguebit. Universidade de Brasília - Faculdade de Comunicação. [online] Disponível na Internet. URL:
http://members.xoom.com/_XMCM/Loustal/analise.htm
 Arquivo capturado em 06 de Janeiro de 2000.
- Mais uma droga de guerra! Em Manguetronic. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.3/bloco2.htm> . Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.
- Malteses. Em Pé no Rock. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.penorock.com.br/index-bandas.htm> .
 Arquivo capturado em 09 de Janeiro de 2000.
- Mangue Bit. Última atualização em 21 de Julho de 1997. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.recife.pe.gov.br/mangbit> Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.
- MARCENA, Adriano. Do caos à morte - O livro. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.geocities.com/docaosamorte/livro.htm>
 Arquivo capturado em 16 de Janeiro de 2000.
- MATARAZZO, Rebeca. Síndrome de Mário de Andrade. Em O Carapuceiro. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.uol.com.br/carapuceiro.htm> . Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.
- MATTOSO, Arnaud. Maconha para salvar o Sertão. Em O Carapuceiro. [online] Disponível na Internet. URL:
http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.12/proso_texto.htm . Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.
- MEMORIAL UNIVERSITY OF NEWFOUDLAND. What is Hypertext? Última atualização em 07 de Novembro de 1996. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.ucs.mun.ca/~wbarker/hypertext.html>.
 Arquivo capturado em 18 de Setembro de 1999.
- MESEL, Marcelo. ? - 1500 Uma breve [pré] história da Manguetown. Em Mangue Bit. [online] Disponível na Internet. URL:

- <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/manguet.htm>.
Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- MOURA, Gevilácio A. C. de. Citações e Referências a documentos eletrônicos. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.elogica.com.br/users/gmoura.html>
Arquivo capturado em 23 de Outubro de 1999.
- Muito prazer, o último a ler é misógino como o padre. Em O Carapuceiro. [online] Disponível na Internet. URL:
http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.02/capa_texto.htm
Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.
- Mundo Livre S/A. Bate-papo em Universe On Line. Quarta-feira, 04 de novembro de 1998 [online] Disponível na Internet. URL:
http://members.xoom.com/_XMCM/Loustal/bp_mundo_livre.htm. Arquivo capturado em 06 de Janeiro de 2000.
Ajustar endereço.
- Mundo Livre S/A. Em Manguê Bit. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/viagem.htm>.
Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.
- Nação Zumbi, banda pernambucana. Bate-papo em Universe On Line. Quarta-feira, 27 de maio de 1998. [online] Disponível na Internet. URL:
http://chatter.uol.com.br/patepapo/bp_nacao.htm
Arquivo capturado em 06 de Janeiro de 2000.
- NEGROMONTE, Marcelo. Rap instaura paz, união, amor e diversão em SP. Em Folha de São Paulo - Folha Ilustrada. 10 de Agosto de 1999. [online] Disponível na Internet. URL:
http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha99.nfo/query=cultura+pop/doc/{43291,0,0,0.../hits_only Arquivo capturado em 22 de Janeiro de 2000.
- Negros . Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.1/verbum3.htm> Arquivo capturado em 24 de Julho de 1999.
- O Acorda Povo. Em Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www.aponte.com.br/planetalamma.html> . Arquivo capturado em 04 de Janeiro de 2000.
- OLIVEIRA, Gilson. Irreverente Eco dos Palmares. Em Manguegenius. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www6.zaz.com.br/manguenius/num/ctudo-chamada-selma-coco.html> . Arquivo capturado em 9 de Janeiro de 2000.
- _____. Reiginaldo começa com R, de Rei. Em Manguegenius. [online] Disponível na Internet. URL:
<http://www6.zaz.com.br/manguenius/bandas/ctudo->

- chamada-reiginaldo.html Arquivo capturado em 9 de Janeiro de 2000.
- _____. Rock na Praça dá show de resistência e garra. Em Manguengenius. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.zaz.com.br/manguengenius/artigos/ctudo-chamada-rockpraca1.html> Arquivo capturado em 9 de Janeiro de 2000.
- Otto. Em Mangu Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/viagem.htm>. Arquivo capturado em 20 de Dezembro de 1999.
- Pé no Rock. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.penorock.com.br> . Arquivo capturado em 09 de Janeiro de 2000.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Jack Kerouac. Em Beat, O Movimento. [online] Disponível na Internet. URL: <http://puccamp.aleph.com.br/beat/kerouac.htm> Arquivo capturado em 15 de Dezembro de 1999.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. On the Road, Jack Kerouac. Em Beat, O Movimento. [online] Disponível na Internet. URL: http://puccamp.aleph.com.br/beat/on_the_road_jack_kerouac.htm Arquivo capturado em 15 de Dezembro de 1999.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Beat no Brasil. Em Beat, O Movimento. [online] Disponível na Internet. URL: <http://puccamp.aleph.com.br/beat/brasil.htm> Arquivo capturado em 15 de Dezembro de 1999.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Filmes. Em Beat, O Movimento. [online] Disponível na Internet. URL: <http://puccamp.aleph.com.br/beat/filmes.htm> Arquivo capturado em 15 de Dezembro de 1999.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Geração Beat. Em Beat, O Movimento. [online] Disponível na Internet. URL: <http://puccamp.aleph.com.br/beat/insp.htm> Arquivo capturado em 15 de Dezembro de 1999.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. Música. Em Beat, O Movimento. [online] Disponível na Internet. URL: <http://puccamp.aleph.com.br/beat/musica.htm> Arquivo capturado em 15 de Dezembro de 1999.
- PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS. O que é Beat? Em Beat, O Movimento. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.puccamp.aleph.com.br/beat/ideoogia.htm> Arquivo capturado em 15 de Dezembro de 1999.
- Pop Music. Em Folha de São Paulo - Folha Ilustrada. 06 de Janeiro de 1999. [online] Disponível na Internet. URL:

http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha99.nfo/query=cultura+pop/doc{112616,0,0.../hits_only Arquivo capturado em 23 de Janeiro de 2000.

Putos, pontes e comboios. Em Manguetronic - Mr. Mouse. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www2.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.1/bloc02.htm> . Arquivo capturado em 24 de Julho de 1999.

Que pode um Pobre Garoto Fazer...? Em Manguetronic. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.3/bloco1.htm> . Arquivo capturado em 4 de Janeiro de 2000.

RIBEIRO, Lúcio. E no princípio era o... CLASH. Em Folha de São Paulo - Folha Ilustrada. 16 de Dezembro de 1999. [online] Disponível na Internet. URL: http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha99.nfo/query=cultura+pop/doc/{43291,0,0,0.../hits_only Arquivo capturado em 22 de Janeiro de 2000.

RUCKER, Rudy. 10 mais em matemática. Em Manguetronic - Topten. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/topten/top5.htm> Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.

RYFF, Luiz Antônio. Busca de identidade impulsionou o samba. Em Folha Ilustrada - Folha de São Paulo, 01 de Julho de 1995. [online] Disponível na Internet. URL: <http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha95.nfo/>. Arquivo capturado em 05 de Fevereiro de 2000.

SÁ, Xico. 10 % de gorjeta, 20 % de drogas, 70 % de amor. Em O Carapuceiro - Macho com H [online] Disponível na Internet. URL: http://www.uol.com.br/carapuceiro/1.14/macho_texto.htm . Arquivo capturado em 15 de Janeiro de 2000.

SALGADO NETO, Luís Antônio. Transfactual - Arte por computador. [online] Disponível na Internet. URL:

SANCHES, Pedro Alexandre. Abril pro Rock - Peso soterra diversidade do mangue. Em Folha de São Paulo. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq19049920.htm> Arquivo capturado em 15 de Janeiro de 2000.

Santo forte. Quem está no páreo? Em O Carapuceiro. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/carapuceiro/padroeiro/santos.htm> . Arquivo capturado em 24 de Dezembro de 1999.

Sex Pistols - História da Banda. Em The Highly Un-Official Page of The Old Farts Called Sex Pistols. [online] Disponível na Internet. URL: <http://whiplash.net/sexpistols.html> Arquivo capturado em 15 de Dezembro de 1999.

Subversão na web, o Manguetronic apresenta alguns endereços para ajudar à revolução! Em Manguetronic -

- Bookmarks. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/bookmarks.htm>
Arquivo capturado em 16 de Fevereiro de 2000.
- VAZ, Adriana Holanda. Josué de Castro. Em Manguê Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/josuel.htm>.
Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- VERGOLINO, Carol. Luz no Sertão. Em A Ponte - Planeta Lamma. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.aponte.com.br/43/planetalamma.html>.
Arquivo capturado em 15 de Janeiro de 2000.
- VIANNA, Hermano. Cultura Pop. Em Folha de São Paulo - Folha Ilustrada. 13 de Abril de 1997. [online] Disponível na Internet. URL: http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha97.nfo/query=hermano+viana+pop/doc/{10.../hits_only
Arquivo capturado em 05 de Fevereiro de 2000.
- _____. Eu só quero fazer parte dessa nação. Em Manguetronic - Topten. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www2.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.1/verbum1.htm>
Arquivo capturado em 24 de Julho de 1999.
- _____. Tecnologia do Transe. Em Mais! - Folha de São Paulo, 06 de Abril de 1997. [online] Disponível na Internet. URL: http://fws.uol.com.br/folio.cgi/folha97.nfo/query=hermano+viana+pop/doc/{10.../hits_only
Arquivo capturado em 05 de Fevereiro de 2000.
- Vidéotèque Fractale. Home page of Frank Roussel. [online] Disponível na Internet. URL: <http://graffiti.u-bordeaux.fr/MAPBX/roussel/>
Arquivo capturado em 05 de Janeiro de 2000.
- ZÉ, Tom. 10 razões para dar tanto Pernambuco na minha cabeça. Em Manguetronic - Topten. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.uol.com.br/manguetronic/topten/topten7.htm>
Arquivo capturado em 16 de Fevereiro de 2000.
- ZERO QUATRO, Fred. Vivemos a longa era da pilhagem. Em Manguetronic - Verbum. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www2.uol.com.br/latitude/manguetronic/4.1/verbum2.htm>
Arquivo capturado em 24 de Julho de 1999.
- _____. A Via Telecrática. Em Manguê Bit. [online] Disponível na Internet. URL: <http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/menub.htm>.
Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.
- _____. Caranguejos com cérebro. Em Manguê Bit. [online] Disponível na Internet. URL:

<http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/manife01.htm>.

Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.

_____. Quanto vale uma vida. Em Mangue Bit. [online]
Disponível na Internet. URL:

<http://www.recife.pe.gov.br/mangbit/manife02.htm>.

Arquivo capturado em 18 de Dezembro de 1999.

_____. O Ministro da Cultura Precisa ter Modos. Em
Manguetronic Internet Radio. [online] Disponível na
Internet. URL:

<http://www2.uol.com.br/latitude/radio/verbum2.htm>

Arquivo capturado em Abril de 1997.

GRAVAÇÕES EM COMPACT DISC

11 MÚSICAS direto da lama. s/l: Trama Produções
Artísticas, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.

ALTO falante. Caucaia: Nordeste Digital Line, s/d. 1
disco laser. Gravação de som.

Baião de viramundo: tributo a Luiz Gonzaga. s/l.:
Candeeiro, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.

Baile perfumado: trilha sonora. s/l.: Natasha Record,
1997. 1 disco laser. Gravação de som.

BEN, Jorge. A tábua de esmeralda. São Paulo: Polygram do
Brasil, 1998. 1 disco laser. Gravação de som.

BROWN, James. Mr. Dynamite. s/l.: Globo Polydor, 1995. 1
disco laser. Gravação de som.

_____. Papa's got a brand new bag: nova versão. s/l:
Roadrunner Records, 1998. 1 disco laser. Gravação de
som.

CAMPOS, Stela. Céu de brigadeiro. Recife: s/g, s/d. 1
disco laser. Gravação de som.

CARTOLA. s/l: Discos Marcus Pereira, s/d. 1 disco laser.
Gravação de som.

CASCABULHO. Fome dá dor de cabeça. s/l: s/g, s/d. 1 disco
laser. Gravação de som.

CHÃO E CHINELO. Loa do boi meia noite. s/l: Top music,
1998. 1 disco laser. Gravação de som.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. Afrociberdélia. Rio de
Janeiro: Sony Music, 1996. 1 disco laser. Gravação de
som.

_____. Chaos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1998. 1 disco
laser. Gravação de som.

_____. Da lama aos caos. Rio de Janeiro: Sony Music,
s/d. 1 disco laser. Gravação de som.

COMADRE FLORZINHA. São Paulo: Estúdio Eldorado, 1999. 1
disco laser. Gravação de som.

- COODER, R.; GONZALEZ, R.; OCHOA, E. et al. Buena vista social club. s/l: Warner Music Brasil, 1997. 1 disco laser. Gravação de som.
- DEVOTOS DO ÓDIO. Agora tá valendo. São Paulo: BMG do Brasil, 1997. 1 disco laser. Gravação de som.
- DJ DOLORES. Recife: Muzak, 1999. 1 disco laser. Gravação de som.
- EDDIE. Sonic Mambo. s/l: Roadrunner Brasil Produções Fonográficas, 1998. 1 disco laser. Gravação de som.
- ENJAULADO: música para ouvir trancado. São Paulo : Sonopress-Ritmo, 1997. 1 disco laser. Gravação de som.
- FACES DO SUBÚRBIO. São Paulo: Polygram do Brasil, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.
- FERRER, Ibrahim. Buena vista social club. s/l: Warner Music do Brasil, 1999. 1 disco laser. Gravação de som.
- GONZÁLEZ, Rubén. Introducing. s/l: Warner Music do Brasil, 1997. 1 disco laser. Gravação de som.
- JOR, Jorge Ben. Jorge Ben Jor. s/l: Warner Music do Brasil, 1993. 1 disco laser. Gravação de som.
- _____. Mestres da MPB. s/l.: Warner Music do Brasil, 1993. 1 disco laser. Gravação de som.
- KEITA, Salif. Kó-Yán. New York: Island Records, 1989. 1 disco laser. Gravação de som.
- LENINE. O dia em que faremos contato. São Paulo: BMG do Brasil, 1997. 1 disco laser. Gravação de som.
- _____; SUZANO. Olho de peixe. s/l : Velas, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.
- MARCELO D2. Eu tiro é onda. s/l: Chaos, 1998. 1 disco laser. Gravação de som. 1 CD parte integrante da Revista TRIP.
- MESTRE AMBRÓSIO. Fuá na casa de Cabral. Rio de Janeiro: Sony Music, 1998. 1 disco laser. Gravação de som.
- _____. Recife: REC BEAT Discos, 1995. 1 disco laser. Gravação de som.
- MUNDO LIVRE S.A. Carnaval na obra. s/l: Abril Music, 1998. 1 disco laser. Gravação de som.
- _____. Guentando a ôia. s/l: Abril Music, 1996. 1 disco laser. Gravação de som.
- _____. Samba esquema noise. s/l: Banguela Records, 1994. 1 disco laser. Gravação de som.
- O Bloco da Saudade Canta. Saudade vai passar. Recife: BANORTE Seguros, 1995. 1 disco laser. Gravação de som.
- Opereta do Recife. s/l: s/g, 1994. 1 disco laser. Gravação de som.
- OTTO. Samba pra burro. s/l: Trama Promoções Artísticas, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.
- _____. Single especial : Re/Pé distraída pra morte. s/l: Trama Promoções Artísticas, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.

- PANDEIRO, Jackson do. Sua majestade : o rei do ritmo. São Paulo: A.B.W. Gravações Musicais, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.
- RED HOT + RIO: pure listening pleasure. São Paulo: Polygram do Brasil, 1996. 1 disco laser. Gravação de som.
- Rei Reginaldo Rossi: um tributo. Recife: Mangrove Produções Fonográficas, 1999. 1 disco laser. Gravação de som.
- SHEIK TOSADO. Som de caráter urbano e de salão. s/l: Trama Promoções Artísticas, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.
- SILVA, Moreira da. 50 anos de samba de breque. s/l: CID, s/d. 1 disco laser. Gravação de som.
- SOULFLY. s/l: Roadrunner, 1998. 1 disco laser. Gravação de som.
- THE CLASH. Rio de Janeiro: Sony Music, 1997. 1 disco laser. Gravação de som.
- VIOLA, Paulinho da. Beba do samba. São Paulo: BMG do Brasil, 1996. 1 disco laser. Gravação de som.
- ZÉ, Tom. Com defeito de fabricação. s/l: Trama, 1998. 1 disco laser. Gravação de som.

GRAVAÇÕES EM FITA DE VÍDEO

- ALENCAR, Alexandre. De Malungo pra Malungo. Recife: Luni; Daniele Hoover, 1999. Documentário. 1 cassete (40 min): Beta Digital/16mm, son., color.
- ANDRADE, Verônica. mundo livre s/a. Recife: Iraquitan Xavier, 1966. 1 cassete (51,01 min): son., color.
- BARBIER, Lorena. Caranguejo: mangue e sobrevivência. Recife: Lorena Barbier, 1996. Documentário. 1 cassete (19 min): son., color.
- DOLORES & MORALES. Homero, o Junkie. Recife: X Filmes; TV Viva, 1992. Videoclipe da Banda Mundo Livre S/A. 1 cassete (4 min): Hi8/U-Matic, son., color.
- DOLORES & MORALES. Manguebeat. Recife: Dolores e Morales, 1995. Vinheta, 1 cassete (30 seg): Betacam. son., color.
- DOLORES & MORALES. Samba Esquema Noise. Recife: Etapas Vídeo, 1995. Videoclipe da Banda Mundo Livre S/A. 1 cassete (5 min): Hi8Betacam, son., color.
- DOLORES & MORALES. Se Zé Limeira sambasse maracatu. Recife: Clarice Hoffman ; Center, 1995. Banda Mestre Ambrósio. 1 cassete (4 min): Betacam, son., color.
- FERNANDES, Williams. Mangue Especial. Recife: Tandra Burgos, 1996. Documentário. 1 cassete (55,20 min): son., color.

- GERMANO, Carlos. Cico Science Mangue Star. Recife: Didier Bertrand; Gilson Martins, 1996. Documentário. 1 cassete (s/dur): son., color.
- GOMES, Marcelo; JR. João; NORMAL, Beto. A perna cabiluda. Recife: Marcelo Gomes, João Jr.; Adelina Pontual, 1992. 1 cassete (12 min). Betacam. son., color.
- MENDONÇA FILHO, Kléber. Enjaulado. Recife: Kléber Mendonça Filho, 1997. 1 cassete: son., color.
- PAIXÃO, Altair. Registro do evento "Rec Beat". São Paulo: Produção Independente, 1994. 1 cassete (s/dur): son., color.
- PERES, Fernando; GRILO. O Samba do Crioulo Doido. Recife: Telephone Colorido, 1999. Ficção científica. 1 cassete (12 min): SuperVHS, son., color.
- TV VIVA. A Cidade. Recife: TV Viva, 1993. Videoclipe da Banda Chico Science & Nação Zumbi. 1 cassete (4 min): U-Matic, son., color.
- ZACCA; MARTIN, Horácio. Fim de semana especial - Chico Science. s/l: MTV, 2000. 1 cassete (80 min): son., color.

LIVROS

- ALMEIDA, M. C. "Complexidade, do casulo à borboleta" em CASTRO, G. et al. Ensaaios de complexidade. Porto Alegre: Suliva, 1997.
- _____. "Cumplicidade, complexidade, (com)paixão" em CARVALHO, E, A. et al. Ética, solidariedade e complexidade. São Paulo: Palas Athena, 1998.
- _____. Complexidade e ética como estética de vida. 1988. (mimeo)
- ANASTÁCIO, Sílvia Maria Guerra. O jogo das imagens no universo da criação de Elizabeth Brishop. PUC-SP. São Paulo, 1998. tese de doutorado. mimeo.
- AUGRAS, M. O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidade nagô. Petrópolis : Vozes, 1983.
- BACHELARD, G. A água e os sonhos : ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo : Martins Fontes, 1998. (Coleção Tópicos).
- _____. A poética do espaço. São Paulo : Martins Fontes, 1998. (Coleção Tópicos).
- _____. A psicanálise do fogo. São Paulo : Martins Fontes, 1994. (Coleção Tópicos).
- _____. O direito de sonhar. 4. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1994.
- BRIGGS, B. e PEAT, F. P. A sabedoria do caos. Sete lições que vão mudar sua vida. Rio de Janeiro: Campus, 2000
- BARBA, E.; SAVARESE, N. A arte secreta do ator : dicionário de antropologia teatral. Campinas : Editora da UNICAMP, 1995.

- BARBOSA, Lúcia Falcão. "Entrevista com vampiros: uma reconstrução da cultura a partir do jogo de RPG". Universidade Federal de Pernambuco; Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife, nov. 1998. dissertação de mestrado. mimeo.
- _____. Imagens da cidade do Recife construídas através da literatura e pensadores locais nas décadas de 50 e 60. Recife, out. 1999. projeto de pesquisa. mimeo.
- BARROS, M. de. O guardador de águas. 2. ed. Rio de Janeiro : Record, 1998.
- _____. O livro das ignoranças. 4. ed. Rio de Janeiro : Record, 1997.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento. 14. ed. Petrópolis : Vozes, 1997. (Antropologia, 5).
- BOAL, A. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. 4. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1983. (Coleção Teatro Hoje, v. 27)
- BOHM, D.; PEAT, F.D. Ciência, ordem e criatividade. Lisboa : Gradiva, 1989.
- BORGES, J.L. Obras completas de Jorge Luís Borges. São Paulo : Globo, 1998. v. 1.
- CAIAFA, J. Movimento punk na cidade : a invasão dos bandos sub. 2. ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1989. (Coleção Antropologia Social).
- CALVINO, J. As cidades invisíveis. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.
- CAPRA, F. O ponto de mutação. São Paulo : Cultrix, s/d.
- CARDOSO, M.E. O amor é fodido. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1995.
- CARVALHO, J. J. Mutus líber: o livro mudo da alquimia. São Paulo: Attar Editorial, 1995.
- CARROLL, J. Alice no país das maravilhas. São Paulo : Ática, 1982.
- CASTRO, J. de. Homens e caranguejos. São Paulo : Brasiliense, 1967.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano : 1. artes de fazer. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1996.
- _____.; GIARD, L.; MAYOL, P. A invenção do cotidiano : 2. morar, cozinhar. Petrópolis : Vozes, 1997.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A.; BARBAULT, et al. Dicionário de símbolos : mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 13. ed. Rio de Janeiro : José Olímpio, 1999.
- COHN, N. Cosmos, caos e o mundo que virá : as origens das crenças no apocalipse. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- CUNHA, Adriana. Manguezais. Espaço Ciência. Recife - PE, 1998. mimeo

- DAMÁSIO, A.R. O erro de Descartes : emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- DURAND, G. A imaginação simbólica. São Paulo : Cultrix, 1988.
- _____. As estruturas antropológicas do imaginário : introdução a arqueologia geral. São Paulo : Martins Fontes, 1997. (Ensino Superior).
- _____. De la mitocritical al mitoanálise : figuras míticas y aspectos de la obra. Barcelona : Anthropos, 1993.
- _____. Mito, símbolo e metodologia. Lisboa : Presença, s/d.
- _____. Mitolvismo de Lima de Freitas. Lisboa: Perspectiva & Realidade, 1987.
- _____. O imaginário : ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro : DIFEL, 1999.
- DUVIGNAUD, J. El actor : bosquejo de una sociología del comediante. Madrid : Taurus, 1966.
- _____. Festas e civilizações. Fortaleza : Universidade Federal do Ceará, 1983.
- _____. Sociologia da arte. Rio de Janeiro : Forense, 1970.
- ELIADE, M. Mito e realidade. 5. ed. São Paulo : Perspectiva, 1998. (Coleção Debates).
- _____. O sagrado e o profano : a essência das religiões. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- _____. Imortalidade e liberdade. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- _____. Tratado de história das religiões. São Paulo : Martins Fontes, 1993. (Ensino Superior).
- ENDE, M. A história sem fim. 6. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1993.
- FARIA, Isabela Cavalcanti. Tabuleiros gigantes em festas populares. Universidade Federal de Pernambuco; Centro de Artes e Comunicação; Departamento de Desenho Industrial; Curso de Programação Visual. Recife. monografia. mimeo.
- FELICE, M. di.; MUÑOZ, C. (Org.) A revolução invencível : cartas e comunicados : sub-comandante Marcos e exército zapatista de libertação nacional. São Paulo : Boitempo Editorial, 1998.
- FERREIRA, A.B. de H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1998.
- FREIRE JÚNIOR, M. de B. Automassagem e medicina chinesa. Brasília : Ed. do Autor, 1996.
- GENNEP, A. Van. Os ritos de passagem : estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira da hospitalidade , da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado,

- casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis : Vozes, 1978. (Coleção Antropologia, 11).
- GLEISER, m. A dança do universo dos mitos de criação ao big bang. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.
- HALL, E.T. A dimensão oculta. Lisboa : Relógio D'Água Editores, 1986.
- HELLER, A.; FEHÉR, F. A condição política pós moderna. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998.
- HERRIGEL, E. A arte cavalheiresca do arqueiro Zen. São Paulo : Pensamento, s/d.
- HUIZINGA, J. Homo ludens : o jogo como elemento da cultura. 4. ed. São Paulo : Perspectiva, s/d.
- HUYSEN, A. Memórias do modernismo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- I CHING : o livro das mutações. São Paulo : Pensamento, 1987.
- JUNG, C.G. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- _____. Psicologia e alquimia. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1994.
- KEROUAC, J. On the road : pé na estrada. 7. ed. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- KNELLER, G.F. Arte e ciência da criatividade. 5. ed. São Paulo : IBRASA, 1978. (Biblioteca Êxito, 25).
- LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LAWRENCE, D.H. A filha do negociante de cavalos : a meia branca : sol. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- LÉVI-STRAUSS, C. O pensamento selvagem. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976. (Biblioteca Universitária, Série 2ª - Ciências Sociais, v. 31).
- _____. Olhar escutar ler. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LINS, O. Os gestos: contos. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. (Escalada).
- LYSEBETH, A. Van. Tantra, o culto da feminilidade: outra visão da vida e do sexo. São Paulo: Summus, 1994.
- MELO NETO, J.C. de. O cão sem plumas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. de. Poemas pernambucanos. Cidade: Nova Fronteira, s/d.
- MORAIS, F. Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema de arte. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- MORIN, E. ; NAHOUM, J. Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - II : necrose. 2. ed. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1986.
- _____. Ciência com consciência. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

- _____. Cultura de massas no século XX : o espírito do tempo. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- _____. O enigma do homem. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Biblioteca de Ciências Sociais).
- NACHAMANOVITCH, S. Ser criativo: o poder da improvisação na vida e na arte. São Paulo: Summus, 1973.
- NAVARRO, F. Assim falava Lampião: 2500 palavras e expressões nordestinas. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- NOGUEIRA, Maria Aparecida L. O imaginário: uma viagem ao universo do "Acolhedor-Acolhido". Recife, 1994. Dissertação de mestrado, UFPE. mimeo.
- OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (Ed). Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1996.
- PESSIS-PASTERNAK, G. Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993. (Biblioteca Básica).
- PINHEIRO, Jane. Arte contemporânea no Recife dos anos 90 : Grupo Camelo, Grupo Carga e Descarga e Betânia Luna. Recife, set. 1999. dissertação de mestrado. mimeo.
- PRIGOGINE, J. O fim das certezas : tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1996.
- ROOB, A. Alquimia e misticismo: o museu hermético. Lisboa: Taschen, 1996.
- ROCHA PITTA, Danielle Perin. A expressão mítica na complexidade dos espaços imaginários, 1998. (mimeo).
- RODRIGUES, N. A dama do locação e outros contos e crônicas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. (Coleção Clássicos de Ouro).
- ROSNAY, J. de. O macroscópio: para uma visão global. s/l : Estratégias Criativas, s/d.
- ROGER, B. Descobrimos a alquimia. São Paulo: círculo do livro, 1988.
- SANTOS, L.L. Os movimentos desejantes da cidade: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade. Recife : Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1998.
- TEJO, O. Zé Limeira : poeta do absurdo. 5. ed. Brasília: Senado Federal, 1980. (Coleção Machado de Assis, 38).
- TELES, G.M. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. 8. ed. Petrópolis : Vozes, 1985. (Vozes do Mundo Moderno, 6).
- TELES, José. Meteoro Chico. Recife : Ed. Bagaço, abr. 1998.
- TUAN, Yi-fu. Espaço e lugar. São Paulo: DIFEL, 1977.

- VEIGA, J.J. A hora dos ruminantes. 32. ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997.
- VERGER, P.F. Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador : Corrupio Comércio, 1981.
- VIANNA, H. O mistério do samba. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. O mundo funk carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. (Coleção Antropologia Social).
- WANDERLEY, Vernaide Medeiros. A pedra do reino, sertão vivido de Ariano Suassuna. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, s/d. mimeo.
- ZIMMER, H.R. Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia. São Paulo : Palas Athena, 1993.

ANEXOS

ANEXO

Primeiro Manifesto Mangue

Caranguejos com Cérebro

MANGUE, O CONCEITO

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

MANGUETOWN, A CIDADE

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex)cidade "maurícia" passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais.

Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de "progresso", que elevou a cidade ao posto de "metrópole" do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade.

Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da "metrópole" só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

MANGUE, A CENA

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo era engendrar um "circuito energético", capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a

rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Hoje, Os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência.

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e começarem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown.

Fred Zero Quatro

ANEXO

Segundo Manifesto Mangue

Quanto Vale Uma Vida

I - LONGA VIDA AO GROOVE!

Os alquimistas estão chorando. A indignação ruidosa de Lúcio Maia com a ferocidade carniceira da imprensa nos faz lembrar que nem tudo tem que ser movido a cinismo e oportunismo no - cada vez mais - cínico e vulgar circuito pop.

Antes de mais nada, salve Lúcio, Jorge, Dengue, Gilmar, Toca, Gira e Pupilo. Salve Paulo André e longa vida ao Nação Zumbi, com seu groove imbatível, mix epidêmico e urgente de química e magia que cedo ou tarde vai varrer o mundo!

A primeira vez que vimos Chico juntando a Loustal com o Lamento Negro (o embrião do que seria a Nação Zumbi, ainda no início de 91), comentamos arrepiados, eu e Renato L.: "não importa que estejamos no fim do mundo e sem dinheiro no bolso; não tem errada, não há nada no mundo que possa deter esse som!" Na nossa ficha, constava a produção de vários programas de Rock na cidade, onde nos esforçávamos para mostrar sons novos e interessantes de todos os cantos do mundo. E não havia dúvida de que naquele momento estávamos diante de algo absurdamente novo e irresistível. Começamos imediatamente a viajar num conceito capaz de colocar o Recife no mapa. É claro que houve momentos nos últimos anos em que chegamos a pensar que talvez tivéssemos ajudado a criar uma espécie de monstro incontrolável. Mas hoje sabemos que agimos bem, não poderíamos agir de outro modo.

- E agora, mangueboys?

Chico era referência e inspiração para muita gente, talvez para toda uma geração de recifenses. E a perda para a Nação Zumbi é irreparável em termos de carisma, energia vocal, gestual, etc. Ninguém questiona isso. Mas o que muita gente esquece é que a fórmula criada por Chico tinha uma base muito sólida em termos de cozinha, acompanhamento, groove. A maioria das pessoas desconhece alguns fatos. Quando eu conheci Francisco França, ele era o lado mais extrovertido da mais nova dupla do barulho da cidade. Chico e Jorge eram inseparáveis como unha e carne, egressos da "Legião Hip Hop", que reunia no final dos anos 80, alguns dos melhores dançarinos e djs que o Recife já conheceu (alguém aí já viu Jorge Du Peixe dançando "street"? A galera que hoje em dia ensina funk nas academias de dança não daria nem pro caldo...).

Jorge sempre foi um pouco mais tímido, mas não menos engraçado, e os dois se completavam em termos de gosto, idéias, visão e criatividade. Chico sempre teve mais iniciativa e era, como todos sabemos, um letrista formidável. Mas alguém aí se lembra quem é o autor da letra do clássico "Maracatu de Tiro Certeiro"? Isso mesmo, Jorge Du Peixe...

Quanto a Lúcio Maia, qualquer um que acompanhe a Guitar Player, sabe que é cada vez maior o número de pessoas que o consideram um dos mais talentosos e ecléticos guitarristas brasileiros, uma verdadeira revelação dos últimos tempos. Dengue, então, é aquele baixista contido, discreto, mas super-eficiente. Desde os tempos do Loustal, ele sempre conseguiu encaixar a levada perfeita para o estilo fragmentado dos versos de Chico. E quanto aos tambores e à bateria, nem é preciso

comentar. Não se via, no rock and roll, uma engrenagem tão potente e envenenada desde a morte de John Bonham.

Quando toda a crítica brasileira caiu de quatro sob o impacto avassalador do "Da Lama ao Caos", houve no Recife quem apostasse que Chico despontaria em carreira solo já no segundo disco. Argumentavam que, por um lado Chico tinha luz própria de sobra e por outro a fórmula do Nação Zumbi não renderia mais nada interessante, pois já teria se esgotado. Eu e Renato torcemos para que acontecesse o contrário, para que Chico não se rendesse à vaidade pessoal e injetasse todo gás possível no fortalecimento da banda. Ele não decepcionou, mostrou que não era nem um pouco ingênuo ou deslumbrado e que sabia muito bem do que precisava para se manter no topo. O resultado foi o brilhante "Afrociberdelia", um trabalho coletivo - com Lúcio mais ativo do que nunca do que nunca na produção.

Portanto, se existe uma banda que tem total autoridade e potencial para ocupar condignamente o lugar que o inesquecível Chico Science deixou vago no topo, essa banda é sem dúvida a Nação Zumbi. Por sinal, o próprio Chico nem cogitava em dar por esgotado o formato da banda, tanto que já planejava entrar com os brothers no estúdio ainda este ano para gravar o terceiro disco. LONGA VIDA AO GROOVE!!!

II- BUSCANDO RESPOSTAS

"Something is happening here, but you don't know what it is. Do you, Mr Jones?" Essa frase de Bob Dylan me vem à mente sempre que eu penso no tom de alguns comentários publicados nos maiores jornais do país a respeito da morte de Chico. Talvez com intenção de pintar o fato com as cores mais chocantes, expurgando, assim, a dor e a revolta da perda, as matérias acabavam invariavelmente emitindo um tom derrotista ou até desolador.

Se o caso é especular sobre o que pode acontecer daqui em diante, o mais oportuno seria tentar identificar na história do Pop, fatos ou situações semelhantes que possam servir de exemplos. Em se tratando de movimentos de cultura Pop; gerados em focos isolados; situados na periferia do mercado; e com reconhecimento mundial, os fenômenos mais correlatos ao Mangue Beat que se tem notícia - ainda que os estágios de desenvolvimentos sejam distintos - são a Jamaica pós-Bob Marley e Salvador pós-Tropicalismo.

Sobre Salvador, minha experiência como *mangueboy* me diz que o Tropicalismo não surgiu lá por acaso. Nada no mundo poderia ter impedido o caldo cultural da cidade de gerar posteriormente (e na sequencia) os Novos Baianos, A Cor do Som, os trios elétricos, a Axé Music, o Samba - Reggae, a Timbalada, etc.

Também não foi por milagre que a Jamaica se tornou berço do Calipso, do Ska, do Reggae, do Dub, do Raggamuffin e de todas as variantes do Dancehall que hoje, quase 20 anos depois da morte de Marley, contaminam as paradas de sucesso de todo o mundo.

Esses dois fenômenos foram condicionados por combinações específicas de fatores geográficos, econômicos, políticos, sociológicos, antropológicos, enfim, culturais, cuja história eu não seria capaz de analisar. Mas em se tratando de focos isolados que a partir de um determinado estímulo geram uma reação em cadeia capaz de contaminar toda a história futura de uma comunidade, meu depoimento talvez possa ser útil.

III- UMA VISITA MUITO ESPECIAL

Lembro-me muito bem do nervosismo que tomou conta da cidade quando, em 93 (logo após o primeiro Abril Pro Rock), a diretoria da Sony anunciou que mandaria um representante ao Recife para contratar Chico Science... Fun! Fun! Zoeira Total! Diversão a qualquer custo, e a mais barulhenta possível! Esse havia sido o nosso lema quando, dois anos antes, sentindo o descompasso - o fundo do poço, o infarto iminente - , resolvêramos tentar de tudo para detonar adrenalina no coração deprimido da cidade. Depois de vários shows e eventos muito bem sucedidos, e do manifesto "Caranguejos com Cérebro" (que transformou, de uma hora para outra centenas de arruaceiros inocentes em "mangueboys" militantes), parecia que a cidade realmente começava a despertar do coma profundo em que esteve mergulhada desde o início da guerra dos 80.

Parêntese: não é exagero. Segundo os levantamentos mensais do DIEESE, Recife conseguiu manter sem muito esforço a impressionante e isolada posição de campeã nacional do desemprego e da inflação por nada menos que dez anos seguidos!!! Imaginem o efeito devastador que uma situação como essa pode provocar na alma de uma comunidade com mais de 400 anos de história e que só neste século havia gerado nomes da dimensão de Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, Josué de Castro e João Cabral de Melo Neto. Para nós, que mal havíamos saído da adolescência só restavam duas saídas: tentar uma bolsa na Europa ou ganhar as ruas...

Então, a chegada da Sony representava uma espécie de prêmio coletivo. O significado simbólico era que finalmente podia estar se abrindo um canal de comunicação direta com o mercado mundial, como os caranguejos do asfalto haviam almejado em seu primeiro manifesto. Para todos os agentes e operadores culturais que viam seu talento e potencial atrofiados pela desmotivação, era o estímulo concreto que faltava. Afinal, queiram ou não, discos pop lançados por multinacionais movimentam várias áreas de expressão ao mesmo tempo: moda, fotografia, design, produção gráfica, vídeos, relações públicas, assessoria, imprensa, marketing, música,etc.

Daí em diante, pode-se dizer que teve início um efetivo "renascimento" recifense. Todo mundo gritou mãos à obra! e partiu para o ataque. As ruas viraram passarelas de estilistas independentes; bandas pipocaram em cada esquina; palcos foram improvisados em todos os bares; fitas demo e cliques novos eram lançados toda semana, e assim por diante, gerando uma verdadeira cooperativa multimídia autônoma e explosiva, que não parava de crescer e mobilizar toda a cidade. De headbangers a mauricinhos, de punks a líderes comunitários, de surfistas a professores acadêmicos, ninguém ficou de fora. Para se ter uma idéia, a frase " computadores fazem arte, artistas fazem dinheiro" (Mundo Livre SA) virou tema de redação de vestibular de uma faculdade local.

IV - MANGUETOWN, 5 ANOS DEPOIS

O renascimento segue de vento em popa. A noite mais concorrida do último Abril Pro Rock foi a que reuniu três bandas locais. Mais de cinco mil pessoas pagaram ingresso e enfrentaram uma chuva intensa para aplaudir e cantar junto com Mundo

Livre SA, Mestre Ambrósio e Chico Science e Nação Zumbi. O festival "Viva a Música", realizado em setembro passado, reuniu mais de 50 novas bandas. O disco de estréia da campeã, Dona Margarida Pereira e os Fulanos, está em fase de gravação. O programa Manguê Beat (Caetés FM 99.1) ocupa há 2 anos os primeiros lugares de audiência, tocando fitas demo e lançamentos locais, além de novidades de todos os cantos do planeta. O "Manguetronic", um programa de rádio idealizado especialmente para a Internet, vem se firmando como um dos sites mais acessados do Universo on Line. Os últimos cds do Chico Science e Nação Zumbi e do Mundo Livre SA e a estréia do Mestre Ambrósio figuraram na lista dos dez melhores do ano da revista Showbizz. Estão em fase de finalização os aguardados albuns de estréia das bandas Eddie e Devotos do Ódio. O Abril pro Rock 97 entrou pela primeira vez no calendário de eventos oficiais do Estado, ganhando assim uma ampla divulgação nacional e uma infra-estrutura mais organizada. A estréia em longa-metragem dos cineastas pernambucanos Lírio Ferreira e Paulo Caldas - o filme "O Baile Perfumado", cuja trilha é assinada por Chico Science, Siba (do Mestre Ambrósio) e Zero Quatro - ganhou vários prêmios, entre eles o de melhor filme, no último Festival de Cinema de Brasília. O estilista Eduardo Ferreira já recebeu vários prêmios nas últimas edições do Phytoervas Fashion. O Mundo Livre S.A. acaba de fazer 4 shows e um clipe no México, devendo participar de vários festivais europeus no segundo semestre...

(Pausa para respirar)

Temos como objetivo imediato pressionar a Prefeitura do Recife para tirar do papel e colocar no ar a rádio Frei Caneca FM, uma emissora sem fins lucrativos cujo orçamento para 97, ao que parece, já foi aprovado pela Câmara Municipal. Afinal, o único e mais difícil obstáculo que ainda não superamos foi o das rádios comerciais. Sabemos que na Jamaica e em Salvador foi preciso o uso até de ações violentas para pressionar os disc-jóqueis. No estágio atual, não achamos que recursos sejam necessários. O Popspace não é invulnerável e a história está do nosso lado.

Quem acompanhou no Recife as últimas homenagens a Chico, sentiu a força de um compromisso coletivo. Hoje cada recifense tem no olhar um pouco de guerrilheiro da Frente Pop de Libertação. E o recado que queremos enviar para o mundo não é muito diferente daquele que nos mandam as comunidades indígenas de Chiapas- que têm no subcomandante Marcos o seu porta-voz. VIVA SANDINO! VIVA ZAPATA! VIVA ZUMBI! A utopia continua...

"- Quanto vale a vida de um homem, em quanto cada um avalia a sua própria vida, a troca de quê está disposto a mudá-la? Nós avaliamos muito alto o preço de nossas vidas. Valem um mundo melhor, nada menos. Homens e mulheres, dispostos a dar suas vidas, têm direito a pedir tanto quanto valem. Há os que avaliam suas vidas por uma quantidade de dinheiro, mas nós as avaliamos pelo mundo, esse é o custo do nosso sangue..."

(Subcomandante Marcos)

Ass: Zero Quatro, com a colaboração de Renato L.

ANEXO

Glossário de Termos Manguê

ABRIL PRO ROCK

Festival anual que ocorre em Recife. Surgiu, por acaso, na mesma época em que houve o boom da cena Manguê. Teve sua melhor edição em 96, com a participação dos cariocas do Planet Hemp, o paulistano Lourenço do Loop B e os belgas do Deus. O ponto alto do festival foi a noite das bandas pernambucanas, Cerca de 5 mil pessoas ficaram até as 6h da manhã, embaixo de chuva, para ver os shows do Mundo Livre S/A, Mestre Ambrósio e Chico Science & Nação Zumbi. Na sua última edição, um interesse em criar um perfil nacional, menos regionalista, para o Festival acarretou em falhas como colocar as melhores bandas de Recife em palco secundário, enquanto Arnaldo Antunes e Paralamas do Sucesso distoavam em um evento que sempre teve um caráter de avant-garde pernambucana

ADILIA'S PLACE

Antigo prostíbulo e ponto da velha boemia na zona portuária Recifense, na década de 40 chamava-se Moulin Rouge, em 80 Adilia's Place e nos 90 Francis's Drinks. Suas escadarias com luzes vermelhas e suas paredes decoradas com bóias de navios do mundo todo presenciaram algumas das melhores festas e shows do início do Manguê.

Teve um fim trágico quando, em meados de 1996, foi destruído por um incêndio, deixando Francis e suas meninas sem lugar para viver e trabalhar. Hoje estão novamente instaladas no prédio onde fica um outro marco da noite recifense: o bar do Grego.

ATHENAS BAR

Junto ao Adilia's Place uma das casas de festa e prostíbulo mais tradicionais de Recife. Conhecida também como Bar do Grego, é o lugar ideal na cidade para se quebrar uns pratos.

ALTO JOSÉ DO PINHO

Parte pobre de um dos mais tradicionais bairros do Recife: a Madalena. Nesse morro, entre pregações de padres de esquerda (chegou a ter uma igreja alternativa, com o padre Reginaldo Veloso que havia sido destituído da paróquia) e muita miséria, surgiu uma cena rica e inteligente, de lá vêm o hard-core do Devotos do Ódio e Matalanamão e o rap do Faces do Subúrbio. Já foi chamada, com toda propriedade, da Seattle dos miseráveis.

ARATU

Gíria do manguê - Mais ou menos a mesma coisa que 'mauricinho', só que um pouco mais mané e com laivos de "refinado". Tem origem no fato do Aratu ser uma espécie de caranguejo grande, vistoso e que fica em cima das pedras, nunca indo pra lama. Um bom exemplo: Ayrton Senna.

CHIÉ

Gíria que denomina moleque, normalmente cheira-cola. Chiés são pequenos carangueijos que povoam o manguê.

ENQUANTO ISSO NA SALA DE JUSTIÇA

Bloco carnavalesco, que sai na semana anterior ao carnaval, em Olinda. Os participantes vão sempre fantasiados, normalmente, de super-heróis. Bloco não-oficial da banda Eddie

ECSTASY

Nome genérico da MDMA, designer drug criada para ter ação similar ao LSD, sendo que sem os efeitos mais extremos da psicodelia (alucinações, experiências extra-corpóreas...) e uma dose de energético. Droga oficial das Raves.

FELLINI

Banda paulistana da década de 80 que misturava samba + low technology + psicodelia. Sendo um dos grupos prediletos dos mangueboys & manguegirls foi uma das primeiras pontes virtuais entre Rec/SP

FRACTAIS

Representações gráficas dos cálculos efetuados a partir da teoria do caos e matemática fractal. Tendo o Mandelbrot Set e o Julia Set como umas das mais conhecidas.

ILHA GRANDE

No município de Jaboatão dos Guararapes, no grande Recife, situa-se um dos bairros mais importantes da cena Manguê: Candeias. De lá vem o Mundo Livre S/A, e é a base de Renato L. (o ministro da informação). Devido a grande dificuldade encontrada pelos nativos em sair do bairro (em parte graças à distância que fica do centro de Recife, em parte também pelas suas paradisíacas praias) recebeu o nome de Ilha Grande.

INFOMANGUE

Infomangue não tem nada a ver com informática. Tem a ver com informação. São eventos, produzidos pela Cooperativa Manguê, em pontos físicos diferentes unidos por um vetor virtual: a Internet. O primeiro Infomangue aconteceu durante o Abril Pro Rock'97. O segundo está acontecendo agora.

LSD

Droga desenvolvida pelos laboratórios Sandoz e usada no início dos anos 60 com finalidades terapêuticas, foi logo proibida pelo Estado. A partir do boom psicodélico de 67 foi usada larga e ilegalmente como coadjuvante nas experiências extra-corpóreas e como droga recreativa. Teve papel fundamental na formação de toda uma geração que, anos mais tarde, faria a revolução tecnológica dos computadores pessoais e da internet. (Paul Allen, sócio de Bill Gates na Microsoft, ainda passa o dia ouvindo Jimi Hendrix e Steve Jobs não deu nome à sua empresa de Apple por acaso)

LUGAR ERRADO, O

Peça teatral que começou a ser produzida pela Cooperativa Cultural Manguê. Tinha como cartaz uma falsa proporção áurea (uma das proporções mais perfeitas criada pelos gregos) e como argumento o encontro de Gutenberg, Humberto Eco e MacLuhan no limbo. Por motivos obscuros nunca foi encenada.

PAU-DO-ÍNDIO

Garrafada energética composta de várias ervas, raízes e cascas (inclusive guaraná) produzida em Olinda e consumida aos litros durante o Carnaval. Tem sabor extremamente desagradável, mas um efeito fabuloso.

PEIXE DOURADO

Bar na praia de Candeias frequentado pelos Mangue Boys e Mangue Girls nos fins-de-semana. Foi onde Fred Zero Quatro compôs a "A Musa da Ilha Grande" em homenagem a uma das beldades desinibidas da praia.

REC BEAT

Festival que rolou no Aeroanta em meados de 94, levando bandas de Recife para tocar em São Paulo (entre elas o Eddie. Paulo Francis vai pro Céu e Living in the Shit(AL). Rec Beat também é o nome do selo do empresário Antonio Gutierrez, que lançou a primeira tiragem do Mestre Ambrósio e o primeiro disco do Dona Margarida Pereira & os Fulanos.

REDE CIDADÃO

Primeira freenet da América Latina(fruto da formação socialista do seu criador, Cláudio Marinho), dentro da Empresa Municipal de Informática (Emprel). Berço do Mangue Bit.

SAMPLE

Em inglês: amostra. Trecho digitalizado de música utilizada para comprar outras música, remixes. Fundamental para a conexão punk/tecno dos anos 90. A questão quanto ao copyright do artista ainda é uma incógnita.

SAMPLE

Aparelho usado para digitalizar e seqüenciar samples.

SCRATCH DE OURO

Time de DJs formado em meados de 95 em Recife. A escalação era: Renato L., Doktor Mabuse, helder e hilton. Fizeram a alegria de toda uma massa de notívagos pernambucanos. Ao contrário de outros DJs, a tática era pôr o som mais variado possível, misturando música do Norte da África, tecno moçambicano e Mutantes com o que mais viesse pela frente.

SOPARIA

Bar cult do bairro do Pina, em Recife, foi palco de inúmeros shows do Mangue e até cenário de clip do Mestre Ambrósio. Na semana prévia ao Abril Pro Rock sempre faz um festival paralelo com as bandas que ficaram de fora. Roger, seu dono, foi personagem da faixa Macô, do Chico Science & Nação Zumbi.

DOAÇÃO / B. CENTRAL / UFPE

Liv.: DOAÇÃO

R\$ 50,00

Empenho nº

Deptº BIBLIOTECA CENTRAL / PIU

39
L768a